DESAFIANDO O RIO-MAR
Descendo o Solimões
Tomo I
HIRAM REIS E SILVA

O Coronel Hiram Reis e Silva, brilhante Oficial de Engenharia do Exército, Professor do Colégio Militar de Porto Alegre, é possuidor de muitas e invejáveis titulações civis e militares. Em seu apostolado cívico em prol da Amazônia, contabiliza vários trabalhos escritos, a par de inúmeras palestras proferidas. Entretanto, ele se fará conhecido, historicamente, pela concretização do Projeto-Aventura "*Desafiando o Rio-Mar*". E este precioso livro traz a lume o que foi tal aventura, desde o rigoroso treinamento no Rio Guaíba, até o hercúleo desafio em arrostar mais de 1.700 quilômetros [!] do Rio Solimões e seus afluentes, de Tabatinga a Manaus, em caiaque, e por quase dois meses.

Este fantástico documento é uma verdadeira joia histórica, pois riquíssimo em valiosos ensinamentos. Ao perlustrarmos as suas páginas, somos conduzidos para a fruição de uma empolgante travessia, não em águas procelosas como as singradas a remo pelo autor, mas em um Rio sereno, de encantadoras narrativas acerca de aspectos fisiográficos, sociais e humanos, referentes a "*brasis ainda sem Brasil*".

Tal como Orellana e Pedro Teixeira, no heroico pretérito, o Coronel Hiram, pela epopeia há pouco realizada, acaba de consagrar, o seu ilustre nome em nossa historiografia, "*ad perpetuam Rei memoriam*".

Homenagem Especial

A jornada pelo Solimões, iniciada em 1° de dezembro de 2008 e concluída em 26 de janeiro de 2009, foi uma justa homenagem a dois heróis, duas lideranças, de personalidades tão distintas que se cruzaram momentaneamente nos labirintos da história. Um voltado para a defesa de nossas fronteiras pela Força do Direito e o outro, sem opção, tendo de lançar mão do Direito da Força.

Ao navegar pelo Purus, minha memória, madrugando no passado, recolheu, no arquivo ancestral, a imagem dos dois, em outubro de 1905, navegando no vapor Rio Branco, singrando as águas deste mesmo Rio tendo como destino Manaus. José Plácido de Castro tinha comandado o vitorioso Movimento Revolucionário Acreano que resultou na incorporação das terras "*ditas*" bolivianas ao Brasil. Euclides da Cunha chefiara a "*Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus*", cuja missão era mapear o Rio Purus desde a Foz, no Solimões, até cabeceiras, definindo as fronteiras do país com a Bolívia e o Peru.

O Purus me encantava e, nos meus devaneios, eu o reconhecia como um ser mítico, não apenas um Rio, mas um protagonista que, junto com estes homens de valor, gravou belas páginas na história da nossa nação. Ambos foram vítimas de cruéis e covardes assassinos.

Plácido de Castro foi lembrado e reverenciado, em 2008, no centenário de sua morte, e Euclides da Cunha, no centenário da sua, neste ano de 2009. Divergências, talvez, mas uma unidade de pensamento no que se referia à amada Terra Brasilis.

Apocalipse

(Luiz Augusto de Lima Ruas)

Os meteoros ameaçam nossos jardins.
É hora de decolarmos
Para a infinitude ([1]) do silêncio dilatado
Com nossas asas de sonho
Antes que a terra exploda
E se escancare como a fauce
De uma desmedida flor carnívora
Faminta de nossos corpos.
Não mais teremos tempo
De colher o fruto do nosso canto.
Os meteoros ameaçam nossos campos.
Os mares cobrirão nossas faces;
Os vulcões ressecarão nossos ossos;
As mãos, os ventres, os sexos
Murcharão sob o fogo das estrelas
Que cairão sobre vales e colinas.
Os meteoros ameaçam nossos Rios.
É tempo de partirmos para o espanto desmedido.
Do que fomos, fizemos ou cantamos,
Ficará, apenas, o invisível traço
Do voo da ave indivisível
Que se consumiu no espaço.

[1] Infinitude: qualidade do que é infinito.

Apresentação

É muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se à derrota, do que formar fila com os pobres de espírito, que nem gozam muito, nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota. (Theodore Roosevelt)

Loucura, lucidez perdida, bravata, insensatez, devaneios de um quase idoso... Talvez um pouco de tudo, talvez nada disso. Amor desvairado, dedicação extrema pela mulher que amo, veneração ensandecida pela mãe de meus filhos, fé inquebrantável no Grande Arquiteto do Universo, crença de que para Ele os limites da medicina não existem, com certeza sim.

Acredito que Ele seja capaz de corrigir a imperícia de um médico que transformou minha esposa numa mera sombra do que era. Acredito, mesmo que todos os especialistas que consultamos mostrem cientificamente que a lesão provocada pela incompetência do neurocirurgião seja irreversível, que Ele possa reverter esta situação.

Fiz uma promessa ao Supremo Arquiteto que faria a descida tão logo o estado de saúde de minha esposa melhorasse. A demora na sua recuperação me convenceu que o Patrão Celestial não confia muito no seu peão e decidiu que eu tenha de pagar para ver. Isto me motivou a determinar, desde logo, a data de minha pequena odisseia. Descer o Solimões/Amazonas de caiaque e reconhecer seus principais afluentes, observar a fauna, flora, hidrografia, relevo, entrevistar autoridades locais, representantes dos povos da floresta, comendo e bebendo apenas aquilo que puder pescar, colher ou receber das populações ribeirinhas.

Dia a dia, as informações obtidas serão reportadas à equipe multidisciplinar do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) que poderá acompanhar o deslocamento pelo rastreamento via satélite patrocinado pela Skysulbra.

Os locais percorridos serão estudados pelas diversas disciplinas do Ensino Fundamental e Médio.

Será, ao final, editado um livro contendo os mais variados conteúdos, ricamente ilustrado, levando à população brasileira o conhecimento político, social, histórico, cultural, fisiográfico e de meio ambiente da região explorada.

A data programada para a largada de Tabatinga era o dia 1° de outubro de 2008 e a de chegada em Belém, no dia 29 de janeiro de 2009.

Prefácio

Por Jarbas Gonçalves Passarinho

Nasci em Xapuri, Acre, perto da fronteira com a Bolívia, mas de lá saí aos três anos de idade, para Belém, curado de malária [vivax] em Manaus. Minha vocação era a carreira das armas, mas os eventos turbulentos e ideológicos de 1964 fizeram-me aceitar a indicação do meu ex-Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME, General Humberto de Alencar Castello Branco, então Presidente da República, para que eu assumisse o Governo do Pará.

Findo meu mandato, delicado, mas persuasivo, disse-me que o "*Senado devia ouvir a minha voz*". A carreira política tomou conta de mim. Servi na Amazônia como Tenente, em Belém, e posteriormente oficial de Estado Maior, de Major a Tenente-Coronel Chefe do Estado Maior do CMA. Desempenhei duas funções civis de interesse do Exército, sempre na Amazônia, Superintendente da PETROBRAS na Amazônia, por três anos, e membro técnico da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia [SPVEA], por alguns meses.

Há pouco tempo, depois de coletar estudos durante todo o meu tempo, no Exército, sobre a Amazônia, escrevi um livro que está no prelo, à espera de diminuir a crise financeira. Ultimamente, empolguei-me lendo a Saga do Rio-Mar, meio inesperadamente porque não sou habitual na Internet. Peja-me chamá-la de aventura, pois seria diminuir a sua contribuição para conhecimento do que nos deixaram os naturalistas que percorreram o grande vale, de La Condamine a Bates e o casal Agassiz, atualizando a humanização da área que eles estudaram faz tanto tempo. Comuniquei-me com o autor, louvando-o.

Agradou-me sabê-lo gaúcho e Professor do Colégio Militar de Porto Alegre, origem da Escola de Formação de Cadetes [EFC], que cursei em 1939.

O Coronel da Reserva do Exército Hiram Reis e Silva, filho de Cassiano Reis e Silva, um dos meus queridos colegas da EFC, herdou do pai referências lisonjeadoras a mim, quando colegas e depois fez-me um desafio: prefaciar o livro que resulta de sua extraordinária e voluntária porfia de navegar de caiaque o leito portentoso do Rio Amazonas e afluentes volumosos como o Rio Purus.

No meu livro por nascer, trato com carinho, também, da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, obra de José Márcio Ayres, filho de um dos meus melhores amigos do Pará, o médico Manuel Ayres.

Aceitei prazerosamente o convite, mas o adverti para a polêmica, por vezes severa, que tenho mantido com alguns colegas de arma, porque demarquei a Terra Ianomâmi. O Coronel Hiram insistiu em nome do princípio democrático de gerir as diferenças de pensamento.

Rendi-me à sua lealdade aos princípios democráticos e aqui expresso minha admiração pela iniciativa e pelo conhecimento havido, enquanto há e houve quem escrevesse sobre a Amazônia, após uma visita breve.

Paul Le Cointe, cientista radicado no Pará, escreveu "*L'Amazonie Brésilienne*" só depois de estudá-la por onze anos. Desejo o mesmo êxito no prosseguimento do patriótico estudo que continuará.

Rachel de Queiroz escreveu que, quando o livro é bom, não precisa de prefácio. É este o caso.

Agradecimentos

A VANESSA, DANIELLE e JOÃO PAULO, meus filhos queridos que, mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais estamos passando com o problema de saúde de minha esposa e, consequentes dificuldades financeiras, sempre me apoiaram e incentivaram;

Ao meu irmão caçula engenheiro Carlos Henrique REIS e Silva, amigo de todas as horas, o apoio irrestrito e oportuno à minha família;

A meus amigos, irmãos e mestres Cristian *MAIRESSE* Cavalheiro e Daniel Luís Costa SCHERER que financiaram minhas passagens aéreas e o transporte do caiaque;

Ao querido amigo e Ir∴ Coronel Leonardo Roberto Carvalho de *ARAÚJO*, esteio fundamental na divulgação do Projeto, conselheiro, criterioso, nas minhas entrevistas.

Às professoras SILVANA Schuler Pineda e PATRÍCIA Rodrigues Augusto Carra do Clube de História que, desde o início, se engajaram de corpo e alma no projeto;

Aos Professores *SÉRGIO* Pedrinho Minúscoli e Major R/1 *ENEIDA* Aparecida Mader, do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), que realizaram uma criteriosa revisão deste livro.

À minha querida companheira *ROSÂNGELA* Maria de Vargas Schardosim que, incansavelmente, contribuiu com sugestões e divulgação de artigos relativos ao Projeto-Aventura e a questões amazônicas em diversos periódicos nacionais;

Aos amigos da Polícia Militar do Estado do Amazonas, Comandante Geral Coronel *DAN CÂMARA*, Subcomandante Coronel Luiz Cláudio Marques *LEÃO* e Comandante do Policiamento do Interior Coronel *RÔMULO Porto Barbosa Vasconcelos de Azevedo* que colocaram pessoal e viaturas à nossa disposição e estabeleceram os contatos com as prefeituras ao longo da calha do Solimões;

Ao meu caro amigo Coronel de Engenharia Eduardo de *MOURA GOMES*, Comandante do 4° Batalhão de Engenharia de Construção, Barreiras, Bahia, e família pela doação de um GPS ao Projeto;

Ao ex-colega do CMPA e Ir∴ Luiz Felipe Meneghetti *REGADAS* da Skysulbra Rastreamento de Veículos que nos disponibilizou o mapeamento da região Amazônica e equipamento de rastreamento via satélite instalado no caiaque;

Ao meu sobrinho *DIOGO* Brozoski pela criação da logomarca do Projeto-Aventura: "*Desafiando o Rio-Mar*";

Ao amigo Coronel de Artilharia Flávio André *TEIXEIRA* que, desde que tomou conhecimento do projeto, vestiu, com paixão desassombrada, a "*camiseta*" me apoiando nos contatos e orientações possíveis;

Ao amigo Tenente de Artilharia *OSCAR LUIZ* da Silva Júnior pelo apoio financeiro e pela formatação profissional que deu ao projeto;

Aos amigos do INPA, Tenente Roberto *STIEGER* Leita e à pesquisadora chefe do laboratório de

Mamíferos Aquáticos Amazônicos *VERA* Maria Ferreira da Silva pelas sugestões sobre a calha do Rio Solimões e principalmente pelos contatos que nos levaram a conhecer a fantástica Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – RDSM;

Ao Senhor *JOAQUIM* Martins, decano da Comunidade Boca do Mamirauá, um dos alicerces do Projeto Mamirauá, pela hospitalidade e gentileza com que nos acolheu.

Ao Gerente Operacional do Instituto Mamirauá, senhor Josivaldo Modesto, o "*CÉSAR*", pelo apoio cordial e incondicional que nos proporcionou desde o Aranapu até Tefé;

Ao amigo *MARCELO* Fichtner, proprietário do "*Parque Fazenda Itaponã*", Guaíba, RS, e seu fiel escudeiro *JUAREZ* Boneberg da Silva que permitiram que eu desfrutasse das instalações de sua belíssima propriedade;

Aos prefeitos de Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Coari, Anamã, Manacapuru e Iranduba que nos acolheram em suas cidades, proporcionando-nos alimentação e pousadas gratuitas;

Ao Exército Brasileiro, representado pelo comando do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), Comando Militar da Amazônia (CMA), 16ª Brigada de Infantaria de Selva (16ª Bda Inf Sl), 2° Grupamento de Engenharia (2° GPT E) e Colégio Militar de Manaus (CMM);

Ao amigo JUAREZ de Abreu Rocha, ex-chefe do restaurante do Parque Fazenda Itaponã, Guaíba-RS, que tão gentilmente nos acolheu nos intervalos das

infindáveis remadas pelo Rio Guaíba na nossa longa preparação para o Desafio "*Rio-Mar*" e nos brindou com seu convívio afável e degustação de culinária ímpar;

E a todos os que, de uma forma ou de outra me apoiaram antes, durante ou mesmo depois da execução do empreendimento. Estejam certos de que vossa contribuição foi um patriótico investimento.

Mensagens

Gen Bda Elieser Girão Monteiro Filho

Meu Amigo e Ir∴ Coronel Hiram,

Tenho a certeza de que a grandeza de seu desafio é proporcional ao ser humano que você representa. Espero que Deus continue lhe abençoando sempre.

TFA, SEEEEEEEEEEELVA !!!

Gen Bda Fernando Vasconcellos Pereira

Grande Hiram, meu caro amigo, saudações natalinas!

Aqui do Recife, sentado no apartamento em frente à praia de Boa Viagem, passeando pela Internet, me deparo com a grandeza do sonho em realização, e me lembro do teu extraordinário esforço para viabilizar a Expedição. Notável exemplo que dará ainda muito assunto a quem se deparar com os registros da viagem, daqui a algum tempo [vai sair um livro, pois não?]. Estou acompanhando a viagem de vocês, torcendo pelo sucesso e curtindo as notícias. Com muita inveja, devo confessar. Um Feliz Dia de Natal, um maravilhoso Ano Novo, com sorte, saúde e muitas alegrias.

Honra aos bravos de espírito, aos fortes de físico, aos que têm ideais. Parabéns!

Um baita abraço, Fernando Vasconcellos Pereira.

Cel Jarbas Gonçalves Passarinho

Coronel Hiram,

Somos camaradas de farda. Sou Coronel Reformado do EM de Artilharia. Nasci em Xapuri, onde também nasceu o famoso Adib Jatene. Aos 3 para 4 anos, minha família voltou para Belém do Pará, onde fiz os estudos primário,

secundário e colegial. Fiz parte da primeira turma da Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre. Em 1953/55, cursei a ECEME. No Comando Militar da Amazônia, cuja sede era em Belém, passei meus últimos dez anos de oficial de Estado Maior. Fui chefe de seções e do Estado Maior.

Conheci a fímbria Norte da Amazônia, inspecionando e apoiando os Pelotões de Fronteira e a Companhia de Infantaria de Guajará Mirim. Elaborei duas monografias [que eram exigidas durante o estágio probatório para entrar para o quadro do QUEMA]: "*Estudo Geomilitar da Bacia Amazônica*" e "*Vias Prováveis de Invasão*" que foram aprovadas pelo EM do Exército.

Faço este preâmbulo para salientar que, a despeito de ter estudado muito sobre a Amazônia, nunca tive uma oportunidade como a que o senhor está tendo de conhecê-la, na intimidade da floresta, usando os Rios que os colonizadores portugueses singraram nos séculos XVII e XVIII. A despeito de meu tempo ser tomado por artigos para cinco jornais principais de capitais, palestras e, sobretudo, debates, pouco tempo disponho para chegar aos e-mails. Sempre que os leio, desde o primeiro seu que li, não os perco. Parabéns por sua iniciativa.

Abraços Jarbas Passarinho

Cel Hiram de Freitas Câmara

Texto 1:

Sou o Coronel Hiram de Freitas Câmara, AMAN62. Um companheiro me solicitou informações sobre o Cel Hiram Reis e Silva, pois como sabia ser seu nome apenas Coronel Hiram, imaginou que eu pudesse ser esse fantástico oficial que realiza, atualmente, essa extraordinária façanha, fazendo, a remo em caiaque, 1.700 quilômetros no Rio Solimões, vencendo a correnteza do Rio-Mar, chamando a atenção dos brasileiros e do Mundo para a Soberania do Brasil sobre o território amazônida contido em suas fronteiras.

Fiquei vaidoso só com a dúvida do companheiro, pois, infelizmente, não me seria possível intentar tal desafio físico. E fiquei feliz de ver que o esforço desse oficial do Exército começa a despertar o interesse de outros. Eis a minha resposta, que ofereço com muita sinceridade e orgulho, como homenagem ao meu xará, Cel Hiram Reis e Silva. Estimado amigo: Não sou esse Hiram do e-mail, mas, neste momento, gostaria de ser esse Coronel do Exército Brasileiro.

No mínimo, afora todas as suas demais qualidades, por seu extraordinário vigor físico, já um Coronel – é verdade que treze turmas depois da nossa, o que não lhe reduz em nada seu valor. Apenas ajuda a justificar um pouco a nós mesmos, da turma de 62. Justificativa que, em contrapartida, também não reduz, em nada, o orgulho que sinto por esse militar brasileiro. Tenho acompanhado a demonstração de amor ao Brasil desse meu xará. Após intenso treinamento, partiu, com dois outros navegadores fluviais, em caiaques, sendo um deles, uma jovem.

Estão vencendo a correnteza do Solimões, bem mais rude que no treinamento na Lagoa dos Patos, de Tabatinga a Manaus. Hiram Reis e Silva é metódico, disciplinado, obstinado, perseverante. Estudioso e pesquisador da Amazônia, talvez seja, hoje, o mais bem informado brasileiro sobre a integralidade da Amazônia. Creio que haja uma simbologia própria, não sei se proposital, no fato de essa ideia haver nascido no mais afastado dos Estados em relação à Amazônia. O alcance nacional é vitalizado pelo brasileiro que sai de seus pagos para colocar a atenção do Brasil, dos vizinhos e do restante do mundo, sobre a Amazônia. Assim, sua "*pequena Bandeira*" foi organizada no Rio Grande Sul e vivida no Norte do País. O ambiente em que o sonho gestou guarda, também, um simbolismo intuído: na energia de jovens, dos melhores do País, que estudam no Colégio Militar de Porto Alegre.

Foram trabalhos em grupo e individuais, exposições, apresentações, palestras e concursos, os instrumentos que contagiaram o educandário. A preparação foi muito suada. Quem quiser saber como ocorreu, basta visitar o site do Colégio Militar de Porto Alegre.

Na mídia nacional, afora a gaúcha, nada se falou sobre a missão voluntária o que certamente se explica pelo custo excessivo do marketing. Mas alegrou-me saber que o Professor e Dr. Marcos Coimbra, de quem sou admirador, procurou, por um amigo militar, saber sobre Hiram Reis e Silva. Mas vou descobrindo não ser necessário. E assim, por confusão de nomes, você chegou a mim.

Mas assim é quando o universo conspira a favor: sem conhecê-lo pessoalmente, tenho vibrado com ele, a cada remada. Pois o que dele sei é o que tenho lido no site dele e naqueles aos quais sou conduzido. Nascido de semente boa, o assunto vai chegando ao conhecimento dos brasileiros, boca a boca, e-mail a e-mail. É que a realidade do dia a dia da missão tem concretizado o que ela significa.

No silêncio de suas remadas no Solimões, mesmo que não fosse essa a intenção, ele está despertando a atenção de multiplicadores brasileiros e do mundo para o fato de que, ao remar, ele reafirma que cada metro percorrido com a força de seus braços representa o esforço de quantos braços fizeram a Amazônia.

E de quantas vidas ficaram na imensidão da Hileia para legar a esta geração o território que recebemos. Uma geração que parece decidida a demonstrar ao mundo um raro exemplo ao inverso daquele de Reis e Silva: o da ingratidão histórica com aqueles Civis e Militares capazes de, desde a consolidação de suas fronteiras, manter o Brasil a salvo de ambições que não são imaginadas, mas provadas, de nações mais poderosas.

Cada gota de suor que corre pelo corpo desse brasileiro raro representa uma gota de sangue daqueles a quem a Pátria Brasileira deve seu território, ampliado além de Tordesilhas, no quadro de moralidade jurídica que lhes foi concedida pela União das Coroas Ibéricas, e confirmada pela lucidez, equilíbrio e maturidade da diplomacia conduzida por um português nascido no Brasil, Alexandre de Gusmão, no Brasil Colônia, e os Rio Branco, no Brasil Independente. Esse Cáceres, da primeira década do século XXI, impulsionou o próprio espírito e levou o próprio corpo ao esforço hercúleo de mais de 1.700 quilômetros a remo.

Nenhum comando, nenhuma ordem recebeu senão de seu espírito de brasilidade intenso, forjado na Academia Militar das Agulhas Negras, e nas que a antecederam, desde 1811, e desenvolvido e revelado, em seu espírito, no desafio a que se impôs, de ser exemplo a seus jovens alunos.

Amigo, embora eu tenha servido na Amazônia, com o mesmo sentimento, e haver comandado um Colégio Militar, faltar-me-ia, como fato essencial, no mínimo, o vigor físico para ser esse Hiram.

Com meu abraço, Hiram [o de Freitas Câmara].

Texto 2:

Prezada Professora Silvana Schuler Pineda,

Com enorme satisfação, envio-lhe esta resposta.

Quando o "*índio véio*" solta a flecha, já sem a direção de outrora, não sabe bem o que vai atingir. Quando se abre o coração na Internet, é como flecha de "*índio véio*". Que bom que atingiu terreno bom e fértil, na leitura de vocês.

Quando tomei conhecimento daquilo em que esse meu já estimado xará decidira investir seu tempo e sua energia, embarquei junto com ele. Já conhecia os trabalhos de Hiram Reis, a quem não tenho a satisfação de conhecer pessoalmente, pela Internet, por seus trabalhos sobre a Amazônia, onde servi como Aspirante e 2° Tenente.

Mais tarde, a vida me premiou como um dos coordenadores de um Projeto de Educação à Distância na Amazônia e, por quatro anos, estive muitas vezes ajudando a instalar ou visitando telepostos, ao longo das barrancas de muitos igapós, furos e Igarapés de cinco estados da Amazônia. Longe da saga de Hiram Reis, não remava, conduzido em voadeiras.

Portanto, eis outro motivo, além de ser xará, que me aproximou do site sobre a Amazônia, que acompanho desde bem antes, e onde li, talvez a mais completa integração de conhecimentos históricos da questão do Pirara.

Sempre interpretei a História como base da construção de um futuro viável e muitas vezes lamento que pessoas responsáveis pela vida de muitos, não só desprezam a História, até a de suas vidas, como ajudam a retirar as sólidas camadas sedimentadas ao longo do tempo, para reconstruir sobre uma falsa história ou uma não-história [aqui, minúsculas, mesmo], a vida de uma Nação, como se fosse possível destruir a verdade de seu passado, a base. E mesmo que se não a destruíssem, mas, como coisa de menor importância, a esquecessem, sem essa memória, a estrada a percorrer, sempre plena de obstáculos, será ainda mais difícil, para aqueles que não reconheçam os contornos, já trilhados no passado.

Obstáculos e contornos que, para agravar, quase nunca são físicos. A Filosofia ajuda a entender a Vida e quanto de Filosofia há em interpretações que penas mais finas poderiam garimpar nesse desafio de Vida de Hiram. A História nos faz evitar erros já cometidos no passado. Ou, como as remadas de Hiram, nos trazem à mente o passado da Amazônia que ele redesperta, e sacode a consciência de tantos sobre como ela se fez como um tesouro conquistado pelo cérebro dos diplomatas do passado e pela audácia dos bandeirantes.

Ao entrar no site do CMPA para visitá-lo, vocês ainda preparavam a epopeia e Hiram treinava no Rio Guaíba e na Lagoa dos Patos, se não me engano. E chamou-me a atenção o fato de que era a área de História que dava vida ao trabalho dos alunos. Sei que outras Cadeiras participaram e participam, mas eram o Clube e era a Cadeira de História que energizavam o espírito dos jovens alunos e, eis, o terceiro ponto de contato.

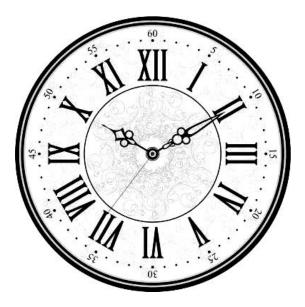
Lembrei-me dos esforços dos mestres de História no Colégio Militar de Fortaleza que eu comandei, no início da década de 90, e como se empenhavam em dar vida a fatos que já haviam sido vida, e refaziam sua energia, abrindo caminho para que os alunos não cometessem erros já passados. Estejam certas, Professoras Silvana e Patrícia, que estes seus alunos e alunas levarão para o resto da vida esta experiência maravilhosa.

Do Coronel Hiram Reis, o exemplo espartano, no sentido da entrega por fazer vivo um ideal, arrostando qualquer sacrifício físico; o de vocês, no viés ateniense, de fazer de uma epopeia uma lição de vida para esta geração de alunos do Colégio Militar de Porto Alegre. O aproveitamento do que escrevi, tão sinceramente, sobre o Coronel Hiram Reis, se for uma contribuição para com este momento tão bonito de vocês todos deste Colégio, só me fará mais feliz, como se vocês estivessem me admitindo a bordo e me honrassem com uma remada.

Com meu apreço e respeito,

Hiram Câmara, Cel Ref Inf

O Porto é o Relógio

(Luiz Augusto de Lima Ruas)

O relógio está parado
Doce vestígio encalhado
Não marca o tempo de aqui.
Que o tempo já foi, já fui.

Nesta praia, apenas,
Sou: Concha morta, azul vazio,
Róseo inútil,
Morto ser.

Mas quando sinto que o Mar
– Ó esperança em azul –
Vem despertar esta praia,
Então, fabrico o meu barco
E parto – o porto é o relógio –
E volto pro Mar fecundo
Eu, ressurgida criança,
Em palavras verde-azul.

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

Carta do Cacique Seattle (1855)

O grande chefe de Washington mandou dizer que quer comprar a nossa terra. O grande chefe assegurou-nos também da sua amizade e benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não carece da nossa amizade. Nós vamos pensar na sua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará a nossa terra. O grande chefe de Washington pode acreditar no que o chefe Seattle diz com a mesma certeza com que nossos irmãos brancos podem confiar na mudança das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas, elas não empalidecem.

Como pode-se comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal ideia é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água. Como pode então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre as coisas do nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias de areia, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na crença do meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual ao outro. Porque ele é um estranho, que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, nem sua amiga, e depois de exaurí-la ele vai embora. Deixa para trás o túmulo de seus pais sem remorsos. Rouba a terra de seus filhos, nada respeita. Esquece os antepassados e os direitos dos filhos. Sua ganância empobrece a terra e deixa atrás de si os desertos.

Suas cidades são um tormento para os olhos de um pele vermelha, mas talvez seja assim por ser um pele vermelha, um selvagem que nada compreende. Não se pode encontrar paz nas cidades do homem branco. Nem lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o zunir das asas dos insetos. Talvez por ser um selvagem que nada entende, o barulho das cidades é terrível para os meus ouvidos.

E que espécie de vida é aquela em que um pele vermelha não pode ouvir a voz do corvo noturno ou a conversa dos sapos no brejo à noite? Um índio prefere o suave sussurro do vento sobre o espelho d'água e o próprio cheiro do vento, purificado pela chuva do meio-dia e com aroma de pinho.

O ar é precioso para um pele vermelha, porque todos os seres vivos respiram o mesmo ar, animais, árvores, homens. Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira. Como um moribundo, ele é insensível ao mau cheiro.

Se eu me decidir a aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais como se fossem seus irmãos. Sou um selvagem e não compreendo que possa ser de outra forma.

Vi milhares de bisões apodrecendo nas pradarias abandonados pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais valioso que um bisão, que nós, peles vermelhas matamos apenas para sustentar a nossa própria vida.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem os homens morreriam de solidão espiritual, porque tudo quanto acontece aos animais pode também afetar os homens. Tudo quanto fere a terra, fere também aos filhos da terra.

Os nossos filhos viram os pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota passam o tempo em ócio e envenenam seu corpo com alimentos adocicados e bebidas ardentes.

Não tem grande importância onde passaremos os nossos últimos dias. Eles não são muitos. Mais algumas horas ou até mesmo alguns invernos e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nestas terras ou que tem vagueado em pequenos bandos pelos bosques, sobrará para chorar sobre os túmulos de um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso.

De uma coisa sabemos, que o homem branco talvez venha a um dia descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus. Julga, talvez, que pode ser dono Dele da mesma maneira como deseja possuir a nossa terra. Mas não pode. Ele é Deus de todos. E quer bem da mesma maneira ao pele vermelha como ao branco. A terra é amada por Ele. Causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo Criador.

O homem branco também vai desaparecer, talvez mais depressa do que as outras raças. Continua sujando a sua própria cama e há de morrer, uma noite, sufocado nos seus próprios dejetos. Depois de abatido o último bisão e domados todos os cavalos selvagens, quando as matas misteriosas federem à gente, quando as colinas escarpadas se encherem de fios que falam, onde ficarão então os sertões? Terão acabado. E as águias? Terão ido embora. Restará dar adeus à andorinha da torre e à caça; o fim da vida e o começo pela luta pela sobrevivência.

Talvez compreendêssemos com que sonha o homem branco se soubéssemos quais as esperanças transmite a seus filhos nas longas noites de inverno, quais visões do futuro oferecem para que possam ser formados os desejos do dia de amanhã. Mas nós somos selvagens. Os sonhos do homem branco são ocultos para nós. E por serem ocultos temos que escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos na venda é para garantir as reservas que nos prometeste. Lá talvez possamos viver os nossos últimos dias como desejamos. Depois que o último pele vermelha tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará a viver nestas florestas e praias, porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe.

Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueça como era a terra quando dela tomou posse. E com toda a sua força, o seu poder, e todo o seu coração, conserva-a para os seus filhos, e ama-a como Deus nos ama a todos. Uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por Ele. Nem mesmo o homem branco pode evitar o nosso destino comum. (CONCEIÇÃO, 2015)

O Rio
(Ana Paula Filipe)

Suave flui o Rio
Por onde vou vivendo.
Se para a margem me desvio
E a ela eu me prendo.

Na procura da certeza
Naquilo que está mais perto.
Na luta, com a correnteza,
Em exaustão, me liberto
Mas, deixo-a envolto em pranto
De deixar o que era certo
Se em fúria eu me lanço
Na procura do que está longe
Na ausência eu me canso
Sem ver o que lá se esconde.

Mas, se me deixar levar
Ao sabor do meu destino
No prazer de desfrutar
As margens que me dão tino.

Em cada margem que passar
Outra estou a conquistar
O futuro não se teme
Quando se está a amar.

Da alma eu faço o leme
Para a vida navegar.
Meu coração já não geme,
Pelas margens que vou deixar.

Justificativas

Toda pesquisa se baseia em três atores permanentemente presentes no processo de pesquisa: o *pesquisador*, *a instituição e a ciência*.

A justificativa para o *pesquisador* está relacionada à minha *experiência* profissional e de vida que começaram nos idos de 1979 como Tenente de Engenharia, chefe da equipe de terraplenagem do 9° Batalhão de Engenharia de Construção (9° BECnst) participando da restauração da BR 364, Cuiabá – Porto Velho, e da construção da BR 070, Cuiabá – Cáceres.

As experiências se transformaram num "*caso*" que se transformou em "*amor*" quando retornei à frente de trabalho, em 1982, como Capitão, Comandante da 1ª Companhia de Engenharia de Construção do 6° Batalhão de Engenharia de Construção (6° BECnst) participando da manutenção da BR 174, Manaus – Boa Vista.

O "*amor*" em "*paixão*" em 1999, como Coronel, na 23ª Brigada de Infantaria de Selva, Marabá – Pará, quando concluí o Curso de Operações de Selva, COS A/99. Por ocasião da cerimônia de brevetação, o General Luiz Gonzaga Schroeder LESSA, então Comandante Militar da Amazônia (CMA), insistiu para que eu assumisse o compromisso de trazer ao povo do Rio Grande do Sul uma visão mais realista das questões que afligem a Região Amazônica.

Hoje, 9 anos passados, mais de 300 palestras realizadas, achei que havia chegado o momento de abandonar o púlpito e abraçar a causa com mais determinação.

Desejo ver de perto novamente aquelas paragens, sua natureza pujante, sentir as necessidades dos povos da floresta mas, sobretudo, colher seus ensinamentos e vislumbrar sua riqueza cultural, trazer a realidade Amazônica sem mistificações, sem a mácula dos derrotistas, contrapondo-me às notícias vinculadas pela mídia nacional e estrangeira, muitas vezes sensacionalista e irresponsável.

Denunciando não só as agressões ao meio ambiente e aos povos da floresta, mas trazendo a público os projetos que estão sendo desenvolvidos pelos governos e instituições municipais, estaduais e federais e que são, não raras vezes, apontados como modelo por diversos países.

A justificativa para a *instituição* – Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) na qual sou professor – a importância está vinculada ao grande projeto multidisciplinar e interdisciplinar com uma face pedagógica bastante definida de total interesse não só para alunos e professores do Sistema Colégio Militar do Brasil, mas para toda a sociedade brasileira, que discute seriamente as questões ambiental, indígena e desenvolvimento sustentável da nossa floresta.

Através da pesquisa e o decorrente estudo das informações colhidas "*in loco*" sobre a realidade atual e a importância da Amazônia nos contextos nacional e mundial, a face real de instituições nacionais, dentre elas o Exército Brasileiro que, sem alarde e sem flashes da mídia, realizam diuturnamente seu trabalho anônimo e raras vezes reconhecido.

A justificativa para a *ciência* reside na experiência relativa à formação de equipes multidisciplinares

e interdisciplinares ao nível de primeiro e segundo graus que receberão e processarão as informações colhidas e reportadas:

1. através de entrevistas realizadas junto aos povos da floresta, o projeto pretende realizar um levantamento antropológico e histórico das populações ribeirinhas que vivem na calha do Solimões. A intenção é analisar os motivos que levaram os ribeirinhos e seus antepassados a redefinirem as relações que mantinham com o espaço;

2. o deslocamento pelo rastreamento via satélite estimulará o envolvimento das Cadeiras de Matemática, Física e Astronomia;

3. os locais percorridos serão objeto de estudo pela cadeira de História que aproveitará para fazer uma retrospectiva histórica de cada um;

4. as características físicas dos locais serão identificadas e estudadas pela cadeira de Geografia;

5. a flora e a fauna, através de projetos que estejam sendo levados a efeito pelos diversos órgãos de pesquisa da Bacia Amazônica tais como Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia – INPA, Centro de Biotecnologia da Amazônia – CBA, Universidades, serão estudadas pela Biologia e pela Química;

6. a Literatura buscará nos poetas e escritores da região relatos de cada um desses pontos de passagem e a Educação Artística e Projetos Culturais identificarão os principais eventos culturais dos povos da floresta buscando reproduzir estas manifestações artísticas no âmbito do Colégio Militar de Porto Alegre.

Imagem 01 – Rapto das Sabinas (Jacques-Louis David)

Guerra

(Augusto dos Anjos)

Guerra é esforço, é inquietude, é ânsia, é transporte...
E a dramatização sangrenta e dura
Vir Deus num simples grão de argila errante,
Da avidez com que o Espírito procura

É a Subconsciência que se transfigura
Em volição conflagradora... E a coorte
Das raças todas, que se entrega à morte
Para a felicidade da Criatura!

É a obsessão de ver sangue, é o instinto horrendo
De subir, na ordem cósmica, descendo
À irracionalidade primitiva...

É a Natureza que, no seu arcano,
Precisa de encharcar-se em sangue humano
Para mostrar aos homens que está viva!

Irmão Guaíba, Minha Raia

Ama as águas! Não te afastes delas! Aprende o que te ensinam! Ah, sim! Ele queria aprender delas, queria escutar a sua mensagem. Quem entendesse a água e seus arcanos – assim lhe parecia – compreenderia muita coisa ainda, muitos mistérios, todos os mistérios. (HESSE)

O Rio Guaíba me acolheu, desde o início, com carinho e embalado por suas vagas, nem sempre ternas, naveguei por quase dois anos solitariamente. Foram mais de 2.000 horas usufruindo das suas belezas naturais e enfrentando todo tipo de obstáculos.

Com humildade aprendi com as águas, com os ventos, comecei a entender suas mensagens sutis observando as nuvens, os pássaros e os insetos. Aprendi a reconhecer minhas capacidades e minhas limitações, a fazer companhia a mim mesmo e me alegrar com isso, a refletir sobre minhas ações e omissões. A declamar poesias enquanto navego, educando a respiração enquanto pico a voga.

Meu pai, carioca de nascimento e gaúcho de coração, me presenteou, no meu aniversário de 7 anos, com a 1ª edição do livro "*De fogão em fogão*" (1958) em que o Jayme Caetano Braun ensinava, através de sua gaudéria poesia, a beleza da vida campeira, a altivez dos gaúchos e as maravilhas da natureza local.

Desde então as poesias do "*Payador*" tem me acompanhado nas minhas rotas infindas e me inspirou para colocar no logotipo do projeto a imagem do "*Galo de Rinha*", minha poesia preferida, mas me pareceu que nos dias de hoje, o símbolo podia ser mal interpretado pelos talibãs da seita do "*politicamente correto*".

O símbolo mostraria a força do "*guasca vestido de penas*" e não seria, jamais, uma apologia às brigas de rinha. Identifico-me, por demais, com a última estrofe do "*Galo de Rinha*" e acho que esta poesia do "*Andarengo*" tem uma energia muito grande que eu gostaria de ter usado no projeto.

Porque na rinha da vida
Já me bastava um empate!
Pois cheguei no arremate
Batido, sem bico e torto
E só me resta o conforto
Como a ti, galo de rinha
Que se alguém dobrar-me a espinha
Há de ser depois de morto!

Depois de pesar os prós e os contras, aderimos à imagem do quero-quero, o Sentinela dos Pampas, que também é lembrado na poesia do inspirado poeta.

O próprio Deus Rio-grandense
Que te deu esse penacho
E a parada de índio macho
Que tão soberano ostentas,
Fez o pampa onde sentas
Das revoadas interminas,
Que fez o rancho e as chinas
A tapera e o umbu,
Não fez outro como tu,
Velho guardião das campinas!

Foram intermináveis horas de aprendizado com o Rio e sempre, em cada momento, senti a presença de uma "*Força*" mágica me conduzindo e apoiando. Não raras vezes, depois de remar de 40 a 50 km, de 5 a 7 horas, encontrava energia para, nos últimos 10, acelerar o ritmo procurando melhorar o tempo.

Era como se a "*Força*" canalizasse os ventos para a popa do caiaque e me impulsionasse! Sentia uma estranha energia fluindo do casco para o convés, me envolvendo, e afastando de mim o cansaço e o desânimo. Como posso temer algo se "*Ele*" está comigo e, em última instância, se alguma fatalidade acontecesse, acho que seria uma boa morte e em boas companhias.

Falando da Morte

Sempre que posso, no intervalo de minhas remadas intermináveis, leio poesia. A solidão, as paradisíacas paisagens das praias e Ilhas do Guaíba, a suavidade da brisa, o rumor das águas, tudo convida à meditação e embala a alma para estes mágicos devaneios literários. Sentado nas pedras, da Ilha do Francisco Manoel, lia a poesia do imortal Gabriel José Garcia Márquez – Falando da Morte:

Aos homens, lhes provaria como estão enganados ao pensar que deixam de se apaixonar quando envelhecem, sem saber que envelhecem quando deixam de se apaixonar… Aprendi que todo mundo quer viver no cimo da montanha, sem saber que a verdadeira felicidade está na forma de subir a escarpa [...] (Gabriel García Márquez)

De repente, minha memória, madrugando no passado, recolheu imagens de uma entrevista que dera a minhas diletas amigas, professoras Silvana e Patrícia, do Clube de História do Colégio Militar de Porto Alegre, a respeito do Projeto-Aventura Desafiando o Rio-Mar.

Na oportunidade, quando me indagaram qual era o meu maior medo, acho que esperavam que fosse algo que atentasse contra a minha vida ou a saúde ao enfrentar os "*ermos dos sem fim*" da Hileia ou as misteriosas águas do Solimões e seus tributários.

Quando respondi que era a possibilidade de não concluir o trajeto na sua totalidade, elas ficaram surpresas.

Se (If) – Joseph Rudyard Kipling

Não gostaria, jamais, de partir para a derradeira jornada, amarrado ao catre e cercado de cuidados médicos. Socorro-me novamente da poesia, desta feita, pela inspiração do grande poeta do império britânico para ratificar o que penso:

E se és capaz de dar, segundo por segundo,
Ao minuto fatal todo o valor e brilho,
Tua é a terra com tudo o que existe no mundo
E o que ainda é muito mais – és um homem, meu filho!

Arita Damasceno Pettená

Encerro com os versos da poetisa, escritora e professora Arita Damasceno Pettená:

Que importa que haja ondas revoltas,
Ameaçando um casco acorrentando.
Quero respirar, no último momento,
A esperança diluindo-se em espumas,
Espumas desmanchando-se em esperanças

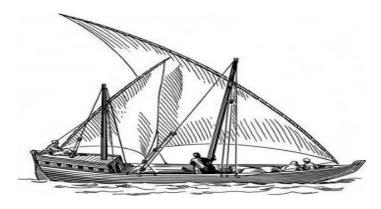



Imagem 02 – Amanhecer na Ilha do Chico Manoel

Imagem 03 – Ponta da Faxina – Rio Guaíba

Imagem 04 – Morro da Formiga – Laguna dos Patos

Imagem 05 – Ilha do Veado – Laguna dos Patos

Imagem 06 – Gen Heleno e Gen Da Cás – Manaus, AM

Imagem 07 – Teatro Amazonas – Manaus, AM

Imagem 08 – Cidade das Motos – Tabatinga, AM

Imagem 09 – Moto–Táxi Colombiano – Tabatinga, AM

Guaíba, Rio ou Lago?

Desembarcou aqui como passageiro comum entre tantos que procuram a Terceira Margem do Rio entre o céu e a terra.
(NOGUEIRA)

Irmão Guaíba, navegando por tuas águas, afasto-me do mundo real e mergulho na tua essência mística, deixo o limitado pragmatismo de lado e penetro na tua fluidez infinita. Meu nível de consciência se altera, afastando de mim o cotidiano insano e permito que tuas ondas me conduzam a uma nova realidade materializada pelas tuas cálidas ondas que me embalam.

Uma estranha solidão invade meu íntimo e a onírica experiência faz com que assumas uma nova forma de vida. De repente, se estabelece uma relação única entre nós e, tu e eu, somos um só. Sinto como se regredíssemos ao útero da mãe Terra, um morno e profundo silêncio nos envolve e ao longe avistamos, por trás da bruma que se desfaz – a Terceira Margem.

Lei Federal N° 7.803 de 15.08.1989

> Art. 1° – As florestas existentes no território nacional e as demais formas de vegetação, reconhecidas de utilidade às terras que revestem, são bens de interesse comum a todos os habitantes do País, exercendo-se os direitos de propriedade, com as limitações que a legislação em geral e especialmente esta Lei estabelecem.
>
> Parágrafo único. As ações ou omissões contrárias às disposições deste Código na utilização e exploração das florestas são consideradas uso nocivo da propriedade [art. 302, XI b, do Código de Processo Civil].

Art. 2° – Consideram-se de preservação permanente, pelo só efeito desta Lei, as florestas e demais formas de vegetação natural situadas:

a) ao longo dos Rios ou de qualquer curso d'água desde o seu nível mais alto em faixa marginal cuja largura mínima seja:

1) de 30 [trinta] metros para os cursos d'água de menos de 10 [dez] metros de largura;

2) de 50 [cinquenta] metros para os cursos d'água que tenham 10 [dez] a 50 [cinquenta] metros de largura;

3) de 100 [cem] metros para os cursos d'água que tenham de [cinquenta] a 200 [duzentos] metros de largura;

4) de 200 [duzentos] metros para os cursos d'água que tenham 200 [duzentos] a 600 [seiscentos] metros de largura;

5) de 500 [quinhentos] metros para os cursos d'água que tenham largura superior a 600 [seiscentos] metros;

b. ao redor das lagoas, Lagos ou reservatórios d'água naturais ou artificiais;

c. nas nascentes, ainda que intermitentes e nos chamados "*olhos d'água*", qualquer que seja a sua situação topográfica, num raio mínimo de 50 [cinquenta] metros de largura;

d. no topo de morros, montes, montanhas e serras;

e. nas encostas ou partes destas, com declividade superior a 45°, equivalente a 100% na linha de maior declive;

f. nas restingas, como fixadoras de dunas ou estabilizadoras de mangues;

g. nas bordas dos tabuleiros ou chapadas, a partir da linha de ruptura do relevo, em faixa nunca inferior a 100 [cem] metros em projeções horizontais;

h. em altitude superior a 1.800 [mil e oitocentos] metros, qualquer que seja a vegetação.

Parágrafo único:

No caso de áreas urbanas, assim entendidas as compreendidas nos perímetros urbanos definidos por lei municipal, e nas regiões metropolitanas e aglomerações urbanas, em todo o território abrangido, observar-se-á o disposto nos respectivos planos diretores e leis de uso do solo, respeitados os princípios e limites a que se refere este artigo.

Comandante *Geraldo Werner Knippling*

O Cmte Geraldo W. Knippling, velejador, escritor, cartógrafo, ex-Comandante da Varig, conhece, profundamente, os segredos das águas do Guaíba e Laguna dos Patos. O autor de "*O Guaíba e a Lagoa dos Patos*" e "*Descobrindo o Guaíba*", fez considerações importantes e, mais do que nunca, atuais no seu artigo: "*Guaíba, Rio e não Lago*" – editado no site "*popa.com.br*" em dezembro de 2003. Knippling lança um alerta veemente sobre o interesse imobiliário que procura se sobrepor, de qualquer maneira, através de artifícios legais, às questões ambientais:

A atual controvérsia sobre o topônimo "*Rio*" ou "*Lago*" poderia ser inócua se, por trás dessa desprezível divergência, não se escondesse ardilosa manobra para a especulação imobiliária.

Com o Guaíba "*Rio*", há restrições para o uso indiscriminado da orla. São 500 metros de proteção ambiental, de acordo à Lei Federal 7.803, que regula as áreas de proteção permanente. Então, de forma ilegal, o chamaram de "*Lago*", onde a proteção ambiental não vai além de 50 metros.

Se for "*Lago*", não se aplicam as normas de proteção da mata ciliar dos Rios, de 500 m. Mas o Guaíba é Rio.

Os compêndios de geografia têm definições claras sobre os corpos d'água, que não se podem mudar para enquadrar detalhes subjetivos e alterar o significado.

O Guaíba é Rio por se deslocar de nível mais elevado para nível mais baixo, aumentando de volume até desaguar no Mar, num Lago ou noutro Rio. Pouco importa se preenche uma falha do maciço granítico, de formação tectônica ou não.

Segundo os conceitos vigentes, "*Lago é uma extensão de água cercada de terras*" e o Guaíba não é nada disso, a não ser que se construa uma represa em Itapuã.

Também são falsos os argumentos de que o "*Lago*" seria formado "*pela barragem natural da península da Faxina*". Lá não há qualquer barragem. É só uma área de menor profundidade, como parte do leito do Rio, sobre a qual fluem livres as águas. (Geraldo Knippling)

Irmão Rio

E entrou Jesus no templo de Deus, e expulsou todos os que vendiam e compravam no templo, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas; e disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; mas vós a tendes convertido em covil de ladrões. (Jó 2: 13-25; Mc 11: 15-19; Mt 21: 12-13; Lu 19: 45-49)

Os gananciosos empresários e políticos que desconhecem teu encanto, tua serenidade e visam tão somente a interesses econômicos estão preocupados em alterar tua classificação para te corromper e te agredir ainda mais através da especulação imobiliária.

Somente aqueles que te trazem no coração, que te consideram uma obra do Grande Arquiteto do Universo – um santuário, somente aqueles que compreendem tua história e teu destino são capazes de vislumbrar as maquiavélicas intenções destes vendilhões que mercadejam vilmente procurando abalar as colunas do teu sagrado templo.

Comento, com alguns diletos amigos, que não treino no Guaíba, mas que treino contigo, Guaíba. Com o passar do tempo, fui te conhecendo, amando e respeitando cada vez mais. Foste meu Mestre Amado nas horas difíceis em que eu tentava, com dificuldade, não naufragar na depressão e no desalento.

Nas tuas águas, afogo meus desesperares, meus desencantos, meus desamores. No aconchegante embalo de tuas ondas, encontrei forças para perseverar e enfrentar minhas angústias e meu desânimo. Tua imensidão me abraça e conforta, tuas tranquilas águas me acalmam. Tua suave brisa insufla nos meus pulmões a mais bela e pura energia e me aproxima, cada vez mais, da Terceira Margem.

Tuas águas revoltas mostram a rota da humildade que devo seguir e a névoa que te cobre nas manhãs de inverno trazem sinais de esperança nos horizontes que aos poucos se revelam. Sinto tua falta como do ar que penetra em meus pulmões e oxigena meu sangue. Nas inúmeras rotas em que me acompanhaste, foste um fiel e silente parceiro. A afinidade que nos irmana dispensa palavras, não precisa, absolutamente, delas.

Aprendi contigo a interpretar os sinais da natureza, a me deixar levar pelos ventos e pelas ondas, a mergulhar na tua memória ancestral e dela recolher fragmentos da sabedoria dos tempos. Tuas belas Ilhas e praias estarão sempre registradas na minha retina, os momentos de puro êxtase que experimentamos permanecerão gravados eternamente na minha memória.

Só aqueles que trazem na alma o amor pela natureza talvez entendam o sentimento que me invade, quando navego pelas tuas águas infindas, sejam capazes de entender a estranha energia que me invade e revigora e a sensação mágica que toma conta de minha alma como se eu estivesse entrando, sozinho, em um recinto misterioso e sagrado. Que o Grande Arquiteto não permita que os vendilhões triunfem.

Neste livro e, em todos os artigos que eu escrever, vou me referir sempre a ti como Rio, com letras maiúsculas mesmo, como merecem ser reconhecidos aqueles que são únicos.

Uma justa reverência àquele que empresta, diuturnamente, sua ternura e sua beleza aos nossos dias apesar do tratamento repulsivo e antinatural que lhe dispensamos.

Projeto Desafiando o Rio-Mar

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Determinação

Sempre procurei mostrar àqueles com quem convivo que jamais devemos estar satisfeitos com o que somos; que devemos, sempre e sempre, buscar o aperfeiçoamento em todos os níveis, seja espiritual, físico, mental ou intelectual. Com o passar dos anos, uma natural acomodação é capaz de nos conduzir à mesmice, à estagnação.

Devemos combater essa tendência, com todas as forças, com autodisciplina, superação, estabelecendo objetivos definidos. Não devemos ter receio de tentar, medo de fracassar. O perdedor é o que não arrisca e não o que falha tentando. No palco da vida, temos de ser os protagonistas não os coadjuvantes.

"À Espera de um Milagre"

A partida para o Alto Purus é ainda o meu maior, o meu mais belo e arrojado ideal. Partirei sem temores; e nada absolutamente me demoverá de tal propósito.
(Euclides da Cunha – Carta a José Veríssimo)

Foi com esta convicção, minha paixão extrema pela esposa enferma, minha fé inquebrantável no Grande Arquiteto do Universo e na sua capacidade de operar milagres, meu amor pela Amazônia e pelas águas, que nasceu o "*Projeto-Aventura Desafiando o Rio-Mar*". O projeto tem como objetivo fundamental despertar a juventude brasileira para que exerça, desde já, uma pressão cidadã, no sentido de reverter as ne-

fastas ações que afligem nossa Hileia, exigindo das autoridades providências que contemplem o meio ambiente e os povos da floresta sem, contudo, negligenciar a soberania nacional.

Nosso intuito era executá-lo depois de sairmos do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) em 2010, mas o corpo docente e discente, ao tomar conhecimento do nosso plano, sugeriu transformar o projeto do Coronel Hiram Reis em um Projeto do CMPA.

Começaram, então, entusiasticamente, a desenvolver um acurado planejamento de modo a contemplar todas as disciplinas e clubes de maneira a torná-lo um projeto interdisciplinar e multidisciplinar. Devido a esse envolvimento da Comunidade escolar do CMPA, fomos levados a antecipá-lo e programar a descida do Solimões para o período de 1° de outubro de 2008 a 04 de fevereiro de 2009.

Experiência e Respeito à Natureza

A proposta original consistia em descer os Rios Solimões/Amazonas (Tabatinga/AM – Belém/PA) de caiaque, reconhecer seus principais afluentes, observar a fauna, flora, hidrografia, relevo, entrevistar autoridades locais e representantes dos povos da floresta.

A escolha do caiaque se baseou em dois requisitos fundamentais – experiência como canoísta profissional e respeito à natureza.

A *experiência* já havia sido consagrada nas águas do Mato Grosso, São Paulo e Mato Grosso do Sul quando conquistei o campeonato Sul-Mato-Grossense de Canoagem em 1989, singrando águas brancas, quedas d’água e provas de longa distância.

Numa época em que tanto se propugna pelo respeito à natureza, o caiaque sintetiza o meio de transporte ideal para ser usado na "*Terra das Águas*". Seu deslocamento silente não afugenta, não atemoriza a fauna; as remadas firmes e cadenciadas seguem o ritmo da natureza sem agredir a flora e a ausência de motores a combustão não polui, não macula os Rios.

Apresentação

No dia 21.06.2007, no Salão Brasil do CMPA – o velho Casarão da Várzea, lancei, em nome do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), da Sociedade de Amigos da Amazônia Brasileira (SAMBRAS) e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) oficialmente o Projeto.

O evento contou com a presença de todos os professores, representação de alunos, autoridades, empresários e imprensa de Porto Alegre.

Treinamento

A partir de então, com muito esforço e apoio de familiares, amigos e professores consegui adquirir parte dos equipamentos necessários e manter um treinamento rígido em que estabeleci obstáculos bem superiores aos que iria enfrentar na "*terra das Amazonas*".

Em dois anos, percorri uma distância de 12.590 km, equivalente à navegação da Foz do Chuí, Ponto extremo litorâneo do Sul do país, ao México, enfrentando condições de navegação extremas. O Guaíba proporciona reais dificuldades à navegação com seus ventos fortes e largura de até 18 km (entre a Vila Itapuã e a Praia da Faxina) bem superior à do Rio Solimões.

As diversas rotas que idealizei, atravessando o canal em navegações contínuas superiores a 2 horas, buscaram ultrapassar as situações que enfrentaria na Amazônia.

Os ventos do quadrante Sul, superiores a 25 nós (45 km/h), passando entre os morros da Ponta Grossa e a Pedra Redonda, criam um interessante efeito de turbilhonamento. As ondas, de até 1,5 m, surgem de todos os lados (banzeiro), sem um padrão definido, exigindo muita habilidade e força do canoísta.

Desafios

Procurando testar meus limites, estabeleci percursos superiores a 70 quilômetros de extensão e, em todas as oportunidades, tive a satisfação de atingir com sucesso as metas propostas.

Rota Desafio 1 – Navegador José Pineda

O saudoso amigo Pineda, irmão da professora Silvana Pineda me apresentou, através de fotos e relatos de suas experiências como experiente navegador, um Guaíba muito mais majestoso e desafiador.

Seguindo suas sábias orientações, fui cada vez mais estendendo os limites e passei a conhecer o Rio em toda a sua plenitude, em todo seu esplendor e magia. O desafio que batizei com seu nome teve início às 06h15 do dia 10.12.2007, no dia mais quente do ano. Foi um desafio de resistência física e psicológica.

Cheguei à praia da Faxina às 10h30 e, às 18h20, aportava na Raia 1 com um tempo de navegação de 09h25.

Rota Desafio 2 – Cel Altino Berthier Brasil

Esta rota foi em homenagem ao meu ex-mestre do CMPA, Coronel Berthier, profundo conhecedor das belezas e mistérios da Amazônia Brasileira. Nesta prova, saí às 05h55 e naveguei até a maravilhosa Ilha do Junco, que faz parte do complexo do Parque Itapuã, no dia 18.12.2007, retornando às 18h25 com um tempo de navegação de 09h27.

Rota Desafio 3 – Professora Silvana Pineda

Cruzei o Farol de Itapuã e superei os umbrais da Lagoa dos Patos em uma navegação de 80 quilômetros em 11 horas. Uma prova que se iniciou às quatro horas da madrugada, na mágica noite do dia 07.02.2008, em que as estrelas cadentes e o céu claro, embora sem lua, me brindaram com sua esfuziante beleza. Cheguei exatamente às dezoito horas, após manter o compassado ritmo dos 4 nós por hora.

Rota Desafio 4 – Rosa Mística

Parti rumo à Ilha do Barba Negra às 03h15, numa noite clara, sem lua, acariciado pela brisa suave vinda do quadrante Sul, como os boletins do tempo haviam anunciado.

Depois de remar aproximadamente 45 minutos, o céu foi ficando carregado na altura da Ponta Grossa, e os ventos de proa começaram a dificultar a progressão. Decidi continuar navegando até a Ilha do Chico Manoel, esperando que até lá as coisas melhorassem. Fiz uma breve prece esperando que o Grande Arquiteto acalmasse os ventos e desviasse as pesadas nuvens de minha rota. De repente, pequenas luzes esverdeadas começaram a brilhar sobre as águas.

A magia do momento me inebriava e eu via, ou sentia, que a abóbada celeste repousava nas águas do imenso Guaíba. Seriam microrganismos? Já havia presenciado fenômeno semelhante no litoral gaúcho. Depois de algum tempo, consegui identificar que aquelas pequenas cintilações eram produzidas por centenas de vaga-lumes que descansavam sobre as ternas águas antes de continuar o seu voo nupcial.

Cheguei à Ilha do Chico Manoel às 06h15 e o tempo continuava fechado. Fiz um pequeno lanche e descansei na maravilhosa Ilha do Clube Veleiros. O dia estava clareando, os ventos novamente se transformaram em suave brisa, e observei que na altura do Farol de Itapuã, as nuvens eram mais esparsas, anunciando bom tempo.

Parti às 06h55 diretamente para a Ponta da Faxina. A Península da Faxina, suas falésias, vegetação nativa e abundância de pássaros, extasiaram-me.

Decidi navegar mais um pouco e parar na Ilhota da Ponta Escura. A ilhota, com seus canaletes, não me chamou a atenção. Habitada e sem graça, me levou a continuar remando e a planejar um descanso na altura do Morro da Formiga. Tentava, em vão, avistar a Ilha do Barba Negra.

Por volta das 09h30, mal tinha ultrapassado a Ilhota, vislumbrei no horizonte algo que mais parecia uma Ilha de aguapés. Continuei remando, vigorosamente, por mais 30 minutos e confirmei minhas expectativas de que era a Ilha do Barba Negra. Achei estranho que a Ilha que eu guardara na memória, que possuía a orientação Norte-Sul, se apresentasse transversal ao meu deslocamento.

Eu esquecera, ou o cansaço me embotara a mente, de que a Ilha possuía dimensões importantes com 3,5 km de comprimento por 600 m de largura e elevações de 10 m. Mantenho uma remada forte e chego, por volta das 10h20, ao morro da Formiga, coberto por mata virgem intocada, com seus 108 metros de altura. Pude avistar suas fantásticas praias de areias brancas circundada por rochas formidáveis. Em algumas delas, as lontras, saciadas com comida farta propiciada pela piracema das tainhas, tomavam, preguiçosamente, banho de Sol.

O cansaço começa a tomar conta do meu corpo e fico preocupado com a volta. Já havia remado 06h20 e ainda não tinha alcançado meu objetivo, a Ilha do Barba Negra. Decido aportar na primeira ilhota, ou praia do Morro da Formiga, que avistar. Ao ultrapassar a Ponta da Formiga, avistei uma pequena Ilha ao longe e me dirijo a ela mantendo um ritmo forte.

Cheguei à Ilha exatamente às 11h15, sete horas após ter saído da Raia 1. É uma pequena e bela Ilha para se ver de longe, mas não para se aportar. A Ilha do Veado, como é chamada, só mais tarde é que fiquei sabendo do nome dela, quando fui confirmar minha rota, é formada apenas por rochas, alguns arbustos e cactos. As rochas dificultam a aportagem e atraco em uma pequena angra protegida das ondas.

Descansei 30 min e iniciei minha jornada de retorno decidido a aumentar meu número de paradas para recuperar a energia. Parei na Praia da Formiga, tirei algumas fotos, admirei suas bromélias e vegetação típica. Confirmei, angustiado, a distância que me separava da Ilha do Barba Negra e, depois de vinte minutos, decidi retornar e rumei para a Ilhota da Ponta Escura.

A aproximadamente dois quilômetros da Ilhota, avistei um canoísta remando no meio da Lagoa dos Patos e qual não foi minha surpresa ao verificar que se tratava de meu amigo o Coronel Teixeira. Houve um pequeno desencontro de informações e, em vez de partirmos juntos, cada um saiu num horário diferente.

Cancelamos o pernoite na Ilha do Barba Negra, embora o Teixeira estivesse equipado para tal, e iniciamos o retorno. Sem carta, sem jamais ter navegado por aquelas paragens, o meu arrojado amigo, apoiado apenas na sua férrea vontade, estava na rota correta, mostrando que a fibra e a determinação dos Forças Especiais (FE) continuava viva nos seus músculos e no sangue que corre nas suas veias.

Paramos na Ilhota para conversarmos um pouco e, mais adiante, na Ponta da Faxina, onde saboreamos alguns coquinhos silvestres antes de atravessar o canal numa extensão de 12,7 quilômetros rumo à Ilha do Chico Manoel.

Pela primeira vez, no trajeto, fiz uso do GPS e confirmei a direção a ser seguida. O deslocamento, a partir das catorze horas, transcorreu bem impulsionado por suaves ventos de popa permitindo aqui e ali surfar nas pequenas ondas.

Na Ilha do Chico Manoel, paramos uns 40 minutos e recebemos um telefonema da repórter Carla, da Zero Hora, agendando uma sessão de fotos. Novamente desfrutei da paradisíaca Ilha, tomei um banho reconfortante para afastar os efeitos da canícula. Partimos, às 18h40, rumo à Ponta Grossa onde paramos brevemente e, depois do pôr do Sol, às 20h30, ajustei, a rota diretamente para a Raia 1.

A navegação, à noite, é mágica. As luzes da Cidade refletida nas águas serenas do Guaíba fazem a imaginação viajar.

Chegamos às 21h30, cansados, mas satisfeitos. Remamos 95 quilômetros durante 13h30. Sei que não irei navegar durante tanto tempo na Amazônia em apenas um dia, mas um treinamento árduo certamente nos dá a confiança e a certeza de que estamos preparados para enfrentar os óbices que surgirem na nossa pequena Odisseia.

O Forças Especiais (Coronel Teixeira) me surpreendeu favoravelmente, novamente, uma vez guerreiro, sempre guerreiro.

Homenagem

Não achei nenhum amigo que quisesse ser homenageado com uma rota cujo objetivo final era alcançar a Ilha do Veado. Brincadeiras à parte, gostaria de deixar, entretanto, patente que a homenageada desde início era para ser nossa querida amiga Rosângela Maria de Vargas Schardosim, de Bagé, que tem conseguido divulgar meus artigos em diversos periódicos nacionais.

O Quilombo da Ilha do Barba Negra

A professora Silvana havia me enviado, já faz algum tempo, o artigo, abaixo, de Moacyr Flores, publicado no Jornal "*Correio do Povo*", de 07.05.1983. Achei interessante acrescentar um pouco das histórias e curiosidades que envolvem o nosso Rio e nossa Laguna, numa tentativa de resgatá-los para uma sociedade que desconhece sua realidade física e histórica:

No início de setembro de 1829, o iate de José Inácio Teixeira levantou ferros do porto de Rio Grande e velejou pela Laguna dos Patos, rumo a Porto Alegre. Ventos contrários não permitiram que entrasse no canal de Itapuã. O patrão do pequeno barco resolveu abrigar-se na Ilha do Barba Negra, à espera de que o vento amainasse ou soprasse noutra direção. Mandou um batelão à Ilha, com um marinheiro branco e quatro escravos, também marinheiros, para buscar lenha. Quando estes homens estavam entregues à sua faina, surgiram mais de 30 negros armados de lanças e espingardas.

Um dos marinheiros escravos se escondeu num monte de lenha e os demais, comandados pelo branco, fugiram no batelão. Os negros atacantes atiraram nos fugitivos, visando mais ao branco, mas não o acertaram. Os negros correram para canoas escondidas nos aguapés e seguiram o batelão de perto.

Vendo que os fugitivos se punham a salvo, os perseguidores tentaram a abordagem do iate que zarpou na direção de Bojuru, escapando dos quilombolas. Depois de navegar pela Laguna dos Patos até conseguir vento favorável para contornar a ponta de Itapuã, José Inácio Teixeira tomou o rumo de Porto Alegre onde comunicou imediatamente às autoridades a existência do quilombo na Ilha do Barba Negra.

O Vigário-Geral Antônio Vieira da Soledade, Vice-Presidente da Província em exercício, em meados de setembro de 1829, ordenou ao Tenente Luís Alves dos Santos Marques que preparasse uma expedição punitiva, com 160 soldados de linha e mais 30 artilheiros. Quase um mês depois, a tropa estava distribuída na escuna "*Doze de Outubro*", dois lanchões e um iate. As embarcações aproximaram-se da Ilha do Barba Negra e ancoraram ao largo.

Um dos lanchões dirigiu-se à terra e encontrou uma canoa grande tripulada por cinco escravos que, ao serem descobertos, remaram desesperadamente para a Ilha, onde sumiram em desabalada carreira no meio da vegetação.

O lanchão continuou a navegar, costeando a Ilha até o lado oposto, onde os soldados desembarcaram e bloquearam a fuga de seis machos e três fêmeas – conforme a linguagem da época – que escaparam para uma pequena canoa. Intimados a se entregar, continuaram a fuga.

O Comandante ordenou aos soldados que atirassem. A descarga violenta matou os negros e afundou a canoa. A expedição desembarcou na Ilha e encontrou apenas roças de feijão e de milho, quatro casas prontas e duas ainda em construção. Os soldados arrasaram tudo.

Apareceu o escravo marinheiro de José Inácio Teixeira, que havia se escondido no monte de lenha e fora depois capturado pelos quilombolas. Contou que, enquanto lá esteve, foi mantido sob guarda e preso no tronco. O capataz do quilombo queria matá-lo porque era fiel a seu senhor e poderia denunciar o refúgio. Os demais escravos advogaram sua causa, salvando-lhe a vida.

Narrou ainda que o capataz do quilombo, que morreu junto com os que tentavam fugir de canoa, era o assassino de um tal de João de Vestia. A expedição falhou em capturar os quilombolas porque eles estavam prevenidos do ataque e conseguiram fugir a tempo pela ponta da Ilha de Canguçu.

Dois dias antes do ataque, os quilombolas estiveram carneando na estância de Cabeçudas, de propriedade de D. Maria de Oliveira, irmã do cônego Salgado.

A expedição retornou sem nada sofrer, apenas o Cadete Joaquim da Fonseca Pereira Pinto, que se achava na retranca da escuna, por imprudência, caiu n'água e pereceu afogado. Estas notícias foram publicadas no jornal *"O Amigo do Homem e da Pátria"*, edições de 18 de setembro e de 12 de outubro de 1829.

A incapacidade de os agentes repressores reunirem rapidamente suas forças permitiu que escravos da Cidade avisassem os quilombolas em tempo. Segundo cronistas da época, as notícias circulavam rapidamente entre os escravos que tudo viam e ouviam porque participavam como mão de obra de todas as atividades dos brancos.

A expedição punitiva, com 4 embarcações e 190 soldados, não vasculhou as Ilhas e as margens da Laguna dos Patos, não percorreu as estâncias da Barra do Ribeiro e de Pedras Brancas, atual Município de Guaíba, em busca dos escravos fugitivos. O Comandante militar deu a missão por cumprida com a destruição de roças de subsistência e algumas palhoças.

O jornal não se refere à proteção que os estancieiros da região davam aos quilombolas da Ilha do Barba Negra. Havia várias charqueadas nas proximidades, com trabalho mais intenso no período de dezembro a fevereiro, quando o calor do Sol é maior, para secar as mantas de carne expostas nos varais.

O quilombo da Ilha do Barba Negra fornecia mão de obra barata às charqueadas e às estâncias. Fora das safras os charqueadores e estancieiros não necessitavam sustentar esta mão de obra – o mesmo não aconteceria se tivessem que comprar mais escravos para os períodos de rodeios e salga de carne pois, nos momentos de crise ou entressafra, não poderiam despedi-los. (FLORES)

Óbices

Quando surge um problema, você tem duas alternativas – ou fica se lamentando, ou procura uma solução. Nunca devemos esmorecer diante das dificuldades. Os fracos se intimidam. Os fortes abrem as portas e acendem as luzes. (Dalai Lama)

Infelizmente, as organizações a que o CMPA está diretamente subordinado, que são respectivamente a Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA) e o Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP), cujo chefe era o Gen Ex Rui Monarca da Silveira, entenderam que o Projeto não era de interesse do Sistema Colégio Militar do Brasil e não autorizaram a realização do mesmo.

Como militar não me cabe julgar as decisões dos superiores hierárquicos e parti em busca de uma alternativa. A solução, finalmente encontrada, com o apoio irrestrito de nosso Comandante, Coronel Paulo Contieri, foi a de pedir rescisão do contrato com o Colégio Militar nos meses de dezembro e janeiro e tentar a recontratação a partir de fevereiro de 2009.

As mudanças no Projeto ocorreram tendo em vista que eu não podia passar quatro meses sem os vencimentos de professor sem comprometer as despesas relativas ao tratamento médico de minha esposa.

Por estas razões, o Projeto foi, então, limitado a dois meses (dezembro-janeiro), com saída prevista de Tabatinga em 1° de dezembro de 2008 e chegada a Manaus em 29 de janeiro de 2009. Pretendo, se Deus permitir, e os amigos nos apoiarem, dar continuidade ao mesmo nos anos seguintes.

Apesar de, no lançamento do projeto, contar com acenos entusiásticos de diversas empresas gaúchas, todas se mostraram, depois, reticentes em dar seu apoio financeiro ao Projeto. O patrocínio que já contávamos como certo, da PETROBRAS, arquitetado pelo amigo Vereador Ricardo Moura de Albuquerque Maranhão, foi vetado às vésperas de sua liberação sem qualquer tipo de explicação. Teria sido o meu artigo, intitulado "***AMAZÔNIA – Muito Discurso, Pouca Ação***", criticando o "*governo companheiro*" na sua desastrosa política amazônica o motivador da suspensão do patrocínio? O meu parceiro, amigo e irmão maçom, Coronel Teixeira, com problemas de saúde na família, a três semanas da partida, foi substituído pelo professor Romeu Henrique Chala que irá pilotar o caiaque duplo com a Fabíola.

Boas Novas

Patrocínio de Amigos

Meus caros amigos Cristian Mairesse Cavalheiro e Daniel Luís Costa Scherer financiaram minhas passagens aéreas e o transporte do caiaque. Meu Irmão maçom e ex-colega CMPA, Luiz Felipe M. Regadas, da Skysulbra Rastreamento de Veículos nos disponibilizou um equipamento de rastreamento via satélite instalado no caiaque. A Polícia Militar do Estado do Amazonas (PM/AM), seguindo determinação de seu Comandante, Coronel Dan Câmara, vai me apoiar nas localidades em que atracar para o pernoite e que possuam destacamentos da organização. Graças a uma feliz coincidência, o atual subcomandante da PM/AM, Tenente Coronel PM Luiz Cláudio Leão, um grande e especial amigo, o então estagiário 16, concluiu comigo o Curso de Operações na Selva, em 1999, no CIGS.

Colaboração de Amigos Virtuais

A amizade torna os fardos mais leves porque os divide pelo meio. A amizade intensifica as alegrias, potencializando-as, na matemática do coração. (Roque Schneider)

Após todos estes reveses, estava desanimado. O Grande Arquiteto do Universo fez com que se dissipasse a neblina e serenassem os ventos de proa nos apresentando a amiga Ana que "*abriu as portas e acendeu as luzes*". Uma amiga fisicamente virtual mas, certamente, uma alma gêmea comungando com os ideais que defendemos de patriotismo, honra e dignidade. Reproduzo, abaixo, apenas alguns dos e-mails de amigos comunicando seu apoio financeiro ao projeto.

E-mail da amiga Ana Prudente

Ontem depositei R$ 300,00 reais, que bem sei que não resolverá a falta de tantos equipamentos, mas foi o valor com o qual pude colaborar. Hoje conversei por telefone com um dos meus amigos aqui de SP, que recebeu minha chamada a seu respeito. Eu acho que ele vai poder ajudar bastante, não sei se na integralidade do faltante. Está saindo uma chamada para a FIESP/CIESP e Associação Comercial/SP. Embora o senhor não me conheça pessoalmente, eu o conheço há mais tempo, via um amigo em comum.

Foi ele quem me deu seu e-mail e pediu para que o colocasse na minha lista de contatos, já que estávamos no mesmo barco. E eu estou no seu barco, Coronel Hiram, que é o nosso Barco Brasil. E com uma "*certa inveja saudável*", confesso que esta sua viagem me encanta. Poder observar de perto, fotografar, filmar essa nossa terra linda já me leva longe, bem longe dessa loucura que é viver em SP.

E-mail do Jornalista Luís Andreoli

Considero-a realmente de grande importância. Sei que a minha contribuição é ínfima. Todavia, é a que está dentro das minhas atuais possibilidades. Ou seja – fiz ontem um depósito no Banco do Brasil, em nome do Coronel Professor Hiram Reis, de R$ 200,00.

Espero que, apesar de pequena, ela venha se juntar a outras para que se atinja o valor necessário. Um grande abraço e boa sorte ao Coronel Hiram Reis.

E-mail do Ir:. José de Araújo Madeiro

E∴ Ir∴ Hiram Reis,

Não pensávamos em nos comunicar sobre o assunto em tela, mas pelo recebido, informamos ao poderoso irmão que fizemos uma doação de R$ 2.000,00 [dois mil reais], para seu projeto. Enviamos pelo correio, dois cheques contra o Banco do Brasil, para datas diferentes, que deverão estar às suas mãos lá para o dia 05, próximo.

De outra parte, proclamamos que o Irmão deveria comunicar-se com diversos obreiros da nossa ordem, quem sabe se não obteria mais recursos. Mas não somente desejamos sucessos na sua jornada, ficamos esperando qualquer pronunciamento da sua parte, para retransmiti-lo aos demais Irmãos.

TFA∴ Madeiro

O amigo Félix Maier e os camaradas da "*Confraria das Onças*" em especial meu caro amigo Aufélio Bazoli Filho (estagiário 03), autor do livro "*Dor Desrespeitada*" igualmente colaboraram para o êxito desta invulgar empreitada.

Apoio familiar

Tenho conseguido levar a bom termo meus objetivos graças à compreensão, apoio e incentivo de meus filhos Vanessa, Danielle e João Paulo, e meu irmão caçula engenheiro Carlos Henrique Reis e Silva.

Divulgação

Os professores Capitão Alexandre José Kowalski de Oliveira, Professora Silvana Schuler Pineda e a Capitão Eneida Aparecida Mader têm auxiliado na formulação dos artigos relativos ao Projeto-Aventura e a questões amazônicas. Graças à minha querida amiga Rosângela Maria de Vargas Schardosim, de Bagé, temos conseguido a divulgação dos mesmos em diversos periódicos nacionais.

Conclusão

Prossiga na missão!!! (General Joaquim Silva e Luna)

Independente de todas as dificuldades encontradas, de todos os obstáculos que possam surgir, eu, apoiado por abnegados amigos, cumprirei, parodiando as palavras do ilustre brasileiro Euclides da Cunha, "*meu mais belo e arrojado ideal*".

AMAZÔNIA - Muito Discurso, Pouca Ação

"O mundo precisa entender que a Amazônia brasileira tem dono. O dono da Amazônia é o povo brasileiro: são os índios, os seringueiros, os pescadores. Mas também somos nós. Temos consciência de que é preciso diminuir o desmatamento, as queimadas. Mas também temos a consciência de que é preciso desenvolver a Amazônia". (Luiz Inácio Lula da Silva)

– O Palanque aceita tudo

O presidente Lula, na manhã de segunda-feira, dia 26 de maio, em discurso de abertura do XX Fórum Nacional, na sede do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) – Centro do Rio, afirmou que a Amazônia "*tem dono*".

Em abril deste ano, Lula, referindo-se a pronunciamentos de dirigentes de outros países em relação à Amazônia, afirmou:

> Eu adoro respeitar as pessoas, mas adoro ser respeitado. Então, quando vierem discutir comigo sobre a questão da Amazônia, por favor, falem com cuidado, porque a Amazônia é da nossa responsabilidade e nós saberemos cuidar dela.

– Senador Pedro Jorge Simon – "Falta firmeza"

Embora julgando positiva a afirmação do presidente, o Senador Pedro Simon considera que "*falta firmeza ao presidente Lula no sentido de demonstrar ao mundo que, de fato, a Amazônia é nossa*".

O Senador defende investimentos sociais na região e critica a total falta de controle do governo em relação às mais de 25 mil fazendas de propriedade de estrangeiros na região.

> Essa confusão favorece os interesses estrangeiros e demonstra falta de compromisso efetivo do governo com o assunto, acrescentou Simon. Para o parlamentar, a cobiça internacional sobre a Amazônia, principalmente com referência às suas riquezas minerais e à biodiversidade, apresenta-se com uma insistência cada vez maior. Têm aumentado as provocações ao Brasil com relação à Amazônia, e isso merece reação forte do Brasil, enfatizou.

– Senador José Jefferson Carpinteiro Peres – "*Cobiça Nacional*"

"*Não tenho medo da cobiça internacional, mas sim da nacional, das ações de pecuaristas e madeireiros, que poderão levar ao holocausto ambiental da região*", advertiu, em plenário, o saudoso senador Jefferson Peres.

Para o senador, a resposta adequada às organizações ambientalistas de países como os Estados Unidos, contestando a soberania brasileira na

Amazônia, deve ser análoga à proferida pelo senador Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque quando, em setembro de 2000, nas salas de convenções do Hotel Hilton, em Nova York, durante o encontro do "*State of the World Forum*", afirmou que, por essa lógica:

> Nova York, como sede das Nações Unidas, deve ser internacionalizada. Pelo menos Manhatan deveria pertencer a toda a Humanidade. Assim como Paris, Veneza, Roma, Londres, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, cada cidade, com sua beleza especifica, sua história de mundo, deveria pertencer ao mundo inteiro.

– General Augusto Heleno Ribeiro Pereira – "*Esquerda Escocesa*"

"*Até porque não sou da esquerda escocesa que, atrás de um copo de uísque 12 anos, aqui sentado na Avenida Atlântica, resolve os problemas do Brasil inteiro. Eu não estou na esquerda escocesa. Eu estou lá. Já visitei mais de 15 comunidades indígenas. Estou vendo o problema do índio. Ninguém está me contando como é que é o índio, não estou vendo índio no cinema, não estou vendo índio no Globo Repórter. Estou vendo índio lá, na ponta da linha, e sofrendo com o que está acontecendo*".

– Reservas indígenas – Laudos Fraudulentos

Acho que o presidente deveria se preocupar com homologações de reservas indígenas baseadas em laudos criminosamente fraudados. Com a concretização da homologação da Terra Indígena Raposa e Serra do Sol, quase 15% do nosso território nacional serão destinadas a uma população de 700 mil índios. Somente na região amazônica as reservas ocupam cerca de 25% do seu território. Parece que o senhor não tem autoridade para afirmar que:

> "*Nós saberemos cuidar dela*".

– ONGs Criminosas

O governo, senhor, continua totalmente omisso e submisso às ações de ONGs. Muitas delas, atendendo a interesses estrangeiros, prepararam diuturnamente os alicerces que permitirão, no futuro, a contestação de nossa soberania na Amazônia.

Estas organizações agem livremente, sem qualquer controle governamental, recebendo substanciais contribuições estrangeiras e do governo "*companheiro*" sem a prestação de contas adequada.

Acho que quando afirmou que a Amazônia "*tem dono*" faltou dizer quem era este dono.

– Garimpo Ilegal

O extrativismo mineral representa uma fonte de degradação ambiental. Existem, na Amazônia, mais de 20 regiões de alta concentração de garimpos de ouro.

A ampla utilização do mercúrio para auxiliar na purificação do ouro é extremamente poluidora, uma vez que o mercúrio se acumula no ambiente sob diversas formas, contaminando peixes e outros animais silvestres.

Definitivamente a poluição e devastação provocada pelo garimpo ilegal não lhe permitem afirmar que: "*nós saberemos cuidar dela*".

– Liga dos Camponeses Pobres (LCP) – FARC Brasileira

> [...] organização radical de extrema-esquerda que adotou a "*violência revolucionária*" como estratégia para chegar ao poder. Com a omissão das autoridades federais brasileiras e o silêncio do resto do Brasil, esse

> grupo domina mais de 500 mil hectares de terra espalhados por três Estados, em 20 acampamentos de sem-terras. [...] "*Destruir o latifúndio*" é a bandeira que a LCP empunha para realizar a "*revolução agrária*". Encapuzados, armados e bem treinados, os guerrilheiros da LCP espalham o terror para atingir seus objetivos. "*Eles destroem plantações, queimam fazendas e torturam funcionários. Isso não pode mais ficar assim*", cobra o deputado Mendes. "*Nós, sozinhos, não temos como combater esse grupo. Precisamos de ajuda de Brasília*", alerta o secretário-adjunto. "*Nossa preocupação é que movimentos armados como as Farc e o Sendero Luminoso começaram igual a LCP aqui. Quando o governo federal acordar já será tarde", reclama"*. (REVISTA ISTOÉ N° 2007)

Enquanto isso, presidente, a Polícia Federal e a Força de Segurança Nacional, gastam milhões dos cofres públicos numa operação que marginaliza a população de Roraima e proprietários rurais que pagam impostos, produzem riquezas para o estado. A ação do seu Ministro da '*Justiça*' se limita a confraternizar com os jagunços invasores do CIR.

– Desmatamento – celeridade contra os inimigos

Já foram devastados pelo homem 18% dos 680 mil km² da maior floresta do mundo. Os estados campeões de desmatamento são o Mato Grosso e Rondônia. A principal causa é o crescimento econômico. A expansão do setor agrícola, especialmente da produção de soja, foi o grande responsável pela alta taxa. O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), por sua vez, só é capaz de atuar celeremente contra os inimigos do governo. Recentemente, na fazenda Depósito, do prefeito de Pacaraima, Roraima, Paulo C. Quartiero, o IBAMA aplicou quatro multas que, somadas, atingem R$ 30,6 milhões, o órgão decidiu, ainda, embargar as atividades econômicas da propriedade.

– Conclusão

Não me parece, presidente, que suas palavras de palanque, tão aplaudidas por membros da "*esquerda escocesa*", tenha respaldo em ações de governo. É fácil arrancar aplausos de correligionários. Gostaria de vê-lo discursando em Boa Vista (RR) e tenho certeza, então, de que em vez de aplausos seriam apupos que vossa senhoria ouviria. (Coronel Eng Hiram Reis e Silva)

Luar Amazônico
(Antônio Mavignier de Castro)

Verão. Rio em deflúvio. A Lua cheia
Alonga perspectivas pela mata;
Só a fauna da noite ali vagueia
À sombra errante que o luar dilata...

Álgido, estreito Igarapé serpeia,
Qual sinuosa lâmina de prata...
Que melopeia ([2]) o urutau ([3]) flauteia
Na solidão lunar da terra grata!

Amanhece; mas imitando um rito
Sobre a mata flutua um véu de neve...
E o Sol – pátena ([4]) de ouro do Infinito,

Espera que no altar da selva nua,
O Sacerdote imaterial eleve
A imagem eucarística da Lua!

---

[2] Melopeia: cantilena.
[3] Urutau: ave de hábitos noturnos, da ordem Nyctibiiformes da família Nyctibiidae, também conhecida como mãe-da-lua.
[4] Pátena: pratinho de metal em que se coloca a hóstia na missa.

Banzeiros

Os banzeiros enfrentados no Rio Guaíba foram um prelúdio daqueles que viria a enfrentar nos belos e formidáveis caudais amazônicos. O Frei Luiz Palha (O.P.[5]), na apresentação de sua obra "*Índios Curiosos – Lendas, Costumes, Língua*" – editado pela Gráfica Olímpica, em 1942, afirma, na sua apresentação:

> Singelas, estas relações vão guardar uma lembrança, a lembrança das verdes matas que tantas almas ocultam de brasileiros sem o seu Brasil, os nossos queridos índios do Norte da Pátria. Sem nexo aqui exarados esses fatos que presenciei, e lendas que ouvi dos lábios do "*tapuia*" araguaiano só têm como traço de união a esplendorosa natureza onde se deram e ainda vivem. [...]

E a respeito dos banzeiros araguaianos faz um belo relato:

Beérokan ([6]) se Enraivece

> É de ordinário calmo e sereno o Araguaia nos intérminos estirões que no seu percurso se desdobram, a perda de vista. Acalmada a raivosa irritação dos seus "*travessões*" ([7]) frementes, dir-se-ia que as águas cansadas de espumar de ira, se repousam, se amainam, arrependidas de tanto haver lutado de encontro a pedras e fraguedos ([8]).
>
> É calmo deveras.

---

5 O.P.: Ordem dos Pregadores (latim: Ordo Prædicatorum), também conhecida por Ordem de São Domingos ou Ordem Dominicana.
6 Beérokan: Araguaia
7 Seus "*travessões*": suas quedas-d'água.
8 Fraguedos: rochedos.

Abra-se porém uma cortina sequer lá do Norte, e de lá se deixe voar o temporal... e o vento esbravejado das nossas terras de florestas virgens arrasta furioso o desassossego em suas asas.

Começa o Rio a enrugar a face com ondazinhas de quem quer levemente brincar... O vento sopra... e as ondas tênues se vão tornando em vagas cada vez mais fornidas... Ouve-se um ciciar de queixas... São as águas em prece misteriosa implorando ao vento que as deixe tranquilas, na mansidão de um repousar merecido.

O vento sopra...

E o Araguaia se encapela de instante a instante... Brancas espumas aparecem salteadas no rebuliço do azul agitado, espumas de uma raiva mal contida.

Sopra o vento ...

Vagalhões se assoberbam. Já vai longe a placidez de há· pouco na mansidão do remanso. É o "*banzeiro*" que se levantou desenfreado, pinoteando qual exército de cavalaria estrepitosa que rui num ataque fogoso contra inimigo ferrenho.

Campeia o banzeiro.

Malgrado o furor que ostenta nestas horas de agitação, assim mesmo é belo o Rio dos diamantes. Esquece-se de que é Rio e tenta imitar o Oceano em fúria. E deveras evocam a majestade das ondas de um pego ([9]) revolto, essas vagas gigantes coroadas de alvinitente ([10]) espuma, amontoadas em fileiras cerradas e quebrando-se fragorosas na praia de neve do formoso Rio.

---

[9] Pego: redemoinho.
[10] Alvinitente: de um branco brilhante.

A areia ringe e soluça, parece de se ver açoitada pelas lâminas branqueadas do *"banzeiro"* araguaiano. Em travessão ruidoso se transformou o rio todo. Ai! Da montaria temerária que o banzeiro agarrar! Ai! da ubazinha ligeira que o "*banzeiro*" prender!

O Rio então já não é mais o caminho suave e bom, a "*estrada molhada*" como o apelidam às vezes os sertanejos poéticos, é cadeia de montanhas movediças por onde não mais deslizam os barquinhos alígeros ([11]).

É fera indomável de escancaradas faces ávida de tragar uma presa. Lindo é ver-se nesses instantes de luta, a montaria afoita, quando guiada por amestrado piloto, se aventura nas vagas. Qual poldro ([12]) bravio se põe a "*upar*" ([13])... Cada vaga que cresce é novo pulo elegante do barco saltador.

Não assim a ubá. Como o índio que a ideou a tosca barquinha nada entende de reviravoltas, se não sabe adaptar a situações difíceis. Enquanto a montaria galga célere as ondas que a acometem, a ubá corta certeira o vagalhão que o "*banzeiro*" lhe atira.

Aí reside o perigo, pois quando a vaga mais alta assim é partida, despeja de ambos os lados no frágil casquinho o furor do "*banzeiro*". Inevitável naufrágio! Bem hajam os pilotos adestrados das regiões do Norte! Sem reserva os admiro. "*Pegar o jacuman*" ([14]) é arte de responsabilidade magna e de admirável mérito.

Quantas vezes eu os vi, os pilotos paraguaianos, nos *"travessões"* enraivados, nas "*cachoeiras*" mortíferas,

---

[11] Alígeros: velozes.
[12] Poldro: potro.
[13] Upar: pinotear.
[14] Pegar o jacuman: pilotar uma canoa ou ubá.

ou nos subitâneos ([15]) "*banzeiros*" guiar os batéis ([16]) fragilíssimos das nossas regiões, com um requinte de habilidade a deixar-nos n'alma sincera admiração. Um simples planchear ligeiro do remo que empunham e lá salvou-se a "*ubá*" sem defesa.

Quando se avoluma o "*banzeiro*", que aprimorada destreza manifestam esses hábeis pilotos em preservar da "*maresia*" ([17]) a incauta ubazinha! Na verdade é missão delicada a dos pilotos do Araguaia.

O remeiro nada tem com a fúria ou a mansidão das águas; rema sempre para a frente, acelera ou retarda o compasso das vogas ou do remo ao talante ([18]) do piloto. Rema tão só para a frente.

E até no forte do banzeiro e até no furor das correntes, o sossego, a confiança nos não desampara, quando em viagem pelo formoso Araguaia, temos no leme, da embarcação, "*ubá*" que seja, habilitado piloto. Tudo dele depende na manobra do barco.

E veio-me como um sonho... Na vida há "*banzeiros*" das adversidades, há "*travessões*" das críticas empresas; bem vezes o vento das desgraças encapela o sereno perpassar de existências. Feliz de quem sabe no timão da sua alma o Piloto sagrado da Fé e do Amor a Nosso Senhor Jesus Cristo. Falando como os nossos ribeirinhos araguaianos, poderíamos dizer quiçá:

> Feliz de quem tem no jacuman da sua inteligência a Santa Igreja de Jesus... Não teme a labuta... Não há de recear sequer "*banzeiros*" nem vendavais. (PALHA)

---

[15] Subitâneos: repentinos.
[16] Batéis: pequenas embarcações.
[17] Maresia: agitação das ondas.
[18] Talante: arbítrio.

O Navegador

Falei da dinâmica do projeto, do treinamento, de soberania, de novas propostas em virtude de fatores externos alheios à nossa vontade, do irmão Guaíba e, para concluir esta apresentação inicial, gostaria de falar do navegador que se propõe a realizar esta empreitada.

É difícil alguém falar de si mesmo, por isso, selecionei o texto das professoras Silvana Schuler Pineda e Patrícia Rodrigues Augusto Carra, do Clube de História do Colégio Militar de Porto Alegre que, certamente, vislumbraram verdades que eu talvez não quisesse admitir e captaram com maestria invulgar o sentimento que me invade ao retornar àquelas plagas tão queridas e de saudosas lembranças.

O Desafio de Hiram

Paixão e Vida pela Amazônia

Uma travessia. Uma aventura. Não sabemos bem. Talvez apenas um homem comum tentando entender aquilo que é humano, mas tão doloroso.

Talvez uma perda tentando se transformar em vida.

Quem sabe um encontro consigo, com seu passado. Quem sabe uma tentativa de reunir forças para seguir uma viagem solitária muito mais difícil que o solitário Desafio contra o Rio-Mar.

Conviver durante anos com o Coronel Hiram nos permite ir pensando sobre alguns dos motivos que o levam a Tabatinga. Mas, ainda assim, um certo mistério permanece. Muitos foram os viajantes que relataram suas impressões e vivências acerca do Brasil e da Amazônia:

Entre os viajantes que visitaram o Brasil, deixando testemunhos escritos sobre o que viram, ouviram, leram e refletiram estão representantes diplomáticos, cultivando relações políticas e econômicas; naturalistas, exploradores e cientistas, deslumbrados com a nossa flora e fauna; homens de negócio, vislumbrando lucros; artistas, que souberam captar o elemento novo, a situação diversa, os traços e os passos da brasilidade em formação; religiosos, missionários que se dedicaram, sobretudo, à população aborígine; capelães de missões europeias; profissionais liberais; oficiais das FFAA; técnicos; geógrafos; aventureiros; governantas; pintores; artesãos; jornalistas; foragidos; engenheiros, médicos e também educadores que enfrentaram grandes distâncias tentando transmitir às crianças brasileiras a educação europeia. (AUGEL, 1980)

Se pensarmos nos viajantes que relataram o Brasil a partir de suas profissões, dos interesses que orientaram seus olhares e impressões, o Coronel Hiram constitui um observador diferenciado. Não é o militar, não é o professor, ou o pesquisador que ruma à Amazônia. Quem vai a Tabatinga talvez seja um homem apaixonado pela vida e pela experiência de ter vivido em meio a essa região momentos pessoais e familiares intensos e inesquecíveis. Seu olhar sobre a região é terno. Repleto de lembranças.

Não há laboratórios, governos, grupos de pesquisa que pretendam lançar novos produtos no mercado financiando sua viagem. Há o homem, sujeito histórico do seu tempo com suas preocupações enquanto cidadão, brasileiro, com suas paixões e com suas histórias de vida. Este desafio conta com a particularidade deste olhar pronto para reconhecer paisagens já visitadas; audaz o suficiente para estranhar e admirar o novo; humilde no respeito à natureza e aos humores do Rio-Mar; humano para reconhecer o outro em seu espaço e se permitir viver a humanidade que nos traga a permanente experiência de nos escrever.

Histórias de viajantes são tidas como olhares estrangeiros contando a realidade que divisam ou divisavam. Neste momento, temos vários olhares estrangeiros vislumbrando a Amazônia e suas particularidades – fauna, flora, população, histórico. Mas quantos brasileiros estão envolvidos no projeto de se permitir navegar pelas águas da região e, imersos nas preocupações de brasileiro, visam falar das suas observações e dizer da importância desta região para nós e para o mundo?

Quantos olhares brasileiros viajam e conseguem voz para dizer de suas visões? É possível que esse homem encontre outros brasileiros remando pelas águas da região e some estas vozes aos seus relatos. Também é possível que viaje solitário e encontre refúgio apenas nas populações ribeirinhas. Mas, eis um projeto de um brasileiro – navegar e se deixar navegar pelo Amazonas.

Para nós, pesquisadoras, o Coronel Hiram não é um viajante. Não é um estrangeiro que pretende relatar ao mundo como é o Brasil. É um brasileiro, alguém que vive neste país e que permanecerá nele terminada sua navegação. Que precisa discutir, como todos os brasileiros, as questões da região Norte. Portanto, para nós, ele é um navegante. Alguém que nos traz informações, que observa, que vê, que olha. Que aprende e que ensina. Alguém que se modificará nas águas da Amazônia. E que nos reciclará com sua navegação.

Percebendo as particularidades e singularidades dessa navegação é que as professoras responsáveis pelo Clube de História do Colégio Militar de Porto Alegre decidiram se inserir nesse projeto juntamente com os discentes integrantes do referido clube. (Professoras Silvana Schuler Pineda e Patrícia Rodrigues Augusto Carra)

Natal da Minha Terra
(Euclides Cavaco)

Conservo em meu coração,
Uma aldeia de Portugal,
Que foi meu berço de infância
E tem tão grande importância,
Nas tradições do Natal.

Eu recordo com saudade,
A Terra por mim amada,
Hoje de mim tão distante,
Onde era significante,
A noite da consoada...

Nesta aldeia bela e simples,
Como é diferente este dia!
Nele se esquecem ofensas,
Congraçam-se as indiferenças,
Voltando à doce harmonia.

Ai que saudades que sinto,
Do Natal na minha aldeia,
Onde ao redor da lareira,
Se unia a família inteira,
À luz tosca da candeia...

Como é terno alimentar,
Esta suave lembrança,
Como era o dia de ceia
E o Natal na minha aldeia,
Nos meus tempos de criança!

Manaus

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Partida para Manaus (20.11.2008)

Na noite de 19 para 20, que seria a partida para Manaus, passei tranquilo, dormi bem. Ultimei, de manhã, alguns procedimentos que tinham ficado pendentes no Colégio Militar e em casa. Cheguei cedo ao aeroporto, por volta das 16h30 acompanhado de meus familiares. Ocorreu uma grande confusão com o problema da passagem, quitação de saldo, em decorrência da fusão da Gol com a Varig.

Tive de telefonar para o amigo Mairesse, que estava financiando as passagens, para que o problema, criado pela incompetência da Gol, fosse solucionado. Lembro dos bons tempos em que os aeroportos funcionavam como um relógio suíço, hoje o caos parece ter se instalado e mais parece um mercado persa.

O problema só foi resolvido após as 18h00. Ainda bem que meu voo que estava previsto para as 18h00, só saiu às 18h45. Embarquei com destino a Brasília e cheguei lá exatamente na hora em que o voo deveria estar partindo para Manaus. Na correria, esqueci meu carrinho para carregar o caiaque e, apesar de contatar, insistentemente a Gol, o dei como perdido.

Mais uma vez a desorganização no atendimento da empresa se fez patente com funcionários desmotivados e irritados atendendo o público. O atraso do voo de Brasília para Manaus foi providencial, permitindo que eu embarcasse sem maiores problemas.

Cheguei a Manaus às vinte e três horas, hora local, com meia hora de atraso. Os Militares designados pelo Cel Abreu, Comandante do Colégio Militar de Manaus (CMM), onde ficarei instalado, estavam me aguardando. Soube, por eles, que a Fabíola já havia chegado a Manaus e estava instalada no Colégio Militar.

Manaus (21.11.2008)

No dia 21, eu e a Fabíola tomamos o café da manhã com o Coronel Abreu. Ele nos apresentou à sua equipe na reunião do bom dia do Comandante. O Abreu se mostrou muito surpreso com o projeto e nos caracterizou como loucos. É lógico que, depois de todo o planejamento e treinamento a que me submeti, a minha avaliação sobre o projeto é bastante diferente.

Saímos, logo em seguida, para fazer algumas compras, tomar um bom suco natural de graviola e realizar os contatos via celular. Devido à chuva intensa, tivemos problemas de ligação com as operadoras locais e não consegui contatar o Cel Ebling, o Comandante da Polícia Militar e os outros elementos importantes.

Após o almoço, passeamos pelo centro de Manaus e mostrei à Fabíola as construções da época áurea da borracha, como o Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça, a Igreja e a Praça de São Sebastião, frontal ao Teatro Amazonas, e seu belíssimo monumento. O prédio da Igreja de São Sebastião tem estilo neoclássico com alguns elementos medievalistas e foi construído em 1888. O monumento no centro da Praça de São Sebastião é consagrado ao ato de abertura do Rio Amazonas ao comércio mundial e foi inaugurado em 1867, por iniciativa do Dr. Antônio Davi Vasconcelos de Canavarro, quando diretor das Obras Públicas.

O monumento traz a figura mitológica de Mercúrio e quatro naves de bronze que representam a Eurásia, África, América, Oceania e Antártida que, infelizmente, só com muita dificuldade se consegue identificar um traço, um detalhe que lembre de fato o continente que as naves deveriam caracterizar. Chamei a atenção dela para o calçamento em torno dessa praça que foi copiada da Praça Dom Pedro IV (Rocio Velho, Lisboa). As ondas pretas e brancas representam, aqui, o encontro das águas do Rio Negro e do Solimões.

Manaus (22.11.2008)

De manhã, saímos para algumas providencias administrativas no chuvoso centro de Manaus. Eu não havia conseguido nenhum contato, as operadoras continuavam com problemas devido às chuvas. Fomos até o Quartel General da Polícia Militar (QGPM), tentar um contato pessoal com o Cel Leão, perto do hotel Kyoto, onde normalmente eu parava com a minha família, no centro de Manaus. Ao chegarmos lá, as instalações do antigo QGPM estavam sendo transformadas em Museu e a Praça Heliodoro Balbi, com mais de um século de existência, conhecida como Praça da Polícia, estava fechada para reformas. Novamente não foi possível estabelecer contato com meu amigo da Polícia Militar.

Manaus é um grande canteiro de obras, as antigas construções estão sendo restauradas, a Cidade cresce e se moderniza a olhos vistos. Passear por aquelas ruas onde eu guardara vivências tão expressivas, o hotel Kyoto, onde ficávamos hospedados, por ocasião dos arejamentos ([19]), quando morávamos no Abonari.

---

[19] Arejamentos: período de seis dias de descanso da labuta mensal ininterrupta na BR 174.

Visitar as ruelas onde fazíamos as compras, os barzinhos, alguns já não existem mais, onde fazíamos as refeições. São memórias bastante importantes, se considerarmos, como dizem, que recordar é viver duas vezes. Foi uma excelente experiência relembrar alguns dos mais felizes períodos de minha existência.

Retornando ao CMM, o Coronel Ebling me telefonou dizendo que estava estacionado ao lado do Colégio com o caminhão e os dois caiaques prontos para se deslocar ao porto e me perguntou se eu queria acompanhá-lo. Nós o acompanhamos e, graças à perícia do motorista, conseguimos chegar, pois nos arredores do porto de Manaus se encontra o mais caótico trânsito que eu já observei em toda a minha vida.

Em janeiro, quando retornamos, o novo Prefeito havia alterado a mão de diversas ruas do centro e a coisa melhorou bastante. Conseguimos chegar até o cais flutuante onde estava ancorada a embarcação da M. Monteiro Comércio de Navegação.

Auxiliamos o carregamento dos caiaques que foram acomodados na parte superior da embarcação, com a promessa de entregarem os mesmos por volta do dia 28 ou 29 de novembro em Tabatinga.

Convidado pelo Coronel Abreu fui, com ele ao almoço com a reserva no Clube Militar dos Oficiais. O ponto alto, como não poderia deixar de ser, foi o discurso do Gen Ex Augusto Heleno Ribeiro Pereira, indiscutivelmente, hoje, a maior liderança do exército brasileiro. O General Heleno citou as duas estratégias fundamentais adotadas na Amazônia Brasileira: a presença, com 28 organizações Militares, e a dissuasão, baseada na capacidade de combate e intervenção.

Ressaltou a qualidade do soldado considerado, incontestavelmente, o melhor combatente de selva do mundo e, em relação às fronteiras, ressalvou ser muito difícil seu controle, mas que temos um sistema de vigilância bastante efetivo nas calhas dos principais Rios penetrantes, mas do ponto de vista do controle de ilícitos transnacionais ainda precisa melhorar muito.

Quanto ao efetivo, sublinhou que o que se deseja é a modernização dos equipamentos e meios de transporte para que se tenha a agilidade e flexibilidade compatíveis com a Amazônia. Quanto à possibilidade de intervenção estrangeira, foi taxativo afirmando que hoje a teoria intervencionista justifica todo tipo de ação pelo mundo.

O General fez duras críticas a certos companheiros da reserva que se transformam em verdadeiros Rambos da oratória e que, quando na ativa, nada fizeram que pudesse comprometê-los. Entrincheirados na reserva, passam a cobrar atitudes mais drásticas dos chefes Militares. O General foi aplaudido entusiasticamente por todos. É impressionante poder observar uma liderança que ultrapassa as fileiras castrenses e galvaniza, de igual forma a sociedade civil.

No almoço, encontrei três diletos amigos da Arma de Engenharia, o General Da Cás, contemporâneo da Academia Militar das Agulhas Negras e meus ex-Cadetes e atuais Coronéis Crisóstomo e Almeida. Visitamos a exposição de um pintor local que, utilizando motivos da região, animais e frutas, construiu uma série de quadros em forma de mandala. Pretendo documentá-la e remeter as fotos para serem apreciadas pelos alunos do Colégio Militar.

Após a visita, fomos tomar um suco num barzinho em frente à galeria, quando ocorreu um *blackout* geral na Cidade de Manaus. Durante uns 30 minutos, a Cidade toda ficou sem luz. Logo após o retorno das luzes, retornamos para o pernoite no Colégio Militar.

Manaus (23.11.2008)

Na manhã de domingo, nos dirigimos novamente à área em torno do Teatro Amazonas para tirar mais algumas fotografias. A rua Eduardo Ribeiro, no centro da Cidade, é interrompida aos domingos e a população toma café da manhã nas barraquinhas montadas no meio da rua. Retornamos ao Colégio para realizar a transferência dos arquivos de áudio e fotos.

Exatamente às 11h30, o Coronel Ebling, como havia prometido, estava nos aguardando na frente do Colégio Militar para nos levar para almoçar num restaurante próximo ao encontro das águas do Rio Negro e do Solimões. Antes, porém, fomos tirar algumas fotos do cais do porto, do cais flutuante construído pelos ingleses.

O cais é uma praça de guerra, os acessos lotados de pessoas e carga que se esbarram, os gritos dos carregadores, é uma confusão só. O velho mercado público está sendo totalmente revitalizado, pude então fotografar apenas a parte das ferragens.

Visitamos o mercado de peixe. Tirando a diversidade fantástica e a qualidade do pescado, a falta de higiene e a sujeira são capazes de afugentar os fregueses e embrulhar o estômago dos mais sensíveis. O mercado não está à altura das tradições pesqueiras e da grandeza de Manaus.

Fomos, então, ao bairro Educandos onde existe uma série de palafitas, estaleiros de barcos e postos de combustíveis flutuantes no Rio Negro.

Em seguida, fomos até o bairro Cachoeirinha observar uma área de Igarapé e palafitas que está sendo totalmente remodelada. Desde 2006, o Governo do Estado do Amazonas vem investindo pesado no Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM).

Os Igarapés são transformados em belos canais a céu aberto, são construídas galerias, vias urbanas, obras de saneamento básico, parques residenciais com áreas de lazer, quadras poliesportivas e pistas de skate. Em Cachoeirinha existe um Presídio em que toda a parede externa foi pintada imitando casarios coloniais.

Depois do passeio, nos dirigimos ao restaurante, onde degustamos pratos à base de tambaqui e pirarucu. Retornando ao CMM, passamos pela imponente igreja de São José dos Operários, para fotografá-la, considerada um dos pontos turísticos de Manaus. O Ebling tem sido nosso ponta de lança nesta operação.

Por volta das 18h30, voltei novamente à galeria, dessa vez com a finalidade de entrevistar o artista plástico José Barbosa Inácio Maciel, o homem das palafitas. Maciel tem vontade, já que serviu na Polícia do Exército, de expor seus trabalhos nos canteiros do Comando Militar da Amazônia.

Vou reproduzir o texto de minhas amigas professoras do Clube de História do Colégio Militar de Porto Alegre Patrícia Rodrigues Augusto Carra e Silvana Schuler Pineda que compilaram das gravações que fiz:

O Cel Hiram Reis e Silva, em visita à Galeria do Largo, galeria de arte localizada na região central de Manaus, teve seu olhar fortemente captado pelas obras criadas pelo artista plástico José Barbosa Inácio Maciel. Gravador e máquina fotográfica em punho, Cel Hiram entrevistou o artista para registrar a sua exposição e, também, a sua história de vida.

Inácio Maciel, como é conhecido, é autor de Palafitas. Tem 43 anos, já foi Guerreiro de Selva e, além de outras profissões que exerceu antes de viver da arte plástica, fez teatro no Rio de Janeiro e teatro de rua em Los Angeles, Estados Unidos. Há 5 anos, Maciel teve a ideia de construir, para o seu gato chamado Esso, uma casinha de madeira [material inicialmente destinado ao descarte].

Esso ganhou uma casinha nova e Manaus, a exposição Palafitas. A maioria das peças da exposição retrata a natureza e/ou denuncia a degradação ambiental da Amazônia. São peças produzidas com material destinado ao descarte. Todo esse material é reciclado e transformado, por Maciel, em arte.

O artista utiliza materiais recicláveis, tais como espetinhos de churrasco, potes de margarina, cabos de vassouras, pó de serragem e pedaços de madeira coletados nas ruas e serrarias de Manaus. O trabalho com madeira parece "*estar no sangue*", uma vez que o pai do artista trabalhava na construção de embarcações no Amazonas.

O artista tem um outro projeto em vista e está em busca de um espaço físico para colocá-lo em prática. Qual é o projeto pretendido? Uma oficina de arte para atender meninas e meninos carentes com o objetivo de oportunizar a estas crianças o desenvolvimento do "*dom de criar*", do talento e do aprendizado de uma profissão.

Palavras do Artista e cidadão Inácio Maciel ao falar sobre o projeto em vista – "*eu não quero o dinheiro; o que falta é o espaço físico para desenvolver o trabalho*".

Uma alternativa pensada para a concretização desse trabalho é o Projeto Palafitas em miniaturas. Este projeto objetiva a divulgação das peças da exposição Palafitas através de imagens fotográficas estampadas em meios impressos institucionais, tais como cartões postais, estampas em geral e material de divulgação de empresas interessadas.

Atingiria, assim, um número considerável de pessoas de diversas culturas, diferentes níveis sociais, conseguindo chamar a atenção para as questões envolvendo a natureza, os riscos da degradação ambiental e, ao mesmo tempo, angariar fundos para custear o projeto social idealizado pelo artista.

Não foi à toa que o olhar do Coronel Hiram foi fisgado pelas Palafitas de Maciel. O professor de Matemática do Colégio Militar de Porto Alegre encontrou, em Manaus, um trabalho artístico que explora elementos que fizeram parte das preocupações cotidianas dos educadores do Colégio Militar de Porto Alegre no ano de 2008 – a sustentabilidade. Assunto de trabalho interdisciplinar, a sustentabilidade gerou discussões, aqui no Colégio porto-alegrense, envolvendo a preocupação com o meio ambiente e as possibilidades de ações concretas e cotidianas para o encontro de soluções para tal problemática.

Hiram encontrou, em Manaus, Inácio Maciel, um homem que, com suas mãos, transforma a densa discussão sobre sustentabilidade em beleza, reflexão e prazer estético. (Professoras Silvana Schuler Pineda e Patrícia Rodrigues Augusto Carra)

Manaus (24.11.2008)

Pela manhã, fui até o Comando Militar da Amazônia (CMA) onde consegui contatar, por volta das oito horas, o General Da Cás. Fui extremamente bem recebido e ficamos conversando, com o irmão de arma, a respeito das questões relativas à engenharia militar, ao Exército Brasileiro e a toda problemática que envolve a Força na Amazônia. O Gen Da Cás fez um relato e projetou um filmete do CComSEx, da Operação Bianca do Ibama em parceria com o Exército Brasileiro.

Fizeram parte da operação quatro helicópteros, duas embarcações de médio porte, tipo ferry-boat, 80 Militares do Exército Brasileiro e 13 agentes do IBAMA.

Em cinco dias de trabalho ao longo dos 380 quilômetros do Rio Puruê, afluente do Japurá, foram apreendidas oito dragas e desmontados dois garimpos fixos que funcionavam em terra firme. Foi uma operação extremamente bem sucedida, uma verdadeira operação de guerra em que foram apreendidas nove balsas. As imagens não tiveram a devida divulgação pela mídia brasileira.

O Gen Da Cás me levou ao gabinete do Comandante Militar da Amazônia, General Heleno, nosso ex-instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras, que cordialmente sugeriu que eu levasse a maleta do SIVAM, para que pudesse me comunicar e, caso necessário, ser resgatado rapidamente, caso houvesse algum imprevisto.

Infelizmente, a maleta era grande demais para os compartimentos de bagagem do caiaque, o seu uso seria aconselhável caso tivéssemos um barco de apoio.

De qualquer forma, agradecemos ao General o empenho dado à missão. Em seguida, o General Da Cás levou-me, então, para o E5 e me apresentou o seu assistente, Major Marujo. Repassei a ele todas as minhas pretensões em relação ao projeto, quando retornasse em janeiro a Manaus já que, nessa oportunidade, pretendia contatar com o IBAMA, FUNAI, CBA, Paranapanema e a Eletronorte.

O Major Marujo confirmou, mais tarde, que já havia mandado ofício para todas as entidades. Falei para o Marujo sobre o desejo do artista plástico Inácio Maciel de expor sua obra no CMA e passei a ele o telefone de contato.

Às catorze horas, fomos levados, pelo Ebling, até o General Jamil Megide Júnior, Comandante do 2° Grupamento de Engenharia de Construção (2° GECnst). O General Megide garantiu-nos total apoio no retorno e disse que tinha no INPA um elemento importante, o Tenente Roberto Stieger, determinando ao seu oficial de relações públicas que fizesse os devidos acertos para que eu entrasse em contato com ele. À noite, mais um passeio e visita ao interior do Palácio da Justiça.

Manaus (25.11.2008)

Por volta das nove horas, entrei em contato com o Ten-Cel PM Rômulo, do Comando do Policiamento do Interior e ele determinou que seu motorista, o Cabo Cosme, me levasse até o QG da Polícia Militar. O TC PM Rômulo, na oportunidade, me apresentou o Sr. Fábio da Siva Cabral, Prefeito eleito da Cidade de Tonantins, que irá assumir a prefeitura em janeiro de 2009. Fábio Cabral colocou à disposição hotel e alimentação gratuitamente quando passássemos por Tonantins.

Na oportunidade, ele redigiu um bilhete para ser apresentado ao seu irmão Álvaro. Retornei ao Colégio para almoçar e, antes, saí para comprar algumas plantas medicinais que o pessoal da Química tinha encomendado para estudar. O almoço, no CMM, contou com a presença do Roberto Stieger que indagou bastante a respeito do projeto e, segundo deu para perceber, tinha severas restrições à execução do mesmo.

Ele nos levou a passear pela Cidade e depois ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) onde fomos apresentados à pesquisadora chefe do laboratório de mamíferos aquáticos amazônicos, Vera Maria Ferreira da Silva. Ele marcou um jantar com a Vera e fomos para a casa do Tenente Stieger onde ele apresentou seu impressionante aparato.

O Stieger tem como missão acompanhar pesquisadores em locais de difícil acesso ou inóspitos além de ser encarregado de realizar o resgate de elementos do INPA e outras instituições que por acaso tenham se perdido na selva. No jantar, a Vera, uma mulher agradável, extremamente inteligente e bem-humorada, ficou de ver se conseguiria autorização para que entrássemos na Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá (RDS Mamirauá). O INPA possui um "*flutuante*" chamado boto vermelho dentro da reserva e ela conhece, pessoalmente, o Gerente Operacional do Projeto, senhor Josivaldo Ferreira Modesto, mais conhecido como "*César*".

Manaus (26.11.2008)

Hoje de manhã tentei, insistentemente, e sem resultado, entrar em contato com a pesquisadora Vera

Maria Ferreira da Silva, do INPA, para informá-la do contato que estabeleci com o Abedelack, auxiliar do Gerente de Operações do Instituto Mamirauá. O Abedelack havia informado que, para liberar a utilização de um flutuante do Instituto, eles teriam de receber uma ordem expressa do Instituto.

Por volta das onze horas, o Coronel Martini me levou até a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) para que eu entrasse em contato com o pró-reitor Dr. Rogélio Casado que queria fazer uma parceria conosco.

Deixei com ele uma cópia do projeto e, depois de conversarmos um pouco e tirarmos algumas fotos, o Rogélio me convidou para fazer palestras a seus alunos nas localidades em que passasse e houvesse instalações da UEA. Fui, então, até o aeroporto para receber o Romeu Henrique Chala e, depois de instalá-lo no Colégio Militar, levei-o até um barzinho próximo ao Teatro Amazonas onde o seu amigo "*peixinho*" e a esposa Kátia o esperavam. A Kátia é jornalista e aproveitou a oportunidade para entrevistar-nos. À noite participei de um jantar de despedida com o Ebling, seu pai, seu primo Paulo Ebling, o senhor Paulo Roberto e o meu ex-Cadete Magela.

Manaus (27.11.2008)

Acordei às 05h30 para ultimar os preparativos da viagem para Tabatinga e fiz o "*Upload*" de arquivos de fotos para o site. Na chegada ao aeroporto, a Fabíola verificou que havia esquecido a carteira com documentos e dinheiro no CMM. Pedi socorro para o Coronel Martini, que se encontrava no Colégio, e ele prontamente resolveu a questão indo pessoalmente levar a carteira da Fabíola.

Embarcamos no horário previsto, 10h10, e cinco minutos depois decolávamos. Minha equipe, mal o avião estabilizou, adormeceu enquanto eu não conseguia despregar os olhos da bela calha do Solimões. Admirava a série de praias ainda existentes tendo em vista que o Rio ainda não alcançara o pico da cheia. Controlando a hora em relação à velocidade do avião, pude comparar, quando a nebulosidade o permitia, mentalmente, o traçado dos mapas com o terreno identificando e confirmando, com meu planejamento, diversos furos importantes que me permitiriam economizar tempo e energia.

Manaus – Reflexões

É interessante como as vivências passadas influenciam nosso modo de ver as coisas, de encarar a realidade. Em Manaus, tudo me fazia recordar os bons tempos, o convívio diário com minha esposa e as crianças nos "*arejamentos*". Sempre comparei minha esposa a uma Valquíria, uma guerreira, que na retaguarda me amparava e estimulava a enfrentar os desafios de uma estrada golpeada pela inclemência das amazônicas intempéries. A Vanessa com quase dois anos e a Danielle com três meses, careciam de atenção especial já que o trabalho me compulsava a ser um pai ausente. Andando pelas ruas, pelos locais de tão gratas lembranças, uma profunda e grata nostalgia invade todo o meu ser. Por isso, talvez, minha visão para as manifestações artísticas tenha sido exacerbada.

Tabatinga

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Tabatinga (27.11.2008)

Em Tabatinga, as experiências são novas, a Cidade, as pessoas são páginas em branco prontas para serem formatadas. Chegamos a Tabatinga por volta das treze horas, hora local.

Além de os celulares não funcionarem, não havia nenhuma viatura militar nos esperando. Tentei, pelo telefone público, ligar para a Polícia Militar, pelo 190, sem sucesso.

Contatei um senhor que ali se encontrava para verificar o que poderia fazer para entrar em contato com o Exército e ele prontamente se ofereceu para me levar, no seu táxi, até o Comando de Fronteira do Solimões (CFSol).

No deslocamento, fiquei sabendo que se tratava do Prefeito reeleito de Santo Antônio do Içá, senhor Antunes Bitar Ruas. O Prefeito disse que já tinha conhecimento do Projeto Desafiando o Rio-Mar e afirmou que nos apoiaria integralmente quando chegássemos à sua Cidade.

O revés sofrido na chegada a Tabatinga foi mais que suprido com mais esta garantia de pousada e alimentação por conta da prefeitura. O Ten-Cel Élcio, Comandante do aquartelamento, ficou bastante irritado com a falha do seu pessoal de relações públicas. Fomos instalados no Hotel de Trânsito, as instalações eram simples, mas bastante confortáveis e higiênicas.

À tarde, fizemos contato com o administrador geral da FUNAI, senhor Davi Félix Cecílio, para dar-lhe ciência de nossa passagem por algumas aldeias ao longo do caminho e pedindo sua autorização para pernoitar nelas. Entreguei a ele um ofício elaborado pela seção de relações públicas do CFSol que ele encaminhou às comunidades informando do nosso intuito.

O Davi foi muito atencioso e identificou um erro de localização da Comunidade em que iríamos parar, no mapa número 03. Tiramos fotos com o simpático administrador e nos dirigimos ao comando da Polícia Militar. O seu Comandante, Coronel Evandro Silva Albuquerque, se prontificou a apoiar-nos e indicou a localização de seus destacamentos.

Retornando ao Hotel de Trânsito, encontramos o Major Gerhardt que havia servido conosco, anos atrás, no Colégio Militar de Porto Alegre. Combinamos nos encontrar, à noite, num barzinho chamado "*Palhoça*" para relembrar os velhos tempos. O pessoal das relações públicas nos deixou em Letícia, na Colômbia.

O movimento de motos nas duas Cidades é impressionante. No retorno, demos uma passada no Hospital Militar para ver se o Gerhardt tinha conseguido algumas vitaminas para os despreocupados companheiros de jornada. Infelizmente o estoque era mínimo e não pôde nos atender.

A grande indignação da população local era em relação a uma recente reportagem sensacionalista vinculada pela grande mídia que havia caracterizado Tabatinga como uma Cidade de marginais e sem lei. Não observei nenhuma diferença, no que tange à violência, das demais Cidades brasileiras.

CORREIO BRAZILIENSE

TERÇA-FEIRA
Brasília, Distrito Federal,
18 de março de 2008
www.correioweb.com.br

LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA
Número 16.375
R$ 2,00 • 58 páginas

EUA alertam o Brasil

DA REDAÇÃO

A descoberta, na sexta-feira, de uma plantação de coca a 150km da cidade de Tabatinga, no Amazonas, despertou o interesse da Agência Federal de Combate às Drogas (DEA, sigla em inglês) dos Estados Unidos. O órgão pediu ontem que as autoridades brasileiras fiquem atentas ao primeiro caso de cultivo da planta encontrado no lado brasileiro do Rio Amazonas. "Não nos parece que o Brasil tornou-se um importante produtor. Mas é preciso que as agências permaneçam vigilantes", declarou o porta-voz da DEA, Garrison Courtney, à agência de notícias *Associated Press*.

De acordo com o 8º Batalhão de Infantaria de Selva (8° BIS), do Exército brasileiro, responsável pela descoberta e queima do material, a área de dois hectares possuía mais de sete mil pés de coca. Até agora, só se registrava no Brasil a presença de uma planta similar, o epadu, menos capaz de produzir cocaína.

Para a DEA, essa é a prova de que a droga, geralmente cultivada em regiões montanhosas de países andinos, tem sido plantada com sucesso em outras áreas, devido ao desenvolvimento de variantes híbridas. "O Amazonas é uma área perfeita, com toda a sua vegetação e zonas desabitadas. Cria uma oportunidade quase perfeita. Os narcotraficantes estão sempre buscando áreas novas", destacou Courtney.

Fronteira

Tabatinga faz divisa com a cidade colombiana de Letícia, e a região é conhecida por ser um canal de livre trânsito, o que facilitaria o tráfico de drogas. No entanto, a zona em que foi encontrada a plantação, ao sul de Tabatinga, é mais próxima à fronteira do Brasil com o Peru.

A descoberta foi feita com a ajuda de imagens de satélite, e os pés de coca já estavam em ponto de colheita. As plantas estavam escondidas sob lavouras de mandioca e abacaxi. Foi encontrado um laboratório e material utilizado no refino da droga — galões de ácido sulfúrico, sacos de cimento, cal e amônia. A pasta base da cocaína seria contrabandeada pelos rios da região até cidades maiores, como Manaus, de onde segue para o resto do país ou para o exterior.

Segundo o delegado-geral da Polícia Civil do Amazonas, Vinícius Diniz, a ação de sexta-feira mostra que a área tem sido monitorada com eficácia. "Eles tentam criar coisas diferentes, mas a integração das forças tem um resultado positivo. Estamos conseguindo mostrar para eles que a região é protegida e, com a união das inteligências (do Exército e da Polícia Civil), chegamos ao êxito dessa operação", avaliou.

Imagem 10 – Correio Braziliense n° 16.375, 18.03.2008

Correio Braziliense n° 16.375 – Brasília, DF
Terça-feira, 18.03.2008

EUA Alertam o Brasil

Da Redação

A descoberta, na sexta-feira, de uma plantação de coca a 150 km da cidade de Tabatinga, no Amazonas, despertou o interesse da Agência Federal de Combate às Drogas [DEA, sigla em inglês] dos Estados Unidos. O órgão pediu ontem que as autoridades brasileiras fiquem atentas ao primeiro caso de cultivo da planta encontrado no lado brasileiro do Rio Amazonas. "*Não nos parece que o Brasil tornou-se um importante produtor. Mas é preciso que as agências permaneçam vigilantes*", declarou o porta-voz da DEA, Garrison Courtney, à agência de notícias Associated Press.

De acordo com o 8° Batalhão de Infantaria de Selva [8° BIS], do Exército Brasileiro, responsável pela descoberta e queima do material, a área de dois hectares possuía mais de sete mil pés de coca. Até agora, só se registrava no Brasil a presença de uma planta similar, o epadu, menos capaz de produzir cocaína. Para a DEA, essa é a prova de que a droga, geralmente cultivada em regiões montanhosas de países andinos, tem sido plantada com sucesso em outras áreas, devido ao desenvolvimento de variantes híbridas.

"*O Amazonas é uma área perfeita, com toda a sua vegetação e zonas desabitadas. Cria uma oportunidade quase perfeita. Os narcotraficantes estão sempre buscando áreas novas*", destacou Courtney.

Fronteira

Tabatinga faz divisa com a cidade colombiana de Letícia, e a região é conhecida por ser um canal de livre trânsito, o que facilitaria o tráfico de drogas. No entanto, a zona em que foi encontrada a plantação, ao sul de Tabatinga, é mais próxima à fronteira do Brasil com o Peru.

A descoberta foi feita com a ajuda de imagens de satélite, e os pés de coca já estavam em ponto de colheita. As plantas estavam escondidas sob lavouras de mandioca e abacaxi. Foi encontrado um laboratório e material utilizado no refino da droga – galões de ácido sulfúrico, sacos de cimento, cal e amônia. A pasta base da cocaína seria contrabandeada pelos rios da região até cidades maiores, como Manaus, de onde segue para o resto do país ou para o exterior.

Segundo o delegado-geral da Polícia Civil do Amazonas, Vinícius Diniz, a ação de sexta-feira mostra que a área tem sido monitorada com eficácia. "*Eles tentam criar coisas diferentes, mas a integração das Forças tem um resultado positivo. Estamos conseguindo mostrar para eles que a região é protegida e, com a união das inteligências [do Exército e da Polícia Civil], chegamos ao êxito dessa operação*", avaliou. (CORREIO BRAZILIENSE N° 16.375)

Tabatinga (28.11.2008)

À tarde, fomos até as instalações da PORTOBRAS e o senhor José, vigia, autorizou nossa entrada. Observamos as embarcações da marinha e algumas voadeiras (lanchas) do CFSol em operação no Rio. Depois tiramos algumas fotos com o pessoal da Vivo e ficamos fazendo "*hora*" até chegar o momento da entrevista na UEA.

Às 17:00h, chegamos à UEA para uma reunião com o gestor senhor Roberto Faria (Duda) e o Suboficial Clementino, da Marinha do Brasil. O Clementino me indicou uma série de contatos com os quais poderia contar ao longo do caminho além de retificar, também, algumas localizações e nomes de localidades nos meus mapas. Ele sugeriu que pernoitássemos no posto da Polícia Federal em vez de fazê-lo em Belém do Solimões. O Clementino nos convidou para um almoço na sua residência, no sábado (29).

À noite, resolvemos jantar em Letícia. Caía uma chuva torrencial e, durante uma breve estiagem, meus afoitos companheiros acompanhados do Major Gerhardt resolveram ir a pé, embora São Pedro desse visíveis sinais de que a chuva continuaria.

Tivemos de parar no meio do caminho, pois a chuva voltara com mais intensidade ainda e, para completar, faltou luz em todo o lado brasileiro da fronteira. Estávamos abrigados tentando conseguir um transporte quando se apresentou um menino dizendo que, por um real, ele conseguiria um táxi. Concordei com a proposta e, depois de algum tempo, apareceu um táxi que parecia ter saído do ferro velho, uma legítima camicleta, caindo aos pedaços, sem forro nas

portas e a porta do lado do copiloto presa com arame. O motorista tinha uma aparência que combinava com seu carro. O restaurante "*Tierras Amazónicas*" é um restaurante exótico, de muito bom gosto.

A Fabíola perguntou ao garçom o que eles tinham de mais típico para se jantar e o rapaz bem-humorado lhe trouxe um gordo e reluzente tapuru vivo ([20]) que ficou passeando pela mesa. Logicamente ela recusou a oferta e resolveu dar uma olhada mais cuidadosa no cardápio.

Tabatinga (29.11.2008)

Hoje de manhã retornamos à Vivo para entregar as fotos que eu havia tirado para serem usadas como propaganda. O objetivo do Romeu, com isso, era conseguir uma assinatura gratuita da Vivo. Eu e o Romeu concedemos uma entrevista para a radialista Lana Micol da rádio Mesorregional do Alto Solimões FM 670 khz e, em seguida, fui entrevistar o Tenente Coronel Élcio. Ao meio-dia, em ponto, o Clementino veio nos pegar para o almoço em sua residência como tinha agendado. A dupla, como bons brasileiros, não se encontrava no Hotel na hora combinada e eu fui sozinho para a residência do Clementino que já estava preparando um enorme tambaqui assado.

---

[20] Tapuru: estágio larvário de um animal invertebrado, encontrado no interior dos cocos de algumas palmáceas como o dendê, a piaçava, o licuri, o inajá e a babaçu. Sua utilização como fonte de alimento foi herdada pelo caboclo e pelo combatente de selva, do costume tradicional indígena das tribos Paracanã, Tirió, Tucano e Ianomâmi, onde é consumido e conhecido, também, com a denominação de naatanga. As tropas de selva do Exército Brasileiro, na época de escassez e em exercícios de sobrevivência, utilizam o tapuru como meio de subsistência e nutrição, pelo seu alto valor nutritivo, sendo uma importante fonte de proteína e carboidratos e um excelente alimento.

Encontrei o Roberto Faria (Duda), diretor da Universidade, e conhecemos alguns amigos como o professor Sebastião Rocha de Sousa da UEA e o senhor Miguel, assessor do Prefeito de Tabatinga.

Durante o almoço, todos deram dicas importantes em relação aos contatos e locais onde parar e possíveis apoios. À noite, fui até uma "*Lan House*" em Letícia, aonde a velocidade da internet era consideravelmente mais rápida, para enviar os arquivos e jantar.

Entrevista com o Ten Cel Antônio Élcio F. Filho

Vou reproduzir, na íntegra, a entrevista do Coronel Élcio procurando mostrar o trabalho hercúleo desempenhado pelos nossos valorosos guerreiros de selva nos confins da Amazônia Brasileira.

> Sou o Tenente Coronel de Infantaria Antônio Élcio Franco Filho, meu nome de guerra é Élcio, sou da turma de 1986 da Academia Militar das Agulhas Negras, AMAN, nasci na Cidade de Alvinópolis, Estado de Minas Gerais, casado, tenho dois filhos adolescentes. Vim para Tabatinga comandar o CFSol, 8° Batalhão de Infantaria de Selva, 8° BIS, organização militar da 16ª Brigada de Infantaria de Selva, 16ª Bda Inf Sl, como um sonho de carreira militar. Vim com a minha família para cá, eu tinha 70 organizações Militares para comandar e essa foi a minha primeira opção. No decorrer da minha carreira, realizei o Curso Básico e Avançado de Montanhismo, Curso Básico Paraquedista, Estágio de Mestre de Salto Básico e Estágio de Mestre de Salto Livre, Curso de Ações de Comando, Curso de Forças Especiais e o Curso de Operações na Selva. Servi no 11° Batalhão de Infantaria de Montanha assim que me formei; de lá fui para a Brigada Paraquedista, Batalhão de Forças Especiais, Escola de Aperfeiçoa-

mento de Oficiais, 2° Batalhão de Infantaria de Selva, em Belém, minha primeira unidade no Comando Militar da Amazônia. Eu já tinha vindo à Amazônia em operações quando estava servindo no Batalhão de Forças Especiais.

Fui, então, designado pelo exército, para uma missão de Paz das Nações Unidas, NU, em Angola onde eu passei um ano. De Angola, eu fui para a Seção de Instrução Especial, SIEsp, da AMAN, onde eu fiquei três anos e meio. Retornei ao Batalhão de Forças Especiais e depois para a Escola de Comando e Estado Maior, ECEME.

Após a ECEME, como integrante do Estado Maior, fui um dos pioneiros na implantação na Brigada de Operações Especiais em Goiânia, onde fiquei por dois anos, retornando à SIEsp, na AMAN, como instrutor chefe e estou agora completando meu 1° ano de comando no CFSol, 8° BIS. A unidade é muito peculiar, somos uma unidade dual, diferente de outras unidades de Infantaria, porque é um Comando de Fronteira e um Batalhão de Infantaria de Selva.

Nós temos a missão de habitar e nos fazer presentes na região de fronteira auxiliando a população, de manter os quatro Pelotões Especiais de Fronteira, PEF, em Palmeira do Javari e Estirão do Equador, na fronteira com o Peru, a sudoeste de Tabatinga, e ao Norte em Ipiranga e Vila Bitencourt, na fronteira com a Colômbia. Nós temos como missão, já que temos populações satélites que se estabeleceram ao redor destes pelotões, suprir, realizar evacuações médicas e realizar o rodízio de nossos efetivos e seus familiares periodicamente.

Em Tabatinga, a peculiaridade da Cidade é que ela se formou em decorrência da Colônia Militar de Tabatinga, criada em 1967.

Era um pequeno povoado do Município de Benjamin Constant e, com a criação da Colônia Militar de Tabatinga, a Cidade foi crescendo e, em decorrência, também a vizinha Letícia que é capital do departamento do Amazonas, da Colômbia. Em 1982, houve a emancipação do Município que, hoje em dia, tem cerca de 40.000 habitantes enquanto o nosso criador Benjamin Constant, tem uns 30.000 habitantes. O Município cresceu no entorno do exército e tem essa consciência. Antigamente era Comando Especial de Fronteira e Batalhão Especial de Fronteira. O Hospital da Guarnição de Tabatinga é um Hospital do Exército e é ele que provê todo o apoio médico do Município. É um grande trabalho que o exército executa na Guarnição. Não há um hospital civil, o Hospital atende pelo SUS em convênio com o Estado do Amazonas com a descentralização de recursos e são os nossos médicos Militares que dão todo esse apoio.

O PEF, tem também um médico, um dentista e um farmacêutico que realizam o pronto atendimento e, eventualmente, um atendimento mais especializado ou, se necessário, orientam nas evacuações. Os elementos de saúde atendem o pessoal militar, seus familiares e a toda população civil que está posicionada ao redor dos pelotões. Esta é a parte do Comando de Fronteira. Como Batalhão de Infantaria de Selva, o BIS realiza anualmente a incorporação com todos os períodos de instrução do ano, instrução individual básica, de qualificação, cursos de formação de cabos e período de adestramento com operações.

Nós também somos encarregados de realizar cursos de Formação de Sargento Temporário, Estágio de Adaptação e Serviço para Médicos, Dentistas, Farmacêuticos e Veterinários, EAS MDFV, que são os elementos de saúde convocados para prestar o serviço militar inicial e que vão mobiliar nossos PEF, nossa Unidade e nosso Hospital.

Eles passam por aqui para fazer o estágio e recebem aquela tintura, aquela primeira formação militar antes de desempenharem suas atividades como militar. Participam também de operações Militares no contexto do Comando Militar da Amazônia e de outras tarefas impostas pela Brigada ou de demandas da nossa região de fronteira. Cabe ressaltar que o exército na região de fronteira, amparado no Decreto n° 3897, de 24.08.de 2001, e das Leis Complementares n° 97 e 117, tem poder de polícia na faixa de fronteira, que é a faixa que vai desde a linha de fronteira até 150 km para o interior do país.

Graças ao poder de polícia, ele pode, por iniciativa própria, ou em cooperação com a Polícia Federal, com a Receita Federal, com o Ibama, e com outros órgãos do Estado, promover ações a fim de coibir ilícitos transfronteiriços sejam eles ambientais, narcotráfico, tráfico de armas, munições, contrabando, descaminho, qualquer tipo de ilícito que ocorra.

Temos ainda o transporte ilegal de madeira e a captura e transporte de animais silvestres. O exército atua em todas estas áreas na faixa de fronteira nos PEF e na Cidade de Tabatinga, trabalhando em conjunto com esses órgãos. No momento, nós estamos realizando uma operação militar – Operação Curare – e estamos em contato estreito com a Polícia Federal, com o Ibama, com a Capitania Fluvial de Tabatinga e a com a Receita Federal. Essa operação visa, como já disse, coibir estes ilícitos transfronteiriços, estamos em pontos de principal afluxo de embarcações e de pessoas na Cidade, próximos aos portos e acessos ao Município.

A ação visa coibir esses ilícitos e estamos aproveitando a oportunidade para desenvolver uma campanha educacional de segurança no trânsito, que estamos fazendo pela terceira vez.

Dessa vez, com uma maior eficiência, já distribuímos 10.800 panfletos orientando sobre a obrigatoriedade do uso do capacete e equipamentos de proteção de uma maneira geral, como calçado fechado, viseira do capacete, uso da jugular, trafegar de farol aceso; no caso dos automóveis, utilização do cinto de segurança, da obrigatoriedade da CNH, portar a documentação do carro legalizada junto ao Detran, Certificado de Licenciamento do Veículo.

Acho que temos colhido significativos frutos.

Tabatinga é uma Cidade que tem tido uma grande incidência de crimes e assassinatos principalmente por pessoas envolvidas com ilícitos e, felizmente, desde que iniciamos a operação, desde zero horas do sábado passado [22/11/2008], até o momento, não ocorreu nenhum crime desta natureza, pelo menos que tenha chegado ao meu conhecimento.

Acredito que a população tem entendido bem e acho que vamos colher frutos para que nós tenhamos um trânsito de paz, um trânsito de mais segurança no Município. A Cidade já é reconhecida, pela mídia nacional, pelo desrespeito às leis de trânsito e pelo não uso do capacete.

Acho que isso é muito ruim, a Cidade tem de ser conhecida pelas suas virtudes e não pelos seus problemas. O uso do capacete, com certeza, vai refletir na segurança das pessoas.

O Hospital não tem condições de realizar uma evacuação, de realizar determinados tratamentos, ele não tem recursos para realizar uma evacuação para aqueles que sofrem traumatismo craniano, o aluguel de uma aeronave UTI custa mais de R$ 30.000,00 e, para se realizar uma evacuação para Manaus, o médico tem de ir junto.

Em consequência do acidente, a pessoa pode ficar debilitada e apresentar sequelas importantes para o resto da vida e, independentemente do custo e do médico ter de acompanhar, de haver internação, depois fazer uma cirurgia, muitos perdem a vida e a vida não tem preço. O problema, então, não é o ônus do aluguel da aeronave e sim a vida humana que nós queremos proteger.

Com relação a outras operações Militares, nós também participamos de um convênio com a polícia civil do Estado do Amazonas na erradicação do plantio de coca na região entre Tabatinga e Palmeira do Javari. A posição estava a cerca de dez quilômetros do Rio Javari para o interior que significa, em termos de selva, um dia de marcha com a tropa considerando operações militares.

Participamos também de um apoio à Funasa na vacinação e no tratamento de saúde indígena com os nossos meios fluviais. Foram empregadas voadeiras com motores de popa e embarcações maiores como o nosso empurrador com balsa e o ferry-boat.

Ficamos 53 dias navegando pelos Rios do vale do Javari, nas terras indígenas, e nos afluentes provendo este apoio logístico de alimentação e de transporte para o atendimento às comunidades indígenas.

Para se ter uma ideia dos riscos que a região nos impõe, dos 24 tripulantes do ferry-boat, contando com o cozinheiro, piloto, 21 pegaram malária nessa operação. Participamos também com a 16ª Bda Inf Sl de uma operação com o Ibama no Rio Puruê de apreensão de balsas que estavam fazendo dragagem e garimpo ilegal de ouro, danificando o meio-ambiente e destruindo a natureza. No momento, estamos realizando a Operação Curare.

Realizamos, também, uma operação de garantia das eleições nos Municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, Atalaia do Norte e São Paulo de Olivença. Só para se ter uma ideia, Belém do Solimões, que faz parte do Município de Tabatinga, fica a mais de seis horas de voadeira de Tabatinga, nossas dimensões são muito grandes. O Batalhão tem uma responsabilidade de 1.632 km de fronteira e a nossa área de responsabilidade é de cerca de 230.000 km², quase o dobro do Estado do Acre. É um trabalho, um desafio muito interessante, tem sido uma experiência muito enriquecedora para mim, para minha esposa e para os meus filhos.

Nós temos tentado da melhor maneira ajudar a população carente com ações cívico-sociais ajudando o pessoal necessitado não só de Tabatinga, mas também nas áreas dos PEF e com isso mostrando o lado da mão amiga do Exército na região. A banda de música é um excelente órgão de comunicação social. A gente ajuda nas escolas nas cerimônias cívicas contando, inclusive, com os irmãos colombianos com quem temos um contato muito amistoso e de reciprocidade.

Nós temos a brigada 26ª que é a Brigada espelho da 16ª Brigada, temos na frente de Ipiranga e na frente de Vila Bitencourt, a cerca de meia hora de embarcação, bases colombianas onde também há uma sadia integração. Próximo a Palmeira do Javari, também a mesma coisa, promovemos o melhor contato. A região da tríplice fronteira tem muitas peculiaridades, muita coisa interessante e não apenas problemas. Tem sido uma experiência muito boa, gratificante, e eu concito aqueles que aceitam desafios e que tenham espírito empreendedor a virem conhecer esta região.

SEEEEELVA! (Cel Antônio Élcio Franco Filho)

Tabatinga (30.11.2008)

Com a chegada dos caiaques a Tabatinga, me empenhei na instalação e teste do sensoriamento remoto no caiaque duplo e o carregamento do material no meu caiaque simples já que todo material coletivo, acampamento, saúde e eletrônicos seriam carregados nele.

Telefonei para o Irmão maçom Regadas, da Skysulbra em Porto Alegre, e ele confirmou que o sensoriamento estava funcionamento perfeitamente.

Oração do Guerreiro da Selva
(Cel Gélio Augusto Barbosa Fregapani)

Senhor!

Tu que ordenaste ao Guerreiro da Selva
Sobrepujai todos os vossos oponentes
Dai-nos hoje da floresta

A sobriedade para persistir
A paciência para emboscar
A perseverança para sobreviver
A astúcia para dissimular
A fé para resistir e vencer

E dai-nos também, Senhor
A esperança e a certeza do retorno
Mas se defendendo esta brasileira Amazônia
Tivermos que perecer, ó Deus
Que façamos com dignidade
E mereçamos a vitória!

Seeeeeelva!!!

Iniciando a Jornada

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Partida (01.12.2008)

Depois de tanto planejamento e treinamento exaustivo, chegou, enfim, o dia de iniciar aquela que talvez venha a ser a maior aventura de minha vida. Saímos às oito horas com um atraso de quase duas horas em decorrência de alguns aspectos logísticos. A Fabíola deixou para arrumar as suas coisas na última hora.

A noite anterior foi sem problemas, dormi bem. Até a largada, eu estava reagindo como se estivesse hipnotizado pelas circunstâncias. Ao iniciar a jornada, porém, entrei em estado de êxtase profundo, era um sonho que se tornava realidade. A velocidade da correnteza ultrapassava os 5,5 nós (10 km/h). O Solimões mostrava sua força, sua pujança. À minha frente, uma Ilha de apenas 15 anos de idade mostrava a dinâmica de um Rio em constante evolução.

Navegar a remo pelas mesmas águas de um Orellana ([21]), de um Pedro Teixeira ([22]), era um

---

[21] Francisco de Orellana: partiu de Quito, em fevereiro de 1541, fazendo parte de uma grande expedição espanhola sob comando de Gonçalo Pizarro com a missão de apossar-se do País da Canela e de procurar o legendário Eldorado. Enfrentando graves problemas de abastecimento, Pizarro toma a decisão histórica de determinar que Francisco de Orellana comande uma tripulação de 57 homens, entre eles o Frei Gaspar de Carvajal, e parte Rio abaixo em busca de gêneros. Os acontecimentos evoluem e Orellana é obrigado a continuar descendo o Rio e a 24 de agosto de 1542, finalmente, chega ao Oceano Atlântico.

[22] Pedro Teixeira: partiu de Belém com destino a Quito, pelo Amazonas, em 28 de outubro de 1637. A expedição era formada por 70 soldados,

privilégio para poucos e eu tinha plena consciência disso. Mantive meu ritmo cadenciado e metódico, mais importante que o chegar a cada destino era observar, comparar, fotografar e estudar cada imagem que era captada pela minha retina.

À Espera de um Milagre

Inicio minha jornada volvendo os olhos aos céus e suplicando ao Grande Arquiteto do Universo que estenda suas bênçãos à minha querida esposa. Só Ele poderá fazer retornar ao seu rostinho aquela jovialidade e alegria que encantou nossos dias até ser vitimada pela doença e pela imperícia de um médico.

Os Golfinhos e o seu Raimundo

Meus parceiros, contrariando o bom senso de acompanhar o navegador, ultrapassaram-me e estão a uns 300 metros à jusante. Ao chegar ao extremo noroeste da Ilha de Aramacá, os botos tucuxis me brindaram com suas alegres evoluções. Eram, pelo menos, duas fêmeas adultas e dois filhotes. Avistei um flutuante ancorado na margem esquerda da Ilha e me dirigi até ele. A forte correnteza dificultou um pouco a aproximação e tive de remar vigorosamente. Fomos recebidos pelo seu Raimundo que nos recebeu

---

1.200 índios e mais de mil civis. Pedro Teixeira foi recebido pelos espanhóis de Quito com surpresa e apreensão, pois desconfiavam das pretensões portuguesas. Embora as duas Coroas Ibéricas estivessem unidas, as autoridades espanholas não se sentiam a vontade com a presença de portugueses em seus domínios, já que este fato atestava a superioridade dos desbravadores lusitanos sobre os espanhóis. A expedição foi recebida com festas, mas incitada a retornar o mais breve possível. Dois jesuítas, um deles Cristóbal de Acuña, foram encarregados de acompanhar Pedro Teixeira na sua volta e de fazer uma descrição pormenorizada da viagem ao governo espanhol.

cortesmente, contou suas proezas em competições de "*canoagem*", exibiu sua galeria de troféus e fez questão de pilotar um de nossos caiaques. Raimundo fabricava as próprias embarcações e se tornara um campeão na modalidade. Ultrapassamos a extremidade Sudeste da Ilha e ancoramos na margem esquerda do Rio, nos arredores na Comunidade conhecida como "*Capacete*". Descansamos um pouco, fotografei um barco de madeira amarrado a uma árvore, algumas embarcações que passavam e borboletas que pousavam nos caiaques atraídas pelo colorido dos mesmos. Os pontos que eu marcara, pelo Google Earth no GPS, estavam totalmente deslocados. Um erro de aproximadamente 1 quilômetro a Sudeste de onde deveriam estar. Descartei o GPS, agora usando-o apenas como velocímetro e passei a me guiar principalmente pela minha velha bússola Silva e as cópias dos mapas do Google. A navegação continuou fácil sem qualquer dificuldade.

Massacre do Capacete

Segundo nosso amigo Álvaro da Silva Cabral, irmão do saudoso Prefeito Fábio da Silva Cabral, de Tonantins, o massacre dos índios Ticuna, também conhecido como "*Massacre do Capacete*", ocorreu em 28.03.1988, na região conhecida como "*Boca do Capacete*", Município de Benjamin Constant. A atabalhoada FUNAI havia iniciado a demarcação da terra Ticuna, e os indígenas se aproveitaram para invadir as terras dos não-índios, que se encontravam ausentes, furtando embarcações, motores de popa e outros artefatos. Antes de se retirar, avisaram às mulheres e crianças que se encontravam na "*Comunidade Capacete*", que retornariam para levar outros materiais, gerando um clima de grande hostilidade por parte dos posseiros que se armaram para recebê-los.

Diário do Pará

Ano V — Nº 1.726 Terça-feira, 12 de abril de 1988 Edição de hoje: 28 páginas em 3 cadernos

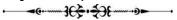
Ticuna vão à forra do massacre e matam jovem de Capacete

BRASILIA (AJB) — O conflito entre posseiros e índios Ticuna — iniciado no último dia 28, quando quatro índios foram assassinados, dez desapareceram, em 23 ficaram feridos num confronto com agricultores e madeireiros no distrito de Capacete, Benjamin Constant, no Amazonas — registrou mais uma vítima. Adenir Felix Vasques, 16 anos, foi morto por um grupo de Ticunas, na madrugada de ontem, quando saía de uma festa no Clube Havaí, centro de Tabatinga. A Polícia Militar não tem dúvidas de que o assassinato foi uma resposta dos Ticunas ao massacre do dia 28 de março.

O capitão da Polícia Militar, Paulo Edson, responsável pelo policiamento da região, teme que novos conflitos entre brancos e Ticunas aconteçam, devido ao clima de forte tensão em Tabatinga (distante duas horas de barco do local do massacre) e em Capacete. Ou que outros assassinatos sejam cometidos, como o de Aldenir Felix, morto com uma punhalada no coração. A polícia já enviou 10 soldados para o distrito de Teresina Terceira — situado na margem oposta do rio Solimões, em frente à Capacete — para dar proteção a 40 famílias de colonos.

A Polícia Federal ainda não sabe quando concluirá o inquérito que apura o massacre dos Ticunas. A prisão preventiva de 10 posseiros e jagunços, acusados da matança, já foi pedida. A PF aguarda, apenas, o pronunciamento da justiça federal de Manaus para ouvir o principal suspeito de ter ordenado a matança — o madeireiro Oscar Castelo Branco. Segundo o assessor de comunicação social da PF, em Brasília, Paulo Marra, o madeireiro será convocado a depor no final do inquérito, pois Castelo Branco não teria participado diretamente da chacina.

Imagem 11 – Diário do Pará n° 1.726, 12.04.1988

Diário do Pará n° 1.726 – Belém, PA
Terça-feira, 12.04.1988

Ticuna vão à Forra do Massacre e Matam Jovem de Capacete

BRASÍLIA (AJB) – O conflito entre posseiros e índios Ticuna – iniciado no último dia 28, quando quatro índios foram assassinados, dez desapareceram e 23 ficaram feridos num confronto com agricultores e madeireiros no Distrito de Capacete, Benjamin Constant, no Amazonas – registrou mais uma vítima. Adenir Felix Vasques, 16 anos, foi morto por um grupo de Ticunas, na madrugada de ontem, quando saia de uma festa no Clube Havaí, centro de Tabatinga. A Polícia Militar não tem dúvidas de que o assassinato foi uma resposta dos Ticunas ao massacre do dia 28 de março. O Capitão da Polícia Militar, Paulo Edson, responsável pelo policiamento da região, teme que novos conflitos entre brancos e Ticunas aconteçam, devido ao clima de forte tensão em Tabatinga [distante duas horas de barco do local do massacre] e em Capacete. Ou que outros assassinatos sejam cometidos, como o de Adenir Felix, morto com uma punhalada no coração. A polícia já enviou 10 soldados para o Distrito de Teresina Terceira – situado na margem oposta do Rio Solimões, em frente à Capacete – para dar proteção a 40 famílias de colonos. A Polícia Federal ainda não sabe quando concluirá o inquérito que apura o massacre dos Ticunas. A prisão preventiva de 10 posseiros e jagunços, acusados da matança, já foi pedida. A PF aguarda, apenas, o pronunciamento da justiça federal de Manaus para ouvir o principal suspeito de ter ordenado a matança – o madeireiro Oscar Castelo Branco.

> Segundo o assessor de comunicação social da PF, em Brasília, Paulo Marra, o madeireiro será convocado a depor no final do inquérito, pois Castelo Branco não teria participado diretamente da chacina. (DIÁRIO DO PARÁ Nº 1.726)

Os Ticuna das Comunidades Porto Espiritual, Porto Lima, Bom Pastor e São Leopoldo tentaram novamente invadir a área e foram recebidos a bala. Quatro nativos morreram na hora, dezenove ficaram feridos e dez desapareceram levados pela correnteza do Rio e nunca mais encontrados.

Ilha de Arariá

Ao Sul da Ilha de Arariá, aportamos num grande banco de areia para repouso. A Fabíola ficou preocupada com as enormes vespas que atacavam seu estoque de frutas e queria partir imediatamente. Resolvemos primeiro esticar as pernas, já que as "*temidas vespas*" não possuíam ferrão. Depois do descanso, afastei as vespas do caiaque e fui navegando de bubuia ([23]) para tirar algumas fotografias à jusante depois de avisar o Romeu que o aguardaria à jusante da Ilha de onde continuaríamos a navegação juntos. A forte correnteza me arrastou até a margem direita da Ilha.

Estava aguardando a dupla quando um piloto que descia o Rio me informou que os mesmos estavam descendo pelo lado oposto da Ilha. Resolvi, então descer o Rio e esperá-los no extremo Leste da Ilha. Lá chegando, as informações obtidas com os ribeirinhos eram as mais desencontradas, uns afirmavam tê-los visto do lado esquerdo da Ilha e outros do lado direito. Não havia o que fazer e parti rumo a Feijoal.

---

[23] Bubuia: se deixar levar ao sabor da correnteza.

Ticunas

Meu contato com os bravos e altivos Ticunas foi extremamente marcante e por isso mesmo dedico grande parte de minhas pesquisas e labor procurando retratar estes guerreiros que representam a maior e uma das mais belas etnias indígenas brasileiras.

Ao contrário de deletérios grupos que se autodenominam como nações, os Ticunas são cidadãos brasileiros com direito de escolher seus representantes através do voto.

A arrogância e o "*apharteid*" que se verifica, sobretudo em Roraima, hostilizando os membros mestiços do grupo não se verifica entre os Ticunas e a sadia miscigenação pode ser exemplificada pela origem dos próprios Caciques: João Farias Filho, da Comunidade de Feijoal, e de seu irmão, em Belém do Solimões que, embora tenham sangue Ticuna por parte de mãe, tem pai Paraense.

Os Ticunas fabricavam um veneno de efeito mortífero, fulminante, conhecido como "*curare*" e que foi chamado pelos tapuias de "*Ticuna*", nome que passou a designá-los. Charles-Marie de La Condamine foi o primeiro cientista francês a participar de uma expedição francesa à Amazônia, enviado em 1735 pela Academia Francesa de Ciências para calcular o diâmetro da Terra no Equador.

O cientista, em 1743, desceu o Amazonas e fez diversas anotações sobre a flora, fauna e costumes dos nativos. Ele afirma, no seu livro, que testou, com sucesso, o veneno fabricado pelos Ticunas em galinhas durante sua estada em Caiena, na Guiana Francesa.

A respeito do veneno, Condamine relata que:

> Esse veneno é um extrato feito por meio do fogo, do sumo de diversas plantas, e particularmente de certos cipós. Asseguram que entram mais de trinta espécies de ervas e raízes no veneno feito pelos Ticunas, que é aquele que experimentei, e que é o mais estimado entre os diversos conhecidos ao longo do Rio Amazonas.
>
> Os índios o compõem sempre da mesma maneira, e seguem sem discrepar o processo que aprenderam de seus antepassados, tão escrupulosamente quanto os farmacêuticos entre nós para a composição da Teriaga de Andrômaco ([24]), sem omitir o menor ingrediente prescrito; sem embargo de que provavelmente essa grande multiplicidade não seja necessária no veneno índio, como no antídoto da Europa. (CONDAMINE)

Os Ticunas são hoje o maior grupo indígena do Brasil com mais de 32.000 pessoas. No Brasil, são encontrados no Estado do Amazonas, ao longo do Rio Solimões em terras dos Municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Fonte Boa, Anamã e Beruri e, fora do Brasil, na Colômbia e no Peru.

Os Ticunas falam uma língua isolada e uma de suas características é de fazer uso de diferentes alturas na voz, o que a classifica como uma língua tonal. Os Ticunas estão organizados em clãs agrupados em metades, que regulam os casamentos. Os membros de uma metade devem casar-se com pessoas da metade oposta, sendo que os filhos herdam o clã do pai.

---

[24] Teriaga: famoso medicamento cuja fórmula era composta por 64 elementos, sendo o mais importante – a carne de víbora. Foi empregada no tratamento de picadas de cobra até final do século XVIII.

Em uma das metades estão agrupados os clãs com nomes de aves – mutum, maguari, arara, japó; na outra metade estão os clãs que possuem nomes de plantas, mamíferos e insetos, como o buriti, jenipapo, avaí, onça, saúva.

Comunidade Feijoal

A população indígena Ticuna da área se mostrava desconfiada com minha presença e as informações quanto à localização da Com. de Feijoal não eram, absolutamente, confiáveis. Conversando, mais tarde, com os Policiais Federais da Base Anzol, eles nos informaram que os traficantes colombianos, procurando passar despercebidos, têm lançado mão de pequenas embarcações, a remo, para suas atividades ilícitas. Só comecei a ter algum êxito quando perguntei pelo professor Henrique, cujo nome tinha sido indicado pelo meu amigo professor Sebastião Rocha de Sousa, da Universidade do Estado do Amazonas, em Tabatinga.

No seu dialeto, alguns jovens tentavam me indicar o rumo a ser tomado. O contato que havia feito com o administrador regional da FUNAI em Tabatinga, o senhor Davi Félix Cecílio, foi de muita valia. Ao chegar, procurei o Henrique, que já tinha sido informado de nossa jornada pelo amigo Davi.

O professor conseguiu que ficássemos instalados no posto da FUNAI, com direito a ar condicionado e banheiro. Meus companheiros chegaram 90 min mais tarde, quando já estávamos providenciando uma voadeira ([25]) e uma equipe de resgate.

---

[25] Voadeira: espécie de canoa, de madeira ou alumínio, dotada de motor de popa, ou rabeta, utilizada para a travessia de Rios.

Após o banho, entrevistei as autoridades da Comunidade, o Cacique João, o encarregado da FUNAI, o Arsênio, o Henrique, dentre outros. Durante as entrevistas, saboreávamos a mapati ([26]).

Os problemas relatados foram, como era de se esperar, referentes à segurança, em decorrência da ação de traficantes e exploradores da mata nativa dentro da área da reserva, à saúde em virtude da falta de medicação no posto da FUNASA e à educação tendo em vista a dificuldade do acesso ao Ensino Superior para os concludentes do 3° ano do Ensino Médio. A principal reivindicação era de uma casa de apoio em Tabatinga onde pudessem ficar alojados quando estivessem cursando a faculdade na UEA, uma reivindicação justa de qualquer sociedade medianamente organizada. Os pontos fortes que observei, junto aos Ticunas de Feijoal, foram o respeito e a confiança depositada nas suas lideranças, a limpeza da Comunidade, o sistema de refrigeração na escola de Ensino Fundamental Marechal Rondon, a água tratada e a energia elétrica.

Um Convite Irrecusável

O Cacique João Farias Filho me convidou insistentemente a permanecer mais um dia na sua Comunidade. Concordei, após comunicar à equipe que isso exigiria de nós um esforço especial no percurso de Belém do Solimões a Santa Rita de Weil já que, para manter a programação, teríamos de suprimir o pernoite na Comunidade de Santa Maria.

---

[26] Mapati (Pourouma cecropiifolia): também conhecida como "*Embaúba de vinho*", ou "*uva da Amazônia*". Os seus frutos maduros são muito apreciados pelo homem e pela fauna. O fruto maduro é preto, a casca tomentosa, a polpa esbranquiçada é doce e saborosa.

Na manhã de 02 de dezembro, saí com o Cacique para conhecer a Comunidade quando tive a oportunidade de conversar com alguns alunos do Ensino Médio que relataram emocionados, em português e na língua nativa, suas angústias ante a impossibilidade de dar continuidade aos estudos. Logo em seguida, chegaram meus parceiros e seguimos com o Cacique e outras lideranças ao sítio do Arsênio onde tivemos a oportunidade de provar algumas das iguarias locais, como o ingá ([27]) e a mapati, observar os frutos de cupuaçu ([28]) e cupuí ([29]), ainda fora da época da colheita, e alimentar os tambaquis e outros peixes no Lago artificial onde são criados.

A Fabíola se envolveu com as crianças e essas a convenceram a se deixar pintar com jenipapo ([30]), afirmando que a tinta sairia depois de uma semana. A cor escura, quase preta, do jenipapo teria atributos antissépticos e agia como protetor solar segundo elas. A nossa parceira permaneceu com a tinta escura na pele por mais de dez dias o que não evitou que ela tivesse sérios problemas com queimaduras pelo Sol.

---

[27] Ingá (árvore da subfamília mimosoideae): comum nas margens de Rios e Lagos, muito procurada pelo homem e pela fauna pela polpa branca e adocicada que envolve suas sementes.

[28] Cupuaçu (Theobroma grandiflorum): é um fruto parente próximo do cacaueiro. A árvore é conhecida como cupuaçuzeiro, cupuaçueiro ou cupu. Os frutos têm a forma esférica ou ovoide e medem até 25 cm de comprimento, tendo casca dura e lisa, de coloração castanho-escura. As sementes ficam envoltas por uma polpa branca, ácida e aromática.

[29] Cupuí (Theobroma subincanum): parente do cupuaçu verdadeiro ao qual se assemelha em aparência é, entretanto, bem menor e, ainda que possua polpa mais saborosa e doce, não tem o aroma do cupuaçu.

[30] Jenipapo (Genipa americana): árvore da família das Rubiaceae de cujo fruto de cor amarelo-pardacenta, muito aromático, se fazem compotas, doces, xaropes, bebida refrigerante e licor. Além disso, é possível extrair do fruto uma tinta preta, muito usada pelos indígenas, há milênios, em petróglifos, cerâmica, cestaria, tatuagens, pintura corporal, etc.

Entrevista com o Cacique João Farias Filho

O Cacique João é um líder nato, exerce sua liderança com muita sabedoria e bom senso. Lúcido e inteligente está a par dos acontecimentos nacionais e internacionais sobre os quais discorre com fluência e conhecimento impressionantes.

> Boa tarde, Coronel! O senhor foi muito bem recebido na Comunidade. Meu nome é João Farias Filho, eu sou o Cacique da Comunidade Feijoal e estou representando mais de duas mil pessoas.
>
> Eu quero levar ao conhecimento de todos que, na nossa Comunidade, embora o senhor tenha elogiado a sua infraestrutura, está faltando ainda muita coisa nas áreas de educação, saúde e saneamento básico. Eu quero levar este recado para que o senhor possa agir pela gente.
>
> Na nossa escola, os alunos não têm espaço para desenvolver suas habilidades, não têm uma área de lazer, uma sala de informática que possam fazer uso após as aulas. Nós já temos computadores, mas falta a conexão com a internet.
>
> Eu queria que o governo auxiliasse nossos mais de mil alunos, oferecendo-lhes outras possibilidades, como cursos profissionalizantes e acesso à internet, para que eles possam verificar como anda o mundo lá fora.
>
> Por isso que nosso jovem, e de outras Comunidades, também, sem maiores perspectivas, acaba por se envolver com as drogas e com a violência.
>
> Nós temos vários projetos para levar avante, e que foram apresentados aos políticos, mas até agora nada foi feito. (Cacique João Farias Filho)

Um Jantar Especial

Comprei traíras e jaraquis ([31]), e o Arsênio nos instou a que os mesmos fossem preparados na sua casa. Deixamos os peixes com ele e fomos nos preparar para o jantar. Chegando à casa do amigo, retiramos os chinelos na varanda e nos dirigimos aos fundos da residência.

A tia do Arsênio preparava o jantar num fogo de chão montado na ampla sala. Conversamos um bom tempo sobre os assuntos mais variados; os amigos Ticunas estavam muito bem informados sobre os problemas nacionais e internacionais pois, como havíamos documentado, quase todas as casas possuíam televisão. A curiosidade maior foi a posição das antenas parabólicas – na horizontal – já que essa era a posição ideal para quem residia nas proximidades da Linha do Equador onde se localizam, geralmente, os satélites geoestacionários.

O Cacique João, evangélico, fez-se presente e, antes da refeição, encabeçou uma prece em agradecimento ao Senhor. Sentados, cerimoniosamente, no chão, consumimos o delicioso jantar preparado pela tia de Arsênio. Durante a refeição, provoquei o Cacique para que nos relatasse algumas de suas lendas e costumes. Ele nos relatou como foi criado o Povo Ticuna e detalhes da festa da Moça Nova. Coletamos informações adicionais em outras aldeias Ticunas e com nosso caro amigo Professor Édison Hüttner. (HÜTTNER)

---

[31] Jaraqui (Prochilodus brama): peixe teleósteo, caraciforme, caracídeo, muito comum no Amazonas, o corpo apresenta listras negras horizontais na parte superior da linha lateral, mais acentuadas na parte posterior. Semelhante ao curimatá.

Povo Ticuna – Mito da Criação

Como as lendas se confundem com a própria origem dos povos indígenas, os quais eram ágrafos, a tradição oral permite, de acordo com a vivência e conhecimento do seu interlocutor, matizá-las, castrá-las ou incrementá-las mantendo intocado apenas o cenário de fundo. Embora tenha ouvido a mesma lenda contada em cinco oportunidades diferentes, em cada uma delas, pude observar novas ou diferentes nuances.

Há, por exemplo, uma divergência muito grande na série de relatos ouvidos desde a morte até a ressurreição de Nutapá. Procurei, então, reproduzir, abaixo, um resumo dos pontos em comum a todas elas, suprimindo os detalhes que não eram similares a todos.

No início, havia uma separação entre Tempo e Espaço. Antes da criação do mundo, no Tempo, Nutapá e sua mulher Mapana viviam às margens do Igarapé ([32]) Eware em lugares distintos, numa época de fartura em que a caça e a pesca eram abundantes. No primeiro dia de caça, os dois se desentenderam e Nutapá amarrou a mulher a uma árvore para morrer, porque ela não tinha órgão sexual para lhe gerar filhos.

Um pássaro, chamado Canã, que sobrevoava o local, se transformou em gente para desamarrar a mulher de Nutapá e, mais tarde, participou do plano de Mapana para assassinar Nutapá. Mapana atirou um ninho de cabas ([33]) nos joelhos de Nutapá quando este retornava da caça.

---

[32] Igarapé: Rio pequeno que tem as mesmas características dos grandes; é, geralmente, navegável; os maiores denominam-se igarapés-açus e os menores, igarapés-mirins.

[33] Caba (vespa): insetos himenópteros, vespídeos.

Nutapá foi ferroado pelos animais em ambos os joelhos. Um grande tumor se formou nos joelhos ferroados e o grande chefe mandou cortar a ferida para ver se havia algum bicho dentro. Nos tumores estavam dois meninos e duas meninas fazendo zarabatanas, flechas, alforjes, venenos e muitas outras coisas.

Nutapá tirou do joelho direito um casal de crianças; chamou o menino de Djói e a irmã dele de Movaca. Do joelho esquerdo um outro casal que ele batizou de Ipi e Aucana. Djói fabricou a zarabatana e o curare, e Ipi o arco e a flecha.

Aucana fabricou o cesto e a bolsa, e Movaca a maqueira ([34]) e a peneira. As crianças foram os artífices de todos os objetos que os Ticunas usam até hoje. Um dia, quando os meninos pescavam com Nutapá, este foi engolido por uma onça depois de ter cruzado uma pinguela sobre o Igarapé Eware.

Djói e Ipi tentaram rastrear a onça e, como não conseguissem, voltaram ao local de travessia e passaram no tronco, estendido sobre o Igarapé, gosma do peixe Matrinchã e de frutas.

Enquanto esperavam a volta do animal, faziam piranhas – pretas, vermelhas, brancas, afiando os seus dentes como haviam afiado os seus. Quando a onça tentou passar pelo tronco, escorregou e caiu na água, e as piranhas a mataram.

Djói e Ipi secaram o Igarapé, tiraram o couro da onça e recolheram do seu estômago os pedaços de Nutapá, levando-os para casa e ressuscitaram o ancião.

---

[34] Maqueira: rede artesanal.

A copa da grande samaumeira ([35]) cobria o mundo, escurecendo tudo, e os irmãos Djói e Ipi tentaram abrir um buraco na copa da árvore, jogando-lhe caroços de arara-tucupi ([36]) e, como não conseguissem, chamaram o pica-pau, que tentou, em vão, cortar o duro tronco com o bico. Resolveram então tirar o machado da cutia arrancando-lhe a perna de trás, que era o seu machado. Ipi começou a cortar a árvore, mas o corte tornava a fechar.

Djói resolveu tentar e, com ele, o corte se mantinha aberto. Depois de cortar um bocado, passou o machado a Ipi, que continuou a cortar e, agora, para seu espanto, o corte não se fechava mais. O corte era profundo e, mesmo assim, a árvore não caía.

Os irmãos olharam para cima e viram que era uma preguiça que a sustentava. Chamaram o acutipuru ([37]) pequeno para subir e tirar a mão da preguiça do galho. O acutipuru subiu com formigas de fogo para jogá-las nos olhos da preguiça e conseguiu atingir-lhe os olhos. A samaumeira caiu e, daí por diante, se pôde ver o Sol, o céu, as estrelas. A recompensa do acutipuru foi casar com a irmã dos meninos.

---

[35] Samaúma ou Sumaúma (Ceiba pentranda): considerada, pelos nativos, como a "*rainha da floresta*". Os indígenas a consideram a "*mãe-das-árvores*". Conhecida como "*Árvore da Vida*" ou a "*escada do céu*". É uma das maiores árvores do mundo, atingindo 90 m de altura. Suas sapopembas, além de ornamentais, podem ser transformadas em habitações pelos povos da floresta.

[36] Arara-tucupi (Parkia pendula): conhecida vulgarmente como angelim-saia. É encontrada em toda a Amazônia Brasileira e possui madeira com características atrativas para o mercado madeireiro.

[37] Acutipuru (Sciurus vulgaris): admirado pelo seu aspecto peculiar, o serelepe ou esquilo brasileiro, também é conhecido na região por caxinguelê, caxinxe, catiaipé, quatimirim, quatipuru, acutipuru. O serelepe é um animal arborícola, vive nas copas das árvores. As sementes, insetos e frutas são as principais fontes de alimentação. Quando adulto, seu corpo chega a medir 25 cm e o rabo, de 25 cm ou mais.

Djói, usando isca de macaxeira, foi até o Igarapé Eware e pescou peixes que transformou em gente logo que eram retirados da água, criando, assim, o povo Maguta, que significa "*povo pescado do Rio*", os ascendentes dos Ticunas.

Festa da Moça Nova

A Festa da Moça Nova, ou seja, da menina que se torna mulher, para os Ticunas é muito importante, pois eles consideram a fase da puberdade muito perigosa, período em que as jovens podem ser influenciadas por maus espíritos. O ritual tem por objetivo iniciar as meninas-moças na vida adulta e, como verificamos, é composto por eventos expressivos:

Clausura – construção do local (turi) onde a menina ficará isolada;

Convite – aos Ticunas de outros clãs;

Mascarados – representando seres mitológicos;

Músicas e instrumentos musicais – selecionados especificamente;

Ornamentos – carregados de profundo significado;

Pelação – momento em que os cabelos da moça nova são arrancados;

Pintura Corporal – da Moça Nova e dos convidados;

Purificação – representada pelo banho.

A partir da primeira menstruação, a menina é conduzida para um local reservado (turi), construído para este fim, com esteiras ou cortinados, sem aberturas a Este ou a Oeste, de acordo com o seu clã, onde permanecerá enclausurada por um longo período, podendo se comunicar somente com a mãe e a tia paterna.

Neste período, receberá as orientações necessárias de caráter místico e profano para que possa conduzir com eficiência sua vida dali por diante. O objetivo desse procedimento é estabelecer uma nova família enquanto os parentes se encarregam de convidar os Ticunas de diversos clãs para o evento. O pai, uma semana antes do evento, se dedica a estocar grande quantidade de caça e pesca, as quais serão moqueadas ([38]) para resistir até o dia da festa, ocasião em que será consumida grande quantidade de comida e pajuaru ([39]). A cerimônia começa oficialmente com um brinde de pajuaru na casa do pai da moça.

Os parentes e convidados pintam o corpo com jenipapo. A tia da moça traz feixes de fibras de palmeiras [babaçu, buriti ([40]) e tucum], que simbolizam a fertilidade, e serão utilizadas nas danças tribais.

Durante o corte do tronco de envira, de onde se tira o material para tecer o cocar, os convivas entoam melancólicas cantigas, e o Curaca ([41]) realiza rituais de pajelança para atrair os seres da floresta e alimentá-los. Os mascarados surgem quando a moça sai da reclusão para a primeira pintura corporal pela manhã. As máscaras são confeccionadas de acordo com a realidade de cada comunidade e imitam entidades ou animais.

---

[38] Moquear: assar a caça ou a pesca com o couro em um gradeado de madeira ou diretamente sobre as brasas. Após ser submetido a esse processo, o produto pode ser consumido até em uma semana.

[39] Pajuaru: bebida inebriante feita da mandioca fermentada e azeda.

[40] Buriti (Mauritia flexuoxa): presente nas várzeas e margens dos Igarapés, a palmeira é conhecida como coqueiro-buriti, miriti, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu, carandaí-guaçu. Fornece a palha para cobrir cabanas e, do broto, tira-se a envira, fibra que serve para tecer redes, tapetes e bolsas.

[41] Curaca: chefe temporal das tribos indígenas brasileiras.

Representam os espíritos demoníacos que, num tempo mítico, massacravam os Ticunas. Essas máscaras lembram à jovem índia que o perigo existe.

Mawü – mãe dos ventos e dos morros;

O'ma – mãe da montanha e da tempestade;

Toü – os micos;

Yurwü – parente do demônio.

As senhoras de seu clã iniciam a pintura com um sabugo de milho que molham na tintura e passam pelo corpo da moça, de cima para baixo, em duas grandes linhas curvas, abertas, para fora, na frente e atrás. O rosto é pintado em linhas que cobrem a face e a testa. Depois de seca a primeira pintura, derramam tinta de jenipapo no corpo da moça espalhando-a com as mãos, escurecendo totalmente o tronco. O objetivo da pintura é criar uma nova pele que, ao ser removida naturalmente, carrega com ela todas as mazelas passadas, simbolizando o renascimento de uma nova fase. Por volta do meio-dia, as mulheres mais velhas, incluindo a mãe e a avó, vão até o turi colocar os adornos na Moça Nova e pintá-la. Cada ornamento tem uma preparação bastante elaborada e um significado muito especial:

Coroa de Penas Vermelhas de Arara – as penas de arara vermelha representam o Sol e têm poderes sobrenaturais já que, normalmente, é usada pelo Curaca. A coroa é confeccionada com a fibra do tururi ([42]) e possui duas pontas das asas da arara.

---

[42] Ubuçu ou Buçu (Manicaria sacifera): palmeira com frutos em forma de cocos pequenos, da família das Palmáceas, abundante nas margens das várzeas e Ilhas da Amazônia. A palha é utilizada por ribeirinhos na cobertura de casas. O cacho que pende da palmeira é protegido por um invólucro semelhante a um saco de material fibroso e resistente chamado de tururi.

É colocada na testa da Moça Nova, de maneira a cobrir-lhe os olhos, para que ela não possa ver.

Tanga Vermelha – feita pela avó ou pela mãe; deve ser pintada com folhas de crajiru ([43]), semente de urucum ([44]) ou com a fruta da pacovan ([45]). O vermelho representa a vida, o sangue; sobre essa tanga, a menina usa uma pequena tanga de miçangas coloridas.

Colares – cruzados à altura do peito servem apenas de adorno. As penas de arara têm um significado especial, pois representam o Nutapá e o seu uso representa que somos feitos à imagem Dele.

Braçadeiras e Perneiras – feitas de penas e fios, são colocadas nos braços e nas pernas.

Depois da colocação de todos os adornos, é a hora da terceira pintura. Os braços são enfeitados com penas coladas ao corpo. A substância colante, nas cores vermelha e azul, é feita de urucum e resina de madeira. Agora a Moça Nova pode, finalmente, sair do seu turi. E sua chegada à sala de festa ocorre de forma especial, dançando com pessoas da família, conduzida

---

[43] Crajiru (Arrabidaea chica): as folhas trituradas, esmagadas em água, cozidas ou cruas, rendem uma tintura marrom ou enegrecida usada pelos Ticunas em pintura de vestuário e da face.

[44] Urucum (Bixa orellana): seu nome popular tem origem na palavra tupi "*uru-ku*", que significa "*vermelho*". De suas sementes extrai-se um pigmento vermelho usado pelas tribos indígenas como corante e como protetor da pele contra os raios solares intensos.

[45] Banana Pacovan (banana-chifre-de-boi, banana-comprida ou banana-da-terra): são as maiores bananas conhecidas; chegam a pesar 500g cada fruta e a ter comprimento de 30 cm. É achatada num dos lados, tem casca amarelo-escura, com grandes manchas pretas quando maduras; a polpa é consistente, de cor rosada e textura macia e compacta, sendo mais rica em amido do que açúcar, o que a torna ideal para cozinhar, assar ou fritar.

por alguém especialmente escolhido para essa tarefa. É um momento muito esperado por todos. Juntam-se a eles muitos dos convidados e continuam dançando.

Ao chegar à parte externa da casa, o condutor inclina a cabeça da moça nova para trás, fazendo com que o rosto dela receba a luz do Sol, a mesma que ela tinha ficado sem ver durante a reclusão. Os convidados continuam dançando em volta da casa, de braços dados, em grupos de quatro a seis pessoas, deslocando-se para frente e para trás.

Pelação – a pelação significa renovação, mudança, pois a menina já se tornou moça. Ela deve retirar todo o cabelo para renovar-se e redimir-se das faltas cometidas, e para ser incentivada a assumir uma postura de pessoa adulta.

O processo de retirada dos cabelos é manual, sendo arrancados em pequenas mechas. A Moça Nova é sentada sobre um tapete de palhas no centro da sala enquanto, ao seu lado, todos os participantes da festa dançam, tocam instrumentos e bebem pajuaru. A Moça Nova também bebe o pajuaru antes da pelação.

Os adornos são retirados e os mais velhos começam a retirar o cabelo da Moça Nova. Vão retirando as mechas e entregando ao tio ou ao avô dela. Durante a pelação, explicam-lhe as razões do ritual, invocando a história do seu povo. Explicam que, para se tornar uma nova pessoa, para iniciar uma nova vida como adulta, é preciso que o corpo passe pelo sofrimento que ela está passando. O ritual não é só para garantir a limpeza do corpo para entrar na vida adulta, mas também uma homenagem às entidades sobrenaturais.

Eventualmente, o couro cabeludo pode ser preparado para que a moça não sinta tanta dor. Uma semana antes da festa, tira-se a casa da tucandeira ([46]), faz-se uma pasta, com os filhotes e as formigas, que é colocada na cabeça da Moça. Esta técnica vai diminuir a dor e facilitar a retirada dos cabelos.

A última mecha de cabelo é tirada pela pessoa escolhida, podendo ser o tio ou o avô, ou outra pessoa idosa.

Depois de concretizada a pelação, os adornos são recolocados, e o tio ou avô dão algumas voltas pelo interior da casa com a Moça Nova. A festa dura três dias e três noites e os participantes dançam e batem tambores e repetem o ritual da bebida diversas vezes. A bebida é servida na mesma cuia para todos.

No final da festa, o turi é destruído e a Moça Nova é conduzida para um Igarapé ostentando toda a decoração corporal. A ornamentação é retirada e ela mergulha dando duas voltas em torno de uma flecha fincada no Igarapé. O ritual tem o objetivo de preservá-la dos perigos da vida. Depois do banho, o cerimonial é considerado concluído. Ela vai para casa se alimentar e descansar. Quando acordar, ela irá colocar um lenço branco na cabeça que só deve ser retirado quando o cabelo crescer.

---

[46] Tucandeira (Paraponera clavata): inseto himenóptero classificado na grande família dos formicídeos, subfamília das poneríneas. De cor preta, chega a medir 25 mm de comprimento. É conhecida como tocandira, tucanaíra, formiga-agulhada, formiga-cabo-verde, formiga-de-febre, formigão e outros nomes. Habitante da selva, a tocandira constrói ninhos subterrâneos na base das árvores, cujas copas utiliza para forragear. As picadas causam manchas e calombos na pele, mal-estar generalizado e vômitos.

Spix – "*Viagem pelo Brasil*"

Em 1817, Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich Philipp von Martius chegaram ao Brasil integrando uma das mais famosas das expedições científicas que visitou o país no século XIX. A missão austríaca acompanhava a comitiva da arquiduquesa Carolina Leopoldina, que vinha da Áustria para contrair matrimônio com Sua Alteza Real D. Pedro de Alcântara, primeiro herdeiro de Portugal, Brasil e Algarve.

Os pesquisadores Spix e Martius, após percorrerem grande extensão do território brasileiro, seguem juntos para Belém. Subiram, então, o Amazonas até a Cidade de Tefé, onde se separaram e Spix segue pelo leito do Solimões, até o Peru. Spix faz um relato, no seu livro "*Viagem pelo Brasil*", a nosso ver, contraditório, a respeito de um evento que se assemelha à pelação do ritual da Festa da Moça Nova, exceto pela idade da criança. Devemos, por isso, sempre manter nosso espírito crítico alerta, mesmo lendo notas ou crônicas de personalidades do nível de um Spix.

> Apenas desembarcaram, ouvi uma atordoadora música, e presenciei a festa, para a qual tinham vindo de suas matas esses índios. Consistia a cerimônia em arrancar a cabeleira de uma criança de dois meses, entre danças e música. Os índios haviam convidado para isto os vizinhos, tocando numa buzina de caniço grosso, e festejaram a bárbara solenidade com dança bacânica, excitando-se cada vez mais aos goles de uma bebida fermentada, feita com a raiz do aipim doce [macaxeira]. Formavam um verdadeiro préstito. Aquele que figurava o diabo Jurupari, com máscara de macaco, abria a marcha; a cauda do seu vestido, feito de entrecasca, era levada por duas pequenas índias.

Imagem 12 – Cerâmica Ticuna (Comunidade Feijoal)

Em seguida, vinham outros mascarados, um figurando um veado, outro um peixe, um velho tronco de árvore, etc. Fechando a procissão, vinha uma mulher velha, feia, toda pintada de preto, que batia monótono compasso numa casca de tartaruga.

Nesse préstito, os indivíduos dançavam e pulavam como bodes, parecendo fantasmas ou malucos. Um desses horrendos comparsas dirigiu-se logo para mim e queria arrancar-me os botões luzidios do paletó, parecendo-lhe um conveniente enfeite para as suas orelhas. O espantoso espetáculo dessa bárbara festa, na qual muitas vezes a criança morria, durou desta vez três dias e três noites consecutivas. Outras festas são celebradas pelos Ticunas, quando se furam as orelhas da criança, e quando as raparigas chegam à puberdade. (SPIX & MARTIUS)

Bates – "*Um Naturalista no Rio Amazonas*"

Depois de permanecer com os Ticunas, em São Paulo de Olivença, durante cinco meses, Bates, em seu livro, "*Um Naturalista no Rio Amazonas*", relata:

> Os Ticunas se sobressaem entre todas as tribos na manufatura de objetos de barro. Fabricam potes de boca larga, para o tucupi ([47]) e a caiçuma ([48]) – ou molho de mandioca – com capacidade para vinte ou mais galões, ornamentando-os na parte externa com listras diagonais cruzadas de várias cores. Esses potes, juntamente com panelas, vasos pequenos para água, zarabatanas, carcases, sacolas de matiri contendo vários objetos, cestos, peles de animais e muitas coisas mais constituem o principal mobiliário de suas choupanas, tanto das grandes quanto das pequenas. Os seus chefes, quando morrem, são enterrados no chão de suas choupanas, com os joelhos dobrados, dentro de grandes vasos de barro.
>
> Os Ticunas se entregam às danças semirreligiosas e às bebedeiras rituais – comuns às tribos sedentárias do Amazonas – com muito mais desregramento do que a maioria das outras tribos.

---

[47] Tucupi: molho de cor amarela extraído da raiz da mandioca brava, que é descascada, ralada e espremida (usando o tipiti). Depois de extraído, o molho é colocado para descansar para que o amido se separe do líquido (tucupi). Muito venenoso devido à presença do ácido cianídrico, o líquido é cozido, por horas, para eliminar o veneno podendo, então, ser usado na culinária.

[48] Caiçuma: para preparar a caiçuma, deve-se descascar e lavar a macaxeira e cortá-la em pequenos cubos que são colocados numa panela com água e cobertos com folhas de bananeira, para cozinhar. Após o cozimento, amassa-se bem a macaxeira com uma colher de madeira e deixa-se a massa esfriar. Depois a macaxeira cozida é mastigada até que adquira a consistência de uma pasta. Coa-se a pasta. Acrescenta-se um pouco de água, e a caiçuma está pronta para ser consumida. O grau de fermentação depende do tempo destinado a isso; quanto mais tempo, maior o teor alcoólico.

O Jurupari ([49]), ou Demônio, é o único ser superior de que eles têm alguma noção, e seu nome está associado a todas as cerimônias, porém é difícil determinar quais os atributos que eles lhe dão. Parece que o consideram simplesmente como um espírito entre travesso e maligno, o qual se acha por trás de todos os malfeitos que acontecem em sua vida diária, e cujas causas não se tornam imediatamente óbvias para o seu curto entendimento.

É inútil tentar arrancar alguma informação de um Ticuna sobre esse assunto; ele assume um ar de grande mistério e dá respostas inteiramente confusas às perguntas. Era evidente, entretanto, que a ideia de um espírito benfazejo, que agisse como um Deus ou Criador, ainda não tinha entrado na mente desses indígenas.

Há uma grande similaridade nas cerimônias e rituais de todas as tribos, quer se trate de uma festa de casamento, da maturação das frutas, do corte ritual do cabelo dos filhos ou de uma festa organizada simplesmente para satisfazer o seu gosto pela orgia. Algumas das tribos se paramentam, nessas ocasiões, com vistosas penas de papagaios e araras.

---

[49] Jurupari: é tão marcante a presença de Jurupari, que nem o tempo, nem os próprios missionários conseguiram apagar, do peito do índio, o sinal profundo do seu mito. Mesmo com nomes diferentes, Jurupari aparece na tradição de todos os índios que habitam a grande bacia. É consenso de que, em uma época que já vai longe, ele foi colocado no Grande Vale, a fim de cumprir uma relevante missão junto aos índios. Segundo a vontade de Tupã, Jurupari nasceu de Ceuci, a mãe virgem. Era uma criança inteligente e bonita. Já, aos 10 anos de idade, assombrava a todos, pelos seus dotes de inteligência e pela força irresistível de seus argumentos. O menino foi crescendo. De toda a redondeza, acorriam guerreiros famosos às montanhas do Canuké, ávidos de escutar as palavras do jovem. Jurupari, bem cedo se revelou um profeta – ditava as leis, revelava os segredos da agricultura, determinava as regras de conduta, julgava os assuntos mais complicados e, noite e dia, espalhava sua doutrina. (Altino Berthier Brasil)

O chefe usa um cocar feito com as penas do peito do tucano, presas a uma rede tecida com a fibra de uma bromélia. Esse cocar é encimado por um penacho feito com as penas da cauda da arara. As faixas que cingem seus braços e pernas são também ornadas com feixes de penas. Outros usam trajes mascarados, compostos de longas capas que vão até abaixo dos joelhos e feitos com a fibra esbranquiçada da entrecasca de uma certa árvore; essa fibra é tecida de forma tão regular que se assemelha a um pano.

A capa cobre, também, a cabeça, e possui dois orifícios para os olhos. Dois pedaços de tecido, esticados sobre um aro de madeira flexível, são costurados dos dois lados da cabeça para representar as orelhas. As feições são pintadas no pano de maneira exageradamente grotesca, com fortes riscos amarelos, vermelhos e azuis. Os trajes são costurados com linha feita da entrecasca da uaicima. Às vezes são usadas, nessas ocasiões, máscaras grotescas representando cabeças de macaco ou de outros animais, as quais são feitas esticando-se um couro ou pedaço de tecido por cima de um cesto, que serve de armação.

A máscara maior e mais horrenda é a do Jurupari. Metidos nesses trajes festivos, os Ticunas executam suas monótonas danças, que se resumem num sapateado e no balanço do corpo de um lado para o outro, ao som de cantos e de instrumentos de percussão. Isso se prolonga por três ou quatro dias e noites, ininterruptamente, durante os quais eles ingerem enormes quantidades de caiçuma, além de fumarem e cheirarem pó de paricá ([50]).

---

[50] Paricá ou Epena: é um rapé feito com as cascas de várias espécies de Virola. As cascas e raízes da árvore são retiradas, maceradas, e o líquido é cozido até formar uma espécie de resina espessa. A resina é deixada para secar e, por vezes, é misturada a extratos de outras plantas para o preparo de um rapé a ser usado em rituais.

Não consegui apurar se havia algum significado simbólico mais profundo nessas danças com máscaras, nem se elas celebravam algum evento da história da tribo. Algumas delas parecem vagamente propiciatórias a Jurupari, mas o índio mascarado, que representa o demônio, muitas vezes se embriaga junto com o resto e nunca é tratado com reverência especial.

Pelo que pude averiguar, esses índios não preservam a lembrança de eventos anteriores à época em que viveram os avós. Quase toda data jubilosa é motivo para um festival, inclusive os casamentos.

Quando um rapaz deseja casar-se com uma moça Ticuna, tem de pedir a mão dela aos pais, que, em seguida, cuidam de todos os preparativos e marcam a data da cerimônia. Quando me achava em São Paulo de Olivença, foi realizado um casamento na semana do Natal. Comemorou-se o evento durante três ou quatro dias com grande animação; nas horas mais quentes do dia, o entusiasmo arrefecia um pouco, mas logo recrudescia ao cair da tarde.

Durante todo o tempo, a noiva, enfeitada de penas, permaneceu sob a guarda das índias mais velhas, cuja função parecia consistir em manter diligentemente o noivo à distância, até o final do cansativo período de danças e bebedeiras.

Os Ticunas têm o singular costume – juntamente com os Colinas e os Maués – de tratar as mocinhas da tribo, no momento em que se tornam púberes, como se elas tivessem cometido um crime. Elas são levadas para o jirau, junto ao teto sujo e fumarento da choupana, e mantidas ali, às vezes, durante um mês, em regime de fome. Contaram-me que uma pobre moça morreu ao ser submetida a esse tratamento. (BATES)

Drogas

Embora nas aldeias pelas quais passei não tenha constatado o uso de drogas pelos mais jovens, soube, pelo Cacique João, da Comunidade Feijoal, que este flagelo atinge a sua Comunidade e pela Polícia Federal que, na Comunidade *"Umariaçu 2"*, as drogas vêm trazendo graves problemas.

O Cacique Manoel Nery teve um filho esfaqueado nas costas como vingança por ser ele um dos que condenam abertamente o uso das drogas.

O Cacique Manoel Nery declarou que:

> A FUNAI não faz nada. Só o que faz é demarcar área junto com o Governo Federal e fazer a fiscalização.

Para o Cacique, o que leva os jovens a se envolver com as drogas é a falta de perspectiva de futuro, depois de concluírem o Ensino Médio, oferecido na aldeia:

> Eles concluem o Ensino Médio e não têm profissão, não têm trabalho nenhum. Não têm ajuda dos políticos para estudar fora, na capital ou em outro país. Não têm bolsa na universidade. Então a gente está sem caminho, enquanto a Comunidade está sofrendo.

Drogas nas Comunidades Indígenas

O administrador regional da FUNAI, em Tabatinga, senhor Davi Félix Cecílio, afirmou que a cocaína está presente em quase todas as 230 Comunidades sob sua jurisdição, onde vivem cerca de 54.000 índios.

O FLUMINENSE

Alberto Torres (1954-1998) Niterói, sexta-feira, 21 de março de 2008 • ANO 130 – Nº 38.251 www.ofluminense.com.br R$ 1,00

Aumenta suicídio entre índios

Uso de drogas e bebidas, associado à falta de trabalho, teria levado cerca de 40 jovens a se matarem em uma área indígena amazonense

• Uma mistura explosiva incluindo uso de cocaína e álcool, associada à falta de trabalho está provocando uma rápida deterioração da vida e dos costumes em uma área indígena na cidade amazonense de Tabatinga e levando dezenas de índios ao suicídio. Esta é a avaliação do cacique Manoel Nery Tikuna, que chefia a aldeia Umariaçu 2.

Segundo ele, desde 2001 mais de 40 jovens se mataram na aldeia, que abriga 3.640 índios da etnia Tikuna, às margens do Rio Solimões. O número de suicídios foi maior entre 2001 e 2004, quando 36 índios se mataram, segundo o cacique, e depois parou até 2006. Porém, novos casos voltaram a acontecer em 2007, com duas mortes, e outras duas em fevereiro deste ano, afirmou Manoel Nery.

"É uma coisa que entristeceu a comunidade, porque a juventude está nesse caminho", comenta o líder tikuna. "Essa droga nós não conhecíamos. Chamam de papeleta. Eles têm desejo e compram. Vendem enrolado em um papel e eles usam. É cocaína."

Mas o número de mortes por suicídio varia segundo outras fontes ouvidas. Para o administrador regional da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Tabatinga, Davi Félix Cecílio, as mortes por esta causa em Umariaçu 2 foram 16 no ano passado.

Já a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) não registrou nenhuma morte por suicídio na mesma aldeia em 2007, mas contou 19 suicídios em toda a região do Alto Solimões, o que representa um brutal aumento em relação aos anos anteriores. Segundo a Funasa, em 2003 houve seis suicídios; em 2004, dois; em 2005, seis; e em 2006, cinco. ■

Imagem 13 – O Fluminense n° 38.251, 21.03.2008

CORREIO BRAZILIENSE

LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND
QUARTA-FEIRA • Brasília, Distrito Federal, 22 de abril de 2009 www.correiobraziliense.com.br Número 16.774 • 64 páginas • R$ 2,00
EXEMPLAR DE ASSINANTE • VENDA PROIBIDA

CRIMES NA ALDEIA

Índios criam delegacia própria

Indígenas da etnia ticuna decidiram combater o crime com as próprias mãos e criaram há quatro meses uma delegacia na aldeia Umariaçu, em Tabatinga, cidade a 1.105km de Manaus. Vestindo fardas desenhadas pelos próprios índios, os "policiais" usam palmatória, chicotes e cassetetes para reprimir a violência local. Os detidos são levados para uma prisão de 1,5m². Nos uniformes, há um logotipo — dois cassetetes e um facão — e a inscrição Serviço de Proteção ao Índio (SPI). "Estavam cansados da omissão do poder público e resolveram tomar a iniciativa para proteger sua gente e suas terras", defende o dirigente da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), Jecinaldo Sateré.

Na semana passada, Jecinaldo foi a Tabatinga para reunir-se com pajés da aldeia Umariaçu. "Pediram apoio para a delegacia e ontem (segunda-feira) encaminhamos a carta com o pedido ao Ministério da Justiça e ao governo do Amazonas", conta. Os indígenas convocados para integrar a polícia na aldeia são ex-soldados do Exército e usam essa experiência para coibir o crime. Com o avanço do alcoolismo na aldeia, aumentou o envolvimento com drogas e violência.

Dentro da aldeia, foi proibida a entrada de bebidas alcoólicas desde a criação da delegacia. Os 60 "policias" trabalham em três turnos e também fazem serviço de ronda na área da aldeia, controlando o fluxo de veículos e de turnos e também fazem serviço de ronda na área da aldeia, controlando o fluxo de veículos e de pessoas que entram e saem. "Eles (os índios) têm um levantamento que mostra uma queda em 80% dos crimes causados especialmente por embriaguez, no balanço desses quatro meses de delegacia", destaca Jecinaldo.

Imagem 14 – Correio Braziliense n° 16.774, 22.04.2009

JORNAL DO BRASIL

jb.com.br

SÁBADO — Rio de Janeiro, 30 de maio de 2009 | Ano 119 Nº 52 | Desde 1891 | 2ª edição, 2ª

SAÚDE

Suicídios entre indígenas do Amazonas preocupam Funasa

Média é até oito vezes maior que da população em geral. Governo lança plano

MANAUS

Informações do Distrito de Saúde Indígena (Dsei) do Alto Solimões (AM) reveladas ontem mostram que nos municípios amazonenses de Tabatinga, Benjamin Constant, Santo Antônio do Içá, Amaturá, São Paulo de Olivença e Tonantins a média de suicídios registrada entre a população indígenada da região em 2008 é de 38,32 para cada 100 mil habitantes. A taxa de suicídios pode chegar a ser quase oito vezes maior que a média nacional que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), varia de 3,9 a 4,5 para cada 100 mil habitantes.

O Dsei Alto Solimões é o primeiro do interior do Amazonas a organizar dados sobre o problema. A equipe atende 42.093 indígenas pertencentes a sete etnias, predominantemente ticuna. A prática de suicídio entre indígenas que vivem na região do Alto Rio Solimões, no sudoeste do Amazonas, deve-se a fatores diversos mas, principalmente, a aspectos culturais e à falta de perspectivas para o desenvolvimento pessoal e profissional desses indivíduos, na avaliação do gerente do Programa de Saúde Mental da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), Carlos Coloma. De acordo com ele, o assunto continua sendo uma das principais preocupações não só entre os povos indígenas, mas também entre os profissionais que trabalham com essas populações.

Divulgação

AMEAÇADOS – Área da etnia ticuna: falta de perspectivas é um dos principais fatores que leva ao suicídio

– A morte tem um sentido diferente para os indígenas em comparação à cultura ocidental. Para muitos povos, morrer significa passar para outra vida. Isso pode ser uma das justificativas culturais para a prática. Contudo, a atitude, obviamente, está relacionada a uma questão emocional e pode também ser influenciada pela falta de oportunidades de educação e trabalho. A Funasa ainda não tem essas informações consolidadas, mas pretende identificar esses índices e, a partir daí, realizar o diagnóstico da situação – explicou.

Plano

Até o fim de junho, a Funasa deverá concluir a elaboração do Plano de Enfrentamento de Situações que Colocam em Risco as Comunidades Indígenas que vivem nos municípios do sudoeste do Amazonas.

O documento será utilizado pelos profissionais que trabalham para a instituição no Distrito de Saúde Indígena (Dsei) do Alto Solimões, responsável pelo atendimento à saúde de mais de 42 mil indígenas. O objetivo é utilizar as diretrizes apresentadas no plano para, sobretudo, reduzir o consumo de bebidas alcoólicas e drogas (maconha e cocaína), além de reduzir os elevados índices de violência nas aldeias. (ABr)

Imagem 15 – Jornal do Brasil n° 52, 30.05.2009

O Fluminense n° 38.251 – Niterói, RJ
Sexta-feira, 21.03.2008

Aumenta Suicídio Entre Índios

Uso de Drogas e Bebidas, Associado à Falta de Trabalho, Teria Levado Cerca de 40 Jovens a se Matarem em uma Área Indígena Amazonense

Uma mistura explosiva incluindo uso de cocaína e álcool, associada à falta de trabalho está provocando uma rápida deterioração da vida e dos costumes em uma área indígena na cidade amazonense de Tabatinga e levando dezenas de índios ao suicídio.

Esta é a avaliação do cacique Manoel Nery Tikuna, que chefia a aldeia Umariaçu 2.

Segundo ele, desde 2001 mais de 40 jovens se mataram na aldeia, que abriga 3.640 índios da etnia Tikuna, às margens do Rio Solimões. O número de suicídios foi maior entre 2001 e 2004, quando 36 índios se mataram, segundo o cacique, e depois parou até 2006. Porém, novos casos voltaram a acontecer em 2007, com duas mortes, e outras duas em fevereiro deste ano, afirmou Manoel Nery.

"*É uma coisa que entristeceu a Comunidade, porque a juventude está nesse caminho*", comenta o líder Ticuna. "*Essa droga nós não conhecíamos. Chamam de papeleta. Eles têm desejo e compram. Vendem enrolado em um papel e eles usam. É cocaína*".

Mas o número de mortes por suicídio varia segundo outras fontes ouvidas. Para o administrador regional da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em Tabatinga, Davi Félix Cecílio, as mortes por esta causa em Umariaçu 2 foram 16 no ano passado.

Já a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) não registrou nenhuma morte por suicídio na mesma aldeia em 2007, mas contou 19 suicídios em toda a região do Alto Solimões, o que representa um brutal aumento em relação aos anos anteriores.

Segundo a Funasa, em 2003 houve seis suicídios; em 2004, dois; em 2005, seis; e em 2006, cinco. (O FLUMINENSE N° 38.251)

Correio Braziliense n° 16.774, Brasília, DF
Quarta-feira, 22.04.2009

Índios Criam Delegacia Própria

Indígenas da etnia Ticuna decidiram combater o crime com as próprias mãos e criaram há quatro meses uma delegacia na Aldeia Umariaçu, em Tabatinga, cidade a 1.105km de Manaus. Vestindo fardas desenhadas pelos próprios índios, os "*policiais*" usam palmatória, chicotes e cassetetes para reprimir a violência local. Os detidos são levados para uma prisão de 1,5 m^2.

Nos uniformes, há um logotipo – dois cassetetes e um facão – e a inscrição Serviço de Proteção ao Índio (SPI). "*Estavam cansados da omissão do poder público e resolveram tomar a iniciativa para proteger sua gente e suas terras*", defende o dirigente da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), Jecinaldo Sateré.

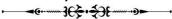
Na semana passada, Jecinaldo foi a Tabatinga para reunir-se com pajés da aldeia Umariaçu. "*Pediram apoio para a delegacia e ontem [segunda-feira] encaminhamos a carta com o pedido ao Ministério da Justiça e ao Governo do Amazonas*", conta.

Os indígenas convocados para integrar a polícia na aldeia são ex-soldados do Exército e usam essa experiência para coibir o crime.

Com o avanço do alcoolismo na aldeia, aumentou o envolvimento com drogas e violência. Dentro da aldeia, foi proibida a entrada de bebidas alcoólicas desde a criação da delegacia. Os 60 "*policiais*"

trabalham em três turnos e também fazem serviço de ronda na área da Aldeia, controlando o fluxo de veículos e de pessoas que entram e saem.

"*Eles [os índios] têm um levantamento que mostra uma queda em 80% dos crimes causados especialmente por embriaguez, no balanço desses quatro meses da Delegacia*", destaca Jecinaldo. (CORREIO BRAZILIENSE N° 16.774)

Jornal do Brasil n° 52, Rio de Janeiro, RJ
Sábado, 30.05.2009

Suicídios Entre Indígenas do Amazonas Preocupam FUNASA – Média é até Oito Vezes Maior que da População em Geral – Governo Lança Plano

MANAUS, AM – Informações do Distrito de Saúde Indígena [DSEI] do Alto Solimões [AM] reveladas ontem mostram que nos municípios amazonenses de Tabatinga, Benjamin Constant, Santo Antonio do Içá, Amaturá, São Paulo de Olivença e Tonantins a média de suicídios registrada entre a população indígena da região em 2008 é de 38,32 para cada 100 mil habitantes.

A taxa de suicídios pode chegar a ser quase oito vezes maior que a média nacional que, segundo a Organização Mundial da Saúde [OMS], varia de 3,9 a 4,5 para cada 100 mil habitantes.

O DSEI Alto Solimões é o primeiro do interior do Amazonas a organizar dados sobre o problema. A equipe atende 42.093 indígenas pertencentes a sete etnias, predominantemente Ticuna.

A prática de suicídio entre indígenas que vivem na região do Alto Rio Solimões, no SO do Amazonas, deve-se a fatores diversos mas, principalmente, a aspectos culturais e à falta de perspectivas para o desenvolvimento pessoal e profissional desses indivíduos, na avaliação do gerente do Programa de Saúde Mental da FUNASA, Carlos Colorara. De acordo com ele, o assunto continua sendo uma das principais preocupações não só entre os povos indígenas, mas também entre os profissionais que trabalham com essas populações.

"*A morte tem um sentido diferente para os indígenas em comparação à cultura ocidental. Para muitos povos, morrer significa passar para outra vida. Isso pode ser uma das justificativas culturais para a prática. Contudo, a atitude, obviamente, está relacionada a uma questão emocional e pode também ser influenciada pela falta de oportunidades de educação e trabalho. A FUNASA ainda não tem essas informações consolidadas, mas pretende identificar esses índices e, a partir daí, realizar o diagnóstico da situação*" – explicou.

Plano

Até o fim de junho, a FUNASA deverá concluir a elaboração do Plano de Enfrentamento de Situações que "*Colocam em Risco as Comunidades Indígenas*" que vivem nos municípios do SO do Amazonas. O documento será utilizado pelos profissionais que trabalham para a instituição no Distrito de Saúde Indígena [DSEI] do Alto Solimões, responsável pelo atendimento à saúde de mais de 42 mil indígenas. O objetivo é utilizar as diretrizes apresentadas no plano para, sobretudo, reduzir o consumo de bebidas alcoólicas e drogas [maconha e cocaína], além de reduzir os elevados índices de violência nas aldeias. (JDB N° 052)

Homossexualismo Indígena

A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) publicou, recentemente, o resultado de uma pesquisa, realizada junto à etnia Ticuna, revelando a existência de um número crescente de homossexuais. Este, porém, não é fato que chama a atenção no relatório e sim o crescimento do preconceito contra os indígenas assumidos.

Os especialistas afirmam que crescem, nas aldeias, no mesmo ritmo, a ideologia cristã, a homofobia e o número de indígenas assumidos.

O levantamento na aldeia de Umariaçu II mostra que são aproximadamente 3.649 Ticunas, 40% dos quais têm menos de 25 anos e, dentre eles, 20 são homossexuais assumidos. O administrador da FUNAI na região, Darcy Bibiano Murati, comenta:

> Isso é novo para a gente. Não víamos indígenas assim, agora rapidinho cresceu em todas as comunidades. São meninos de 10, 15 anos.

O Órgão Federal acredita que o número de "*assumidos*", os "*tibiras*", cresceu junto com a violência.

Os tibiras são agredidos com pedras, garrafas, latas e chacotas sendo chamados de "*meia coisa*". Os jovens "*tibiras*" rompem, definitivamente, com as tradições seculares. Fazem uso de tatuagens com henna, usam piercing, pintam o cabelo e as unhas e fazem as sobrancelhas. Darcy Ribeiro relata que há registros de homossexualidade entre índios desde o século XIX. No Mato Grosso, onde ele estudou os Kadiwéu, chamavam o homossexual de kudina – o que decidiu ser mulher.

Conclusão

É triste verificar que, apesar dos esforços das lideranças, os costumes venham sendo relegados ao segundo plano, e que muitos indígenas reneguem com veemência sua descendência. As drogas vêm conquistando celeremente as mentes dos jovens sem maiores perspectivas de futuro o que poderia ser contornado com a criação de cursos profissionalizantes que atendam às necessidades locais e que estejam de acordo com as tradições e a cultura nativa. O artesanato é restrito a umas poucas senhoras de idade e não está sendo repassado às crianças.

Não consegui, apesar de todos os esforços, conhecer uma única pessoa que dominasse o técnica da cerâmica Ticuna, o único exemplar que fotografei estava em uma estante da escola de Ensino Médio de Feijoal. Da mesma forma, ninguém detinha o conhecimento de ervas medicinais. A modernidade chegou implacável ao território Ticuna e em quase todas as residências observamos a televisão ocupar o espaço reservado aos anciãos na formação e doutrinação dos mais jovens.

Pequeno vocabulário Ticuna

Ticuna	***Português***
Ái	onça
Awa	mandioca
Buetere	panela

Ticuna	***Português***
nãpa	rede
na-pé	dormir
nauwa	socó

Ticuna	Português
Chai	peixe
Chawí	milho
Dáu	vermelho
Dyái	sucuriju
Dyati	homem
Dyáu	azul
Dyãwe	veado
Dyawiru	jaburu
Dyuéma	machado
Eí	fogo
Homun	luz
In	casa
Ira	pequeno
Kaya	jacaré
Káwa	maguari
Keá	clã
Máyu	mutum
Naí	arara vermelha

Ticuna	Português
nayí	saúva
nuta	pedra
pána	moça
pári	fumo
pukí	chuva
puta	dente
saúegan	irmã
sauene	parente
sauenoene	irmão
ta	grande
taikire	macaco
ti	algodão
tiimá	matar
tuuna	homens
yatu	homem
wãi	preto
waiíma	terra
wurá	arco

Carvajal e Orellana

Si bien escrita sin arte, es el reflejo fiel de sus propias impresiones y de lo que presenció y el único documento que hasta ahora se conoce de aquel memorable suceso.
(José Toribio Medina)

Otros, sin Orellana, han levantado semejante hablilla de amazonas después que se descubrieron las Indias, y nunca tal se ha visto ni se verá tampoco en este río. Con este testimonio, pues, escriben y llaman muchos Río de las Amazonas, y se juntaron tantos para ir allá.
(Francisco López de Gómara)

Gaspar de Carvajal

Gaspar de Carvajal nasceu no ano de 1504, na pequena cidade de Trujillo, na Extremadura espanhola. Em 1537 partiu para o Peru com dez outros frades da Ordem dos Pregadores, também conhecida como Ordem dos Dominicanos. Em 1538, como vigário provincial de Lima, fundou o primeiro convento dominicano da América. Em 26 de dezembro de 1541, Pizarro determinou que Orellana que descesse o Rio Coca, em busca de provisões, Carvajal o acompanhou. Quase nove meses depois, em 11 de setembro de 1542, chega à ilha de Cubagua, onde tomou conhecimento da morte do bispo Valverde pelos índios da Puna e a de Francisco Pizarro pelos do índios Chile. Esses fatos o levaram a não retornar com Orellana à Espanha, seguindo para Lima. Em 1544, ocupou o cargo de vice-prior do convento de Lima e, em 1548, prior do convento de Cuzco, de onde foi enviado para Tucuman, com o título de protetor dos índios. Em 1557 foi eleito provincial de sua ordem no Peru e, em 1575, encaminhou ao rei um documento solicitando-lhe que zele pela proteção e defesa dos índios.

Francisco Orellana

Francisco de Orellana nasceu, em 1511, também, em Trujillo. Parente de Francisco Pizarro participou das conquistas de Lima, Trujillo e Cuzco. Quando soube que as cidades de Cuzco e Lima estavam sitiadas pelos índios partiu, imediatamente, em socorro de Francisco Pizarro. Em 1538 fundou a cidade de Santiago de Guayaquil sendo nomeado Capitão General e Tenente de Governador. Nela permaneceu dois anos, até ser chamado por Gonzalo Pizarro, irmão de Francisco, para acompanhá-lo na sua jornada ao "*país da Canela*" e do "*El Dorado*".

A Narrativa

A crônica do frade dominicano Carvajal é pesada, repetitiva e de difícil entendimento. São raras as informações a respeito da fauna, da flora e costumes indígenas. É específico, apenas, quando se refere às Amazonas. Extrapola, nos números, quando se refere a quantidade de nativos que habitavam as margens dos rios ou que enfrentaram pelo caminho, exagera no estado de beligerância, em que seus habitantes viviam e, na hostilidade aos viajantes. Ao mesmo tempo em que nos fala da exuberância da floresta na qual não havia "*fome e miséria*", pois a "*natureza era a principal fonte de subsistência*" os espanhóis enfrentavam privações de toda ordem e chegaram a comer os próprios cintos e as solas dos sapatos. Só conseguiam se alimentar quando eram abastecidos por tribos amigáveis ou tomavam de assalto as aldeias.

Não se pode considerar sua "*Relação*" como um documento histórico, pois o frade estava mais preocupado em impressionar o Rei de Espanha e transformar Orellana e seus companheiros de viagem em heróis de uma épica jornada do que ser fiel aos fatos.

O "*El Dorado*" e o "*País da Canela*"

Esta expedição, como tantas outras antes e depois dela, foi motivada pela lenda do "*El Dorado*" e do "*País da Canela*", regiões de riquezas incomensuráveis que os espanhóis julgavam existir na Amazônia. Conta-nos o grande Mestre, Altino Berthier Brasil na sua obra "*Desbravadores do Rio Amazonas*":

> Em fevereiro de 1541 partiu de Quito uma grande expedição espanhola com a missão de apossar-se do País de Canela e de procurar o legendário rei Dourado, que o gentio localizava no Oriente Andino. O comando foi dado a Gonçalo Pizarro, irmão de Francisco Pizarro, conquistador do Peru. Compunham-na 220 espanhóis a cavalo, 4.000 índios, 2.000 lhamas, 4.000 porcos e 1.000 cães. Grande quantidade de material era transportado: abastecimento de boca, pólvora, munição, arcabuzes e bestas.
>
> Conforme entendimentos anteriores, Pizarro esperava a chegada de um reforço à sua coluna, que tinha partido de Guayaquil sob o comando de seu parente e amigo Francisco de Orellana. Por uma razão que se desconhece, Pizarro partiu de Quito antes da chegada de seu convidado. Constatado o fato, Orellana não vacila. Com seus 30 homens, segue os passos de Gonçalo Pizarro, adentrando-se nas misteriosas terras de Hatun Quijos.

Quer alcançar o chefe o quanto antes. Mas a incursão de Orellana se revestiu de verdadeiro calvário. Duríssimo foi o contato com a Cordilheira, suas nevascas e tormentas. Depois de percorrer 30 léguas e de haver perdido pelo caminho todos os cavalos, roupas, bestas e arcabuzes, a expedição acabou alcançando Pizarro na localidade de Muti. Foi um raro momento de alegria, que durou muito pouco.

Na tarde do dia seguinte, o céu escureceu e a terra começou a tremer, abrindo enormes crateras. A noite foi infernal. O vulcão Chimborazo começou a vomitar fogo, logo seguido pelos seus outros irmãos daquela família vulcânica. Os expedicionários, que jamais haviam visto antes um terremoto ou um vulcão em erupção, enchem-se de pavor. Os índios dispersam-se, os cavalos relincham, os porcos se perdem e o material ficou esparramado no fundo das crateras. Na região de Papallacta, a 6.000 m de altitude, uma tempestade de neve mata 100 índios em um só dia. [...]

Chuvas pesadas e contínuas apodrecem as roupas dos espanhóis. Florestas virgens se antepõem ao passo do homem, sendo necessário abrir o caminho a facão. Umidade permanente, fome, febres, mosquitos, vampiros, jaguares, serpentes e aranhas venenosas convertem aquele território em um autêntico inferno verde. Cada passo adiante que dá a expedição de Pizarro, é uma conquista; cada metro, uma vitória. Ainda hoje, quatro séculos decorridos, nenhuma outra expedição se atreveu a cumprir a mesma rota. Gonzalo Pizarro encontra, afinal, o vale da Canela. Fica, contudo, decepcionado já que os raquíticos arbustos não passavam de uma espécie inferior, sem valor comercial. Quanto ao Rei Dourado, nem sinal. A expedição progride lentamente. O número de soldados enfermos aumenta a cada dia. (BRASIL)

A Separação

Gonçalo Pizarro

Pizarro, em busca de suprimentos, permanece explorando a bacia do Rio Napo, enquanto seu fiel escudeiro Orellana desce pelo Rio Coca com o mesmo objetivo. As buscas infrutíferas de Pizarro esgotaram seus suprimentos forçando-o, por fim, a retornar a Quito com 80, dos 220, espanhóis que o haviam seguido. A Amazônia cobrava um alto tributo àqueles que a desafiavam e cobiçavam. Relata Carvajal:

> Aí acabaram os povoados, e como já íamos muito necessitados, com falta de comida, mostravam-se todos os companheiros muito descontentes e falavam em voltar, não seguindo mais para diante, porque se tinha notícia de que havia um grande trecho despovoado. Vendo o capitão Orellana o que se passava e a grande penúria em que todos estavam, tendo por sua vez perdido já tudo o que possuíam, pareceu-lhe que não seria honroso voltar depois de tantos prejuízos.
>
> Dirigiu-se, portanto, ao Governador, dizendo-lhe que aí deixaria o pouco que possuía e seguiria Rio abaixo.
>
> Que se a sorte o favorecesse, de modo que achasse nas proximidades comida com que todos se pudessem remediar, disso daria pronto conhecimento, e que se tardasse, não se preocupasse o Governador, mas voltasse para trás, para onde houvesse comida e ali o esperasse três ou quatro dias ou o tempo que lhe parecesse melhor, e se ele não chegasse, que não fizessem caso. Concordou o Governador em que ele fizesse como lhe aprouvesse.

Tomou consigo o Capitão Orellana a 57 homens, com os quais se meteu na embarcação que construíra e em algumas canoas que haviam tomado aos índios, começando a descer o Rio com a intenção de volver logo que encontrasse víveres. Mas tudo saiu ao contrário do que todos pensávamos, pois não descobrimos comida num decurso de 200 léguas, nem nós a encontramos, padecendo por isso grandes necessidades, como adiante se dirá. E assim íamos caminhando, suplicando a Nosso Senhor que houvesse por bem guiar-nos naquela jornada, de maneira que pudéssemos volver aos nossos companheiros.

Dois dias depois que partimos e nos apartamos dos nossos companheiros, quase nos perdemos no meio do Rio, porque o barco bateu num pau e quebrou uma tábua, de modo que, se não estivéssemos perto de terra, ali acabaríamos a nossa jornada. Mas remediamos de pronto, tirando água e pondo-lhe um pedaço de tábua, e logo recomeçamos nosso caminho muito pressurosos.

E como o Rio corria muito, andávamos a vinte e a vinte e cinco léguas, porque o Rio ia caudaloso, pelos muitos outros rios que nele desaguavam pela mão direita, para os lados do sul. Viajamos três dias sem nenhum povoado.

Vendo que nos havíamos apartado do local onde tinham ficado os nossos companheiros, e que havia acabado o pouco que trazíamos como mantimento para nossa viagem tão incerta como a que fazíamos, confabularam o capitão e os companheiros sobre a dificuldade em que nos achávamos, e a volta, e a falta de comida, porque, como pensávamos regressar logo, não medimos o comer. Confiados que não poderíamos estar longe, resolvemos prosseguir, e como nem no outro dia nem no imediato se encontrasse comida ou sinal de povoado [...].

> Estávamos em grande perigo de morrer da grande fome que padecíamos e assim, buscando o conselho do que se devia fazer, comentando a nossa aflição e trabalhos, resolveu-se que escolhêssemos de dois males aquele que ao Capitão e a todos nós parecia o menor, e foi ir por diante, seguindo o Rio: ou morrer ou ver o que nele havia, confiando em Nosso Senhor que se serviria por bem conservar as nossas vidas até ver o nosso remédio. (CARVAJAL)

Nativos Amigáveis

O cronista descreve os povos indígenas como seres de hábitos e costumes bárbaros, frequentemente exagerando nos relatos. Em contrapartida mostra os heroicos espanhóis como instrumentos de "*civilidade*" e pretensos "*salvadores de almas*".

Os relatos são carregados de um tenso dualismo, um conflito entre as forças do bem e do mal. O cronista reafirma a superioridade do castelhano e considera os nativos como presas fáceis do demônio, almas que teriam de ser resgatadas.

O "*entendimento*", por parte dos caciques, do discurso de Orellana, era motivado mais pela pólvora dos arcabuzes do que pela pretensa fluidez, do capitão, na língua nativa, tão propalada por Carvajal. Narra Carvajal:

> Avistando-os o Capitão, pôs-se na barranca do Rio e na sua língua, pois um pouco os entendia, começou a falar com eles e a dizer que não tivessem temor e que se chegassem, que lhes queria falar. E assim chegaram dois índios até onde estava o Capitão, que os amimou e lhes tirou o medo e lhes deu o que tinha, dizendo-lhe que fossem chamar o chefe, que lhe queria falar, e que o mesmo nenhum receio tivesse de que lhe viesse a fazer algum mal.

Tomaram os índios o que lhes foi dado e logo foram dar o recado ao seu senhor, que veio logo mui vistoso aonde estavam o Capitão e os companheiros, que o receberam muito bem e o abraçaram, mostrando o próprio Cacique sentir grande contentamento pela boa recepção que se lhe fazia. Logo mandou o Capitão que lhe dessem de vestir e outras coisas, com as quais ele muito se alegrou, e depois ficou tão contente que disse ao Capitão que visse de que tinha necessidade, que ele lhe daria, ao que o mesmo lhe respondeu que apenas o mandasse prover de comida, que de nada mais precisava.

E logo o Cacique mandou que os seus índios trouxessem comida, e com muita presteza trouxeram abundantemente o que foi necessário, de carnes, perdizes, perus e pescados de muitas qualidades. Muito agradeceu o Capitão ao Cacique e lhe disse que fosse com Deus e que chamasse a todos os senhores daquelas terras, que eram 13, porque queria falar a todos juntos e dizer o motivo da sua vinda.

Embora dissesse que no dia seguinte viriam todos, e que ele os ia chamar, ficou o Capitão dando ordens sobre o que convinha a ele e aos seus companheiros, dispondo sobre as vigílias para que, tanto de dia como de noite, houvesse muita cautela para que os índios não nos atacassem nem houvesse descuido ou frouxidão por onde tomassem ânimo para nos acometer de noite ou de dia.

No dia seguinte, ao cair da tarde, veio o Cacique trazendo consigo três ou quatro senhores, que os outros não puderam vir por estar longe, e que no outro dia viriam. Recebeu-os o Capitão como ao primeiro e lhes falou longamente da parte de Sua Majestade, e em seu nome tomou posse da terra; e assim o repetiu com os outros que vieram depois a esta província, que, como disse, eram treze.

Vendo o Capitão que estavam em paz consigo os senhores e gente da terra, satisfeitos com o bom tratamento, tomou posse da mesma em nome de Sua Majestade. Isto feito mandou reunir os seus companheiros, para falar-lhes sobre o que convinha à sua jornada e salvamento e às suas vidas, fazendo-lhes um longo discurso, animando-os com grandes palavras. Terminado este arrazoamento, ficaram todos muito contentes por ver a boa disposição do Capitão e com quanta paciência sofria ele os trabalhos em que estava, e também lhe disseram muito boas palavras e com as que o Capitão lhes dizia andavam tão alegres que não sentiam o trabalho que faziam.

Depois que os companheiros se refizeram tanto da fome e trabalhos passados, vendo o Capitão que era necessário providenciar para o futuro, mandou chamar todos os seus companheiros e lhes tornou a dizer que bem viam que com o barco e canoas que levávamos, se Deus fosse servido guiar-nos até ao mar, neles não podíamos sair com segurança. Era, portanto, preciso procurar com diligência fazer outro bergantim, que fosse de maior porte, para que pudéssemos navegar... (CARVAJAL)

Nativos Hostis

Ao meio dia os nossos companheiros já não podiam remar e íamos todos alquebrados pela noite mal passada e pela guerra que os índios nos faziam. O Capitão, para que a gente tomasse um pouco de repouso e comesse, mandou que aportássemos em uma ilha despovoada, que estava no meio do Rio.

Apenas começamos a cozinhar a comida, vieram canoas em grande quantidade e três vezes nos atacaram, de tal maneira que nos puseram em grande apertura.

Vendo os índios que pela água não nos podiam desbaratar, resolveram acometer por terra e por água, porque, como havia muitos índios, havia gente para tudo. Vendo o Capitão o que os índios ordenavam, resolveu não os esperar em terra, embarcando e fazendo-se ao largo no Rio, porque pensava ali defender-se melhor. Começamos a navegar, sem que os índios nos deixassem de seguir e dar combate, porque destas aldeias se tinham reunido mais de 130 canoas, nas quais havia mais de 8.000 índios e por terra era incontável a gente que aparecia.

Entre esta gente e canoas de guerra andavam quatro ou cinco feiticeiros, todos pintados e com as bocas cheias de cinza que atiravam para o ar, tendo nas mãos uns hissopes, com os quais atiravam água no Rio, à maneira de feitiços, e depois de contornar os nossos bergantins, chamavam a gente de guerra, e logo começavam a tocar seus tambores e cornetas e trombetas de pau, e com grande gritaria nos atacavam. Mas os arcabuzes e balestras, depois de Deus, eram o nosso amparo.

Levaram-nos deste modo até meter-nos em angustura de um braço de Rio. Aqui nos puseram em grande aperto, e tamanho, que não sei se algum de nós escaparia, porque nos tinham preparado uma emboscada em terra e dali nos abarcavam.

Determinaram-se os da água a exterminar-nos, e já estavam muito perto de nós. Vinha adiante o Capitão-General, muito destacado como homem. Um dos nossos companheiros, chamado Fernão Gutierrez de Celis, fez pontaria nele e lhe deu um tiro de arcabuz no meio do peito e o matou. Logo a sua gente desmaiou e acudiram todos a ver o seu senhor, e nesse meio tempo conseguimos sair para o largo do Rio.

> Mas ainda nos seguiram durante dois dias e duas noites, sem nos deixarem repousar, que tanto durou para sairmos das terras desse grande senhor Machiparo, e que, no parecer de todos, teria mais de oitenta léguas, todas povoadas, que não havia de povoado a povoado um tiro de besta, e as mais distantes, não se afastavam mais de meia légua, e houve aldeias que se estendiam por mais de cinco léguas sem separação de uma casa para outra, o que era coisa maravilhosa de ver.
>
> Como íamos de passagem e fugindo, não tivemos oportunidade de saber o que havia terra a dentro. Mas segundo a sua disposição e aspecto, deve ser a mais povoada que já se viu. Diziam-nos os índios da província de Apária que havia um grandíssimo senhor terra a dentro, para o Sul, que se chamava Ica, e que ele possuía grandes riquezas de ouro e prata, noticia que tivemos por certa e muito boa. (CARVAJAL)

Amazonas

A lenda das amazonas guerreiras percorreu todas as regiões celestes. Ela pertence àqueles círculos uniformes e estreitos de sonhos e ideias em torno dos quais a imaginação poética e religiosa de todas as raças humanas e todas as épocas gravita quase que instintivamente.
(Alexander von Humboldt)

Carvajal afirma que mesmo cansados, doentes e debilitados em suas forças, em função de carência alimentar e da extenuante jornada pelo Rio-Mar os 59 homens derrotaram as amazonas. As temidas indígenas, hábeis no manejo do arco e da flecha, bem nutridas, formosas e adestradas para guerra, foram derrotadas por um punhado de espanhóis fracos e famélicos. Relata Carvajal:

Havia lá uma praça muito grande e no meio da praça um grande pranchão de dez pés em quadro, pintado e esculpido em relevo, figurando uma cidade murada, com a sua cerca e uma porta. Nessa porta havia duas altíssimas torres com as suas janelas, as torres com portas que se defrontavam, cada porta com duas colunas. Toda esta obra era sustentada sobre dois ferocíssimos leões que olhavam para trás, como acautelados um do outro, e a sustinham nos braços e nas garras. Havia no meio desta praça um buraco por onde deitavam, como oferenda ao Sol, a chicha, que é o vinho que eles bebem, sendo o Sol que eles adoram e têm como seu Deus.

Era esse edifício coisa digna de ser vista, admirando-se o Capitão e nós todos de tão admirável coisa. Perguntou o Capitão a um índio o que era aquilo e que significava naquela praça, e o índio respondeu que eles são súditos e tributários das Amazonas, e que não as forneciam senão de penas de papagaios e guacamaios para forrarem os tetos dos seus oratórios. Que as povoações que eles tinham eram daquela maneira, conservando-o ali como lembrança e o adoravam como emblema de sua senhora, que é quem governa toda a terra das ditas mulheres.

Encontrou-se também nessa praça uma casa muito pequena, dentro da qual havia muitas vestimentas de plumas de diversas cores, que os índios usavam para celebrar as suas festas e bailar quando se queriam regozijar diante do já referido pranchão, e ali ofereciam seus sacrifícios com a sua danada intenção. [...]

Quero que saibam qual o motivo de se defenderem os índios de tal maneira. Hão de saber que eles são súditos e tributários das amazonas, e conhecida a nossa vinda, foram pedir-lhes socorro e vieram dez ou doze.

A estas nós as vimos, que andavam combatendo diante de todos os índios como capitãs, e lutavam tão corajosamente que os índios não ousavam mostrar as espáduas, e ao que fugia diante de nós, o matavam a pauladas. Eis a razão por que os índios tanto se defendiam.

Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pelo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios. E em verdade houve uma destas mulheres que meteu um palmo de flecha por um dos bergantins, e as outras um pouco menos, de modo que os nossos bergantins pareciam porco espinho.

Voltando ao nosso propósito e combate, foi Nosso Senhor servido dar força e coragem aos nossos companheiros, que mataram sete ou oito destas amazonas, razão pela qual os índios afrouxaram e foram vencidos e desbaratados com farto dano de suas pessoas. [...] Perguntou o Capitão como se chamava o senhor dessa terra, e o índio respondeu que se chamava Couynco, e que era grande senhor, estendendo-se o seu senhorio até onde estávamos.

Perguntou-lhe o Capitão que mulheres eram aquelas que tinham vindo ajudá-los e fazer-nos guerra. Disse o índio que eram umas mulheres que residiam no interior, a umas sete jornadas da costa, e por ser este senhor Couynco seu súdito, tinham vindo guardar a costa. [...]

Disse o índio que as aldeias eram de pedra e com portas, e que de uma aldeia a outra iam caminhos cercados de um e outro lado e de distância em distância com guardas, para que não possa entrar ninguém sem pagar direitos.

[...] Ele disse que estas índias coabitam com índios de tempos em tempos, e quando lhes vem aquele desejo, juntam grande porção de gente de guerra e vão fazer guerra a um grande senhor que reside e tem a sua terra junto à destas mulheres, e à força os trazem às suas terras e os têm consigo o tempo que lhes agrada, e depois que se acham prenhas os tornam a mandar para a sua terra sem lhes fazer outro mal; e depois quando vem o tempo de parir, se têm filho o matam ou o mandam ao pai; se é filha, a criam com grande solenidade e a educam nas coisas de guerra.

Disse mais que entre todas estas mulheres há uma senhora que domina e tem todas as demais debaixo da sua mão e jurisdição, a qual senhora se chama Conhorí. Disse que há lá imensa riqueza de ouro e prata, e todas as senhoras principais e de maneira possuem um serviço todo de ouro ou prata, e que as mulheres plebeias se servem em vasilhas de pau, exceto as que vão ao fogo, que são de barro.

Disse que na capital e principal cidade, onde reside a senhora, há cinco casas muito grandes, que são oratórios e casas dedicadas ao sol, as quais são por elas chamadas caranaí, e que estas casas são assoalhadas no solo e até meia altura e que os tetos são forrados de pinturas de diversas cores, que nestas casas tem elas ídolos de ouro e prata em figura de mulheres, e muitos objetos de ouro e prata para o serviço do Sol.

Andam vestidas de finíssima roupa de lã, porque há nessa terra muitas ovelhas das do Peru. Seu trajar é formado por umas mantas apertadas dos peitos para baixo, o busto descoberto, e um como manto, atado adiante por uns cordões. Trazem os cabelos soltos até ao chão e postas na cabeça coroas de ouro, da largura de dois dedos. (CARVAJAL)

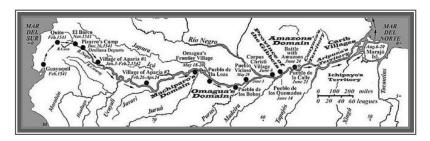



Imagem 16 – Jornada de Orellana

Privações

El hambre les apretaba ya de tal manera, que se vieron reducidos á comer cueros, cintas y suelas de zapatos cocidos con algunas yerbas; y muchos se hallaban tan débiles, que no se podían siquiera tener en pie. Para procurarse alimentos, cuando el barco se detenía, algunos á gatas, y otros con bordones, se metían por entre el bosque á buscar raíces con que aplacar el hambre; pero como les eran desconocidas, no pocos se envenenaron y estuvieron á punto de muerte, "porque estaban como locos y no tenían seso". (Gaspar de Carvajal)

Demorou-se nesta obra quatorze dias, de contínua e ordinária penitência, pela muita fome e pouca comida que havia, pois só se comia o que se mariscava à beira d'água, que eram uns caracóis e uns caranguejos vermelhinhos, do tamanho de rãs. [...]

Daí saímos no dia oito do mês de agosto, bem ou mal providos, segundo as nossas possibilidades, pois nos faltavam muitas coisas de que carecíamos. Mas como estávamos em lugar onde não as podíamos obter, passávamos os nossos trabalhos como melhor podíamos. Fomos à vela, guardando a maré, bordejando de um e outro lado, sendo muito largo o Rio, embora fossemos entre ilhas, pois não estávamos em pequeno perigo quando esperávamos a maré.

Como não tínhamos âncoras, estávamos amarrados a umas pedras. Mantínhamo-nos tão mal que nos sucedia muitas vezes garrar e voltar Rio acima em uma hora mais do que tínhamos andado no dia todo. Quis nosso Deus, não olhando para os nossos pecados, tirar-nos destes perigos e fazer-nos tantas mercês que não permitiu que morrêssemos de fome nem padecêssemos naufrágio, do qual estivemos muito perto muitas vezes, já todos n'água e pedindo a Deus misericórdia. (CARVAJAL)

Foz do Amazonas (26.08.1542)

Saímos da boca deste Rio por entre duas ilhas, separadas uma da outra por quatro léguas de largura do Rio, e o conjunto, como vimos acima, terá de ponta a ponta mais de cinquenta léguas, entrando a água doce pelo mar mais de vinte e cinco léguas. Cresce e mingua seis ou sete braças. (CARVAJAL)

Nova Cadiz

Aportamos na ilha de Cubágua e cidade de Nova Cadiz, onde encontramos nossa companhia e o pequeno bergantim, que chegara dois dias antes, porque eles chegaram a nove de setembro e nós a onze, no bergantim grande, onde vinha o Capitão. Tanta foi a alegria que uns e outros recebemos, como não posso descrever, pois eles nos tinham por perdidos e nós a eles. [...] Desta ilha resolveu o Capitão ir dar contas a Sua Majestade deste novo e grande descobrimento, o qual temos que é o Marañon, porque a desde a foz até à ilha de Cubagua 450 léguas, porque assim o vimos depois que chegamos. (CARVAJAL)

Feijoal – Belém – Santa Rita

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Partida para Belém do Solimões (03.12.2008)

Partimos para Belém do Solimões por volta das 06h40 do dia 3 de dezembro. Novamente, meus companheiros resolveram seguir um rumo diverso do tomado pelo navegador e optaram pela margem esquerda do Rio Solimões enquanto eu seguia pela margem esquerda da Ilha Javari-mirim. Mantivemos contato visual durante uma hora aproximadamente até nos aproximarmos de um enorme banco de areia que separava a Ilha da margem esquerda do Rio. Parei para descansar, como havíamos combinado, e tentei contatá-los subindo num grande tronco que existia num local elevado do banco de areia. Gritei em vão por 15 min. Resolvi continuar, já que, sem conseguir que me respondessem, achei que não haviam parado e estavam à minha frente.

Furo Tauaru

Cheguei, sem qualquer dificuldade, ao extremo Sul do furo Tauaru. O furo economiza aproximadamente 12 quilômetros de navegação e é uma opção importante para pequenas embarcações. Na viagem de avião para Tabatinga, eu havia avistado e fotografado o furo. Confirmei minhas expectativas de economizar tempo navegando por ele.

Aguardei 30 minutos pelos parceiros e, como não aparecessem, deduzi que já tinham passado por ali ou seguido pela grande volta do Solimões.

O Furo parece uma via expressa, pois o movimento de pequenas embarcações é enorme. São pequenas montarias, voadeiras, recreios, passando a todo momento. Passei pela Comunidade Novo Brasão, onde cumprimentei seus educados moradores de origem indígena e pedi para que avisassem meus companheiros de minha passagem, caso ali cruzassem.

Furo Tauaru/Rio Solimões

A visão do Solimões no extremo Norte do Tauaru é impressionante pela beleza e magnitude. A Oeste, mal se consegue vislumbrar a margem esquerda. Embora meus amigos de Feijoal tivessem me orientado a seguir pela margem esquerda do Rio, para facilitar a orientação, decidi tangenciar a margem direita e me dirigir direto a Belém do Solimões. A opção tornaria meu trajeto bem mais curto embora houvesse necessidade de estar atento às características do terreno para não enveredar inadvertidamente por algum furo e, consequentemente, ultrapassar meu objetivo. O vento de proa prejudicou um pouco, mas a velocidade, de acordo com o GPS, foi mantida em torno dos 12 km/h.

Belém do Solimões

Belém do Solimões domina, com imponência, a barranca do Rio. Não avaliei corretamente a força da correnteza (em torno dos 20 km/h); não arribei ([51]), como dizem os ribeirinhos, o suficiente e fui empurrado violentamente para jusante do local onde pretendia atracar – um flutuante de captação de água. Depois de muito esforço, consegui amarrar o caiaque a uns 30 m abaixo do mesmo e desembarquei para fazer contato.

---

[51] Arribar: navegar mais à montante, ou Rio acima.

O Cacique, o representante da FUNAI, o Padre, o professor Chiquinho todos se encontravam em Tabatinga. Consegui, então, contatar o professor Manoel Mário que nos acolheu em sua escola e providenciou apoio para que o caiaque fosse carregado para lá.

Umas três horas depois, chegaram meus esbaforidos parceiros que, espero, depois dos dois últimos contratempos, decidam me acompanhar e não traçar rotas alternativas.

A Comunidade é bem maior do que a de Feijoal e talvez por isso seus problemas sejam igualmente consideráveis. Não há água potável, as escolas não possuem sistemas de calefação ou ventilação que proporcione conforto a seus alunos e mestres, as ruas estão repletas de lixo, a comunicação é precária.

A modernidade, através da mídia, contaminou os jovens indígenas que procuram imitar nos trajes, piercing e mesmo tatuagens seus "*heróis*" globais.

Esta neo-cultura e o homossexualismo ostensivo são vistos com muita reserva e desencanto pelos impotentes anciãos. O artesanato, pelo que pudemos observar, perdeu em qualidade e utiliza elementos fabricados nos grandes centros como o nylon e contas coloridas de plástico. Como em Feijoal, nenhum artesão que trabalhe com a cerâmica Ticuna foi identificado.

Parece que uma destruição, semelhante à que o grande Rio provoca nas barrancas da grande Comunidade, golpeia nefastamente os costumes do povo Ticuna. O Rio, segundo os mais antigos, escavando o barranco já levou mais de 200 metros da Comunidade.

Entrevista com o Pastor Ticuna Antônio Cruz

Assim como o Solimões solapa as barrancas do Rio ameaçando de destruição a Igreja de São Francisco de Assis, inaugurada em 1936, a religião católica vem perdendo espaço junto às comunidades indígenas para os evangélicos. São pelo menos três igrejas de cultos evangélicos distintos em cada grande Comunidade que visitamos e todos eles geridos por pastores de origem indígena.

Os nativos de hoje preferem ouvir alguém sem sotaque estrangeiro falando-lhes de Jesus Cristo, e ter como pastores os homens que se preocupam mais com a evangelização do que com a política, optam por líderes religiosos que apontem o caminho da harmonia e da convivência fraterna, ao conflito e ao apharteid.

> Meu nome é Antônio Cruz, nascido aqui na Comunidade de Belém do Solimões, no dia 21 de agosto de 1989. Minha mãe me convenceu a me tornar cristão evangélico e pelo desejo dela eu me tornei pastor evangélico. E hoje, para mim, ser evangélico é um dos maiores tesouros da vida indígena que eu encontrei. É a salvação em Cristo Jesus que Deus planejou a eternidade para todos os seres humanos que há na face da Terra.
>
> Por isso eu me sinto bastante alegre agora com o senhor que está me entrevistando aqui para que ele possa repassar os relatos de muitas histórias da aldeia e das comunidades. Temos lendas e costumes que estão sendo esquecidos pela população atual devido ao avanço tecnológico. Isso tem feito com que o indígena se esqueça da sua cultura, daquilo que ele sabia fazer, como o artesanato, os artefatos que usava para a caça e para a pesca tornando-o dependente de tudo aquilo que vem de fora.

> Isso precisa ser resgatado pelas lideranças locais e pelos governos que precisam olhar com mais amor para a Amazônia. A tribo Ticuna não é muito conhecida apesar de ser uma das maiores. Por isso, nesta hora diante do senhor que está me entrevistando, sinto-me bastante alegre e quero agradecer por isso, muito obrigado. (Antônio Cruz)

Partida para Santa Rita de Weil (04.12.2008)

Para compensar os dois dias que passamos em Feijoal, no dia 04 de dezembro resolvi rumar direto para Santa Rita de Weil. Fabíola, bastante estressada, acusou alguns indígenas de terem roubado seu chapéu. Ainda bem que a maioria deles não entendeu nada do que ela disse; o chapéu estava devidamente guardado com nossos demais pertences. O incidente chegou aos ouvidos das lideranças, e tive de me desculpar quando vieram me interpelar justificando o comportamento inadequado da parceira, dizendo que ela estava muito cansada e enfrentava "*problemas de mulher*". Os líderes sorriram e relevaram a falta de educação da moça. Solucionado o primeiro bate-boca, a Fabíola iniciou uma discussão com Romeu, sobre quem iria ocupar a posição de piloto no caiaque duplo. Tive de interromper, pois a altercação estava se transformando em um verdadeiro circo, para a alegria dos Ticunas que a tudo assistiam. Navegamos direto para a Base Anzol ([52]), da Polícia Federal, onde fomos muito bem recebidos pelos agentes. Tomamos o café da manhã com os amigos federais e ouvimos deles relatos sobre as dificuldades que enfrentam na área.

---

[52] Base Anzol: posto da Polícia Federal, situado na localidade de Palmeiras. O acesso só pode ser feito por helicóptero ou barco. Nos últimos três anos, a Base Anzol foi responsável por 70% das apreensões de cocaína da área.

Em Tabatinga, eu já havia avisado ao delegado local de nossa intenção de ir até a base. Abastecemos nossas garrafas com água potável, já que a água de Belém era imprópria para o consumo.

Nas proximidades de Santa Maria, a meio caminho, entre Santa Rita de Weil e São Felix, paramos para descansar. Aproveitei para colocar a malhadeira ([53]) e apanhei duas sardinhas que foram assadas pela Fabíola e consumidas pelo trio. A Vila que ficava a uns 500 metros de distância seria o local de parada caso não tivéssemos permanecido dois dias em Feijoal.

A navegação continuava facilitada pela força da correnteza e, por vezes, alcançávamos os 15 km/h. Paramos em um enorme banco de areia a 13 quilômetros de Santa Rita, onde pude observar e fotografar um nativo recolhendo a rede em sua "*montaria*" com uma destreza invulgar e outro que, com seu arpão de bico ([54]), aguardava imóvel algum grande e descuidado peixe. Os olhos treinados procuravam, certamente, o bululu ([55]) ou a siriringa ([56]) que identifica a presença da presa.

---

[53] Malhadeira: rede de pesca.

[54] Arpão de bico: formado por uma haste de madeira nobre de mais de dois metros de comprimento e, em cuja ponta, é adaptado um bico de ferro em forma de ponta de flecha. A ponta do bico tem aproximadamente três milímetros de raio e vai aumentando o seu diâmetro para cerca de sete milímetros até o chamado "*alvado*" que é engastada à ponta inferior da haste. Ao bico é amarrada uma corda de fibra vegetal de mais de uma dezena de metros e a outra ponta da corda é amarrada na popa do barco. Depois de arpoado o peixe, o bico se solta da haste e esta faz o papel de bóia; o pescador pode conduzi-lo, depois de cansado, como se faz com uma linha de pesca.

[55] Bululu: pipocar de borbulhas.

[56] Siriringa: insignificante movimento da superfície da água provocado pelo deslocamento dos grandes peixes nas camadas inferiores.

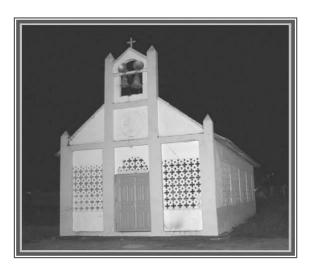



Imagem 17 – Igreja Batista (Santa Rita de Weil)

Partimos com velocidade para a última perna do dia. O vento Norte formou ondas de 40 cm, e eu resolvi apertar o ritmo das remadas antes que os ventos aumentassem. Confirmei com um pescador se o canal que conduzia a Santa Rita entre a Ilha e o continente estava liberado e continuamos nossa aproximação.

Santa Rita de Weil

Fundada por alemães (Weil e Muller), a Vila é um retrato escarrado da decadência e desleixo. As casas estão em petição de miséria e o lixo acumulado justifica a presença de urubus que perambulam pelas ruas como aves domésticas.

Na escolinha, fomos muito bem recebidos pelo gestor local, que conseguiu que ficássemos abrigados na casa do professor Jorge. As condições da casa eram deprimentes e não se entende como um projeto de escola na área não contemple alojamento para professores, já que todos, sem exceção, moram na sede do Município, em São Paulo de Olivença.

Tomei banho na água que jorrava pela tampa da caixa d'água da Escola. À noite saí para colher imagens da Igreja Batista – fundada pelos americanos e depois tirei mais algumas fotos de outras edificações. Conhecemos, depois, em São Paulo de Olivença, uma senhora – dona de restaurante, descendente dos Muller – que nos deu o telefone de um parente seu, de Manaus, que conhecia o escritor que estava trabalhando num livro a respeito dos fundadores da Vila. Infelizmente, para nossa decepção, chegando a Manaus, o número do telefone não estava correto.

Rio Solimões
(Sérgio Luiz Pereira)

Imagens, são fantásticas imagens!
Mistérios, são mistérios perseguindo,
O verde em sempre, pássaros sorrindo
À flor das águas doces e selvagens.

De quando em quando habitações, miragens
Das almas esquecidas vêm surgindo
E a imensidão das águas permitindo
Dos homens e progressos as passagens.

O Sol boiando inspira doce mágoa
Salta o boto a sorrir na beira d'água
Passa a canoa cheia nos porões.

E a noite vem chegando com histórias
Ficando vivamente nas memórias
Na solidão do Rio Solimões...

Imagem 18 – Região do Massacre do Capacete – B. Constant

Imagem 19 – Cacique João – Comunidade Ticuna do Feijoal

Imagem 20 – Com. Ticuna do Belém do Solimões – Tabatinga

Imagem 21 – Com. Ticuna do Belém do Solimões – Tabatinga

Imagem 22 – Cercanias de S. Rita de Weil

Imagem 23 – São Paulo de Olivença

Imagem 24 – Flutuante do Vereador Torquato – Com. Niterói

Imagem 25 – Praça da Matriz – Amaturá

Santa Rita – Amaturá

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Partida para São Paulo de Olivença (05.12.2008)

A Fabíola abandonou, temporariamente, e sem qualquer aviso, a equipe indo de “*recreio*” (barco a motor) para São Paulo de Olivença. Saímos, dia 05 de dezembro, eu e o Romeu, exatamente às 6 horas, e fomos brindados com um amanhecer fantástico. A Leste, matizes formidáveis enfeitavam os céus e, a Oeste, um arco-íris maravilhoso formava um perfeito semicírculo sobre a selva, o primeiro que, na minha vida, pude observar. Pela primeira vez, sem atrasos, ficamos esperando o dia clarear o suficiente para iniciarmos a navegação. Na primeira parada, em um grande banco de areia, avistei vestígios de uma enorme anta tendo em vista a profundidade e tamanho das pegadas. Na segunda parada, um rebanho de zebus sonolentos ficou nos encarando enquanto atracávamos. Eu havia colocado o maior peso da carga no meu caiaque para que o Romeu pudesse remar, sozinho, o caiaque duplo sem grande esforço. Descontadas as paradas de descanso, conseguimos fazer em cinco horas o que os barcos a motor fazem em quatro e chegamos a São Paulo de Olivença por volta das 12h00.

São Paulo de Olivença

O missionário jesuíta Samuel Fritz, em 1689, a serviço da coroa de Espanha, fundou várias missões no Rio Solimões, entre elas a de São Paulo Apóstolo e São Cristóvão. O governo português não queria que a catequese no Rio Solimões fosse feita por missionários

subordinados ao governo espanhol e determinou, em 1691, a expulsão dos jesuítas. Os religiosos relutaram em cumprir a ordem e, em 1708, o Governador do Grão-Pará enviou uma tropa comandada pelo Capitão Inácio Correia de Oliveira, para evacuar as missões. O jesuíta João Batista Lana fingiu retirar-se, contudo, seguiu para Quito. Trouxe de lá uma força armada, com a qual atacou os portugueses, aprisionando o Comandante e diversos soldados.

O Governador do Grão-Pará ordenou, então, que outra expedição comandada pelo Sargento-mor José Antunes da Fonseca fosse enviada. A expedição vingou a derrota sofrida por Correia Oliveira libertando os prisioneiros. As aldeias de São Paulo Apóstolo e São Cristóvão foram transferidas para a tutela dos missionários portugueses e suas denominações imediatamente alteradas para São Paulo dos Cambebas e Castro d'Avelos respectivamente. A missão de São Paulo dos Cambebas teve seu primeiro assentamento na margem Sul do Rio Solimões, onde habitavam os Cambebas e Ticunas.

Em 1817, é elevada a Vila, com o nome de Olivença e, em 1833, perde a categoria de Vila. Em 1882, a Freguesia foi elevada novamente a Vila, com denominação de São Paulo de Olivença e, em 1884, com a criação da Comarca de Solimões, torna-se sede da Vila de São Paulo de Olivença.

Chegada a São Paulo de Olivença

Conforme havia me orientado o amigo Suboficial da Marinha Clementino, em Tabatinga, atraquei junto ao frigorífico azul do Nonato, Prefeito eleito de São Paulo de Olivença.

Solicitei a um de seus servidores que entrasse em contato com a Polícia Militar local para nos apoiar. Uma viatura imediatamente se apresentou no local e, graças a ela, contatei o delegado e depois descarregamos nossos pertences no Hotel Marques, a poucos metros do frigorífico. As instalações não podiam ser mais simples, mas por R$ 10,00 a diária não tínhamos do que reclamar. Passeando pela Cidade, podia-se notar a centenária influência dos capuchinhos na arquitetura – na igreja matriz, casa paroquial e na escola recém-restaurada. Não consegui estabelecer contato com o pároco, já que o mesmo se encontrava em Tabatinga.

Entrevista com o Senhor Bonifácio

O senhor Bonifácio foi indicado para ser entrevistado por todas as pessoas com quem travei algum tipo de contato na Cidade. Um dos mais antigos moradores, seu Bonifácio, é uma pessoa afável, que me recebeu com toda a cordialidade, concedendo-me uma entrevista e me mostrando alguns artesanatos dos Ticunas, de sua propriedade.

> Eu me chamo Manoel Aparício Baleeiro, mas sou conhecido como Bonifácio, aqui nasci em 28.05.1928 e aqui me criei, estou com 80 anos. Não conheci meu pai, minha mãe era descendente dos Cambebas e vivíamos numa pobreza desgraçada. Para comer, andava pedindo pelas cozinhas dos outros.
>
> Eu era criança e não sabia trabalhar. As coisas começaram a melhorar quando comecei a estudar com os padres. Naquela época, os padres capuchinhos tomavam conta de tudo, estudei até o quarto ano primário no colégio dos padres e, ao completar doze anos, fui dispensado e comecei a trabalhar para viver.

Imagem 26 – S. Paulo de Olivença – Igreja Matriz

Imagem 27 – S. Paulo de Olivença – Casa Paroquial

Imagem 28 – S. Paulo de Olivença – Santuário de S. Francisco

Imagem 29 – S. Paulo de Olivença – Hotel Marques

Minha vida, então, começou a melhorar. Primeiro eu fui madeireiro, depois fui seringueiro no tempo da guerra, como soldado da borracha. Trabalhei 23 anos tirando seringa. Só parei de cortar depois que ela perdeu o valor e aí eu vim trabalhar com os padres, em 1967, como madeireiro, depois servente de pedreiro e, mais tarde, cuidando da casa dos padres onde hoje é a prefeitura. As histórias ou lendas que conheço são as da Mãe do Mato ou Curupira.

A Curupira existe mesmo. Quando eu era madeireiro, estava cortando um cedro e vi uma. Eu e três companheiros corremos atrás dela mas ninguém conseguiu alcançá-la. Alguns a chamam de mãe do mato. Ela é toda coberta de pelos cinzentos com os pés para trás e mais ou menos da altura de um menino. (Manoel Aparício Baleeiro)

Cambebas (Omáguas)

O Padre Cristóbal de Acuña, reitor do Colégio de Cuenca, que acompanhou Pedro Teixeira na sua viagem de retorno de Quito a Belém, em 1637, escreveu a famosa obra "*Novo Descobrimento do Grande Rio Amazonas*" onde relata detalhes importantes da epopeia.

Segundo o ilustre cronista, o território dos Cambebas ou Omáguas começava a sessenta léguas abaixo da confluência do Napo com o Marañón, e terminava a quatorze léguas abaixo do Jutaí.

Eram numerosos e possuíam uma sociedade complexa e hierarquizada. Os guerreiros tinham o costume de deformar a cabeça e deixá-la com o formato de cone e, por isso, eram conhecidos como os "*cabeças chatas*". O achatamento artificial do crânio foi destacado por quase todos os cronistas do passado, e Acuña, por sua vez, relata:

> Possuem todos a cabeça chata, o que causa fealdade nos varões, embora as mulheres a cubram com o cabelo abundante.
>
> Está tão arraigado nestes nativos o costume de ter a cabeça achatada que, desde que nascem as crianças, elas são colocadas numa prensa. Tendo sua fronte presa com uma tábua pequena, o recém-nascido fica de costas sobre outra tábua que lhe serve de berço e, apertado fortemente à anterior, fica com o cérebro e a fronte tão achatados como a palma da mão. E como estas tábuas não lhe permitem que a cabeça cresça mais que para os lados, ela acaba se deformando de tal maneira, que mais parece mitra de bispo mal construída que cabeça de um ser humano. (ACUÑA)

Na disputa da Amazônia pelas nações europeias, os Cambebas se beneficiaram com o comércio de escravos que faziam com os holandeses. Em decorrência das epidemias, o poder dos Cambebas se enfraqueceu e eles foram dominados pelos Ticunas a partir da segunda metade do século XVII.

Cambebas e a Borracha

Os Cambebas foram os primeiros a fazerem uso da borracha que retiravam das seringueiras. Isso despertou a atenção do sábio francês Charles Marie de La Condamine. Suas histórias despertaram grande interesse na Europa e uma delas, descrita abaixo, reporta exatamente o uso, pelos Cambebas, de pelotas de látex em um jogo que parece ter sido o precursor do futebol.

> Um dia surpreendi os Cambebas entregues a uma singular prática, que minha razão pende entre a insanidade e esporte, no intuito de classificá-la. Alguns homens corriam pelo terreiro da aldeia em

> busca de uma esfera, e quando algum alcançava tal esfera, procurava impulsioná-la com os pés, para um objetivo determinado, que eram duas varas fincadas no solo, num dos extremos do terreiro. No outro extremo, outro semelhante par de varas parecia ser considerado o objetivo de alguns dos participantes, que para lá procuravam desviar, sempre aos coices, a esfera que, porventura, se encontrasse nos pés de algum adversário. Mas o principal não é a natureza exótica dessa prática, é a própria esfera que parece constituir o centro de interesse.
>
> Essa esfera salta e torna a saltar, contrariando a lei da gravidade da Terra. Tal peculiaridade logo me atraiu, e os gentis Cambebas me mostraram que a esfera, elástica e cheia de ar, tinha sido manufaturada a partir de uma seiva branca, que uma espécie muito farta de árvores deita generosamente. Esta seiva é solidificada com fumaça e se torna elástica, impermeável e com outras peculiaridades que poucas matérias podem reivindicar. Vislumbro um grande futuro para essa descoberta que, a princípio, me intrigou, por desafiar uma lei tão severa que é a da atração dos corpos. (CONDAMINE)

O Curupira

O seu Bonifácio, na sua entrevista, chama o ente mágico com quem teve contato de "*a Curupira*", confirmando a tese do ilustre pesquisador Franz Kreuther Pereira, que descreve, muito bem, a dificuldade em se caracterizar um ente mítico.

O pesquisador, teve o livro de sua autoria – "*Painel de lendas & mitos da Amazônia*", premiado com o 1° lugar no Concurso "*Folclore Amazônico 1993*", da Academia Paraense de Letras. Narra Franz Kreuther Pereira:

Na bibliografia que compulsamos, a maioria dos pesquisadores não apresenta um consenso quanto às características e particularidades deste que vem a ser um dos mais férteis numes caboclos. Encontramos os seguintes nomes e grafias – Cayapora, Kaapora, Caipora, Jurupari, Anhangá, Koropyra, Curupira, Currupira, Tatacy, Çacy, Saci, Sacipererê, Sacy-Cererê, Maty, Matinta, Matinta Pereira, Mati-Taperê ou simplesmente Sererê. O que queremos mostrar é a dificuldade para se dar a esse mito um contorno definido e esclarecer as funções da divindade. E é exatamente aí o fulcro da confusão que coloca o Caapora, o Curupira e o Saci como uma só entidade.

Embora exista uma diferença estrutural evidente entre Caapora e Çacy, ambos são membros da mesma família. O vocábulo Caapora, ligado à imagem de protetor, função exercida pelo Curupira e pelo Saci, na nossa opinião, é o verdadeiro foco da confusão.

Gonçalves Dias registrou em "*O Brasil e a Oceania*" as seguintes palavras:

> O Caapora veste as feições de um índio anão de estatura, com armas proporcionais ao seu tamanho; habita o tronco das árvores carcomidas, onde atrai os meninos que encontra desgarrados na floresta; outras vezes divaga sobre um tapir ou governa uma vara de infinitos caititus, cavalgando o maior deles. Os vaga-lumes são seus batedores; é tão forte seu condão que o índio que, por desgraça o avistasse, era mal sucedido em todos os seus passos. Daí vem chamar-se Caipora ao homem a que tudo se dá ao contrário.

O Caapora apresenta-se como um moleque pretinho, que cavalga porcos selvagens; mas também pode ser descrito como uma caboclinha de longos cabelos, duros feito espinhos, e que, em troca de tabaco, é capaz de dar ao caçador tanto a caça que ele deseja quanto o próprio sexo.

> Os índios e caboclos acreditam que, prendendo um Caapora, ele é obrigado a conceder um "*poderzinho*" ou atender a um desejo, em troca da liberdade. A armadilha para capturá-lo e a isca utilizada consistem apenas de uma cuia e aguardente. Derrama-se a cachaça na cuia, que deve ser colocada num lugar onde ele já tenha aparecido, ou no local para onde tenha sido chamado previamente. Depois de ter bebido a cachaça, torna-se presa fácil para qualquer um, porém, até hoje, ninguém conseguiu realizar tal façanha. Apesar de, em alguns casos, essa entidade aparecer como má e vingativa, a versão geral é a de que ele é um duende protetor da floresta e da caça.
>
> Daí alguns autores o identificarem com o Curupira, como já vimos, mas ele guarda, também, certa semelhança com outro habitante das matas, outro gênio florestal: o Mapinguari. (PEREIRA)

O Caso da Menina Íris

Perambulando pela Cidade, para conhecer as pessoas e lugares, fui até o Colégio Estadual onde encontrei vários professores assistindo aos jogos esportivos dos alunos. Entrevistei a Professora Iraci que relatou o caso da menina Íris. Este é o caso da menina Íris cujo desaparecimento na floresta mobilizou a Cidade:

> Meu nome é Iraci, professora da Escola Estadual Professora Nilce Rocha Coelho e vou relatar o caso, verídico, da garota Íris Gomes. Corria o mês de outubro e estávamos envolvidos na preparação para o dia das crianças e Nossa Senhora Aparecida.
>
> Nesse período, vazante do Rio, época das praias, as pessoas da região costumam colher as culturas de várzea. Íris tinha sete anos e morava com a avó, e a vizinha convidou ambas para ajudá-la na colheita.

Trabalharam o dia inteiro e, no final da tarde, começou a se formar uma grande tempestade. A avó da garota e outra senhora se apressaram em organizar os sacos de feijão para mandar para as canoas. A ventania formava redemoinhos enormes de muita poeira e a última vez que alguém viu a menina ela estava sentada num tronco de árvore na praia. Quando se deram conta de que a menina tinha sumido e foram procurá-la, só encontraram o chapeuzinho vermelho dela. Todos entraram em pânico e, logo que a tempestade passou, já era quase noite, mandaram o piloto do barco à Cidade comunicar aos tios o acontecido. Os tios foram até a Ilha e iniciaram as buscas. Passaram-se 5 dias, eu lembro que nós participamos de uma destas buscas.

A Comunidade toda se envolveu e, como a garota não foi encontrada, foram buscar ajuda do Exército. Os soldados vasculharam a mata de ponta a ponta para ver se encontravam a menina. Todo mundo orava, de todas as crenças, era católico fazendo oração, era o pessoal de centro espírita, cada um com a sua fé. Já estávamos achando que ela estivesse morta. No 5° dia, quando iam novamente adentrar na mata, acharam uma sandália que ela estava calçando, viram as pegadas, mas não a encontraram. A Rádio Comunitária Católica pediu ajuda para reiniciarem as buscas e, de repente, sem mais nem menos, a menina apareceu na casa de uma senhora. Íris estava apavorada, com fome, só de calcinha, cheia de espinhos pelo corpo. A menina contava que dois homens estavam sempre com ela protegendo-a e que um deles a alimentava. Ela estava muito assustada, atrapalhada, mas parecia ter se alimentando normalmente. Os médicos recomendaram que a mãe, que morava em Manaus, viesse e a levasse para fazer tratamento psicológico. Hoje ela está em Manaus e deve estar com 14 anos. (Professora Iraci)

Após a entrevista, a Professora Iraci gentilmente permitiu-me acessar a internet de sua residência e fazer o upload, ainda que lentamente, de alguns arquivos de fotos.

Partida para a Comunidade Niterói (07.12.2008)

Os mapas não retratam corretamente o nome de diversas Comunidades, por isso me preocupei apenas com a localização geográfica da Comunidade Niterói, na margem direita do Solimões, a uns 5 quilômetros da Ilha de Caturiá que, no meu mapa (Google), constava como São João. Saímos às 06h45 do dia sete de dezembro, com o dia nublado. Havia chovido muito na véspera e a temperatura estava agradável. A primeira parada foi na Foz do Rio Jandiatuba.

Histórias de americanos explorando ouro no seu leito e impedindo os ribeirinhos de adentrar na sua área são bem conhecidas. O Rio serve, ainda, de rota alternativa para o tráfico, pois possibilita contornar o posto da Polícia Federal, PF, da Base Anzol. Com a presença ostensiva da PF, os ilícitos estão sendo coibidos. Pesquisadores da PETROBRAS, entrando em confronto com indígenas, também deram notoriedade ao pequeno tributário de águas pretas do Solimões.

A segunda parada na Comunidade Porto Lutador foi rápida e, mais uma vez, a Comunidade Ticuna se mostrou bastante amigável. A terceira parada foi ao Sul da Ilha Caturiá, onde encontramos o mineiro Paschoal, casado com uma cabocla. Descansamos à sombra generosa de uma frondosa árvore. Paschoal é um homem inteligente e falante. Contou alguns casos de estranhas luzes e dos caçadores de cabeça de que vínhamos ouvindo falar desde Feijoal.

Até hoje nenhuma vítima dos propalados caçadores foi encontrada para comprovar esta que é mais uma das muitas lendas contemporâneas dos povos da floresta. Fiz uma parada estratégica para aquilatar o tamanho e as condições de abrigo da próxima Comunidade, indagando dos ribeirinhos que ali se encontravam, e nos dirigimos até ela.

Fomos orientados a entrar em contato com o vereador Torquato Araújo, dono de um flutuante que funciona como comércio e alojamento. O vereador Torquato e sua esposa Leila acolheram-nos fraternalmente. Eu e o Romeu fomos tomar banho num Igarapé da Comunidade Niterói para recompor as energias. À noite, a jovem senhora Leila nos ofereceu um jantar formidável, a base de peixes, antes de nos recolhemos no flutuante para dormir.

Partida para Amaturá (08.12.2008)

Acordamos mais tarde, já que o deslocamento até Amaturá era de apenas 40 km. Fomos novamente brindados com um café com banana pacovan frita, tapioca ([57]) e outras guloseimas preparadas pela encantadora Leila. A vista de Amaturá é reconfortante. O encontro das águas pretas do Rio Acuruí com as barrentas do Solimões é um espetáculo à parte. Protegida das investidas do Rio, o barranco gramado ostenta o nome da Cidade e, ao fundo, as construções dos capuchinhos dão um ar nostalgicamente agradável à Cidade.

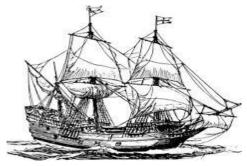
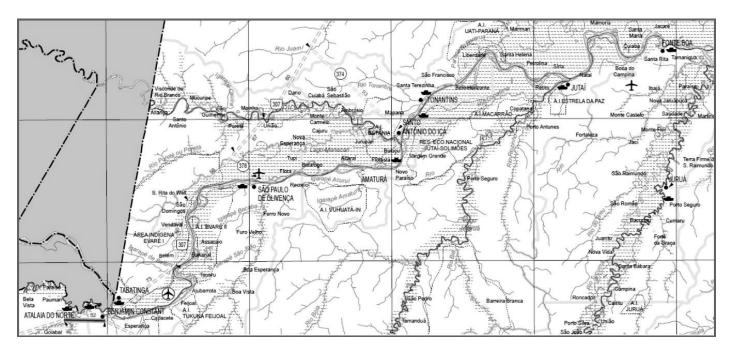
[57] Tapioca ou beiju (ou ainda biju): é o nome da iguaria tipicamente indígena, feita com a fécula extraída da mandioca, também conhecida como goma da tapioca, polvilho, goma seca, polvilho doce, fécula de mandioca. Ao ser espalhada numa chapa ou frigideira aquecida, transforma-se num tipo de panqueca e pode ser degustada com diversos acompanhamentos.

Imagem 30 – Dona Nessi

Deixei a equipe tomando conta dos barcos e me dirigi, a pé, à Polícia Militar, já que o 190 não funcionava. Mais uma vez a cortesia dos Policiais Militares foi patente e, depois de procurarmos, junto com o Presidente da Câmara Municipal, um hotel para pernoitarmos, fomos acolhidos, gentilmente, pelo Prefeito Luiz Pereira na sua Fundação. O Romeu sugeriu procurarmos a Dona Nessi, anciã local, com mais de 100 anos de idade. Filha de um peruano com uma índia Cambeba, possui uma lucidez invulgar para alguém de idade tão avançada. Apesar de ter a vista e a audição prejudicadas, historiou sobre a chegada dos capuchinhos, citando nominalmente cada um, sua procedência e personalidade. Emocionou-se quando falou dos filhos, alguns já falecidos. Contatei o Frei, à noite, que me prometeu uma entrevista para o dia seguinte a partir das 05h30. Provoquei-o e ele discorreu sobre a história dos capuchinhos e sua influência nas áreas da educação e desenvolvimento da região, sem permitir, no entanto, que eu gravasse seu relato naquele momento. Não avistamos a Fabíola durante nossa permanência em Amaturá. Ela praticamente não saiu do quarto.

Imagem 31 – Índio Cambeba (Alexandre Rodrigues Ferreira)

Amaturá

A origem do Município de Amaturá está vinculada à história de São Paulo de Olivença que remonta à missão de São Paulo Apóstolo, fundada pelos jesuítas no final do século XVII. Com a vitória dos portugueses, a missão de São Paulo Apóstolo, depois aldeia de São Paulo dos Cambebas, se tornou sede do Município, desmembrado de Tefé com o nome de São Paulo de Olivença. O território sofre vários desmembramentos e dá origem aos Municípios de Benjamin Constant e Santo Antônio do Içá. Em 1981, o Distrito de Amaturá é desmembrado, passando a constituir o Município autônomo de Amaturá.

Mapa 01 – Tabatinga – Fonte Boa (DNIT)

Amaturá – Santo Antônio do Içá

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Partida para Santo Antônio do Içá (09.12.2008)

Acordei às 04h30 e me dirigi ao posto da Polícia Militar para confirmar o apoio agendado para as 05h30. Acordei o plantonista, confirmei o horário e me dirigi para a Praça Central.

Aguardei o Frei capuchinho durante 30 min na praça para a entrevista que ele disse que me concederia; como não apareceu, fui ajudar os parceiros a carregar os caiaques. Partimos às 06h15, o dia estava magnífico, os botos vermelhos nos saudaram logo de manhã cedo com suas alegres evoluções.

Trajeto

Depois de remar por mais de uma hora, paramos para o descanso numa praia onde comemos pão e bebemos bastante líquido. O dia continuava agradável e, na segunda parada, na altura de Várzea Grande (segundo o mapa), observamos um bando de golfinhos (botos tucuxis) pescando.

A orientação, apesar dos problemas com o GPS, continuava fácil e eu conseguia identificar no terreno as Comunidades e acidentes sem qualquer dificuldade.

Aportando em Santo Antônio do Içá

Na chegada a Santo Antônio do Içá, por volta do meio-dia, mais botos tucuxis em sua operação de pesca, foi a maior concentração que pude observar em toda extensão do Solimões.

Aportei para descansar e me lavar antes de atracar no porto da Cidade. Enquanto fazia isso, ninguém sabe como, a Fabíola conseguiu virar o caiaque oceânico, que estava parado no meio do Rio. Pescadores que estavam por perto se aproximaram para ajudar mas, antes mesmo que eles se aproximassem, o problema já tinha sido contornado sem maiores consequências a não ser o susto e equipamento molhado.

O velho porto estava lotado e desembarquei, com alguma dificuldade, no flutuante para embarcações maiores, escalando os pneus que servem de amortecedores para o casco dos navios. Novamente, utilizei o 190 em busca de apoio e apareceu o Policial Jeniel, que me levou até a casa do vice-Prefeito, já que o Prefeito estava viajando. O vice não se encontrava, e sua esposa orientou o Jeniel a respeito da hospedagem.

Fomos até o Hotel Rio Solimões, próximo ao porto, e confirmei as reservas. No porto, o Jeniel montou uma rápida operação com o apoio dos vigias locais de maneira que pudéssemos manobrar os caiaques para uma área mais segura e os descarregássemos; em seguida, deixou-nos no hotel junto com a bagagem. Uma Cidade grande para o contexto amazônico, com um traçado moderno e bastante organizada, construída a 70 m acima do nível do Mar, a 888 quilômetros em linha reta de Manaus e 1.199 quilômetros via fluvial.

Santo Antônio do Içá

A história do Município está vinculada à construção da igreja do Divino Espírito Santo em Tonantins, em 1813. Em 1865, foi criada a Freguesia de Tonantins. Sua primeira denominação foi Boa Vista.

A restauração do Município de São Paulo de Olivença deu-se em 1935, mas só em 1938 é que reapareceram Tonantins e Boa Vista, como Distritos de São Paulo de Olivença, o segundo já com a denominação atual de Santo Antônio do Içá. Em 1955, os Distritos de Tonantins e Santo Antônio do Iça são desmembrados de São Paulo de Olivença, passando a constituir o Município Autônomo de Santo Antônio do Içá. Em 1981, o Município de Santo Antônio do Içá, até então constituído do Distrito Sede e do Distrito de Tonantins, perde este último, que se torna Município autônomo.

Rádio Felicidade (10.12.2008)

Concedemos uma entrevista às 07h30 de 10 de dezembro, na rádio Felicidade ao professor Sebastião Batalha. A Fabíola, para variar, não quis participar. O professor Batalha nos deixou bastante à vontade e apresentei o projeto e seus objetivos.

Retornamos ao Hotel, que ficava a uns dez minutos da rádio e, antes de chegarmos a ele, fomos interpelados, na rua, pelo Secretário de Saúde do Município, o senhor Cristóvão, irmão do Prefeito Antunes, que nos garantiu apoio em viatura e alimentação. Solicitei ao secretário alguém que conhecesse a Cidade e pudesse nos levar aos seus principais pontos turísticos.

Turismo com o Amigo Jorge

Pouco depois, estávamos com o amigo Jorge, funcionário da prefeitura, fazendo um tour pela Cidade. Conhecemos a Comunidade Indígena Ticuna do Lago Grande e o belo Lago que lhe empresta o nome.

A Comunidade possui uma estrada asfaltada, pela gestão do Prefeito Antunes, até as suas proximidades e, em reconhecimento, observamos uma bandeira do PT, partido do Prefeito, tremulando no centro da aldeia. O Lago, fechado com exclusividade para a Comunidade, se presta à pesca sustentável do pirarucu que é realizada de quatro em quatro anos. Após breve visita à aldeia, continuamos o passeio e conhecemos um balneário de águas cristalinas, em que os populares tomavam banho e preparavam um tambaqui assado.

Passamos pelo aeroporto local que aguarda liberação da Infraero para funcionar. Na pista do aeroporto, o Jorge deu carona para um grupo de crianças que retornavam do banho no Igarapé. Uma delas estava com uma garrafa cheia de peixinhos coletados no balneário. Pude identificar, pelo menos, sete espécies diferentes naquela pequena garrafa.

Apoio Incondicional

Fomos deixados no hotel para nos refrescarmos e logo após nos dirigimos ao restaurante indicado pelo amigo Cristóvão, que lá nos esperava com alguns elementos ligados à saúde das Comunidades indígenas. Conhecemos a enfermeira Cristiane, uma paulista entusiasmada com os desafios que a Comunidade Ticuna de Betânia lhe propicia.

O secretário Cristóvão autorizou que acompanhássemos o deslocamento da equipe de saúde pelo Rio Içá, atendendo a um desejo meu. Eu queria observar o Rio de perto e comparar sua geografia com a descrição de Euclides da Cunha. Conversei demoradamente com a Cristiane e marcamos a saída para as dez horas no dia seguinte.

Só faltava resolver o problema da Internet, enviar as fotos tiradas até agora e escrever os artigos atrasados. O secretário escalou seu assessor, o Jaran, para que isso fosse resolvido. Jaran me deixou as chaves de seu gabinete e me lancei sofregamente a escrever o diário de bordo e enviar os arquivos de imagem e áudio.

Só interrompi para o jantar, lá pelas 19h30, e conclui minhas tarefas à uma hora da madrugada. Neste intervalo, fiquei redigindo meu artigo e conversando com a enfermeira Cristiane, que também colocava sua correspondência em dia e relatou, com preocupação, determinadas atitudes que a Fabíola pretendia tomar em relação ao projeto.

Rio Içá (11.12.2008)

Saímos com certo atraso para a Comunidade Ticuna de Betânia acompanhados pelo pessoal da FUNASA. A velocidade da voadeira impulsionada pelo poderoso motor de popa mal permitia que pudéssemos admirar as margens do furo em que nos deslocávamos e observar os ribeirinhos em suas pequenas embarcações. A Comunidade, fundada por missionários batistas de origem Norte-americana, é grande, bem estruturada, e enfrentava, na oportunidade, problema de abastecimento d'água. Acompanhando os integrantes da FUNASA visitamos a simpática Comunidade.

O leito sinuoso do Içá, seus meandros, Lagos em forma de ferradura e furos como tantos outros afluentes do Amazonas pode ser descrito pelas palavras incomparáveis do imortal Euclides da Cunha na obra póstuma "*À Margem da História*" (lançada um mês após a sua morte):

> A inconstância tumultuária do Rio retrata-se ademais nas suas curvas infindáveis, desesperadoramente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrojando-se à ventura em repentinos atalhos [...] (CUNHA, 2000)

A história do Município de Santo Antônio do Içá se confunde com o Rio que lhe empresta o nome e banha as suas terras. Com inúmeros afluentes e Igarapés aumentando-lhe a vazão, o Içá, na sua Foz, tem a força de suas águas praticamente bloqueadas pelo Solimões. O represamento faz com que o belo Rio se alargue abandone seu leito invadindo as terras baixas ao seu redor formando diversos Lagos e Ilhas.

Johann Baptist Spix no Rio Içá

O zoólogo Johann Baptist von Spix, na véspera do Natal de 1819, chega ao Rio Içá, e faz o seguinte relato:

> A 24 de dezembro alcancei o Quartel Militar do Rio Içá, que nasce a Noroeste, na cordilheira, onde é chamado Putumayo, e verte as suas águas pretas pelo lado Setentrional, no Solimões. A minha chegada foi festejada com luminárias à noite, para cujo fim queimam manteiga de tartaruga em cascas de laranja.
>
> Duzentos dos mais belos índios da tribo dos Passés, com caras tatuadas de preto, inteiramente nus, alguns com compridas varas na mão, outros com flautas de caniço, marchavam em fila, seguidos pelas mulheres e crianças, formando ora um círculo singelo, ora um círculo duplo. Semelhante marcha militar também executavam os menos numerosos Juris, alternando com os outros.

Ambas as nações são habitantes principais das margens do baixo Rio Içá. Entre os Passés, o pajé é tido em grande consideração. É ele quem aparece logo depois do parto, e dá o nome à criança. A mãe fura as orelhas do recém-nascido. A força e insensibilidade do menino são postas à prova com surra. Jovens donzelas casadoiras são suspensas na cabana e jejuam durante um mês. A parturiente fica um mês de resguardo no escuro e só pode comer mandioca, e igualmente o marido, que, durante esse período, se pinta de preto e também fica deitado na rede.

Usam-se aqui as insuflações com o pó de paricá e clisteres com o decoto do mesmo. O Tuxaua tem, em geral, diversas mulheres; os demais, apenas uma. O "*jus primae noctis*" ([58]) não faz parte dos costumes destes. Há festas frequentes com mascarados.

Enterram os defuntos em covas redondas. Só o corpo do chefe é que tem acompanhamento, e suas armas são-lhe incineradas sobre o túmulo.

Entre estes índios, encontram-se indivíduos da tribo dos Jumanas, Miranhas, de asas nasais furadas, Ujaquas, Ariauenas de orelhas alongadas e pendentes e também Muriatés, cujas mulheres, em seguida ao parto, se escondem no mato fechado, a fim de que o luar não lhes provoque nem ao recém-nascido, alguma doença.

Dos Juris, conhece-se o costume usual aqui e acolá na América do Sul de deitar-se o marido na rede, logo que a mulher dá à luz, e ser servido por ela. (SPIX & MARTIUS)

---

[58] Jus primae noctis: o "*direito à primeira noite*" era um cruel tributo lascivo imposto pelos senhores feudais europeus aos seus servos, permitindo-lhes desfrutar das primeiras carícias das noivas de seus vassalos.

Primeira Baixa

Na noite de 11 para 12.12.2008, levando em conta os pressupostos de segurança, saúde e falta de afinidade em relação aos propósitos do projeto, chegamos à conclusão, de comum acordo, que a Fabíola não estava em condições de acompanhar mais a equipe.

Navegar é Preciso
(Fernando Pessoa)

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso". ([59])
Quero para mim o espírito desta frase,
Transformada a forma para a casar como eu sou:
Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
Ainda que para isso tenha de ser o meu corpo
E a minha alma a lenha desse fogo.
Só quero torná-la de toda a humanidade;
Ainda que para isso tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso.
Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue
O propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
Para a evolução da humanidade.
É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

---

[59] Navigare necesse; vivere non est necesse. Pompeu, o Grande (106/48 aC.) em Plutarchus: "*Vitae illustrium virorum – Pompey*".

Santo Antônio do Içá – Tonantins

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Partida para Tonantins (12.12.2008)

Não contamos com o apoio de viatura para carregar o material do Hotel até os caiaques e isso acarretou um atraso de uma hora no horário previsto para a partida. Calibrei novamente o GPS, com a expectativa de corrigir as incorreções verificadas nos percursos anteriores. Às sete horas iniciei as remadas com um ritmo bastante lento, para que o Romeu se adaptasse novamente ao fato de remar um caiaque duplo sozinho.

Primeira Parada

Depois de uns 10 min, já havíamos chegado a um cadenciado ritmo de 12 km/h. Apareceram, então, dois botos vermelhos fêmeas que nos acompanharam a uns 50 m de distância durante 30 min. A primeira parada, a uns 16 km de distância do porto, foi na extremidade Sul da Ilha do Pupona. As extensas praias de areias brancas abrigavam um considerável rebanho bovino, e aqui e ali se avistavam pés de feijão e melancia, certamente remanescentes de plantações das várzeas dos períodos da vazante do Rio.

O GPS estava funcionando corretamente e me desloquei até o ponto assinalado para conferir sua exatidão. Fiquei satisfeito com o resultado e calibrei novamente o equipamento. A possibilidade de poder contar com o GPS em trechos mais complexos me deixou mais tranquilo em relação às navegações futuras.

Segunda Parada

Acompanhamos por um bom período um empurrador que, Rio abaixo, conduzia uma balsa carregada de seixos rolados, mantivemos um ritmo forte, até que resolvemos parar novamente no extremo Norte da Ilha Pupona. Ficamos observando pescadores que recolhiam o espinhel em sua montaria, resignados com o insucesso de seu labor.

Avistando Tonantins

Depois de uma acentuada curva à esquerda, na altura da Ilha do Macuco, avistamos Tonantins a uns 8 quilômetros de distância. A correnteza forte facilitou bastante a navegação e aportamos no flutuante da prefeitura às 11h45.

Tonantins

Em 1938, Tonantins se torna um dos Distritos de São Paulo de Olivença e, em 1955, é desmembrado de São Paulo de Olivença, e se torna Distrito do Município de Santo Antônio do Içá. Junto à antiga Vila de Tonantins, forma-se a Vila Nova de Tonantins, que se transforma no núcleo de desenvolvimento do Distrito.

Em 1981, o Distrito de Tonantins é desmembrado de Santo Antônio do Içá, passando a constituir o Município de Tonantins, com sede no Tonantins.

Contatos em Tonantins

O Romeu permaneceu com as embarcações e eu parti em busca do irmão do Prefeito eleito de Tonantins, senhor Álvaro da Silva Cabral. O Cabral, como é conhecido, foi indicado pelo seu irmão, quando

o conheci no Quartel General da Polícia Militar, em Manaus, no gabinete do Coronel PM Rômulo, Comandante do Policiamento do Interior.

Na oportunidade, o futuro Prefeito havia prometido apoio em alimentação e pousada na sua Cidade e escreveu um bilhete que deveria ser entregue ao seu irmão quando chegássemos à Cidade.

Os Amigos da Polícia Militar (PM)

Subi as escadarias do porto e, como não avistasse nenhum telefone público para acionar o 190, recorri a um moto-táxi e me desloquei até a casa do senhor Cabral que, na oportunidade, não se encontrava na sua residência. Deixei um recado informando de nossa chegada e me dirigi ao Hotel Garcia, de propriedade dele. Entreguei, na portaria, o bilhete do Prefeito e solicitei que fosse feito contato com a PM.

O Cabo Libório me atendeu cortesmente e destacou o Cabo Arcanjo e dois auxiliares para me apoiar. Deixamos os caiaques sob a guarda do senhor Rodrigues no Flutuante da Prefeitura e carregamos nossos pertences, auxiliados pelos Policiais Militares, para a viatura policial que estacionara junto à escadaria, e fomos para o Hotel Garcia.

Bar e Restaurante Dona Ray

Ocupamos o apartamento número 2 e os Policiais nos levaram até o Restaurante da Ray, nos apresentando aos seus proprietários. A Senhora Raimunda, seu esposo Raimundo e sua adorável filha Patrícia foram extremamente amáveis conosco. Fizemos nossas refeições diárias no restaurante, sempre à base de Tambaqui frito.

Associação dos Pescadores

Fizemos contato com o Pastor Haroldo e este nos contou sua história de vida, sua participação na criação da Associação dos Pescadores e a fundação da rádio FM Vila Nova. Ele agendou uma entrevista nossa com o Presidente da Associação, o senhor José Fernando de Oliveira, que nos mostrou suas realizações e projetos futuros. À noite tive o privilégio de conhecer o simpático Padre Elias, que marcou uma entrevista para as oito horas de 13 de dezembro.

Entrevista com o Padre Elias Augusto José

Como havia solicitado, o Padre Elias discorreu sobre sua origem. Como fiel representante da "*raça mestiça*", traz nas veias o sangue matizado pelas cores das diversas bandeiras consolidadas, hoje, nas cores verde e amarelo. O simpático amigo discorreu sobre a história dos missionários católicos na região.

> A igreja do Alto Solimões, hoje diocese do alto Solimões, foi criada no dia 23.05.1910 e teve toda uma caminhada eclesiástica e organizacional. A região do Alto Solimões foi longamente disputada pelos espanhóis e portugueses. Desde 1542, quando Orellana de Quito desceu pelo Napo, Maranhão e Solimões, várias expedições foram enviadas nessa época pelos espanhóis. Os missionários Jesuítas que acompanharam essas expedições tinham a tarefa de transformar "*os índios bravos em índios mansos*" e expressão corrente era de "*amansar os índios*".
>
> Por isso foram fundadas, especialmente pelo Padre Jesuíta Samuel Fritz, várias aldeias, destacando-se São Paulo dos Cambebas, São José do Javari e São Pedro do Camatiã onde reuniu os Ticunas, Matura e Tonantins.

No final de 1600, o governo português enviou tropas para ocupar o Solimões. Houve muita luta, mortes, várias aldeias foram destruídas, e os índios foram levados a lutar uns contra os outros. Em 1749, os Espanhóis deixaram definitivamente o Solimões e os Lusos cuidaram de garantir as fronteiras. Os Jesuítas foram expulsos e as missões entregues aos Carmelitas. O Rei de Portugal, usando os poderes do padroado ([60]), criou Freguesias e Paróquias. As Paróquias de S. Francisco Xavier em Tabatinga e S. Paulo Apóstolo em S. Paulo de Olivença nunca tiveram sacerdotes e a 1° Igreja foi construída um ano depois. O governo só visava garantir as fronteiras.

Estes acontecimentos mostram como a atividade religiosa teve pouquíssima atuação. Com a criação da Diocese do Amazonas em 1892, começou a tornar-se mais frequente a presença do sacerdote. Mesmo assim a evangelização era mínima, realizada através de breves visitas puramente sacramentalizadoras. O Padre que fazia a melhor catequese era aquele que mais batizava sem se preocupar com a preparação do seu rebanho para o ato do batismo. A assistência permanente e organizada começou somente com a criação da Prefeitura Apostólica do Alto Solimões.

Foi no dia 23.05.1910 que o Papa Pio X, com a Bula "*Laeti Animo*", confiou a recém-criada Prefeitura aos Capuchinhos da Úmbria, Itália. Assim, a Igreja do Alto Solimões começou a sua caminhada missionária.

Na região, não existia nenhuma estrutura física, somente S. Paulo de Olivença era o único Município da área. Em 12.11.1919, Bento XV declarou padroeira da Prelazia N. Sr.ª da Assunção. Aos 11.08.1950, Pio XII elevou a Prefeitura Apostólica em Prelazia do Rio do Alto Solimões. A 16.02.1992, a Prelazia do Alto Solimões passa à dignidade de Diocese.

---

[60] Padroado: direito de conferir benefícios eclesiásticos.

> Toda uma caminhada histórica, ação missionária, prefeitura apostólica, prelazia, diocese, a igreja na sua fase adulta dando continuidade à missão que aqui deram início os capuchinhos mesmo considerando as culturas já existentes. No Javari, por exemplo, são mais de dez etnias, o país mais estrangeiro do mundo é o Brasil, tantas são as etnias e línguas indígenas diferentes. (Padre Elias Augusto José)

Entrevista com o Sr. Francisco A. do Nascimento

Após a entrevista com o Padre Elias, ele recomendou que eu conhecesse o avô de sua secretária. Ela me conduziu até a casa do senhor Francisco, uma das personalidades mais antigas de Tonantins que nos concedeu uma entrevista apaixonante contando sua história de vida.

O senhor Francisco me presenteou com o livro de seu filho Alberto Francisco Nascimento – "*Tonantins – sua história e sua gente*".

> Meu nome é Francisco Alberto do Nascimento e nasci em 07.08.de 1923. Meu pai se chamava Francisco Rodrigues do Nascimento, era maranhense de São Luís do Maranhão. Como o ciclo da borracha era muito promissor, ele veio para o Amazonas, em 1909 ou 1910, e instalou-se em São Paulo de Olivença. Foi seringalista, trabalhou até o fim do ciclo da borracha e ficou por aqui pela região.
>
> Minha mãe se chamava Paula Pessoa do Nascimento, filha de cearenses que também migraram para cá no ciclo da borracha. Eu estudei um pouquinho com uma irmã que se formou em Belém do Pará, como normalista, e que me ensinou as primeiras letras. Quando meu pai morreu, eu tinha 12 anos e tive que tomar conta da minha família.

Abandonei os estudos e, a minha mãe resolveu vir de São Paulo de Olivença com minha avó e morar em Tonantins. Cheguei a Tonantins dia 10.07.1938.

Como eu havia começado a vida no seringal, que tinha voltando a dar dinheiro em 1936 ou 1937, voltei para o corte da seringa em 1939 e lá fiquei enquanto a borracha dava dinheiro. No verão, eu viajava para os trabalhos no seringal e no inverno voltava para passar com minha família e aqui permaneci até agora.

Eu fui para o seringal com 16 anos. Como eu falei, meu pai morreu em 1936, e eu fiquei com minha mãe e uma tia. A solução era ir para a seringa, posso dizer que saí do banco de um colégio para ir para o topo da seringueira acompanhar meu tio na estrada ajudando a colher, pois no início eu não sabia cortar, porque ele estava nos sustentando, eu, minha mãe e meus irmãos que estávamos na companhia dele. Eu tinha 12 anos e, para não ficar em casa ocioso, ia com ele e fazia o que podia. Um dia, ele me deu uma faquinha para eu começar a cortar também.

Daí em diante, fiquei cortando seringa enquanto a borracha dava dinheiro. Até que comecei a trabalhar por minha conta, pedi crédito, e comprei o necessário para o trabalho e fui trabalhar na seringa.

Em 1945, casei e aqui mesmo construí o meu barraco, um barraco de pobre, de palha e aí nós fomos trabalhando, trabalhando e hoje nós temos essa casa. Hoje me orgulho de ter 12 filhos, sendo 9 professores formados e eu continuo aqui em Tonantins. No seringal, é aquela vida de seringueiro, difícil, de muito trabalho e perigosa. Eu tinha muito medo de onça, naquela época havia muitas, mas graças a Deus nada de mal me aconteceu, nunca fui agredido por nada.

Encontrei-me algumas vezes com onças mas, quando ela investia, eu me fazia de corajoso, ela acabava desistindo e ia embora. Isso aconteceu comigo algumas vezes, uma única vez uma onça custou muito a desistir, mas são coisas da vida, de quem trabalha no mato.

Mas fora isso, nós trabalhamos muito até chegar aonde chegamos. Eu me sinto feliz por ter conseguido educar os meus filhos. (Francisco Alberto do Nascimento)

Soldado da Borracha

Na 2ª Guerra Mundial (2ª GM), os japoneses cortaram o fornecimento de borracha para os Estados Unidos e o Presidente Getúlio Vargas montou uma operação que visava garantir o fornecimento de borracha para os EUA. A propaganda veiculada nos meios de comunicação afirmava que os voluntários para a extração da seringa eram tão importantes quantos os marinheiros e aviadores que lutavam contra a pirataria submarina.

Em todas as esquinas se avistavam retratos de seringueiros tirando látex e os slogans "*Tudo pela Vitória*", "*Terra da Fortuna*", soavam como palavras de ordem. Esta verdadeira operação de guerra desencadeada pelo Presidente Getúlio Vargas transportou 30.818 trabalhadores e dependentes dispostos a enfrentar a hostilidade e a insalubridade da selva entre 1942 e 1945. No próximo capítulo vamos repercutir algumas notícias divulgadas pela imprensa da época para que possamos aquilatar, não só, as extremas dificuldades logísticas desenvolvidas em uma operações desta magnitude mas, sobretudo a determinação destes heroicos "*Soldados da borracha*".

Os descendentes dos soldados da borracha, nativos da região amazônica, que conhecemos ao longo do caminho, sobreviveram à todos os desafios que lhes foram impostos e afirmam terem ganho muito dinheiro neste período. São necessárias gerações para se forjar no gene de uma raça a têmpera de um nativo amazônida capaz de conviver com a selva e sobrepujar a inclemência do ambiente hostil.

A Constituição de 1988, mais de quatro décadas do fim da 2°GM, contemplou com uma pensão os Soldados da Borracha, ainda vivos, como reconhecimento pelos serviços prestados ao país.

Curiosidades de Tonantins

Do livro "*Tonantins – sua história e sua gente*" de Alberto Francisco NASCIMENTO, selecionei três relatos interessantes cujos textos adaptei:

Naufrágio do Navio "Ajudante"

Em agosto de 1945, as forças peruanas e colombianas estavam em franca hostilidade. A fragata colombiana "*Cartagena*", no dia 02.08.1945, ancorou junto a Foz do paraná Jauarizinho, a jusante do Rio Içá, aguardando, de tocaia, com as luzes apagadas, a passagem de uma embarcação peruana que saíra de Manaus dois dias antes.

A embarcação peruana havia encalhado num banco de areia próximo a Coari e foi ultrapassada pelo navio "*Ajudante*" de bandeira brasileira. Quando o navio brasileiro, confundido com a nau peruana, passou, à noite, pela boca do Patiá, nas proximidades do Jauarizinho, foi abalroada pela fragata colombiana que a espatifou em duas partes.

A velocidade da correnteza, a explosão da caldeira do Ajudante e a escuridão da noite contribuíram para que se salvassem apenas 48 das 120 pessoas que viajavam a bordo da embarcação brasileira.

Terezinha Gonçalvez Morango

O português Antônio Ferreira Morango foi contratado pelos capuchinhos para construir a Escola S. Francisco e a casa paroquial inaugurada em 7 de janeiro de 1914. A Escola deu origem ao atual Colégio São Francisco.

Em 26 de outubro de 1936 nasce na propriedade de seu tio Antônio Ferreira Morango, em Canavial, que hoje faz parte do Município de Tonantins, Terezinha Gonçalvez Morango, filha de Emir Gonçalvez Morango e de Manoel Ferreira Morango. Terezinha Morango, em 1957, é eleita Miss Amazonas e Miss Brasil. No concurso de Miss Universo, ocorrido no dia 19 de julho em Long Beach, no estado da Califórnia (USA), ficou em segundo lugar, perdendo para a peruana Gladys Zender.

Tonan e Tins a lenda

Na aldeia dos Caiuvicenas existiam dois jovens que se sobressaíam na tribo. Tonan era uma jovem bela, graciosa, excelente cozinheira e hábil artesã e Tins era um guerreiro valente, caçador por excelência, muito forte, destacava-se pela destreza do arco e da flecha e era imbatível no combate.

Os dois acabaram se apaixonando, mas não puderam casar, pois o Cacique achava que eles eram muito importantes para a Comunidade.

Com o passar do tempo, os jovens, indignados com a proibição, fugiram e se internaram na mata. Tonan seguiu rumo ao nascente e Tins para o poente e bem longe da aldeia construíram seus tapiris ([61]) e passaram a viver isolados.

Não suportando a saudade, os dois vieram a falecer. Tupã, compadecido com o destino dos jovens, resolveu, então, transformá-los em duas fontes de água limpas e cristalinas. As águas correndo da terra firme para a várzea se encontraram, por fim, envolvendo-se num abraço eterno e seguiram em frente até encontrar o Solimões.

Por onde passavam suas águas, as árvores floriam de alegria. Da união formou-se o Rio Tonantis que emprestou seu nome à Cidade.

Johann Baptist Spix em Tonantins

No Rio Tonantins, Spix viu os índios cauixanas e assim os descreveu:

> Um dia depois, atravessei para a margem Setentrional do Solimões, e alcancei, escapando com felicidade de algumas tempestades, em sete dias depois da partida de Fonte Boa, a povoação no Tonantins.
>
> Este Rio nasce a apenas alguns dias de viagem, mais ao Norte, na direção do Japurá. Aqui existem muitas roças de mandioca.

---

[61] Tapiri: habitação precária e rústica.

O Tonantins é habitado pela tribo dos Cauixanas, conhecidos por se alimentarem de jacaré, e há poucos anos mataram o seu missionário.

Ao meu aparecimento em suas moradas, no mato, mostraram-se assustados no primeiro momento, mas logo saíram das cabanas, os homens todos nus e atrás deles diversas das suas mulheres e filhos, com os rostos salpicados de preto e vermelho, enfeitados com tiras de entrecasca e penas nos braços e pernas.

Essas choças de teto cônico são feitas com folhas de palmeira, e têm uma parte baixa, pela qual a gente entra e sai de rastos. Homens, mulheres, crianças e cães deitam-se todos juntos nessa morada escura, cheia de fumaça.

Trouxeram-me muitos bugios, os negros coatás, os peludos guaribas ruivos, rãs azuis, variedade de colibris, muitos insetos, ovos verdes de inhambu, etc.; parecia que esses índios viviam numa zona muito mais rica em alimento do que seus vizinhos do Japurá, que têm que se habituar à fome, por causa da quase contínua escassez de caça.

Também diversos ingazeiros, cujas vagens longas e doces são comestíveis e oferecem aos cauixanas agradável alimento. (SPIX & MARTIUS)

Pastor Haroldo Fernandes de Lima

Às dez horas, fomos entrevistados na rádio Vila Nova 87,9 Mhz pelo Pastor Haroldo. Ambos nos emocionamos. O Pastor é um homem dinâmico e empreendedor. Prometemos manter contato e reportar nossas impressões tão logo cheguemos a Porto Alegre. O Pastor havia deixado sua motocicleta à disposição durante nossa estada em Tonantins.

Pastor Haroldo Fernandes de Lima

Meu nome é Haroldo Fernandes de Lima eu sirvo à Comunidade como Pastor evangélico e, além disso quando aqui chegamos, em 1994, eu precisei me afastar do púlpito da igreja e estender a mão aos carentes, os necessitados da localidade. Inicialmente começamos nosso trabalho com os pescadores e desenvolvemos um projeto com eles. Logo que chegamos, constatamos uma quantidade imensa de pescadores, diretamente responsáveis pela segunda fonte de renda do município porque a primeira é o INSS. Nós sabíamos que recursos do Governo poderiam ser disponibilizados para eles, mas antes era preciso organizá-los e conseguimos, com muita dificuldade, porque os patrões não queriam abrir mão de seus empregados.

Achávamos que cada pescador poderia ter o seu próprio barquinho com motor a gasolina, sua malhadeira, seu rancho, que era, então, tudo de propriedade do patrão. Confrontei resolutamente os patrões que não queriam abrir mão de dezenas de pescadores. Mas nós estávamos bastante determinados e conseguimos organizar e fundar a Associação de Pescadores que hoje funciona normalmente e tem em torno de 700 associados, cujo Presidente já informou, anteriormente, ao Coronel detalhes da mesma.

Hoje os associados estão recebendo benefícios do Governo Federal, o chamado "*seguro defeso*" ([62]), no

[62] Seguro Defeso: defeso – período do ano em que para proteger os peixes ou crustáceos que estão em fase de reprodução, a pesca é restringida, total ou parcialmente. Seguro Defeso – visa contribuir para a manutenção das famílias dos pescadores no período do defeso.

período de 1° de novembro a 31 de março, e, com isso, permitindo que os peixes se reproduzam. No rio Tonantins, onde se pesca matrinchãs e curimatãs os pescadores estão respeitando as determinações.

Recebemos muitos elogios do pessoal do SINE que aqui estiveram. Então está tudo bem e graças a Deus vamos seguindo o caminho das águas amparando o pescador. Outra questão importante é que quando aqui chegamos não existia telefone, só o comunitário, onde as pessoas formavam uma fila enorme para poder falar com seus familiares que moravam em outros minicípios. Conseguimos trazer a TELEMAR para cá, porque notamos que os políticos não queriam que a população fosse informada do que se passava lá fora mantendo seu domínio sobre o "*curral eleitoral*". Depois de muita confrontação com os políticos conseguimos vencer e dar continuidade ao projeto [...].

Como nos encontramos em transição de mandato municipal, é necessário apenas aguardar a concessão de um terreno para instalar uma torre da TIM e quando isso se tornar realidade o nosso pescador poderá ligar, lá do lago, e falar com a sua família. No momento estamos apenas com o telefone fixo mas vamos, passo a passo, avançando.

No ano 2000, quando aqui cheguei existia uma rádio pirata comunitária de baixa potência que era monopolizada por alguns elementos para promover-se politicamente. O prefeito é que comandava a emissora e eu cheguei até ter meu horário vetado com a justificativa de que não estava alcançando a popularidade devida com minhas controversas declarações. Isso me motivou a conquistar uma rádio do povo que fosse capaz de levar a informação a todos e cujos temas não estivessem vinculados a nenhum partido político.

Imagem 32 – Rádio Vila Nova FM 87,9 Mhz (Tonantins, AM)

Foi um desafio que Deus colocou no meu coração e passamos 5 ano enfrentado a burocracia até que, em 2003, entramos no ar, com a ajuda de pessoas amigas da comunidade nós conseguimos o equipamento básico de uma rádio. A rádio ainda está instalada aqui na minha residência porque eu não consegui apoio suficiente para construir uma instalação adequada. Mas, se Deus quiser, ano que vem vamos construir, ao lado do templo, um prédio novo que sediará um centro de comunicação, mais próximo da rua principal – um local estratégico. Nossa Rádio já está no ar há cinco anos servindo a comunidade onde todo o povo tem acesso. Agora não temos mais aquela problemática do prefeito ou qualquer político querer comandar por que somos totalmente independentes deles. Sobrevivemos de doações de voluntários que acreditam no nosso trabalho e confiam em nós, graças a isso, temos avançado na área de comunicação e com a nossa própria sede.

O Coronel Hiram, executando o "*Projeto Aventura Desafiando o Rio-mar*", está agora passando pela nossa região mas acredito que poderá nos trazer, futuramente, informações lá de sua região, criando uma parceria conosco. Temos muito mais coisas pela frente e isso nos despertará para a realidade nacional. Devemos, também, tomar conhecimento da realidade daqueles que já não estão morando nesta cidade, em decorrência de novas oportunidade e melhoria de suas condições de vida. Acho que será bem interessante este intercâmbio de informações. Hoje, 13.12.2008, vai ser considerado um dia histórico, apesar de muito chuva e frio, não tanto como lá no Sul do país. [...]

Na verdade poucas pessoas teriam a coragem de fazer o que o Coronel está fazendo e também de dispor de seu tempo para nos falar um pouco da sua Expedição que tem contado com irrestrito apoio de todas as comunidades ribeirinhas. O Coronel está repassando sua experiência e aprendendo nossa cultura e a nossa vida o que muito agradecemos. Nós aqui ainda comemos carne de caça, pegamos peixe com a mão, já imaginaram isso? E ele mostrará isso nos seus artigos e livros. Ele vindo, lá do extremo sul, para centro da selva amazônica, nos deixa muito alegres com esta sua atitude.Como diz um trecho bíblico – "*Venha para a Macedônia e ajude-nos*" ([63]), e está acontecendo isso, abrindo mão do conforto que tem lá no Sul para conviver conosco nestes ermos. Agradecemos a cada um daqueles que patrocinou ou apoiou, de alguma forma, a concretização deste magnífico projeto. [...]

---

[63] Atos dos Apóstolos (16:9 e 10): 9. Durante a noite, Paulo teve uma visão: um macedônio estava em pé suplicando-lhe: "*Venha para a Macedônia e ajude-nos*". 10. Logo depois que ele teve a visão, procuramos ir à Macedônia, concluindo que Deus havia nos chamado para lhes declarar as boas novas. (Bíblia Sagrada)

Fica então aqui o nosso abraço para vocês aí do Rio Grande do Sul, estudantes do Colégio Militar de Porto Alegre, que adotaram esse projeto, que estão mantendo esse projeto, nós agradecemos, sinceramente, em nome do povo da nossa terra. Nem tudo que repassam na internet é real, é fato, mas agora vocês estão tendo a oportunidade acompanhar "*in loco*" estas experiências vivenciadas pelo Cel Hiram.

Eu vim do Acre, me formei em Manaus, e de lá vim para cá há 14 anos. Estou aqui cooperando com os povos indígenas, os Tikuna, os Caixana e os Cocama. Eles carregam a cultura no sangue deles, não vivem nus, não usam arco e flecha e nem ostentam pinturas corporais – são tão civilizados como nós, com estudo, casas como as nossas... Para trabalhar com eles temos de conhecer sua cultura temos de levar em conta sua formação e respeitá-la. [...].

Para iniciar meu trabalho, precisei começar pelo "*Tronco*" ([64]) – na aldeia chamada Marimari – Lago Grande, com foco no social, levando roupas calçados e alimentos porque lá é que está a origem desse povo que mora aqui na cidade. Minha missão foi gloriosamente recompensada, as pessoas me cumprimentavam e abraçavam e abriram suas portas para mim porque eu estava beneficiando o "*Tronco*" da aldeia deles. Foi um sucesso retumbante, a minha esposa já fala um pouco de Ticuna, eu não conseguia ainda porque é difícil, eles falam um pouco pelo nariz – é nasal a fala deles. Mas acho que se eu me dedicar por uns três meses poderei aprender. [...] (Pastor Aroldo Fernandes de Lima)

[64] Tronco: do tupi ma'ri m'ari.

Senhor Álvaro da Silva Cabral

Após uma série de desencontros, tive a oportunidade de conhecer nosso mecenas, o senhor Cabral, no Bar e Restaurante Dona Ray. Conversamos sobre diversos temas e descobri que o Cabral era um irmão de armas, tendo servido em diversas Organizações Militares da região amazônica. Ratificou o apoio hipotecado pelo seu irmão e nos desejou sucesso na empreitada.

Professor Cristóvão Lopes Ramos

O diretor da Escola Estadual Irmã Terezinha, professor Cristóvão, gentilmente, permitiu que utilizássemos suas instalações para escrever o presente artigo autorizando que permanecêssemos com a chave das instalações. A escolinha ficava longe do centro e tive de chamar, por diversas vezes, moto-táxis para me deslocar para o upload dos arquivos enquanto jantava.

Agradecimento

Mais uma vez se torna patente a alma generosa e acolhedora do povo desta terra, cujo carinho guardarei eternamente em minha lembrança.

Tarde Oculta no Tempo
(Jorge de Lima)

O andarilho sem destino reparou então
Que seus sapatos tinham a poeira indiferente
De todas as pátrias pitorescas;
E que seus olhos conservavam as noites e os dias
Dos climas mais vários do universo;
E que suas mãos se agitaram em adeuses
A milhares de cais sem saudades e amigos;
E que todo o seu corpo tinha conhecido
As mil mulheres que Salomão deixou. [...]

Batalha da Borracha

24-1-1943 — A NOITE — 3

O "FRONT" DA BORRACHA

TRABALHADORES brasileiros do Norte, do Sul, do Centro, embrenhados nas florestas do Amazonas, estão lutando para a vitória das Nações Unidas. Porque, sem a borracha, a vitória, segundo a opinião acreditada de um técnico norte-americano, a guerra dificilmente seria ganha. E o Brasil, em proporção cada vez maior, envia para esse "front" esse precioso material, tão necessário à construção dos engenhos de guerra como os aços finos. As imensas florestas da Amazônia estão neste momento sendo cruzadas em todos os sentidos pelos valorosos soldados da borracha, dispostos a enfrentar todos os riscos combatendo pela causa dos aliados, em busca do insubstituível "latex".

Ao ser dado o grito de guerra e da abertura do "front da borracha", brasileiros de todos os cantos acudiram pressurosos, dispostos à luta e a arrancar das brenhas inhóspitas a vitória para a causa da justiça e da liberdade.

Levas e mais levas de voluntários já partiram da capital da República, depois de rigorosos exames médicos a que foram submetidos no Albergue da Boa Vontade. Outros, saem de vários pontos de seleção existentes no Brasil.

As gravuras que ilustram esta página dão uma idéia perfeita da disposição e da alegria de um dos contingentes que partiu para o Norte. São homens destemidos, cheios de patriotismo e conscientes da missão que a Pátria lhes confiou. São os bravos batalhadores do "front da borracha".

Imagem 33 – A Noite n° 11.119, 24.01.1943

A Noite n° 11.119 – Rio de Janeiro, RJ
Domingo, 24.01.1943

O "*Front da Borracha*"

Trabalhadores brasileiros do Norte, do Sul, do Centro, embrenhados nas florestas da Amazônia, estão lutando para a vitória das Nações Unidas. Porque, sem a borracha, a vitória, segundo a opinião acreditada de um técnico norte-americano, a guerra dificilmente seria ganha. E o Brasil, em proporção cada vez maior, envia para esse "*front*" esse precioso material, tão necessário à construção dos engenhos de guerra, como os aços finos.

As imensas florestas da Amazônia estão neste momento sendo cruzadas em todos os sentido, pelos valorosos "*Soldados da Borracha*", dispostos a enfrentar todos os riscos combatendo pela causa dos aliados, em busca do insubstituível "*látex*".

Ao ser dado o grito de guerra e da abertura do "*front da borracha*", brasileiros de todos os cantos acudiram pressurosos, dispostos à luta e a arrancar das brenhas inóspitas a vitória para a causa da Justiça e da Liberdade. Levas e mais levas de voluntários, já partiram da capital da República, depois de rigorosos exames médicos a que foram submetidos no Albergue da Boa Vontade. Outras, saem de vários pontos de seleção existentes no Brasil. As gravuras que ilustram a página anterior dão uma ideia perfeita da disposição e da alegria de um dos contingentes que partiu para o Norte. São homens destemidos, cheios de patriotismo e conscientes da missão que a Pátria lhes confiou. São os bravos trabalhadores do "*front da borracha*". (A NOITE N° 11.119)

O Acre n° 684 – Rio Branco, AC
Domingo, 07.03.1943

Legião Brasileira de Assistência

[...] No Acre, a Comissão Estadual da LBA conta com um sem número de legionárias e visitadoras, a braços com árduas tarefas em prol dos "*Soldados da Borracha*", que necessitam de conforto material e moral ao se embrenharem, depois do êxodo doloroso dos sertões nordestinos, nas selvas, suas trincheiras onde a Pátria o exige, para o esforço tenaz da extração do látex. [...] (O ACRE N° 684)

A Noite n° 11.260 – Rio de Janeiro, RJ
Sexta-feira, 18.06.1943

A Borracha Movimenta a Economia Amazônica

Impressões de uma Viagem Através da Região

Porto Velho, junho – A litorina ([65]), confortável e segura, avança velozmente devorando os 366 km que separam Guajará-mirim de Porto Velho. Percorremos a famosa Estrada de Ferro Madeira Mamoré que a tantas e tão estranhas lendas deu origem nos dias áureos da borracha. Construída pelo Brasil nos termos do Tratado de Petrópolis, para possibilitar escoamento à produção da Bolívia, a estrada prense às cachoeiras do Rio Madeira serve a uma imensa região, famosa pela riqueza dos seus seringais.

[65] Litorina: vagão ferroviário com motor a diesel e condutor próprio.

A borracha deu à estrada dias de fausto e dias de opróbrio. Por ela viajaram, nos tempos de esplendor, brasileiros que se recusavam receber como pagamento libras esterlinas de ouro, preferindo o nosso papel moeda, "*que valia mais e pesava menos*". Hoje, depois de trinta, anos os bons tempos estão voltando, pois novamente a borracha movimenta a economia amazônica, dando à ferrovia o movimento perdido. De um extremo ao outro a linha corta a floresta amazônica, que de ambos os lados se levanta em gigantescas muralhas verdes. Os que pretendem que a visão continuada da selva é monótona e acaba por enervar, não tem olhos para ver. Sob a aparente uniformidade, o que existe realmente é a diversidade sem fim a dar vida e encanto próprios aos quadros que se desdobram em sucessão infinita. Neste cenário de lenda, seringueiros de todo o Brasil se aprestam para a "*Batalha da Borracha*" e é fácil prever que daqui sairão quantidades cada vez maiores da goma essencial à guerra moderna.

À medida que a litorina avança, o Major Aloisio Ferreira, Diretor da Madeira Mamoré dá aos seus companheiros de viagem informações sobre a região.

O primeiro trecho, de Guajará Mirim e Abunã, é considerado zona perigosa. Os Pacanovas atacam as turmas de conservação da estrada e dificultam o trabalho dos seringueiros. No quilômetro 302, estes índios mataram, há meses, um vigia, e por isso agora todas as turmas trabalham sob a proteção de guardas. Os seringueiros devem agir com cautela, afim de evitar encontros desagradáveis com os Pacanovas. Pequenas trilhas, perfeitamente visíveis, indicam as entradas dos seringueiros na floresta. De distância em distância surgem no longo da linha palhoças de seringueiros, muitas das quais mostram à janela as crianças atraídas pela litorina.

Ao lado de algumas está o local de defumação: um fio de fumaça indica que o seringueiro se acha entregue à operação de defumar a borracha. O novo surto de produção está repovoando as palhoças abandonadas e fazendo surgir, cada dia com maior frequência, novas construções destinadas a abrigar os trabalhadores mobilizados para os seringais. Vila Murtinho a primeira parada, à altura da confluência dos Rios Mamoré e Beni, que aí formam o Madeira. Nos depósitos da estação tomamos contato com um resultado positivo da "*Batalha da Borracha*": mais de 150 toneladas de "*fina*" ([66]) estão preparadas para seguir pela estrada até Porto Velho e daí para Belém e Estados Unidos. Ao tomarmos o café que a hospitalidade do chefe da estação nos oferece, alguém pergunta:

Este café é da região?

Responde um empregado da estrada:

Não, vem de São Paulo.

Retruca então o paulista que formulou a pergunta:

Da minha terra.

Corrige prontamente o ferroviário:

Não. Da nossa, porque tudo é Brasil.

Continua a viagem e à medida que nos aproximamos do Amazonas a vegetação revela maior pujança e o verde se torna mais carregado. Almoço em Abunã, no quilômetro 220. Recebemos notícias sensacionais: uma revolução na Argentina depôs o governo Ramón Castillo, que à nossa partida do Rio parecia absolutamente seguro da sua posição. O rádio revela detalhes do ocorrido e, por momentos, a nossa atenção se desprende da "*Batalha da Borracha*".

---

[66] Fina: a fina é preparada com látex fresco puro e bem defumado.

DIRETOR M. PAULO FILHO

Redação e Oficinas — Av. Gomes Freire, 61/63

REDATOR-CHEFE COSTA REGO

Correio da Manhã

DIRETOR-GERENTE MARIO ALVES

Administração — Av. Gomes Freire, 61/63

RIO DE JANEIRO, SABADO, 5 DE JUNHO DE 1943

N. 14.904 ANO XLII

TRIUNFOU O MOVIMENTO REVOLUCIONARIO NA ARGENTINA

INSTALADA NA CASA ROSADA A JUNTA GOVERNATIVA MILITAR CHEFIADA PELO GENERAL RAWSON

"EM FAVOR DE UMA ABSOLUTA, VERDADEIRA E LEAL UNIÃO DOS POVOS AMERICANOS, DE COLABORAÇÃO E CUMPRIMENTO DOS COMPROMISSOS INTERNACIONAIS"

Castillo, a bordo de uma canhoneira, manifestou disposição de resistir ao golpe de Estado

Imagem 34 – Correio da Manhã n° 14.904, 05.06.1943

Diario de Noticias

Rua da Constituição, 11 - Tel. 42-2910 (Rede Interna)

Rio de Janeiro, Sábado, 5 de Junho de 1943

PRATICAMENTE VITORIOSO O MOVIMENTO REVOLUCIONARIO

O golpe foi vibrado por elementos do Exército, encabeçados pelos generais Antonio Rawson e Pedro Ramirez, encontrando fraca oposição por parte das tropas governamentais

Não entregou o governo o presidente Ramon Castillo, que se recolheu a bordo da canhoneira "Drummond" e anunciou a decisão de resistir

Imagem 35 – Diário de Notícias n° 6.322, 05.06.1943

DIRETOR M. PAULO FILHO

Redação e Oficinas — Av. Gomes Freire, 61/63

REDATOR-CHEFE COSTA REGO

Correio da Manhã

DIRETOR-GERENTE MARIO ALVES

Administração — Av. Gomes Freire, 61/63

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 6 DE JUNHO DE 1943

N. 14.905 ANO XLII

CONSTITUIDO, SOB A PRESIDENCIA DO GENERAL ARTURO RAWSON, O NOVO GOVERNO ARGENTINO

Imagem 36 – Correio da Manhã n° 14.905, 06.06.1943

Diario de Noticias

Rua da Constituição, 11 - Tel. 42-2910 (Rede Interna)

Rio de Janeiro, Domingo, 6 de Junho de 1943

Renunciou o presidente da República Argentina

Imagem 37 – Diário de Notícias n° 6.323, 06.06.1943

Novamente na litorina, cuja fome de distância parece não se saciar jamais. A noite começa a cair, emprestando novos encantos à paisagem sempre renovada. Na estação de Jaci-Paraná, um trem que transporta soldados da borracha para a região de Guajará-Mirim, cruzou com a litorina. Vamos encontrá-los aos grupos, conversando animadamente, enquanto o trem espera a linha livre.

Às nossas primeiras perguntas, respondem desembaraçadamente. Os nordestinos mostram-se animados e prometem dar todo o seu esforço à produção da borracha. Os chamados "*cariocas*", mais afeitos à vida da cidade, não escondem certa surpresa ante o novo cenário, mas como não querem dar parte de fracos, garantem que não se deixarão bater pelos nordestinos. Todos querem ir para os seringais o quanto antes. Qualquer atraso, mesmo que seja para ambientá-los à vida da região, enerva estes "*brabos*", que só pensam na seringueira.

Um deles esclarece que foi mobilizado como "*Soldado da Borracha*", e que considera qualquer demora como uma falta no cumprimento do seu dever. É preciso explicar-lhes que os "*brabos*", desacostumados à vida amazônica, necessitam primeiro ambientar-se e passar à categoria de "*mansos*". Para isso, ficarão adidos às turmas da estrada durante alguns dias, até aprenderem os segredos da floresta e a maneira de enfrentar as surpresas do meio. Estes trabalhadores foram mobilizados pela SEMTA em seus Estados natais e entregues à SAVA, em Belém. Todos reconhecem a regularidade da viagem e confessam, que salvo alguns inconvenientes de pouca monta, tudo tem corrido bem, inclusive a assistência médica e a alimentação. O trem dá o sinal de partida e das janelas dos vagões os "*brabos*" se despedem alegremente, orgulhosos dos seus títulos de "*Soldados da Borracha*".

No quilômetro 48 encontramos o "*acampamento dos americanos*". À margem da estrada, em instalações improvisadas, americanos e brasileiros jantam, depois de um dia de intenso trabalho. Integram o grupo dez americanos e cinquenta brasileiros, chefiados por três professores da Universidade de Columbia. A sua missão é abrir uma estrada de penetração em direção aos seringais em plena floresta virgem. O picadão inicial já atinge a 50 km e avança agora pelo espigão do divisor de águas do Jaci-Paraná e das cabeceiras do Juruena. O engenheiro-chefe Carling dá detalhes sobre o andamento dos trabalhos.

Aguarda-se apenas o preenchimento de certas formalidades para prosseguir o trabalho com ritmo acelerado. Grandes máquinas próprias para a construção de estradas em tempo "*record*" estão para chegar e levarão para diante a rodovia que assegurará o escoamento rápido da produção de uma das usais famosas zonas de borracha da Amazônia. A litorina arranca pela última vez e o engenheiro Carling grita no seu português de estreante:

> Até à volta. Feliz viagem.

Mais algum tempo e surge ao longe, em pleno céu da floresta, o clarão das luzes de Porto Velho. Ao percorrermos a ferrovia famosa sentimos, com uma força difícil de expressar, como se vem processando, rápida e seguramente, a recuperação da região. Dessa vez, porém, a vantagem de que um plano oficial meticuloso em seus menores detalhes procura assegurar à borracha a estabilidade que salve a sua economia de um futuro colapso, tão funesto à riqueza nacional quanto o outro do ano 15 ([67]). (A NOITE N° 11.260)

---

[67] O Brasil não pode dispor, em 1915, de verba alguma para impedir a morte da indústria seringueira, a ruína definitivamente dos estados produtores e a completa e consequente desorganização do nosso comércio internacional. (Diário do Congresso Nacional, 1914)

O Acre n° 699 – Rio Branco, AC
Domingo, 20.06.1943

Aos “*Soldados da Borracha*”

Mensagem do Presidente Getúlio Vargas ao ser Iniciado o Mês Nacional da Borracha

Brasileiros, há apenas um mês tive ocasião de vos falar, nas comemorações de 1° de março. Afirmei, então, que o trabalhador brasileiro nunca me decepcionou, e vos concitei a produzir mais e melhor. Volto hoje a vos alertar para que dediqueis todas as energias à Batalha da Produção, e quero solicitar-vos o interesse para um problema específico e urgente: precisamos, nós e os nossos aliados, de mais borracha! Não ignorais quão gigantesco é o consumo de certos materiais nesta guerra universal, salientando-se a borracha, pelo desgaste e diversidade de emprego. Pode-se afirmar que sobre a borracha caminha a guerra moderna. Mas não só as rodas exigem a goma elástica; inúmeros outros equipamentos a reclamam, em quantidades enormes. Para fazerdes ideia da sua importância, lembrai-vos, por uns instantes, dos diferentes e extensos cenários nos quais se ferem as sangrentas lutas pela vitória dos povos livres, tendo presente que cada carro de assalto requer mais de tonelada e meia de borracha e cada bombardeiro pesado quase uma tonelada. A resposta a tão formidável consumo é: produzir sem repouso, colhendo o “*látex*” abundante das seringueiras do vale amazônico e das mangabeiras espalhadas por diversos pontos do território nacional. Essa é uma das nossas tarefas para assegurar a vitória dos bravos que pelejam nas várias frentes, através do mundo.

Nas guerras modernas a mobilização é total. Nelas não tomam parte somente os exércitos. A nação inteira é chamada às armas, de uma ou de outra forma. Homens e mulheres, velhos e crianças, cada um tem o seu campo de ação. A vós sertanejos do norte, do centro ou do sul, rudes desbravadores, valentes pioneiros, cabe na batalha da produção o setor da borracha, um dos mais importantes do nosso esforço de guerra, da nossa contribuição para a vitória. As Forças Brasileiras combatem no ar e no mar, e irão combater em terras longínquas se for necessário. Mas os seringueiros nas planícies amazônicas e nos sertões mato-grossenses já tomaram posição na luta e nela permanecerão se o seu trabalho for útil. Estou certo que sabereis defender, sem desfalecimentos, a trincheira que vos for confiada, extraindo das ricas florestas do Brasil toda a borracha que puderdes. A minha reconhecida simpatia por vós, trabalhadores, o empenho do meu governo em assegurar-vos melhores condições de vida, dá-me o direito de vos dirigir este apelo, seguro dos resultados, pois conheço o valor da vossa tenacidade quando se trata de servir a engrandecer a Pátria. (O ACRE N° 699)

O Acre n° 700 – Rio Branco, AC
Domingo, 26.06.1943

Nos Seringais Lutaremos Contra Hitler...

(Wilson Aguiar)

Com o objetivo de focalizar a vida dos "*Soldados da Borracha*" que nos chegam das mais distantes regiões do país, decidi fazer uma visita à hospedaria onde se encontram alojados estes bravos soldados do Brasil vitorioso e da liberdade universal.

Acompanhado do enfermeiro de plantão, Iniciei as minhas observações e pude constatar com alegria, que o estado sanitário, tanto do prédio como dos futuros seringueiros, é ótimo. Quatro ou cinco casos de paludismo, um ou dois de gripe e nada de mais grave. Todos estão bem dispostos e com vontade de, embrenhando-se na mata amazônica, extraírem das seringueiras o precioso "*látex*" tão necessário às Nações Unidas nesta luta em defesa dos princípios básicos em que se alicerça a civilização.

O que vale a pena dizer e de maneira eloquente, é o sentimento de brasilidade de que estão possuídos aqueles nossos irmãos. A todos que interrogava sobre a situação do Brasil em guerra, procurando despertar-lhes o verdadeiro sentir de um patriotismo sadio, encontrava em seus corações a mais ardente chama de amor ao Brasil.

E naquela simplicidade de sertanejo, os brasileiros do nordeste exprimiam os seus pensamentos, ao tempo que se mostravam firmes nos mesmos propósitos: desejo ardente de produzir mais borracha para que as Nações Unidas derrotem os exércitos dos tiranos. Cercado por um grupo destes heroicos soldados que me interrogavam sobre o progresso da guerra, observo, com curiosidade, um homem moreno, de cabelos grisalhos, de estatura normal, aparentando os seus cinquenta e tantos anos de idade, e que lia distraidamente um livro, a um canto da hospedaria. Dirigi-me ao enfermeiro e perguntei quem era. A resposta foi imediata:

> É o seu João, o intelectual dessa leva que chegou na semana passada. É ele quem escreve quase todas as cartas de seus companheiros.

Curioso, fui palestrar com aquele que interpretava as alegrias e os sofrimentos dos seus companheiros de jornada em missivas tão esperadas.

Wilson Aguiar: Boa tarde meu amigo... Está lendo o seu romance?

Calmamente aquela criatura que talvez encerre em sua vida uma tragédia, levantou os olhos do livro e respondeu:

Sr. João: Não senhor. Não gosto de ler romances... Estou lendo "*E a França teria vencido*" ([68]).

Wilson Aguiar: O senhor gosta da França?

Sr. João: Gosto, isto é, admiro a França dos homens honestos e amantes de sua Pátria. A França vitoriosa de 1914 e não a França dos fantoches e atraiçoada de 1939. Eu gosto da França que eu conheci, cheia de liberdade, culta e cheia de arte.

Wilson Aguiar: O senhor já esteve na França? Conhece Paris?

Sr. João: Conheço, sim senhor, conheço a França de antes da primeira Guerra Mundial. Recordar é viver... Mas não gosto de recordar os meus dias de Paris.

Wilson Aguiar: Então o senhor fala bem o francês?

Sr. João: Falei. Hoje lembro-me de uma ou outra palavra.

Wilson Aguiar: O senhor é cearense?

Sr. João: Sim, sou filho de Fortaleza. Os meus pais eram franceses. Deixei minha cidade e aqui estou para trabalhar pela grandeza e vitória do Brasil. Hoje sou "*Soldado da Borracha*" e disso me orgulho. E, como soldado, estou esperando as ordens dos meus Chefes a fim de seguir para minha trincheira empunhando as minhas armas. Lá lutarei contra Hitler e seus comparsas, produzindo Borracha pela Vitória da Liberdade. Lutarei pelo Brasil nesta Batalha grandiosa, e pode o senhor estar seguro de que este é o pensamento de todos os meus

[68] E a França Teria Vencido: autor General CHARLES André Joseph Marie DE GAULLE, Editora José Olympio, 1941.

> coestaduanos. Nós nos alistamos no "*Exército da Borracha*" prometendo trabalhar de Sol a Sol se necessário. Esta promessa que ao instante se nos afigura como um juramento, será cumprida por todos nós, porque amamos a liberdade.

Este estado de ânimo, esta demonstração de patriotismo que encontrei naquela casa, ou dizendo melhor, no Quartel General Acreano do "*Soldado da Borracha*", nos faz acreditar mais de perto na vitória da "*Batalha da Borracha*" preconizada pelo Presidente Getúlio Dornelles Vargas. E nos faz acreditar ainda mais no quanto é capaz de empreender a realizar a raça brasileira. Nas longínquas Selvas acreanas, nas misteriosas matas da Amazônia, soldados brasileiros empunhando seus instrumentos de trabalho, lutam com denodo contra a tirania do "*Louco de Berlim*". (O ACRE N° 700)

A Noite n° 12.366 – Rio de Janeiro, RJ
Segunda-feira, 16.09.1946

Assistência Imediata aos Soldados da Borracha

O Plano Mandado Elaborar Pelo Presidente da República

O Presidente da República, assinou Decreto na pasta do Trabalho, nos seguintes termos:

O Departamento Nacional de Imigração do Trabalho Indústria Comércio, e a Comissão de Controle dos Acordos de Washington do Ministério da Fazenda, elaborarão um plano para à execução de assistência imediata aos trabalhadores encaminhados, para o Vale Amazônico, durante o período de intensificação da Produção da Borracha para o esforço de guerra.

O plano deverá ser elaborado imediatamente e submetido à aprovação dos Ministros do Trabalho e Fazenda. Para execução desse plano, fica instituída uma Comissão composta de um Diretor de Departamento Nacional de Imigração e do Diretor Executivo da Direção de Controle dos Acordos de Washington, sob a presidência do Ministro do Trabalho ou seu representante. O Ministro do Trabalho, baixará as Instruções que regulem o funcionamento dessa Comissão. Ficarão à disposição dessa Comissão para execução do plano, as disponibilidades atuais de numerários transferidos da Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia, à Comissão de Controle dos Acordos de Washington, pelo Decreto Lei n° 8.416, de 21.12.1945. Revogam-se as disposições em contrário. (A NOITE N° 12.366)

A Noite n° 12.635 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-feira, 05.08.1947

A Verdadeira História da "*Batalha da Borracha*"

A imprensa desta capital e de outros Estados do país divulgou a reportagem que um jornal londrino distribuiu para todo o mundo sob a denominação de "*A Batalha da Borracha*". Em face da repercussão alcançada pela notícia, a reportagem de "*A Noite*" procurou ouvir o Sr. Péricles de Carvalho, atual diretor do Departamento Nacional de Imigração, a quem, nos últimos momentos da campanha, fora entregue a direção da mesma, por se tratar, como se verificou mais tarde, de um mister relacionado com o Departamento que ora dirige.

Procurando Solapar uma Campanha Patriótica

Principia o Sr. Péricles de Carvalho:

> Aos que conhecem o problema do esforço de guerra feito pelo Brasil, repugna fato de se visar a destruição de um movimento espontâneo e patriótico de todo o povo brasileiro, com o escuso objetivo de se desmoralizar uma campanha por meio de dados e informações colhidas precipitadamente, sem a intenção de provar ou documentar as falsas incriminações. Tal foi o trabalho desse correspondente estrangeiro, que não teve o cuidado de examinar o assunto, buscando-o em suas fontes exatas.

É um Problema Brasileiro

> O problema da Amazônia é um problema brasileiro e deverá ser discutido por brasileiros. O governo e o Parlamento estão empenhados em resolvê-lo, e dispensam, por certo, as informações tendenciosas que de modo algum contribuem para o desenvolvimento dessa grande, rica e inexplorada região, especialmente quando feitas sem o devido escrúpulo, por elementos estranhos ao assunto.

A Verdadeira História

Prossegue:

> A história da Batalha da Borracha pode, portanto, ser resumida da seguinte maneira: O SEMTA, órgão criado pela Coordenação em virtude de um acordo assinado, em 22.12.1942, com a Rubber Reserve Company [RRC], agência do governo americano, iniciou o recrutamento e seleção dos trabalhadores, tendo encaminhado para Belém do Pará, durante o período de março de 1943 a setembro do mesmo ano, 10.123 trabalhadores.

Novo Órgão de Recrutamento

> Por um novo acordo, aprovado polo Decreto Lei 5.813, de 14.09.1943, realizado entre a Rubber

Development Corporation [que substituiu a RRC], a Comissão de Controle dos Acordos de Washington [CCAW], Superintendência do Abastecimento do Vale Amazônico [SAVA], criada pelo Decreto Lei 5.044, de 04.12.1912, e a Coordenação da Mobilização Econômica, passaram os serviços de controle financeiro e o de recrutamento, executados pelo SEMTA, a um novo órgão da CCAW, previsto nesse acordo, denominado Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia, [CAETA].

Esse órgão recrutou e encaminhou para Belém, de outubro de 1943 a janeiro de 1944, 2.319 trabalhadores que, somados aos 10.123 do SEMTA, constituíram o primeiro contingente da "*Batalha da Borracha*", no total de 12.442 trabalhadores, encaminhados para a Amazônia, entre março de 1943 e janeiro de 1944. Esses trabalhadores chegados a Belém do Pará eram entregues à SAVA, que tinha a seu cargo a colocação e distribuição dos mesmos no Vale Amazônico.

Sob o Controle do Departamento Nacional de Imigração

Diz-nos o Sr. Péricles de Carvalho:

Por um novo acordo aprovado pelo Decreto 14.535, de 19.01.1944, celebrado entre a CAETA e o Departamento Nacional de Imigração, passou a este órgão todo o serviço de recrutamento, encaminhamento e colocação, para nova remessa de trabalhadores para a Amazônia, já agora acompanhados de suas famílias. Por esse acordo, foram encaminhados, de fevereiro de 1944 a abril de 1945, 12.127 trabalhadores e 6.249 dependentes [esposas, filhos e agregados], perfazendo um total de 18.376 pessoas, que constituem o segundo e último contingente dos denominados "*Soldados da Borracha*". Esses trabalhadores e famílias assim denominados, perfazem a soma total de 30.818 [trinta mil oitocentos e dezoito], que constitui realmente o contingente encaminhado para a

Amazônia, em virtude dos acordos realizados pelos órgãos dos governos brasileiro e norte-americano, durante o período compreendido entre março de 1913 e abril de 1915.

Muitos Trabalhadores não Foram Para os Seringais

Esclarece o Sr. Péricles de carvalho:

Nem todos esses trabalhadores foram para os seringais amazônicos. O número de "*Soldados da Borracha*", já citado, expressa o total dos que foram recebidos em Belém pela SAVA. Os serviços de colocação nos Estados do Pará, Amazonas e Territórios do Acre e Guaporé, foram feitos pela SAVA, cujo superintendente, Engenheiro Henrique Dória de Vasconcelos, ex-diretor do Departamento Nacional de Imigração, meu antecessor, se encarregou da localização desses trabalhadores em diversos serviços nas capitais e no interior.

O Sr. Dória confiou as colocações nesses Estados aos representantes dos respectivos governos que chefiavam os serviços na SAVA. Em Belém, esteve a cargo do Sr. José Vieira Cordeiro, representante do governo do Estado, designado pelo ex-interventor, Senador Magalhães Barata, toda a colocação, não só na capital como nos municípios. Milhares de "*arigós*" colocaram-se em Belém, quer na SNAPP nos trabalhos do Porto, quer na "*Pará Elétrica*", cujo chefe do tráfego, há três anos, era "*Soldado da Borracha*", ou ainda nas obras de saneamento do SESP, bem como da Polícia Estadual e na Força Pública.

O que Revelam as Estatísticas

Nossas estatísticas mostram que, dos trabalhadores chegados em 1944 à hospedaria do Tapanã, em Belém, foram licenciados para trabalhar em atividades urbanas, 1.130 homens e 143 mulheres. Fugiram das dependências da hospedaria e, provavel-

mente, se colocaram em outras atividades urbanas, 2.462 trabalhadores. Foram reembarcados para novas colocações – 233. Foram recambiados para os lugares de origem, 960. Foram desligados por desejarem rescindir o contrato, 19 e falecidos, 20 trabalhadores. Já do total de 30.818 podem deduzir-se essas cifras dos que não foram além da capital do Pará, em 1944.

Para não me alongar no detalhe das cifras, darei, ainda, os dados de colocação em atividades urbanas na capital do Pará: ainda na Zona Bragantina, municípios de Bragança, Capanema, Castanhal, Igarapé-Açu, Santa Isabel e outros, durante os anos de 1943 a 1945 foram colocados milhares de trabalhadores, possuindo o DNI os dados estatísticos com precisão, os quais seriam longos para uma entrevista.

No Estado do Pará foram ainda colocados centenas do trabalhadores em outras zonas, como Salgado, Marajó, Ilhas Tocantins, Xingu, Baixo Amazonas, em municípios como Vigia, Anajás, Breves, Chaves, Curralinho, Soure, Abaetetuba, Portel, Moju, Alcobaça, Altamira, que recebeu no triênio 1943-45 – 1.751 homens. Itaituba, que recebeu cerca de 1.400, e, Santarém, que absorveu nesse mesmo período, para Fordlândia e Belterra, cerca de cinco mil trabalhadores e famílias.

Uma Grande Parte não Passou dos Centros Urbanos

Acrescenta o Dr. Péricles de Carvalho:

Pode-se, pois, deduzir dos 30 mil soldados da borracha, essa grande percentagem que se localizou nos centros urbanos da capital e dois municípios paraenses, em atividades ora ligadas à extração da borracha, ora supletiva desse trabalho, substituindo os “*mansos*” que abandonaram espontaneamente os centros para irem em busca de ouro negro. O mesmo ocorreu em Manaus, cujo chefe da colocação

era o Sr. Jorge de Andrade, falecido recentemente, o qual representava o governo do Estado junto à SAVA, por designação do ex-interventor Álvaro Maia, hoje Senador da República. Ali também as atividades do Porto, a SNAPP, o SESP, a construção das bases aéreas, a Força Pública, e outras atividades privadas absorveram centenas e talvez milhares de soldados da borracha, que assim deixaram de seguir para a selva Amazônica.

No Território de Guaporé, cujo serviço de colocação esteve a cargo do Diretor da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, Sr. Araújo Lima, representante do Governo do Território junto à SAVA, foram colocados diretamente de Belém – 1.388 trabalhadores e cerca de 2.500 mais, encaminhados de Manaus. Grande parte desses soldados da borracha foi encaminhada para seringais daquela região, porém centenas ficaram nos trabalhos urbanos e nas obras da Estrada de Ferro e outros serviços do Território.

Em Rio Branco, no Acre, o Sr. Pimentel Gomes, representante do governo, organizou a colocação dos trabalhadores, em atividades agrícolas e extrativas.

Ainda outros Territórios, como o do Amapá e do Rio Branco, absorveram cerca de 500 desses trabalhadores, em obras de construção de aeroportos e outras atividades ligadas ao Esforço de Guerra e aumento da produção.

Esses dados são importantes para desfazer a impressão de que os mortos da campanha da borracha ascenderam às cifras astronômicas indicadas sem base.

As Cifras Exatas

Ao lado do recrutamento oficial, o movimento de nordestinos para a Amazônia foi intenso, quer espontâneo, por conta própria, quer dos que buscaram o auxílio do Governo, em passagens e hospedaria.

Somente o Departamento Nacional de Imigração [DNI] encaminhou nesse mesmo período os seguintes trabalhadores e famílias que espontaneamente solicitaram alojamento e transporte, sem contrato de trabalho e sem colocação garantida pelo Governo: em 1941 – 4.000 pessoas, com passagens concedidas gratuitamente por ordem do Governo ao Lloyd Brasileiro, de Fortaleza e Manaus; em 1942 – 9.218 pessoas com alojamento, assistência, roupas, hospedagem e encaminhamento para Belém e Manaus; em 1943 – 7.331 nas mesmas condições; nos anos seguintes o DNI se ocupou apenas das famílias dos trabalhadores encaminhados para a "*Batalha da Borracha*", compreendidos nas cifras citadas.

Essas são as cifras exatas da participação do Governo no encaminhamento de trabalhadores para Amazônia.

Os Fatores que Concorreram Para a Emigração dos Nordestinos

Diz-nos o Diretor do Departamento Nacional de Imigração [DNI]:

Desejo salientar os seguintes fatos que reputo esclarecedores desse movimento, que constitui o "*leitmotiv*" ([69]) para tanta celeuma:

1°) Os contingentes de trabalhadores engajados na denominada "*Batalha da Borracha*" chegados na Hospedaria de Tapanã, em Belém, atingiram a cifra de 30.818 trabalhadores e dependentes;

2°) O movimento foi absolutamente espontâneo, caraterizado apenas pela forma de assistência que o Governo prestou quanto a alojamento, vestuário, pagamento de diárias durante o período de recrutamento até a colocação, assistência médica, dentária e hospitalar,

[69] Leitmotiv: real motivo.

instrução e preparo, técnico para a colocação, garantida por contratos cuja fiscalização cabe ao Banco de Crédito da Borracha, que se baseia no financiamento para observação das obrigações dos seringalistas;

3°) Três fatores concorreram para a migração dos "*Soldados da Borracha*" para a Amazônia, a saber:

a) a seca do Nordeste, assolado durante três anos por esse fenômeno climático, com um número de pessoas atingidas em cifras bastante elevadas, pois, em 1942, a hospedaria do DNI, em Fortaleza, com capacidade para 1.200 pessoas, abrigava em seu interior cerca de 3.000 e, por fora de suas cercas, nos cajueiros, dormindo em rede, ao ar livre, havia cerca de 2.000 pessoas para as quais não existia abrigo na capital do Estado;

b) o "*Esforço de Guerra*", a colaboração e o compromisso do Governo Brasileiro no aumento da produção da matéria prima indispensável à causa aliada cujo resultado econômico deverá ser apurado nos relatórios dos órgãos próprios, inclusive os do BCB ([70]) que foram verificados, quer pelo Parlamento Brasileiro, quer na Conferência da Borracha, realizada, em 1945, pelo Ministério da Fazenda, quer nos relatórios das Associações Comerciais dos Estados da Região Amazônica;

c) a, colonização do Vale Amazônico, que constitui o problema de conquista daquela região pelos brasileiras, especialmente pelo nordestino, que é, sem dúvida, o pioneiro da conquista de muitos rincões de nossa área geoeconômica.

---

[70] BCB: Banco Central do Brasil.

4°) O retorno dos trabalhadores desajustados está se processando normalmente, com a assistência do DNI e da Comissão Especial de Assistência aos Trabalhadores da Borracha, sob a presidência do Dr. Vieira de Alencar, embora disponham asses órgãos de poucos recursos para esse fim;

5°) Esse retorno, abrangendo não só os "*Soldados da Borracha*", como demais trabalhadores e famílias que, espontaneamente, se dirigiram para o Vale Amazônico, oferece os seguintes índices:

Em 1945 – retornaram 1.422 Trabalhadores;

Em 1946 – retornaram 2.269 trabalhadores;

Em 1947 [1° trimestre] – retornaram 601 trabalhadores.

Sendo esse número o dos que procuram o amparo oficial junto às hospedarias do DNI, nele não se incluem os que voltaram por conta própria e que, por certo, não necessitavam dos favores do Governo.

6°) A colocação nos Estados e nos Territórios foi feita pelos órgãos federais, CCAW, SAVA e DNI, em estreita e direta colaboração com os governos estaduais e territoriais, e com órgãos ligados à região amazônica como o Banco de Crédito da Borracha.

7°) O Parlamento Nacional já estudou devidamente o assunto, com rigoroso inquérito, e está cuidando de atender ao problema geral da revalorização da Amazônia.

8°) O Departamento Nacional de Imigração possui detalhado arquivo sobre os trabalhadores encaminhados e realiza um inquérito sobre os que retornam, possuindo inúmeros depoimentos, quer dos que se desajustaram e adoeceram,

quer dos que tiveram bom êxito. Desse inquérito constam numerosos depoimentos de elementos que retornarem ao Nordeste para tratamento de saúde com o objetivo fixo de retornar à Amazônia levando suas famílias. Para não sermos extensos, citaremos entre esses últimos os trabalhadores:

Genésio Moura, que deixou, em 1943, o seringal Adélia no Juruá, regressando à sua custa para buscar a família e voltar ao seringal, dadas as condições mais favoráveis, conforme declarações prestadas em Fortaleza; Garibaldi Lopes Sesion, que voltou doente e declarou, no inquérito desejar retornar à Amazônia logo que se restabeleça; Pedro José Noronha, que trabalhou no Seringal "*Igualdade*" e que declarou, em Belém, ser o motivo de seu regresso buscar sua família e mais as de 15 "*Soldados da Borracha*", do Rio Grande do Norte, para se dedicarem todos à extração de borracha. Dezenas e centenas de outros depoimentos, prestados espontaneamente nas hospedarias de Belém, Fortaleza e Manaus, poderiam ser citados e transcritos para demonstrar que a Amazônia ainda é para muitos desses trabalhadores um ponto de atração.

O Governo Está Empenhado em Amparar e Assistir os "*Soldados da Borracha*"

Finalmente, disse-nos o Dr. Péricles de Carvalho:

Há necessidade de que se desfaçam os exageros em torno desse problema, especialmente nesta hora em que o Governo procura os meios de atender à revalorização da região Amazônica, e em que seu povoamento se impõe como um imperativo econômico e de defesa dessa imensa área do território nacional.

O Sr. Presidente da República está vivamente empenhado na assistência e no amparo dessa população, objetivando sua recuperação e, para esse

fim, não tem medido esforços, buscando atender às proposições que lhe são apresentadas pelo Ministro do Trabalho e relativas à assistência dessa massa de trabalhadores nacionais.

Se alguns erros houve inicialmente, na fase de improvisação dos serviços, devidos à inexperiência dos que planejavam e adotavam providências iniciais, não afeitos aos problemas complexos de migração, essas falhas foram corrigidas quando o movimento ficou a cargo dos órgãos tradicionalmente ligados ao problema imigratório e os responsáveis pelas faltas iniciais assumiram publicamente essa responsabilidade, penitenciando-se com o interesse do país em causa de guerra.

Até Ex-trabalhadores Querem Retornar à Amazônia

O governo está vigilante quanto a esse problema que, no momento, não oferece o aspecto dramático falsamente alegado. As obras e iniciativas que presentemente realizam nos governos dos Estados do Pará e Amazonas, acrescenta, absorveriam mão de obra porventura excedente, e que reclamam novos braços. Se, no momento, o Departamento Nacional de Imigração concedesse passagens para a Amazônia, o movimento espontâneo de ida para aquela região seria três ou quatro vezes maior que o de retorno dos que se desajustam.

Esse fato poderá ser avaliado pela soma dos pedidos enviados a este Departamento, de centenas de trabalhadores, que buscam, mensalmente, passagens com destino à Amazônia, inclusive mesmo desta capital, e – fato significativo – de ex-trabalhadores da borracha, que aqui recuperam a saúde, e não encontram melhores oportunidades.

Finaliza o Dr. Péricles de Carvalho:

Esta é a verdadeira: história, em síntese, da Batalha da Borracha. (A NOITE N° 12.635)

Acalanto do Seringueiro
(Mario de Andrade)

Seringueiro brasileiro,
Na escureza da floresta
Seringueiro, dorme.
Ponteando o amor eu forcejo
Pra cantar uma cantiga
Que faça você dormir.
Que dificuldade enorme!
Quero cantar e não posso,
Quero sentir e não sinto
A palavra brasileira
Que faça você dormir...
Seringueiro, dorme...

Como será a escureza
Desse mato virgem do Acre?
Como serão os aromas
A macieza ou a aspereza
Desse chão que é também meu?
Que miséria! Eu não escuto
A nota do uirapuru!
Tenho de ver por tabela,
Sentir pelo que me contam,
Você, seringueiro do Acre.
Brasileiro que nem eu.
Na escureza da floresta
Seringueiro, dorme. [...]

Baixinho, desmerecido,
Pálido, Nossa Senhora!
Parece que nem tem sangue.
Porém cabra resistente
Está ali. Sei que não é
Bonito nem elegante... [...]

Os Sertões I
(Euclides da Cunha)

III

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempeno, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeiramente conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar

desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude. Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-lo desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firmasse-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.

Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja – caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas.

É impossível idear-se cavaleiro mais chucro e deselegante; sem posição, pernas coladas ao bojo da montaria, tronco pendido para a frente e oscilando à feição da andadura dos pequenos cavalos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rápidos como poucos. Nesta atitude indolente, acompanhando morosamente, a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas, o vaqueiro preguiçoso quase transforma o campeão que cavalga na rede amolecedora em que atravessa dois terços da existência.

Mas se uma rês alevantada envereda, esquiva, adiante, pela caatinga garranchenta, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, ei-lo em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas.

Vimo-lo neste "steeple-chase" bárbaro.

Não há contê-lo, então, no ímpeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moitas de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede encalçar o garrote desgarrado, porque por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavalo...

Colado ao dorso deste, confundindo-se com ele, graças à pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando nas macegas altas; saltando valos e ipueiras; vingando cômoros alçados; rompendo, célere, pelos espinheirais mordentes; precipitando-se, a toda brida, no largo dos tabuleiros...

A sua compleição robusta ostenta-se, nesse momento, em toda a plenitude. Como que é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil, sustendo-o nas rédeas improvisadas de caroá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira – estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso colado no arção, – escanchado no rastro do novilho esquivo: aqui curvando-se agilíssimo, sob um ramalho, que lhe roça quase pela sela; além desmontando, de repente, como um acrobata, agarrado às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento e galgando, logo depois, num pulo, o selim; – e galopando sempre, através de todos os obstáculos, sopesando à destra sem a perder nunca, sem a deixar no inextricável dos cipoais, a longa aguilhada de ponta de ferro encastoado em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, sérios obstáculos à travessia...

Mas terminada a refrega, restituída ao rebanho a rês dominada, ei-lo, de novo caído sobre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e inerte, oscilando à feição da andadura lenta, com a aparência triste de um inválido esmorecido.

Retrospectiva Quinzenal

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Retrospectiva

Hoje completei duas semanas de descida do Rio Solimões. Sonhos realizados, muitas observações, inocência perdida, mitos desfeitos, ratificação de conceitos, retificação de rumos. Um crescimento como ser humano. A ternura e a alma hospitaleira do homem do Norte me enche de humanidade. O amor para com o semelhante me invade, penetrando cada poro, cada capilar. O carinho com que nos recebem nos mostra o quanto somos egoístas no nosso dia a dia. São mestres da harmonia e nos ensinam, capítulo a capítulo, a cordialidade e o desprendimento.

Festa do Divino Espírito Santo dos Inocentes

Em diversas comunidades observamos curiosos mastros enfeitados (Imagem 37) e procuramos entender seu significado. Os homenageados podem ser o Divino Espírito Santo, Santa Luzia ou outros Santos padroeiros. A Festa do Divino é uma das manifestações amazônicas que mesclam folclore e religiosidade. No primeiro dia da festa, levanta-se o mastro e, no último dia, ele é derrubado. O mastro, antes de ser erguido, é enfeitado de frutas típicas da região. No topo é fixada uma bandeira rodeada de biscoitos de carimã ([71]).

---

[71] Carimã: as raízes da mandioca são descascadas, deixadas de molho em água limpa e expostas ao Sol por quatro dias. A mandioca vai amolecendo sob efeito da fermentação. Concluído o processo, a mandioca é ralada, prensada e secada ao Sol por mais quatro dias. Usa-se a carimã em substituição à farinha de trigo.

A figura de um pombo estampada nas bandeiras do mastro e dos foliões significam o Espírito Santo, e as frutas, comidas e biscoitos simbolizam a colheita da lavoura.

Depois de derrubado o mastro, os comunitários formam um cortejo dançando e bebendo o tarubá ([72]) até darem por encerrada a tradicional Festa do Divino Espírito Santo dos Inocentes.

Lendas e Mitos

As muitas lendas, cujas narrativas pacientemente ouvi e constatei serem plágios de outras plagas, outras gentes, outras eras, são contagiantes em suas minúcias. A maioria possui um elo comum, o evangelizador, que as trouxe em sua bagagem e as disseminou.

Lendas que foram adaptadas à realidade amazônica, mas que pouco ou nada têm a ver com os povos da floresta. Outras foram alteradas, buscando prepará-los para aceitar a "*verdadeira fé*".

Temos o Jurupari, o "*Moisés Tapuio*" que começou a "*editar*" leis de interesse exclusivo do clero; lendas exóticas como a de um cavalo-marinho em plena Hileia ou, ainda, um saci incorporado por indígenas que jamais tinham contatado um afro-americano.

---

[72] Tarubá: de procedência indígena, a bebida é feita de mandioca descascada e ralada, formando beijus, que vão ao forno de torrar farinha, para cozimento. Após o cozimento, são enrolados em folhas de sororoca molhadas e ficam depositados em lugar apropriado onde levam de três a quatro dias para fermentar. Os beijus, depois, são colocados em água limpa, para incharem que, então, é coada. Está pronta a bebida que é servida nas festas. A fermentação do tarubá com o decorrer dos dias torna a bebida cada vez mais forte.

Nos dias de hoje, o Mapinguari ([73]) foi substituído por alienígenas pilotando OVNIs.

Tradição

Os Kokama e Caixama perderam a sua língua no túnel do tempo, são raros aqueles que conseguem se comunicar com fluência na sua língua mãe. O artesanato e o folclore vêm, pouco a pouco, sendo substituídos por modismos ditados pela mídia televisiva presente ostensivamente em todos os lares.

As festas tradicionais só são lembradas, em algumas Comunidades, através de relatos dos anciãos, e até os sucos naturais foram substituídos pelos refrigerantes industrializados. Algumas lideranças reclamam não receber, da FUNAI, artefatos para fabricar seus "*originais*" artesanatos.

Miscigenação

A pureza das raças defendida pela alienada FUNAI e ONGs alienígenas vem sofrendo uma salutar, progressiva e inexorável miscigenação. As duas principais lideranças Ticunas de Feijoal e Belém do Solimões têm o sangue de um branco Paraense a fluir em suas veias. Há uma integração muito positiva com os chamados, por eles mesmos, "*civilizados*" e também com os peruanos. A distinção em relação aos peruanos talvez se justifique porque a maioria dos que encontramos nas aldeias são de origem Ticuna também.

---

[73] Mapinguari: criatura descrita como um macaco de tamanho descomunal, 5 a 6 metros, peludo como porco espinho. Tem um só olho, enorme, no meio da testa, e uma bocarra vertical que desce até o umbigo, cada pé mede três metros e seu alimento favorito é a cabeça das vítimas.

Nômades

O nomadismo foi substituído por sedentarismo, com o apoio incondicional da FUNAI e ONGs que tratam diretamente da questão indígena. As políticas públicas de melhoria das Comunidades, como pavimentação, luz elétrica, tratamento d'água e outras obras de infraestrutura, eliminam a possibilidade de um retorno ao nomadismo não justificando, absolutamente, a demarcação de grandes reservas.

Imagem 38 – Mastro – Santo Antônio do Içá

Imagem 39 – Com. Ticuna do Lago Grande – S. Antônio do Içá

Imagem 40 – Com. Ticuna de Betânia – S. Antônio do Içá

Imagem 41 – Rio Içá – Comunidade Ticuna de Betânia

Imagem 42 – Ponte do Igarapé Manaca – Tonantins

Imagem 43 – Com. Kokama de Prosperidade – Tonantins

Imagem 44 – Comunidade Porto Alegre – Jutaí

Imagem 45 – Jutaí

Tonantins – Jutaí

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Véspera da Largada (13.12.2008)

Desloquei-me para a Escola Estadual Irmã Terezinha por diversas vezes para fazer o upload dos arquivos de imagem, interrompendo o jantar e o agradável bate-papo com os donos do bar e restaurante "*Dona Ray*", senhor Raimundo, sua querida esposa Raimunda e o dileto amigo senhor Álvaro da Silva Cabral e esposa. O Raimundo, um mestre contador de histórias, esmerou-se em desfiar um longo repertório de piadas com matizes regionais.

Com o amigo Cabral, discorremos sobre a questão indígena, abordando, dentre outros temas a polêmica questão da demarcação contínua da Raposa e Serra do Sol em que nossos abjetos magistrados do Supremo Tribuna Federal deram, mais uma vez, sobejas demonstrações de que estão submissos às pressões de organizações estrangeiras e totalmente alheios aos interesses nacionais.

O voto desses "*meritíssimos*" demonstra sua total ignorância sobre a história da demarcação e da manipulação criminosa dos dados e da realidade pelos técnicos encarregados que contavam com o beneplácito da FUNAI, a cabresto dos interesses alienígenas.

Graças ao professor Cristóvão, consegui enviar todo o material relativo ao projeto até nossa parada em Santo Antônio do Içá. Na primeira oportunidade, talvez em Jutaí, enviarei os arquivos de Tonantins em diante.

Café da manhã frustrado

Às 05h20 do dia 14.12.2008, quando abrimos as portas do Hotel Garcia, os Policiais Militares já estavam a postos para carregar o material até os caiaques. Deixamos os caiaques em condições e fomos até o restaurante da Ray, que nos prometera um café antes da partida. Aguardamos por 20 min e, como não verificássemos nenhuma movimentação, decidimos partir sem o café prometido. Meu relógio de pulso parou de funcionar e vou ter de utilizar a hora do GPS doravante.

Alterações na programação

As inúmeras incorreções na localização de Comunidades e nome das mesmas me fizeram alterar o deslocamento até Jutaí. A previsão inicial era de três etapas e agora planejei para apenas duas aumentando em um dia a permanência em Jutaí. O Prefeito Fábio Cabral já nos havia alertado a respeito quando o encontramos no gabinete do TC PM Rômulo, em Manaus.

Partida para Prosperidade (14.12.2008)

Largamos às 06h20 com uma chuvinha fina caindo e uma agradável temperatura de 22° C. Fizemos a primeira parada às oito horas e a segunda às dez horas já no extremo Sul da Ilha, em frente à Comunidade indígena Prosperidade, da etnia Kokama.

Povo Kokama

A língua Kokama, falada hoje apenas por menos de uma centena de anciãos, faz parte da família Tupi-Guarani e é bastante semelhante à dos Cambebas (Omáguas) seus parentes. Alguns professores, nativos, estão tentando, com muita dificuldade, para resgatá-la.

Os Kokama representam menos de mil indivíduos que se distribuem por comunidades localizadas no alto e médio Rio Solimões nos Municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutaí, Fonte Boa e Tefé. Quando perguntei a alguns nativos qual era o número de membros da Comunidade Prosperidade me pareceu que este número era encarado como segredo de estado e só o Cacique tinha condições de informar. Um levantamento preliminar que realizei apontava para algo em torno de 140 habitantes.

Os Kokama, no século XVI, se organizavam em grandes aldeamentos, possuíam artesanato refinado, construíam imponentes malocas, fabricavam canoas e instrumentos musicais, mantinham currais de tartarugas, torravam farinha, que produziam em grande quantidade e por isso mesmo eram conhecidos como a "*civilização da mandioca*".

Lenda da Origem do Povo Kokama

A Deusa Iara havia criado um único homem Kokama. O Kokama, perambulando pela selva, observou que era diferente dos outros animais e desejou ter um companheiro igual a ele. Um dia ele encontrou uma árvore, de rijo tronco, e começou a ralá-lo. A deusa Iara, curiosa, observava-o e ele pediu a ela que transformasse o pó da madeira em mais um Kokama.

Imediatamente do pó da madeira surgiram vários insetos. O Kokama continuou ralando o tronco e o pó se transformou em sete mulheres. Espantado, ele notou que, embora semelhantes, elas tinham uma anatomia um pouco diferente da sua.

Não satisfeito, ele ralou mais chegando ao cerne de onde saíram seis homens. Cada um dos homens escolheu uma mulher, e o Kokama mais antigo fez o casamento coletivo. Esta lenda explica por que o homem é mais forte, fisicamente, que a mulher, pois o homem saiu do cerne ([74]) da árvore.

Comunidade Kokama de Prosperidade

Apresentei-me, como é de praxe, imediatamente ao Cacique Salim que, embora seja um homem sério e de poucas palavras, franqueou-nos as instalações da Escola Municipal. O Romeu improvisou um almoço com sardinha em lata e farinha e deitamos um pouco para recuperar as energias, aguardando o Vice-Cacique Almir, mais conhecido como Pacu que, embora seja o Vice, é quem continua no comando por aqui.

Cacique Almir

O Romeu convidou os amigos indígenas a andar de caiaque. O seu Rui deu um show de habilidade desembarcando com desembaraço, de pé, ao chegar à margem. O Antônio, filho do Cacique Almir, obsequiou-nos com um matrinxã ([75]) acompanhado de arroz e farinha, que foi saboreado com muito prazer.

---

[74] Cerne: parte central do tronco, cuja madeira tem uma cor mais escura e é mais dura. Trata-se do xilema cujos vasos lenhosos perderam sua função de levar água para as folhas, assumindo apenas funções estruturais. As paredes celulares desses vasos estão impregnadas por substâncias que impedem a proliferação de microorganismos que poderiam apodrecer a planta.

[75] Matrinxã (Brycon amazonicus): peixe de escamas da família Characidae, lembra muito um lambari grande. Sua coloração geral é prata nos flancos, com dorso mais escuro em marrom ou preto e nadadeira caudal geralmente com faixas negras e bordos brancos. Tem boca pequena. Atinge pouco mais de 70 cm de comprimento total e cerca de 4,5 quilos de peso.

Ao anoitecer, novamente nos trouxe um café à base de "*beijus*". Retribuímos a gentileza com uma camiseta do projeto e um saco de alimento não perecível. O Cacique chegou junto com os carapanãs ([76]) que o senhor Rui me informara que eram "*poucos*". A noção de quantidade do amigo Rui é bastante questionável. Nunca havíamos enfrentado tamanha quantidade de insetos. O Cacique é um homem lúcido, inteligente e preocupado com as questões que afetam sua Comunidade. Presenteou-nos com algumas velas, já que Prosperidade não possui gerador. O telhado da escolinha não possuía forro e os carapanãs kamikazes zuniam sobre nós sem respeitar o "*Boa noite*" aceso pelo Romeu e as camadas de repelente que passáramos pelo corpo.

Partida para "*Jerusalém*" (15.12.2008)

Tomamos o café da manhã com o Cacique Pacu e a esposa, à base de beijus. O Cacique nos presenteou com um cacho de bananas e partimos em direção à Comunidade de Jerusalém. Tinha chovido muito à noite e a manhã estava fresca e nublada, ideal para a navegação. Antes de chegarmos ao Furo Urutuba, um cardume de aruanãs ([77]), assustado com os caiaques, deu um show se afastando aos saltos ruidosamente.

---

[76] Carapanã (Anopheles): nome dado aos mosquitos sugadores de sangue conhecidos em outros estados como muriçoca, pernilongo, sovela ou mosquito-prego. São pequenos dípteros, medindo em geral menos de um centímetro de comprimento ou de envergadura, corpo delgado e longas pernas.

[77] Aruanã (Osteoglossum bicirrhosum): peixe de grandes escamas, corpo muito alongado e comprimido, boca enorme, língua óssea e áspera, dois barbilhões na ponta do queixo, de coloração branca, que ficam avermelhadas na época da desova. Alcança um metro de comprimento e mais de 2,5 kg. O aruanã vive na beira dos Lagos, igapós ou capins aquáticos, à espreita de insetos que caem na água.

Resolvemos pescar um pouco e conseguimos apanhar apenas dois bodós (cascudos) e algumas piranhas. Continuamos a viagem e fomos acompanhados à retaguarda por um enorme boto vermelho. Chegamos ao extremo Oeste do furo por volta do meio-dia.

Segundo informações obtidas em Tonantins, procurei Jerusalém no extremo Oeste. Sem sucesso, avistamos ao longe, Rio abaixo, uma Comunidade e nos dirigimos a ela. Um enorme bando de botos tucuxis nos acompanhou com alegres volteios até a Comunidade que, mais tarde, constatamos se tratar de Porto Alegre.

Porto Alegre

Depois de contatar o Presidente da Comunidade, fomos autorizados a ocupar o Centro Cívico. Comemos um miojo com farinha, montei a barraca e o Romeu dedicou-se a ensinar as crianças a arte de dominar a técnica de remada nos caiaques. A Comunidade já havia mudado sua localização por quatro vezes para escapar à fúria do Rio.

Partida para Jutaí (16.12.2008)

Partimos de manhã às 06h05 e me preparei para enfrentar dificuldades adicionais na orientação. No trajeto que iria percorrer, o Rio apresentava duas grandes alças como um enorme "*m*" visto do espaço. Esse traçado, mais que qualquer outro, significava que o Rio mostraria sua "*inconstância tumultuária*".

Os furos se transformam em canais principais e estes, por sua vez, em trechos assoreados e imprestáveis à navegação, áreas de praia em Ilhas e Ilhas arrasadas pela força formidável do colossal Solimões.

Apesar das dificuldades, consegui progredir com sucesso, ora comparando o terreno com os mapas, ora seguindo apenas o instinto e o bom senso aliados a um conhecimento da geografia de um Rio em constante mudança.

Chegando a Jutaí

Em Jutaí, dirigi-me diretamente ao flutuante do Daniel, como tinham aconselhado os amigos de Tabatinga. A recepção, apesar da ausência do Daniel, em tratamento em Manaus, não poderia ser mais cordial. Autorizaram-nos a desembarcar no flutuante e nos convidaram imediatamente para o almoço.

Eles próprios entraram em contato com os Policiais Militares e nos auxiliaram a carregar o material até a viatura que nos deixou no Tuchaua Palace Hotel. Quando estava escrevendo este artigo, recebi a notícia que o Prefeito eleito de Tonantins, Fábio da Silva Cabral e esposa, que tão gentilmente hipotecaram-nos seu apoio, haviam falecido em um acidente, com a voadeira que os transportavam, logo após sua diplomação, quando se dirigia de Tonantins para S. Antônio do Içá.

Entrevista com Paulo Coelho da Fonseca

Na manhã, 17 de dezembro, respondi a alguns e-mails, e fomos até o flutuante do Daniel cumprimentar nossos amigos. A Silvana, funcionária do Daniel, ligou para o Paulo Coelho e ele ficou de nos receber. Paulo é acostumado a este tipo de tratativas e não se furtou a relatar sua incrível história de vida. Fomos até o seu sítio, onde cria animais exóticos, peixes como o tambaqui e o pirarucu em Lagos ornados por açaís e buritis e diversos locais encantadores para lazer.

No local mais alto, contemplando sua magnífica obra, iniciamos a entrevista.

Eu sou Paulo Coelho da Fonseca, nascido no Espírito Santo. Estou morando em Jutaí há 8 anos. Cheguei aqui em Jutaí sem nada, de carona em um barco e, graças a Deus, hoje eu sou uma das pessoas que mais contribui em termos de emprego na região.

Trabalham comigo, diretamente, cerca de 60 pessoas e indiretamente mais de 450. Tenho muitos barcos e em cada barco trabalham 3 ou 4 pessoas. Eu gero muitos empregos, o que posso fazer pela Cidade eu faço. Não faço as coisas só para ganhar dinheiro, eu faço as coisas também para agradar as pessoas que vão lá nos meus comércios, como o posto de gasolina, admirar minhas esculturas, as pessoas estão tirando fotos, colocando seus filhos na frente de uma árvore de natal, colocando as pessoas na frente de um pássaro para tirar as fotos. O sítio também é umas das coisas muito bonitas que eu fiz. Há domingos que tem de 300 a 400 pessoas tomando banho de piscina, jogando sinuca, é o único divertimento que temos na Cidade. Como a Cidade não proporciona, eu ofereço sem cobrar nada.

O motivo de eu ter saído do Espírito Santo para cá foi porque em casa eram todos evangélicos e em toda família existe um que é a "*ovelha negra*". Na minha família, eu era a "*ovelha negra*", eu não valia nada, era usuário de drogas, roubava, tudo o que não prestava eu fazia. Hoje as coisas estão mais banalizadas mas, naquela época, o filho fazia alguma coisa errada, o pai é que acabava preso.

Então não era justo, uma pessoa digna como o meu pai, da igreja como o meu pai, ser preso por erro meu. Decidi sair de casa com 14 ou 15 anos e, por incrível que pareça, o que o meu pai não conseguiu me ensinar o mundo conseguiu. Pois os pais batem com carinho, com pena e o mundo não, a polícia não, no vagabundo batem sem pena. Na verdade, cheguei a Jutaí assim: saí de Porto Velho pelo Rio Madeira e vim para o Rio Amazonas trabalhando no garimpo como peão, eu não tinha nada, nada. Se quisessem me matar por R$ 50,00 me matavam, não tinha nada. De dia eu conseguia uns 2 g de ouro mergulhando e à noite eu gastava 3 ou 4 em drogas, porque eu comprava duas, e duas eu comprava fiado, então eu nunca conseguia nada. Eu entrei no garimpo, todas as coisas ruins que você puder imaginar do garimpo eu passei, todas as coisas difíceis que você imaginar eu experimentei. Então hoje sei o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é ruim, o que é perigoso e o que não é perigoso.

Foi aí que eu resolvi escolher o caminho da minha vida. Eu falei: de agora em diante quero zelar pelo meu nome, pela minha pessoa, pela minha imagem e hoje, graças a Deus, eu sou o que sou. Hoje tenho um exemplo de vida, inclusive, já fiz palestras em escolas, já me chamaram para dar o meu depoimento em outras ocasiões e que serve de ensinamento para aqueles que querem pensar como eu pensei.

Cada um de nós tem a sua cabeça e se guia. Então, se servir de exemplo, eu sou o exemplo disso. Como havia falado, cheguei aqui em Jutaí sem nada e comecei a pensar naquilo que eu estava falando, comecei a pensar na minha vida. Pensei assim: já que dei desgosto para os meus pais, agora vou dar orgulho. Então comecei a pensar – agora vou conseguir alguma coisa, porque tudo o que a gente quer a gente consegue.

Quando entrei para o garimpo, nunca mais usei droga, nunca mais fui para flutuante à noite, comecei a juntar meu ouro. Quando eu entrei para o garimpo, passei 6 meses lá dentro: quando sai, já era dono de duas balsas mesmo devendo. As pessoas começaram a acreditar em mim, começaram a confiar no meu nome mesmo eu devendo. Foi quando fui para São Paulo de Olivença, lá eu também consegui muito ouro, paguei minhas contas e voltei novamente para o Rio Negro só.

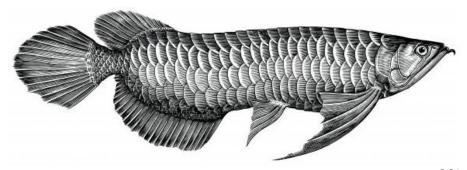
Do Rio Negro, fui para o Peru, lá consegui muito ouro, paguei minhas dívidas, minha vida melhorou. Mas também foi lá que eu perdi tudo de novo porque a polícia peruana, talvez vocês não recordem, mas há 8 ou 10 anos atrás, saiu até no Jornal Nacional, um brasileiro que foi preso no Peru, eu estava no meio. Saiu em vários jornais, no Peru o que se falava nos jornais tanto lidos, como televisionados era sobre nós, os garimpeiros que tinham sido presos no Peru. Eu perdi tudo.

Voltei para Jutaí sem nada de novo. Morando na rua, não tinha nem condições de pagar hotel, quando um amigo meu que ainda hoje está no Mato Grosso, falou para eu comprar peixe. Só que não sabia nada de peixe, não conhecia nada de peixe mas, por uma insistência dele, fui comprar peixe. Comecei com dois isopores, comprava peixe à noite e, no outro dia, eu vendia aqui mesmo para os frigoríficos, principalmente para o Alexandre. Pois eles não compravam à noite, só compravam durante o dia.

Tinha muita gente tirando sarro de mim, mas continuei, comprei mais duas caixas de isopor. Com 30 ou 40 dias eu já tinha umas 8 caixas de isopor. Depois fiz uma caixa grande de isopor e, com uns 6 meses comprando peixe, eu já montei o meu primeiro frigorífico.

Mas eu nunca saía para a rua nem para tomar um refrigerante, tanto que ganhei o apelido de miserável. Passava a noite toda ali, zelando pelos meus fregueses como eu faço até hoje, valorizando-os e com 6 meses eu já tinha meu primeiro frigorífico e hoje, graças a Deus, eu tenho uma estrutura moderna, tanto que uma fábrica de gelo do porte da minha são poucas e as pessoas de Fonte Boa, Tabatinga, passam para comprar o meu gelo.

Eu comprei meus maquinários todos em Caxias do Sul, tudo moderno. Hoje eu tenho capacidade para armazenar em torno de 400 a 500 toneladas de peixe. Tudo começou assim, hoje eu tenho muitos frigoríficos, fábricas de gelo, posto de gasolina... (Paulo Coelho da Fonseca)

O jovem empresário nos levou até o melhor restaurante de Jutaí, restaurante Natureza, com sua magnífica vista para o encontro das águas do Rio Solimões com o Jutaí e depois deixou o Romeu no Hotel e eu em uma "*Lan House*". Paulão, como é conhecido, fez questão de pagar 50% das despesas de hospedagem.

Três Garças... Três Graças...
(Barreto Sobrinho)

Dentro da floresta amazônica, disforme,
Há um grande Lago, um Lago enorme,
Que vive a espelhar na face sua
De dia o Sol, de noite a lua...
Em torno ao Lago
O vasto capinzal verdeja.
E sob o afago
De mil aves
De cantos estridentes ou suaves,
Alveja
Uma trilogia de garças brancas
Que naquelas paragens francas
Ficaram perdidas
Qual três visões esquecidas...

Aquele grupo lindo
De três garças,
Faz-me pensar que fugiram do Pindo
As três graças...
E ali naquela imensidade
De água e floresta
Elas estão simbolizando a saudade
Na expressão de sua alvura modesta...
E o Lago também ali perdido,
Ignorado,
Dá-me a ideia de um mundo encantado
Transformado no líquido polido...
Esta minha impressão [eu bem recordo]
Tive-a ao passar por ali, a bordo.

O Rio se estirava interminável!
A floresta aumentava formidável!
Foi quando eu vi as três garças solitárias
Naquelas paragens milenárias
De sugestões e de belezas raras,
De lendas, de bruxedos e de Iaras! [...]

Jutaí – Fonte Boa

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Lauri Corso

O Romeu conheceu o gaúcho Lauri, apaixonado pela terra amazônica, funcionário do IBAMA, que agora faz parte de um grupo que coordena os trabalhos na Reserva Extrativista de Jutaí. Jantamos no Restaurante Natureza, o Lauri contou sua experiência de vida e discorremos sobre temas ligados ao seu trabalho. Depois do jantar, fui até sua casa onde me mostrou sua bota de fibra de vidro, ainda em desenvolvimento, para evitar picadas de cobra nas caminhadas pela mata.

Partida para o Flutuante Oderley (18.12.2008)

Acordamos às cinco horas do dia 18 de dezembro e nossos amigos da Polícia Militar nos auxiliaram no carregamento do material dos caiaques. Passamos na casa do Lauri, que tinha prometido documentar nossa saída, e nos dirigimos ao Flutuante do Daniel, onde aportáramos os caiaques. Depois que nos ajudou a carregar a tralha, Lauri resolveu experimentar a navegação nas nossas embarcações. Tiramos algumas fotos e partimos por volta das 06h30.

Primeira Parada

Remamos num ritmo forte e cadenciado, aproveitando a correnteza superior a 12 km/h que nos permitiu desenvolver uma velocidade de 15 km/h. Depois de pouco mais de duas horas de navegação, paramos na margem Oeste da Ilha da Guarida, próximo

à casa de um ribeirinho. A viagem não apresentara, até então, nenhum fato relevante, nenhum golfinho, apenas um Tucanuçu ([78]) sobrevoando a copa das árvores e o som dos pássaros saudando a aurora.

Para quebrar a monotonia e abrandar a saudade dos pampas, passei a declamar, para mim mesmo, as poesias do augusto poeta do Rio Grande, Jayme Caetano Braun (*Galo de Rinha, Amargo, Galpão de Estância, Quero-Quero, Negrinho do Pastoreio e Vento Xucro*).

Segunda Parada

A Ilha da Guarida, em comparação com as fotografias do Google Earth, havia estendido um pouco sua extremidade de jusante e, ao contorná-la, nos deparamos diretamente com a entrada do furo Aramanduba. A meio curso do furo, por volta das dez horas, paramos numa bela praia de areias muito brancas. Segundo meus cálculos, estávamos apenas a uns seis quilômetros do Flutuante de destino.

Caminhei ao longo da praia procurando relaxar a musculatura e tirar algumas fotos daquela natureza pujante. Os troncos de enormes árvores caídas e os belos fungos, conhecidos como orelhas-de-pau (Basidiomiceto), chamavam a atenção pelo belo formato e colorido forte.

[78] Tucanuçu (Ramphastos toco): é o maior de todos os tucanos. De corpo preto e peito branco têm um bico inconfundível que corresponde a quase metade do seu tamanho. O enorme bico de cor amarelo-alaranjado com faixas avermelhadas e grande mancha negra na ponta é usado com grande habilidade, permitindo-lhe apanhar desde pequenas presas até separar pedaços de alimentos maiores. Coloca os ovos em ocos de árvores já abertos por outras aves. Comunicam-se com chamados graves, semelhante a um mugido (tucano-boi).

Flutuante Oderley

Chegamos ao flutuante do Orlaney que leva o nome do filho Oderley, que morrera afogado há algum tempo. O Paulo Coelho nos recomendara a parada no flutuante do Orlaney, seu funcionário, onde fomos recebidos com a costumeira cortesia e, em seguida, convidados para degustar um saboroso peixe liso (peixe de couro).

Após o almoço, tomamos as medidas de praxe e montamos a barraca no flutuante. A montagem em terra iria nos atrasar na saída. O Orlaney estava envolvido na colocação do forro do flutuante, buscando solucionar o problema do calor provocado pelo telhado de zinco e os mosquitos que infestam a região [carapanãs, maruins ([79]) e piuns ([80])].

Por volta das dezessete horas, o Romeu iniciou as aulas de canoagem com o Orlaney e filhos. Foi um acontecimento único para aquelas crianças ilhadas em um flutuante nos confins da Amazônia.

Novamente ficamos impressionados com a destreza daquelas criaturinhas "*anfíbias*". O equilíbrio e a facilidade no manejo do remo duplo do caiaque são impressionantes.

---

[79] Maruins (ceratopogonídeos): inseto díptero, nematóceros, de 1 a 2 mm de comprimento. As larvas e ninfas vivem na água doce ou salgada e só as fêmeas são hematófagas. Transmitem a filariose ao homem e aos animais domésticos por meio de picadas dolorosas. Também conhecidos como meruí, meruim, maringuim, marigui, muruim, mosquito-do-mangue, mosquito-palha, mosquito-pólvora, catuqui, catuquim ou bembé.

[80] Pium (simuliídeos): famosos pelas fêmeas hematófagas, medem entre 2 e 6 mm de comprimento e possuem coloração negra. Também são conhecidos pelos nomes de borrachudo, pinhum e promotor.

Heróis Anônimos

É estranho verificar que estas pessoas, que vivem em condições tão precárias nos confins da floresta, achem nossa aventura um desafio de titãs. Heróis anônimos, titãs da "*Terra das Águas*" são eles que, apesar de enfrentarem todos os rigores de uma natureza hostil, não se dobram, não esmorecem. As políticas públicas, tão benevolentes com a população indígena, muitas vezes subsidiadas por capitais estrangeiros pelas mãos das ONGs, não os atinge.

Sobrevivem graças à sua estirpe heroica e viril e a sua capacidade de trabalhar em regime de mutirões dentro da mais legítima convivência cristã. Em conjunto, irmanados pela mesma determinação de seus antepassados, enfrentam todo tipo de adversidade imposta pela selva e pelas águas. Registro meu preito de admiração e respeito à população ribeirinha do Solimões que, apesar de possuir tão poucos bens, nos apoia quando aportamos em suas pequenas aldeias, numa prova irrefutável do espírito cristão que os anima.

Luz Elétrica

O flutuante possui um pequeno gerador a gás que funciona do entardecer até o final da novela "*Preferida*" da dona da casa. Jantamos, desta vez um tambaqui e, depois de assistir ao jornal, nos recolhemos, pois pretendíamos sair antes do alvorecer.

Partida para a Fonte Boa (19.12.2008)

Não foi uma noite repousante. Os mosquitos zumbiam do lado de fora da barraca sem nos incomodar, em compensação, os holofotes dos "*motores*" que

passavam nos focaram a noite inteira. Parece que os vigias dessas embarcações estavam mais preocupados em vislumbrar as intimidades dos ribeirinhos do que se precaver de embarcações ou troncos que venham em rota de colisão.

Partimos às 05h15 do dia 19 de dezembro e, sem muita dificuldade, apesar das nuvens que bloque-avam a luz das estrelas e da Lua que nascera há pouco mais de 2 horas, conseguimos achar a entrada do furo Tarara. O Tarara é tortuoso e lento e levamos mais de 2 horas para percorrê-lo.

O ritmo que imprimíamos era cadenciado, pois tínhamos plena consciência de que os quase 70 quilômetros que nos separavam de Fonte Boa exigiriam muito esforço.

Primeira Parada

A primeira parada às 07h30, na confluência do Tarará com o Solimões, foi rápida em virtude da ofen-siva dos carapanãs. Só cessaram o ataque quando fiz uso do malcheiroso sabonete de alcatrão doado pelo caro amigo gaúcho Oscar Luís da Silva Júnior.

Alterando a Rota

A partir desse ponto, o Rio inflete para o Sul numa grande alça. O amigo Antônio Carlos, em Jutaí, havia nos aconselhado a manter a margem direita para evitar erros de percurso. Seguir a orientação facilitaria a navegação em virtude das Ilhas existentes na ponta Sul da península mas, em compensação, aumentaria o percurso em aproximadamente 7 km, um luxo que eu não estava em condições de negociar.

As pequenas Ilhas com vegetação eram representadas, bastante desatualizadas, pelo mapa do Google Earth como enormes bancos de areia.

Segunda Parada

Avistamos a primeira Ilha próxima à ponta, na margem esquerda do Rio e aportamos numa magnífica e extensa praia. Estiquei as pernas fazendo uma boa caminhada e tirando algumas fotos dos enormes troncos arrastados para aqueles bancos na época das cheias numa fantástica demonstração da força das águas.

Chuva Amazônica

Partimos com chuva e decidi, mesmo assim, manter a rota alternativa, para ganhar tempo. Determinei ao Romeu que não se afastasse, diminuindo a distância entre os caiaques e me aproximei das margens das Ilhas por causa da baixa visibilidade.

Adaptei novamente o percurso, buscando identificar as Ilhas que me permitissem continuar comparando a fotografia aérea com o terreno, embora isso fizesse aumentar um pouco o percurso.

Dinâmica da Natureza

Era impressionante verificar que os enormes bancos de areia reproduzidos nas fotos haviam se transformado em Ilhas de vegetação luxuriante. Precisei viajar no tempo para poder comparar a foto com o terreno. A predominância de embaúbas em algumas dessas Ilhas era a prova de que eu precisava de sua recente formação.

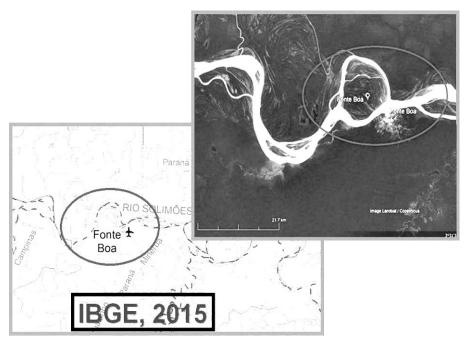



Imagem 46 – Fonte Boa

As Ilhas haviam, também, estendido significativamente suas porções terrestres à jusante da correnteza e com muita imaginação consegui, sem maiores problemas, chegar ao furo Cajaraí.

Frigorífico Pescador

No extremo Norte do Cajaraí, ancoramos no Frigorífico Pescador. Imediatamente, procuramos o administrador, senhor Sabá Franco, indicado pelo amigo Álvaro Cabral, de Tonantins, como um contato importante em Fonte Boa.

O Romeu navegou com uma das funcionárias pelo Furo Cajaraí e depois degustamos um tucunaré cortesmente oferecido pelo senhor Sabá. Sabá fez um contato, a meu pedido, com a administradora do Hotel Eliana que assegurou um razoável desconto na diária.

Polícia Militar

Fizemos, como de praxe, contato com a Polícia Militar para levar nosso material até o hotel e tivemos uma desagradável surpresa ao chegar ao nosso destino. O carro era um táxi que cobrou 15 reais pela corrida. Pela primeira vez, nesta jornada, não contamos com nenhum tipo de apoio por parte da PM.

Rádio Cabloca FM

Depois do banho, saímos para tomar um sorvete e procurar a rádio da Cidade onde concedemos uma prévia da entrevista agendada para as doze horas do dia seguinte. Fui, então, até a única "*Lan House*" da Cidade onde iniciei o "*upload*" dos arquivos e concomitantemente conversei com minhas filhas Vanessa e Danielle e os amigos Coronel Araújo e Rosângela, quando sobreveio um "*Black Out*". Fui, então, para o hotel arrumar meus pertences e me preparar para o dia seguinte.

Novo Black-Out (20.12.2008)

Acordamos ainda com falta de luz, redigi o artigo enquanto aguardava a volta da energia e o Romeu foi até o frigorífico dar aulas de canoagem para o filho do Sabá, o menino João. Deixei o computador da "*Lan House*" reservado, enviando as fotos e, às 11h45, fui até a Rádio Cabocla FM.

Novamente a "*comunicação*" amazônica estava presente. Fui informado de que aquele era o horário evangélico e que só à uma hora da tarde seria possível. Fiz os contatos necessários e deixei um aviso para o Romeu no hotel e voltei para a "*Lan House*".

Como passei o dia inteiro envolvido com a atualização dos artigos e "*uploads*" das fotos, o Romeu fez, sozinho, a entrevista na Rádio local. Infelizmente as rádios comunitárias não ultrapassam os limites de suas sedes, alcançando quando muito, pequenas comunidades próximas, o que, do contrário, nos facilitaria, bastante, em termos de apoio. Por volta das dezessete horas, fui até o Hotel Eliana para "*almoçar*". Embora tenha permanecido sentado o dia todo, estou cansado, pois esqueci de me alimentar até agora. A refeição foi ótima, pirarucu com arroz e feijão.

Tour em Fonte Boa (21.12.2008)

Contratei um moto-táxi e saímos para fotografar a Cidade e arredores. A Cidade é nova, sua arquitetura histórica foi toda perdida pois, na década de 70, toda a parte antiga foi arrasada pelo Solimões. Visitando a área rural da Cidade, observei diversas plantações de açaí e bacaba ([81]) e uma quantidade significativa de velhas castanheiras que, certamente, foram plantadas pelos nativos.

Lenda da Bacaba

> Conta a lenda que, na Serra do Tumucumaque, existia a tribo dos Badulaques, pequena e fraca, sem muitos guerreiros e cujo chefe, Cacique Cabaíba, preferia viver em paz sem invadir as terras de outras tribos. Era considerada uma tribo sem valor e por isso não participava do Grande Conselho das tribos.

[81] Bacaba (Oenocarpus bacaba): planta oleaginosa da família das palmáceas. Altura de 10 a 20 m com tronco de 20 a 30 cm de diâmetro. A madeira é empregada para construções rústicas e esteios. As folhas são utilizadas pelas populações indígenas para a confecção de abanos e bolsas. Seus frutos são muito empregados pela população local para a confecção de um vinho semelhante ao do açaí.

Um dia a desgraça se abateu sobre todas as tribos da serra. Poucos se lembravam da grande batalha travada entre o deus Tupã e Catamã, a entidade do mal. Contavam os anciãos que, na batalha, tinha sido devastada uma grande área além da Serra do Tumucumaque e que a luta entre o bem e o mal durara muitas luas até que Tupã, usando de toda sua magia, conseguira aprisionar Catamã no topo da serra por um período de cem anos.

Diziam ainda os anciãos que, depois desse tempo de guerra, a fome e a doença atingiriam as tribos, prenunciando a volta de Catamã, que tentaria reerguer seus domínios por toda a terra, mas que um guerreiro, nascido em tribo pequena, se sobressairia dentre todos os seus irmãos em caçadas e lutas, podendo vencer o mal e lançá-lo novamente à sua prisão.

Os prenúncios da desgraça chegariam quando Catamã já tivesse cumprido três terços de seu exílio, e assim ocorreu. Primeiro uma grande doença se abateu sobre as tribos. O mal atacava principalmente os pés e as mãos, impossibilitando os guerreiros, assim como mulheres e crianças, de se locomoverem. Logo não puderam mais segurar o arco e a flecha para caçar e centenas morreram de fome. Depois vieram as guerras. Tribo contra tribo.

As mortes se sucedendo e as nações indígenas enfraquecendo-se cada vez mais. Na época também a tribo dos Badulaques foi atingida e muitas mulheres morreram. Tarirã, uma das esposas do Cacique Cabaíba, estava grávida de muitas luas e o Cacique temia que fosse atingida pelas pragas ou morta pelas lanças dos guerreiros inimigos.

Numa noite, Tupã foi até o Cacique e em sonhos disse-lhe:

–Teu filho será um bravo. Irá se sobrepor a todos os guerreiros e se chamará Bacabá. Somente ele poderá livrar a nação do mal e destruir para sempre a encarnação da perversidade.

Por três noites os membros da tribo dançaram, agradecendo a dádiva de Tupã. Duas Luas depois nasceu o menino, que cresceu e foi treinado nas mais diversas práticas de combate, assimilando com incrível facilidade os ensinamentos dos pajés e anciãos. Manejava o arco e a flecha como se tivesse nascido para caçar. Sua grande vitória foi quando o conselho o designou chefe das nações indígenas. As maldições de Catamã continuavam. Certa noite um feiticeiro apareceu na forma de um feroz cachorro do mato e, entrando na tenda do chefe, matou Tarirã, que já se encontrava em idade avançada. Pela manhã, o corpo da índia foi encontrado dilacerado e Bacabá, furioso, entoou seu canto de morte, que atravessou os vales. Estava iniciado o confronto.

Pela manhã, Bacabá reuniu-se com o Grande Conselho, anunciando que iria enfrentar Catamã no topo da serra. O pajé, tocado pelo deus Tupã, deu-lhe um saquinho de couro contendo a mistura de muitas ervas, que deveriam ser jogadas no olho da divindade, tornando-a cega. Depois de despedir-se de seus irmãos de sangue, Bacabá armou-se de uma lança, arco e seus apetrechos de guerra e saiu no rumo da serra. Quando alcançou o topo, a figura de um imenso cachorro do mato atravessou-lhe à frente.

A fera, com olhos injetados de sangue, investiu contra o índio, iniciando uma batalha. Embaixo, milhares de guerreiros assistiam a tudo. Tupã proveu Bacabá de poderes para fazer frente à divindade do mal e o local da batalha transformou-se em uma imensa clareira. Contam os índios mais velhos que a contenda foi terrível.

Durante duas noites o confronto prosseguiu e depois o silêncio foi total. Os guerreiros, temerosos, esperavam que o vencedor se manifestasse. O silêncio, no entanto, reinava no cume da Serra do Tumucumaque.

O Cacique Cabaíba reuniu seus bravos e subiu à serra, seguindo os rastros de destruição, até que sobre um amontoado de pedras encontraram um imenso cachorro, com os olhos arrancados e uma lança cravada no peito. A seu lado, o corpo do guerreiro, dilacerado pelas garras e dentes do monstro. Bacabá venceu, mas a façanha lhe custou a vida.

Seu corpo foi sepultado ao lado da mãe, em um cortejo que reuniu milhares de guerreiros, todos lhe prestando a derradeira homenagem. Muitas luas se passaram até que o Cacique Cabaíba, sentindo a perda do filho, foi vê-lo.

No local onde tinha sido sepultado, havia, por benevolência e homenagem de Tupã ao mais bravo guerreiro da face da terra, uma palmeira solitária com as folhas em forma de lanças, da qual sobressaíam-se flores de cor branco-amarelas e frutos pequenos avermelhado-escuros. O chefe Cabaíba recolheu os frutos e mandou as mulheres da tribo fazerem um vinho que chamou de bacaba. Da bacabeira, de caule forte como os braços do guerreiro, são feitos arcos e lanças que, dizem as lendas, serem abençoados por Tupã. (LOPES & ANDRADE)

Entrevista com o escritor Humberto F. Lisboa

Às 10h00, fui até a casa do professor Humberto Ferreira Lisboa, autor do livro "*Fonte Boa – chão de heróis e fanáticos*", que concedeu uma entrevista bastante interessante:

Eu sou o professor Humberto Ferreira Lisboa, nascido e criado em Fonte Boa, professor de História do Ensino Médio e um estudioso sobre a Cidade. Há mais de oito anos, pesquisei para formar um livro sobre a Cidade e consegui, embora pouca coisa; hoje, com mais amadurecimento, a gente acha que esse livro merece uma segunda edição, melhorando o conhecimento sobre a Cidade, ou seja, ser mais profundo no que a gente pensava que estava acabado. Fonte Boa começa com o projeto europeu de transformar a América em um povo civilizado pela ação das missões. Começa com o trabalho do jesuíta Samuel Fritz que pensa em formar uma grande Cidade, aí nasceu o núcleo missionário chamado Nossa Senhora das Neves. Muita confusão depois que a colonização portuguesa entrou em conflito com os espanhóis. Samuel Fritz se retirou e também retirou a sua missão. Mais tarde, os portugueses retomaram e criaram uma outra missão com o nome de Nossa Senhora de Guadalupe.

Depois os carmelitanos que tomaram conta da Cidade esqueceram da própria missão, abandonando-a por mais de 30 anos e a Cidade perdeu o nome. Por sinal, começou a chamar-se Taraquatiua, depois transformada em Vila por Decreto do Marquês de Pombal, mais tarde ela seria elevada à categoria de Cidade, ainda na República. Daí em diante, Fonte Boa vai atravessar diversas fases de transformação e de lutas, por exemplo: vai surgir o ciclo da borracha, vão existir conflitos de coronéis, de controle dos Rios, de controle das pessoas, enfim da política local.

O que se pode dizer é que toda a história de Fonte Boa se permeia por aí, pelas brigas, pelas fofocas. Mas, sempre vai ter presente a luta do caboclo contra os coronéis o que é bonito é isso, os descendentes de índios legítimos querendo participar da política local.

Mais tarde, pela década de 60, Fonte Boa eclode em uma revolta, cassando o último Prefeito. Começa a surgir a primeira praça, os primeiros calçamentos de rua, ou seja, as primeiras frentes de trabalho. Algum tempo depois, vem a queda do barranco que desmorona toda parte antiga da Cidade, o traço da Cidade. As pessoas não têm ajuda do governo estadual para fazer suas casas, refazer suas vidas, isso vai ficar marcado para sempre na história do povo Fonteboense, essa falta de assistência do governo estadual naquele momento difícil da vida de Fonte Boa que começa pela década de 60 e vai perdurar por quase 12 anos. Algumas pessoas continuam chamando a atenção do Governo Federal para que ajude Fonte Boa a reconstruir seus espaços urbanos, a refazer o saneamento que haviam começado.

É uma nova Cidade que começa, um novo processo que se forma. Na realidade, ao meu livro deu-se o nome de "*Fonte Boa, chão de heróis e fanáticos*" por esse motivo. Fanáticos porque ele se dividiu em favor de preservação da política Coronelista e os heróis foram aqueles que ficaram aqui mesmo com a falta de assistência, resistindo na casa de barranco, resistindo àquela falta de emprego, àquela falta de trabalho e permanecendo aqui em Fonte Boa.

Por isso é um livro que vamos procurar aperfeiçoar para ficar com a próxima geração Fonteboense e também àqueles que quiserem vir aqui fazer pesquisas nós iremos oferecer o livro, na 2ª Edição, a partir de março, já com mais ênfase, com mais renovação, com mais maturidade do que se está falando e até mais pesquisa.

É o que eu tenho a dizer no momento ao Coronel Hiram que nos procura querendo informação sobre Fonte Boa. É um povo muito hospitaleiro, inteligente.

> Diga-se de passagem que nós chegamos a concorrer com Parintins. Éramos o 2° Folclore do Amazonas em termos de boi bumbá ([82]) e de outras festividades. Fomos visitados por turistas estrangeiros, nacionais e fomos homenageados pela imprensa pelo esforço e pela criatividade e agora nós não sabemos como que vai ficar, porque a falta de compromisso com a cultura, com a educação é muito séria mas, quem sabe, se houver uma mudança, nós voltaremos a ser o 2° Festival Folclórico do Amazonas. (Humberto Ferreira Lisboa)

Depois da entrevista discorremos sobre diversos assuntos relativos à história e geografia da região e, em seguida, dirigi-me à "*Lan House*".

A Queda do Barranco e da História de Fonte Boa

As comunidades vizinhas de Fonte Boa a chamam de "*Foste Boa*" em referência à catástrofe que destruiu toda a parte antiga da Cidade. Parece, também, que o Rio Solimões, que provocou a chamada "*queda do barranco*", pelo professor Lisboa, levou consigo muito da história, da memória de uma Cidade que se mostra diferente das demais. O frenesi constante que envolve a Cidade parece ser uma vã tentativa de remover da lembrança as agruras do passado.

---

[82] Boi-bumbá Fonteboense: como outras manifestações folclóricas do país, tem origem na grande diversidade de povos que aqui se estabeleceram propiciando a fusão de diversos elementos culturais. No início, era uma brincadeira realizada nas ruas e terreiros das residências. Eram dois bumbás: o Estrelinha, do centro da Cidade, e o Tira Prosa, do bairro São Francisco. No período de 1980 até 2002, passaram a se apresentar na quadra de esportes municipal. Na década de 90, o evento evoluiu bastante e a disputa entre os bois tomou ares de "*guerra*" na arena. O "*Tira Prosa*", com as cores vermelho, e o "*Corajoso*", com as cores azul e branco, se tornaram famosos em todo o Estado do Amazonas.

Velho Tronco
(Hemetério Cabrinha)

Olha esse tronco de árvore esgalhado,
Levado à toa pela correnteza.
Quem nos sabe contar o seu passado?
Quem nos diz sua história? Com certeza

Floriu, frutificou, teve seu fado,
Foi luz, foi pão, foi ouro, foi grandeza,
Teve um viver de inveja saturado,
Foi um sorriso aberto à natureza.

Vê! como ele vai sereno, a esmo,
Arrastando o cadáver de si mesmo
Para um destino torturante, triste...

No entanto, quantas vezes não enchera
De frutos bons, a mão que o abatera!
...Como esse tronco muita gente existe!

"Inconstância Tumultuária"

A inconstância tumultuária do Rio retrata-se ademais nas suas curvas infindáveis, desesperadoramente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrojando-se à ventura em repentinos atalhos. [...] ou vai, noutros pontos, em furos inopinados, afluir nos seus grandes afluentes, tornando-se ilogicamente tributário dos próprios tributários – sempre desordenado, e revolto, e vacilante, destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios – com a ânsia, com a tortura, com o exaspero de monstruoso artista incontentável a retocar, a refazer e a recomeçar perpetuamente um quadro indefinido... (CUNHA, 2000)

Sidarta (Hermann Hesse)

O autor nos reporta as experiências de um jovem brâmane em eterna busca do conhecimento e da luz. Abandonando a casa paterna, Sidarta iniciou sua jornada na companhia dos Samanas ([83]). Três anos se passaram e Sidarta verificou que vida samana era uma forma de fugir da vida e do eu e os abandonou.

Seguindo sua busca, Sidarta se tornou discípulo do Buda. Algum tempo depois, porém, ele se convenceu de que a iluminação não podia ser alcançada através da doutrina e sim pela vivência, e que a experiência da iluminação era impossível de ser descrita. Resolveu, então, seguir seu próprio caminho sem se ater à qualquer doutrina, sem seguir nenhum mestre, até alcançar a redenção ou morrer.

---

[83] Samana: indivíduo que abandona as obrigações da vida social para encontrar o caminho de uma vida de mais harmonia (sama) com a natureza.

Atraído pela beleza e sensualidade da cortesã Kamala, se entregou de corpo e alma aos prazeres mundanos até que, arrependido, se deu conta de que mais do que tudo "*causavam-lhe asco a sua própria pessoa, os cabelos perfumados, o bafo de vinho que sua boca exalava, a flacidez e o mal-estar de sua pele*".

Depois de pensar, inclusive, em suicidar-se, encontrou a paz, o conhecimento divino e se tornou um ser de luz através de um homem simples, um balseiro que lhe reportou os arcanos da vida aprendidos no levar constante de pessoas de uma margem à outra e nos mistérios transmitidos pelo irmão Rio.

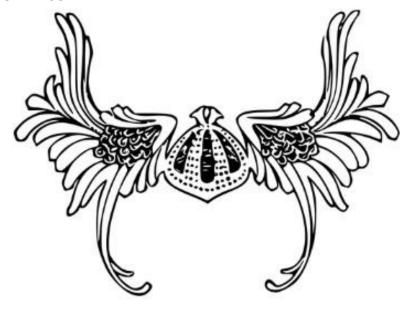
O Mestre Rio

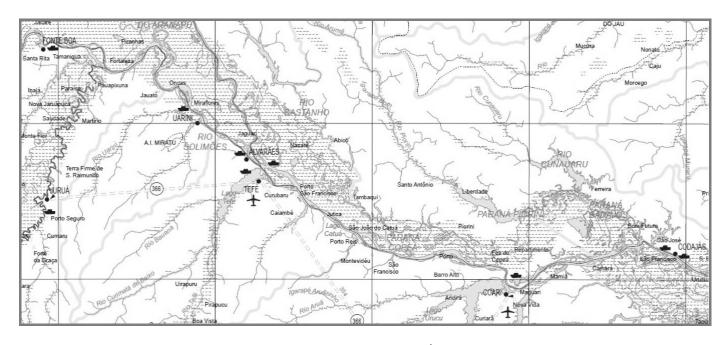
Depois de navegar algumas centenas de quilômetros observando, ora a generosidade plena deste manancial de água doce, ora seu poder de promover profundas mudanças na geografia da terra, começo a entender-lhe o espírito.

Sua generosidade se manifesta na oferta de pescado farto e de boa qualidade aos ribeirinhos, como via de acesso aos mais inóspitos rincões, na fertilização das várzeas que, por ocasião da vazante, propiciam o plantio fácil e colheita abundante.

Sua força, seu poder destruidor estão presentes nas barrancas solapadas pela corrente voraz e na vegetação arrastada violentamente para outras plagas. Sua arrogância é capaz de destruir em poucos dias Ilhas que levou anos para criar, de alterar os canais abandonando cursos já consagrados para experimentar novos rotas por puro e simples capricho. É a "*inconstância tumultuária*" do Rio adolescente relatada por Euclides da Cunha.

O Rio, cujo avô formidável corria para Noroeste e desaguava no Pacífico nas priscas eras da Pangea ([84]), teve como pai o Lago Pebas ([85]), quando os continentes se separaram e suas águas foram barradas pela Cordilheira dos Andes que se formou.

Talvez o Solimões, herdeiro destes extraordinários colossos, queira mostrar a todo Universo sua força e o faz afrontando tudo à sua volta, provocando alterações profundas na natureza e na vida dos ribeirinhos.

[84] Pangea ou Pangeia: nome dado ao continente que, segundo a teoria da deriva continental, existiu até 200 milhões de anos, durante a era Mesozoica e que, nessa altura, começou a se fragmentar.

[85] Lago Pebas: há aproximadamente 11 milhões de anos, a bacia amazônica estava submersa num grande Lago (Pebas) que tinha saída para o Oceano Pacífico. Com a deriva dos continentes e a consequente elevação da Cordilheira dos Andes, as águas ficaram temporariamente represadas até que vazaram e passaram a correr para Leste, formando a Bacia Amazônica e o Rio Amazonas desaguando no Oceano Atlântico. A drenagem possibilitou, então, que algumas das terras submersas aflorassem.

Mapa 02 – Fonte Boa – Codajás (DNIT)

Fonte Boa – Tamaniquá

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Polícia Militar de Fonte Boa

Desde meu contato com Coronel Rômulo, Comandante do Policiamento do Interior, os Policiais Militares do Estado do Amazonas foram incansáveis em nos apoiar no transporte de material e contato com autoridades locais. Gostaria de deixar registrado o profissionalismo, a urbanidade e a atenção com que me trataram os Policiais de São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins e Jutaí. Realmente, Fonte Boa foi uma exceção à regra; o descaso e a falta de apoio por parte do Comandante do destacamento não são compatíveis com as tradições da instituição que representa.

Partida para Tamaniquá (22.12.2008)

O senhor José Antônio, do Hotel Eliana, suprindo a falta da Polícia Militar, conduziu-nos, gentilmente, até o Frigorífico Pescador. Partimos por volta das oito horas, depois de agradecer o apoio do senhor Sabá Franco, administrador do frigorífico; paramos duas vezes antes de chegar às proximidades da Foz do Juruá.

Foz do Juruá

Na segunda parada, por volta das 11h35, verifiquei a enorme discordância da carta com o terreno em relação à margem direita do Solimões, perto da Foz com o Juruá. Já acostumado com os devaneios deste

Rio errante, concluí que toda Ilha, à margem esquerda do Juruá, tinha sido violentada pela fúria do Rio-Mar na sua ânsia de remodelar o relevo a seu bel-prazer. A transformação criou um delta na Foz do Juruá. A dilapidada "*Ilha da Consciência*" ([86]), à jusante da Foz, talvez venha a se transformar em mais um ícone da "*perda da inocência*" do rebelde Rio-menino.

Nova Matusalém

Na Foz do Juruá, parei para tirar algumas fotos, que foram prejudicadas, porém, pela altura da vegetação. Na margem direita da Foz, aportamos no local denominado pelas cartas como Porto Colombiano, mas chamado pelos populares ribeirinhos como Nova Matusalém, para um breve descanso e para confirmar o nome da comunidade. O Romeu se precipitou, talvez levado pelo cansaço, e foi solicitar pousada na Comunidade onde lhe informaram que não seria possível, uma vez que o Presidente e o Vice-Presidente da Comunidade não se encontravam. Minha ideia, desde o início, não era parar naquela pobre Comunidade e sim prosseguir até Tamaniquá, como me orientara o senhor Sabá Franco. Tamaniquá estava há apenas 7 km à jusante, e bastariam 40 min de remo para alcançá-la.

Tamaniquá

Partimos para Tamaniquá, que podia ser avistada no horizonte.

---

[86] A ilha que existe fronteira à Boca do Purus, perdeu o antigo nome geográfico e chama-se "*Ilha da Consciência*"; e o mesmo acontece a uma outra, semelhante, na foz do Juruá. É uma preocupação: o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica às melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável. (CUNHA, 2000)

Tamaniquá é a Cidade natal do amigo Sabá, que havia recomendado que lá procurássemos o Flutuante do Ribeiro. Mais uma vez o Romeu saiu remando freneticamente enquanto eu observava e fotografava as paisagens dos barrancos e embarcações que passavam, procurando absorver a magia das paisagens. O Romeu tentou contato com o Ribeiro, que não lhe deu a menor atenção. O nosso dia, que começara mal com o "*calote*" por parte da PM de Fonte Boa, continuara com a falta de hospitalidade da Comunidade Nova Matusalém e, por fim, consagrou-se com o descaso do Ribeiro.

Professor Emanuel Carvalho

Aportei no flutuante e comuniquei ao Ribeiro que iríamos estacionar os caiaques junto ao seu flutuante por questão de segurança; deixei o Romeu descansando no Flutuante do Ribeiro e fui até a escolinha local, onde encontrei seu gestor, o professor Emanuel. O professor foi extremamente educado e receptivo, permitindo que se usasse uma de suas salas de aula para acampar, deixando comigo as chaves da cozinha e autorizando a fazer uso dos computadores da escola.

Amigo Chico

Descarregamos o material na sala de aula e fomos, imediatamente, tomar um banho no Rio. Revigorados, paramos para degustar os saborosos "*dindins*" (sacolés) da Dona Maria "*Capivara*", esposa do Chico. Acabamos com seu estoque de dindins de graviola ([87]),

---

[87] Graviola (Annona muricata): fruta originária das Antilhas, a graviola é uma árvore de pequeno porte (4 a 6 metros de altura), encontrada em quase todos os países tropicais, com folhas verdes brilhantes e flores amareladas, grandes e isoladas, que nascem no tronco e nos ramos. Os frutos têm forma ovalada, casca verde-pálida, são grandes, chegam a pesar entre 750 gramas a 8 quilos, dando o ano todo.

a graviola e outros frutos são plantados pelos donos da casa e parentes da Dona Maria num sítio da família. Contratamos o Chico para nos levar, de manhã cedo, de rabeta, até uma Comunidade indígena, Kulina, às margens do Juruá. Terminado o pequeno lanche, saí pela Comunidade para fotografar.

Pernoite na Escola

Para nos livrarmos dos mosquitos, dormimos na barraca montada dentro da sala de aula. Ficamos livres dos mosquitos, mas não do calor. O gerador desliga às 23h00 e, a partir daí, foi difícil conciliar o sono em decorrência do calor e dos latidos dos cães a noite toda.

Visita ao Juruá (23.12.2008)

Mário Quintana

O Chico, como bom caboclo, deixou tudo para a última hora – preparação do barco e compra de combustível, talvez para não fugir à regra ou talvez querendo nos adaptar ao "*ritmo amazônico de fazer as coisas*". Atalhando por um Paraná, dois furos e um Lago, chegamos à Comunidade. O percurso se reveste de uma beleza sem igual. Longe da impetuosidade dos grandes mananciais, estas artérias têm um ritmo dolente; o motor de 6,5 Hp nos impulsiona com vagar, permitindo admirar a natureza ao redor. Perguntaria, intrigado, o leitor, como recordar Mário Quintana, um poeta citadino, no coração da selva hostil. A lembrança me veio ao avistar os formidáveis colossos arbóreos tombados junto às margens.

Troncos e galhos desfolhados e esbranquiçados pelo tempo imitavam a agonia das "*mãos de enterrados vivos*" do Quintana ([88]).

Evolução das espécies

Lembrar Charles Darwin talvez seja mais racional ao divagarmos sobre a adaptação da "*Amazônica Biodiversidade*". As árvores tombam com facilidade porque as raízes que as sustentam são por demais superficiais. O solo pobre não as estimula a procurar nutrientes, aprofundando suas raízes. Algumas árvores, porém, mais sábias, mais adaptadas ou evoluídas, se utilizam de verdadeiros estais para procurar manter sua estabilidade que, na região, são chamados de sapopemas e, para sobreviver, parcialmente submersas, raízes respiratórias. Há uma profusão de plantas flutuantes, como o capim-memeca, canarana, alface d'água e o aguapé, que descem os Rios em enormes Ilhas flutuantes por ocasião das chuvas ou das cheias. Sobre estas exuberantes Ilhas flutuantes vivem diversas espécies de insetos enquanto nas águas criam-se enormes populações de mosquitos e outros dípteros importunos. A mata que sofre inundação por Rios de águas brancas costuma ser chamada de "*várzea*", enquanto as banhadas pelas águas pretas e claras (ou azuis), de "*igapós*". A várzea é muito mais rica em decorrência dos nutrientes carreados pelas águas. Em relação à biota aquática, os Rios de água branca são ricos em peixes, enquanto os Rios de água preta são "*Rios da fome*".

---

[88] Mario de Miranda Quintana: poeta, tradutor e jornalista, nasceu em 30.07.1906, na Cidade de Alegrete. Aos 13 anos, em 1919, é matriculado no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) em regime de internato. É no CMPA que publica seus primeiros trabalhos na revista Hyloea, da Sociedade Cívica e Literária do CMPA. (Hiram Reis)

Povo Kulina ou Madija

O povo Kulina tem seu habitat tradicional nas planícies dos Rios Juruá e Acurauá, afluentes do Solimões e pertencem à família linguística arawá. Os Kulina se autodenominam Madija, que significa "*os que são gente*". Os Kulina formam um grupo de pouco mais de 700 membros e ainda preservam sua língua e cultura.

Os Kulinas ocuparam as manchetes sensacionalistas de jornais de todo o mundo que os acusavam de canibalismo. Há anos as drogas vêm ocupando cada vez mais espaço dentro das comunidades indígenas, e o consumo de crack, associado às bebidas alcoólicas, podem ter deflagrado o ato de canibalismo na Cidade de Envira (AM).

Cinco Kulina trucidaram e canibalizaram Océlio Alves de Carvalho no dia 02.02.2009, quando a vítima desapareceu, e só veio à tona quando um índio da mesma aldeia denunciou o caso às autoridades.

Correio Braziliense n° 16.704 – Brasília, DF
Quarta-feira, 11.02.2009

Amazonas: Segundo Polícia, Jovem com Deficiência Mental Teria Sido Morto por Cinco Kulinas no Município de Envira. Grupo Teria Esquartejado e Comido Partes do Corpo da Vítima

Índios Suspeitos de Canibalismo
(Repórter Paloma Oliveto)

A população de Envira, município do Sudeste amazonense, está chocada com um crime ocorrido no último dia 2, mas que só ficou conhecido ontem, depois que fotos de um jovem decapitado e esquartejado começaram a circular pela internet. Portador de deficiência mental leve, Océlio Alves de Carvalho, 21 anos, foi assassinado na aldeia Cacau, povoada por índios Kulina e localizada a 4 km da cidade. De acordo com testemunhas, cinco indígenas comeram partes do corpo do jovem e abandonaram os restos na mata.

O Sargento da PM José Carlos Corrêa, que atua como delegado no pequeno município de 17 mil habitantes, deve concluir o inquérito até amanhã, mas afirma que já sabe quem são os suspeitos. Trata-se de um grupo de cinco pessoas, conhecidas por Vadeci, Socorro, Aleijadinho, Macaquinho e Todomar.

"*Foi o próprio chefe da aldeia quem entregou os nomes*", disse Corrêa. Segundo ele, o crime teria ocorrido por vingança. No ano passado, um Kulina da aldeia morreu afogado em um acidente, mas alguns índios acreditam que ele foi assassinado. "*Testemunhas, inclusive índios da própria aldeia, ouviram esse grupo dizer que matariam um cariú, como chamam os brancos. Foi o Océlio, como poderia ter sido qualquer outro*": afirma o delegado.

Valdeci chegou a ser preso, mas sob a tutela da Fundação Nacional do índio [FUNAI] foi solto e encontra-se na aldeia Os outros fugiram. O guarda municipal Francisco Eudo, tio de Océlio, diz que a população está em pânico. "*Todos estão com medo de novas ocorrências. Eu mesmo fui ameaçado de morte no domingo passado, assim como o Raul Kulina, uma das testemunhas*", conta. O delegado afirma que o filho de Valdeci é o suspeito de ter ameaçado Eudo.

A família, de acordo com o tio de Océlio está desolada não só por causa do homicídio mas pelo que consideram um descaso da FUNAI, que demorou dois dias para ir à cidade, só acessível por meio de avião ou barco. Os próprios familiares tiveram de ir à aldeia resgatar os restos mortais da vítima.

Na segunda-feira 2, por volta das 16h, o jovem deveria ir para casa depois de pastorear bois. Foi nesse momento que, de acordo com testemunhas, teria sido induzido pelo grupo de índios a visitar a aldeia. Lá, ainda conforme indígenas que viram a cena, ele foi esfaqueado. A perícia, realizada no Hospital Geral de Envira contabilizou 80 facadas.

Depois, o corpo de Océlio foi partido ao meio, num corte vertical do crânio até os órgãos genitais. As pernas e os braços foram cortados. Conta o delegado:

> Os outros índios pediam para eles não fazerem aquilo, mas então eles começaram a assar o coração, o fígado, parte das vísceras e um pedaço da coxa esquerda. Depois, comeram.

Ele ressaltou, porém, que não houve qualquer tipo de ritual. Os índios estariam bêbados. Relata:

> Esse é um problema muito grave aqui. Eles chegam a beber álcool puro, que chamam de "cabeça azul", por causa da cor da tampa.

Cultura

Em nota, a FUNAI afirmou ontem que "*a prática da antropofagia entre os povos indígenas no Brasil contemporâneo não ocorre mais*".

Confirma o antropólogo Stephen Baines professor da Universidade de Brasília:

> A antropofagia não faz parte da cultura dos Kulina. Além disso, eles estão em contato com os não índios há muito tempo.

Os primeiros registros de encontro entre os índios dessa etnia com os brancos foi no século 19. Reforça Edgar Rodrigues, administrador da FUNAI em Manaus:

> Nunca houve um caso como esse entre os Kulina.

Ele confirma que o consumo de álcool é excessivo entre os índios da região, mas refuta a afirmação de que o órgão do Ministério da Justiça tenha sido negligente. Diz*:*

> O acesso desde Manaus é difícil. Mas ficamos três dias no local, levamos um indigenista e uma intérprete para a aldeia. Fizemos tudo dentro dos tramites legais. (CORREIO BRAZILIENSE N° 16.704)

CORREIO BRAZILIENSE

LONDRES, 1808, HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. BRASÍLIA, 1960, ASSIS CHATEAUBRIAND

QUARTA-FEIRA • Brasília, Distrito Federal, 11 de fevereiro de 2009

Número 16.704

AMAZONAS

Segundo polícia, jovem com deficiência mental teria sido morto por cinco kulinas no município de Envira. Grupo teria esquartejado e comido partes do corpo da vítima

Índios suspeitos de canibalismo

PALOMA OLIVETO
DA EQUIPE DO CORREIO

A população de Envira, município do sudeste amazonense, está chocada com um crime ocorrido no último dia 2, mas que só ficou conhecido ontem, depois que fotos de um jovem decapitado e esquartejado começaram a circular pela internet. Portador de deficiência mental leve, Océlio Alves de Carvalho, 21 anos, foi assassinado na aldeia Cacau, povoada por índios kulina e localizada a 4km da cidade. De acordo com testemunhas, cinco indígenas comeram partes do corpo do jovem e abandonaram os restos na mata.

O sargento da Polícia Militar José Carlos Corrêa, que atua como delegado no pequeno município de 17 mil habitantes, deve concluir o inquérito até amanhã, mas afirma que já sabe quem são os suspeitos. Trata-se de um grupo de cinco pessoas, conhecidas por Vadeci, Socorro, Aleijadinho, Macaquinho e Todomar. "Foi o próprio chefe da aldeia quem entregou os nomes", disse Corrêa. Segundo ele, o crime teria ocorrido por vingança. No ano passado, um kulina da aldeia morreu afogado em um acidente, mas alguns índios acreditam que ele foi assassinado. "Testemunhas, inclusive índios da própria aldeia, ouviram esse grupo dizer que matariam um cariú, como chamam os brancos. Foi o Océlio, como poderia ter sido qualquer outro", afirma o delegado.

Valdeci chegou a ser preso, mas, sob a tutela da Fundação Nacional do Índio (Funai), foi solto e encontra-se na aldeia. Os outros fugiram. O guarda municipal Francisco Eudo, tio de Océlio, diz que a população está em pânico. "Todos estão com medo de novas ocorrências. Eu mesmo fui ameaçado de morte no domingo passado, assim como o Raul Kulina, uma das testemunhas", conta. O delegado afirma que o filho de Valdeci é o suspeito de ter ameaçado Eudo.

A família, de acordo com o tio de Océlio, está desolada não só por causa do homicídio, mas pelo que consideram um descaso da Funai, que demorou dois dias para ir à cidade, só acessível por meio de avião ou barco. Os próprios familiares tiveram de ir à aldeia resgatar os restos mortais da vítima.

> A ANTROPOFAGIA NÃO FAZ PARTE DA CULTURA DOS KULINA. ALÉM DISSO, ELES ESTÃO EM CONTATO COM OS NÃO ÍNDIOS HÁ MUITO TEMPO
>
> *Stephen Baines, antropólogo da Universidade de Brasília*

Na segunda-feira 2, por volta das 16h, o jovem deveria ir para casa depois de pastorear bois. Foi nesse momento que, de acordo com testemunhas, teria sido induzido pelo grupo de índios a visitar a aldeia. Lá, ainda conforme indígenas que viram a cena, ele foi esfaqueado. A perícia, realizada no Hospital Geral de Envira, contabilizou 80 facadas. Depois, o corpo de Océlio foi partido ao meio, num corte vertical do crânio até os órgãos genitais. As pernas e os braços foram cortados. "Os outros índios pediam para eles não fazerem aquilo, mas então eles começaram a assar o coração, o fígado, parte das vísceras e um pedaço da coxa esquerda. Depois, comeram", conta o delegado. Ele ressalta, porém, que não houve qualquer tipo de ritual. Os índios estariam bêbados. "Esse é um problema muito grave aqui. Eles chegam a beber álcool puro, que chamam de 'cabeça azul', por causa da cor da tampa", relata.

Cultura

Em nota, a Funai afirmou ontem que "a prática da antropofagia entre os povos indígenas no Brasil contemporâneo não ocorre mais". "A antropofagia não faz parte da cultura dos kulina. Além disso, eles estão em contato com os não índios há muito tempo", confirma o antropólogo Stephen Baines, professor da Universidade de Brasília (UnB). Os primeiros registros de encontro entre os índios dessa etnia com os brancos foi no século 19.

"Nunca houve um caso como esse entre os kulina", reforça Edgar Rodrigues, administrador da Funai em Manaus. Ele confirma que o consumo de álcool é excessivo entre os índios da região, mas refuta a afirmação de que o órgão do Ministério da Justiça tenha sido negligente. "O acesso desde Manaus é difícil. Mas ficamos três dias no local, levamos um indigenista e uma intérprete para a aldeia", diz. "Fizemos tudo dentro dos trâmites legais", garante.

Imagem 47 – Correio Braziliense n° 16.704, 11.02.2009

Imagem 48 – Família Kulina – Rio Juruá, Tamaniquá

Comunidade Kulina

No início, como de costume, o Cacique Francisco se mostrou bastante reticente em relação ao nosso pedido de fotografar as crianças e entrevistá-lo, autorizando, inicialmente, somente a entrevista. O Cacique é o único professor e ministra aula do primeiro ao quarto ano

Durante a entrevista, em uma das salas de aula da escolinha, a Comunidade foi chegando aos poucos e, depois da entrevista, as mães nos procuraram, insistentemente, para que seus filhos fossem fotografados. A falta de apoio por parte da prefeitura de Juruá ficou patente no pronunciamento do Cacique.

Festa da Partilha – Dossehé (*Marco A. Gonçalves)*

A festa da partilha é um dos rituais mais importantes para os Kulina e que, normalmente, pode envolver praticamente toda a aldeia.

As mulheres, quando notam que não há mais carne na aldeia, ficam descontentes e reclamam da preguiça dos homens. Durante a noite, então, elas decidem mandá-los caçar na manhã seguinte.

Um grupo de mulheres, dentre as mais jovens, vão, cantando, de casa em casa, uma canção que diz: temos fome, nós mandamos vocês caçarem, tragam-nos carne.

Entre as cantoras, uma jovem aproxima-se de um homem e começa a tirar-lhe a veste, em meio a risos e piadinhas. A maior parte dos homens age como se nada estivesse acontecendo. Um rapaz, porém, começa um combate com a jovem, que significa: eu quero trazer-lhe carne, quero ser o seu parceiro sexual. O pai, o irmão, o primo e o marido da jovem não podem ser seus possíveis parceiros nesse ritual.

Após a partida dos homens para a caça, as mulheres continuam com suas tarefas cotidianas, além de preparar uma bebida não-fermentada para oferecer aos caçadores na sua volta à aldeia. Depois elas se preparam para a volta dos caçadores: tomam banho, vestem as roupas mais bonitas, se enfeitam, se perfumam etc. Nesse ritual, o homem nunca pode ter duas mulheres, mas às mulheres lhes é dado ter dois homens. À tarde, os homens anunciam seu retorno, tocando uma trompa de argila cozida.

Enquanto as mulheres preparam parte da carne trazida, os homens vão tomar banho e se vestir. Homens e mulheres comem em separado, mas ao mesmo tempo. Após a refeição, se iniciam os "*jogos*" entre homens e mulheres: elas os "*caçam*" e eles fogem, mas se deixam "*caçar*". As crianças imitam a brincadeira. Esse jogo é seguido de uma noite de danças. O ritual é fortemente marcado pelo erotismo e sensualidade. As mulheres também se utilizam desse ritual para obter dos homens outros serviços como a pesca, a coleta, etc.

Esse tipo de caça se distingue da caça habitual por ter um conjunto de motivações. Enquanto a caçada tradicional é feita em grupo, essa última é individual, para permitir aos jovens acesso às jovens mulheres e, principalmente, possibilitar a iniciação sexual. (GONÇALVES, 1991)

A Cultura Madija (Fátima Ferreira)

A questão da doença para os Madija é causada por "*dori*" [feitiço], que se manifesta na forma de um objeto que entra no corpo da vítima através de inserção mágica, podendo ser uma pequena pedra, um pedaço de pau ou ossos, causando muita dor no corpo do doente. Embora se reconheça hoje em dia que há doenças que não são dori, as doenças de branco "*dsama coma*" [literalmente "*terra doente*"], seu sistema de crença invariavelmente as atribui ao "*dori*" que, se não as provoca diretamente, age no sentido de colocar a pessoa num Estado tal que ela se torne suscetível a adoecer. Quem lança o "*dori*" é sempre o "*dsopinejé*" [xamã], que nunca age contra alguém de seu próprio grupo.

Dessa forma, a doença se deve a um xamã, de um grupo rival na aldeia, ou de gente Madija ou não. Muitos conflitos aconteceram e ainda acontecem, por conta disso, na forma de manaco [vingança] entre Madijas de localidades diferentes ou outras etnias. Os homens, bichos e plantas vivem em nami [terra], enquanto que os espíritos ocupam o mundo subterrâneo, nami budi. Os bichos e animais de caça também vivem em "*nami budi*", subindo a terra para serem caçados pelos homens. O pajé, quando bebe "*rami*" [ayahusca], ou em sonhos, entra em contato com o mundo subterrâneo, visitando as grandes aldeias subterrâneas onde vivem os espíritos que trazem os animais para a superfície, próximos da aldeia. (Fátima Ferreira)

Retorno

Na maior parte do tempo, enfrentamos chuva e um pequeno "*banzeiro,*" vencido com facilidade pela destreza do Chico. Somente na Foz do Juruá, onde eu pretendia documentar melhor a erosão, a chuva deu uma pequena trégua. Em Tamaniquá, o Romeu preparou um arroz com sardinha e, enquanto ele se preparava para a aula de canoagem para a gurizada, utilizei o computador da escolinha para descarregar mais de cem fotos, no "*4shared*", e escrever este artigo. Estou ansioso para conhecer a Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá (RDS Mamirauá) e espero que o apoio por parte do Exército em Tefé seja total, já que as Prefeituras, com as quais não tínhamos maiores vínculos, não pouparam esforços em nos dar suporte.

Os Sertões II

(Euclides da Cunha)

Transacreana

A carta da Amazônia, no trato que demora ao ocidente do Madeira, é o diagrama de seu povoamento inicial. A história da paragem nova, antes de escrever-se, desenha-se. Não se lê, vê-se. Resume-se nos longos e torturosos riscos do Purus, do Juruá e do Javari. São linhas naturais de comunicação a que nenhumas se emparelham no favorecer um dilatado domínio. Geometricamente, os seus talvegues, rumados no sentido geral de SO para NE, num quase paralelismo, oblíquos aos meridianos, facultam avançamentos simultâneos em latitude e em longitude; sob o aspecto físico, à parte os entraves artificiais oriundos do abandono em que jazem, estiram-se de todo desimpedidos. Travam-se-lhes os mais privilegiados requisitos. Na grande maioria dos rios amazônicos, e sobretudo no Vale do Ucaiáli, os empeços naturais acumulam-se ao ponto de originarem estranhos termos geográficos.

Neles não há citar-se um só. Nem pongos vertiginosos, nem despenhadas urmanas, nem muiunas remoinhantes ou vueltas del diablo desesperadores... Daí esta expressiva consequência histórica: enquanto no Tocantins, no Tapajós, no Madeira e no Rio Negro, o povoamento, iniciado desde os tempos coloniais, se entorpeceu ou retrogradou, retratando-se na ruinaria dos vilarejos a caírem com as barrancas solapadas, ali, ajustando-se-lhes às margens, progrediu tão de improviso que determinou, em menos de cinquenta anos, uma dilatação de fronteiras. Era inevitável. O forasteiro, ao penetrar o Purus ou o Juruá, não carecia de excepcionais recursos à empresa. Uma canoa maneira e um varejão, ou um remo, aparelhavam-no às mais espantosas viagens.

O rio carregava-o; guiava-o; alimentando-o; protegendo-o. Restava-lhe o só esforço de colher à ourela das matas marginais as especiarias valiosas; atestar com elas os seus barcos primitivos e volver águas abaixo – dormindo em cima da fortuna adquirida sem trabalho. A terra farta, mercê duma armazenagem milenária de riquezas, excluía a cultura. Abria-se-lhe em avenidas fluviais maravilhosas. Impôs-lhe a tarefa exclusiva das colheitas. Por fim tornou-lhe lógico o nomadismo. O nome de "montaria", da sua ubá aligeirada, é extremamente expressivo. Ela o ajustou àquelas solidões de nível, como o cavalo adaptou o tártaro às estepes.

Esta diferença apenas: ao passo que o calmuco tem nos infinitos pontos do horizonte infinitos rumos atraindo-o ao nomadismo irradiante à roda da sua iurta, que ao mudar-se se afigura imóvel no círculo indefinido das planuras – o jacumaúba amazonense, subordinado a roteiros lineares, adscrito a direções imutáveis, ficou largo tempo constrangido entre as barrancas dos rios. Mal poderia libertar-se em desvios de poucas léguas pelos sulcos laterais dos tributários. Ao invés do que se acredita, aquelas redes hidrográficas, entretecidas de malhas tão contínuas, não misturam as águas das caudais diversas em largas anastomoses, insinuando-se pelas imperceptíveis linhas de vertentes abatidas nas planícies encharcadas.

Rio Juruá

[...] Boca do Rio que com razão podemos chamar de Cuzco, pois, segundo um regimento desta navegação, que vi de Francisco Orellana, está Norte-Sul com a mesma cidade de Cuzco. Chamam-no os naturais de Juruá.
(Padre Cristóbal de Acuña)

Rio Juruá

Afluente da margem direita do Rio Amazonas com cerca de 3.355 quilômetros de extensão desde sua nascente peruana, no Cerro das Mercês, a 453 metros de altitude é considerado o mais sinuoso dos Rios do Planeta Terra. O Juruá tem seu período de cheias nos meses de fevereiro a abril seu período de águas altas e vazante de julho a setembro. A navegação é realizada no médio e baixo curso do Rio, com características de planície numa extensão de 3.120 quilômetros.

O Vale do Juruá, uma extensa área que engloba sete municípios amazonenses e quatro acreanos banhados pelo Rio Juruá, possui uma longa história que se inicia com as numerosas nações indígenas de origem Pano e Aruaque de procedência cisandina ou tungu-ruana-amazônica, localizadas a partir dos Andes, Médio e Alto Juruá.

Comerciantes começaram a explorá-lo a partir de 1813 subindo o Rio em busca de escravos índios, de salsaparrilha, copaíba, cacau e ovos de tartaruga.

Johann Baptist Spix (1817/1820)

Spix, na sua "*Viagem pelo Brasil*", em 1817/1820, noticia sua passagem pela Foz do Juruá:

> Rio de águas um tanto mais claras do que as do Solimões, até agora é ainda muito pouco conhecido e não é navegado profundamente para o interior das terras. Na sua Foz tem quase um quarto de légua de largura. É habitado pelos índios Catauixis, Catuquinas, Canamarés, etc., e é incrível ali a abundância de cacau e salsaparrilha. (SPIX & MARTIUS)

Antonio Ladislau Monteiro Baena (1832)

Baena faz o seguinte relato sobre o Juruá, em 1832, no seu "*Ensaio Corográfico da Província do Pará*":

> [...] nele há silvícolas chamados Caunás que parecem anões, pois são de tão curta estatura que não passam de cinco palmos verticais; há também outros silvícolas denominados Uginas que tem rabo de 3 a 4 palmos; assim o recontam muitos; o crédito porém que aplicar se lhe deve, à discrição do judicioso fique. (BAENA)

Romão José de Oliveira (1852)

Romão, cuja missão era a de atrair e pacificar os nativos, em 1852, cumprindo as ordens de João Batista Tenreiro Aranha, Presidente da Província do Amazonas, empreendeu a primeira expedição oficial ao Juruá conseguindo alcançar o Mineroá.

João da Cunha Correia (1854)

Correia, diretor de índios, em 1854, cumprindo ordens do Presidente do Amazonas João Pedro Dias Vieira, alcançou o Juruá Mirim, subiu o Tarauacá e a partir deste ao Envira chegando ao Purus via terrestre onde tentou encontrar, sem sucesso, Manoel Urbano da Encarnação que se encontrava no Alto Juruá.

William Chandless (1864)

Chandless, em 1864, enviado pela Royal Geographical Society of London, percorreu 980 milhas do sinuoso Juruá, descrevendo-lhe as características físicas.

Constantino Tavestin (1920)

O Padre Constant, no seu livro *"Le Fleuve Juruá"*, faz referência a um:

> Crioulo português que, pela era de 1850, subiu frequentes vezes o Juruá até o Marari, e mesmo até o Tarauacá, para troca de produtos europeus com os índios, que lhe davam cacau, salsaparrilha, baunilha, óleo de copaíba. (TASTEVIN)

Período da Borracha

O Purus e o Juruá abriram-se há muito à entrada dos mais díspares forasteiros – do sírio, que chega de Beirute, e vai pouco a pouco suplantando o português no comércio do "regatão"; ao italiano aventuroso e artista que lhes bate as margens, longos meses, com a sua máquina fotográfica a colecionar os mais típicos rostos de silvícolas e aspetos bravios de paisagens; ao saxônio fleumático, trocando as suas brumas pelos esplendores dos ares equatoriais. E, na grande maioria, lá vivem todos; agitam-se, prosperam e acabam longevos. (CUNHA, 2000)

A partir de 1858, se verifica uma ocupação efetiva do Vale do Juruá, por migrantes nordestinos levados por João da Cunha Correa, diretor dos índios para o extrativismo da borracha e coleta de especiarias. O Acre começava a despontar como centro de produção de látex. Levas de nordestinos e sírio-libaneses aventuram-se procurando encontrar lendárias fortunas.

Existem registros, de 1865, que reportam a existência de cortadores de seringa e coletores de salsaparrilha, vivendo no interior da mata. Esse comércio, já com certa expressão, obrigou a Companhia Fluvial do Alto do Amazonas a navegar também pelo Juruá, iniciando seu trabalho por volta de 1873.

No final do século XIX e início do século XX, a Amazônia experimenta o auge da produção da borracha. Neste mesmo período, o nordeste foi assolado pelas secas de 1877/79 e 1904 forçando a migração de milhares de retirantes para a Amazônia. O Vale do Juruá absorveu uma parte significativa desse translado, transformando-se num dos maiores produtores de goma elástica.

Em 1877, a Província do Amazonas criou um distrito policial para toda a extensão do Rio e, em 29.04.1879, enviou funcionários da Fazenda Provincial à região do Juruá para arrecadação de impostos.

No Juruá, durante o início de exploração da borracha, destacaram-se o Coronel Francisco F. de Carvalho que, em 1870, estabeleceu o seringal Riozinho da Liberdade; os Coronéis Antônio Petrolino Albuquerque, Miguel Fernandes e João Bussons, que em 1877 penetraram no Rio Tarauacá e instalaram seus seringais.

No ano de 1883, o cearense Antônio Marques de Menezes montou um seringal na Foz do Rio Moa. Os Coronéis João Dourado e Balduíno de Oliveira ocuparam regiões de fronteira com o Peru. Em seguida uma série de outros seringais estabeleceram-se por todo o vale do Juruá.

Os primeiros migrantes nordestinos que chegaram a Guajará (AM) vieram incentivados pela exploração do látex, resultando também na conquista de novas terras para o desenvolvimento da agricultura, como a cana-de-açúcar, banana, farinha, tabaco, e para a criação de bovinos.

A forte presença nordestina no Vale do Juruá e em Guajará (AM) pode ser observada até os dias de hoje, materializada pelos biotipos e pela cultura da população local.

Imagem 49 – Seringueiro (Percy Lau)

Os Japós
(Anísio Thaumaturgo Soriano Mello)

Fala que fala
A voz desse japó
E plena misturação de brado e de silêncio.
É cantiga de canto e de agonia
No abraço da intriga da ave marginal.
Não sacia no canto e ecoa na floresta
O assobio que dança e chora e imita.
A ura só tempo e deus e é demônio
E fala com o mato atormenta a formiga
Perturba a todo instante as aves tranquilas
E faz no matagal tremenda promoção.

O caboclo tranquilo o remo companheiro
A igarité parada o Rio espelho
Desce o barranco calças na canela
Anzol caniço samburá surrado
Cabocla prenha curumim descalço
Indiferente a tudo.
Terra molhada chuvisco de noite
Serração da manhã lhe cega os olhos.

Jurupari te esconjuro Deus me tenha
Empurra o casco Rio abaixo
Traz o peixe Rio acima
Todo dia que Deus manda.
Tudo igual toda manhã
O japó no seu comício
O caboclo na rede que treme de noite
Levanta com o japó
E ela só ela na ponta dos pés
Sai à procura do balde da cuia pitinga
E repete com prazer o seu bom-dia.
Raimundinho, Honorato, Zezinho, Antoninho
Lembranças felizes da beira do Rio
Das redes e dos japós...

Tamaniquá – Flutuante Aranapu

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Tamaniquá

Aguardei o Romeu, que estava envolvido com as aulas de remo para a criançada, na casa do Chico e da Dona Maria "*Capivara*". Degustamos alguns dindins ([89]) e ficamos conversando com o monossilábico Chico. Fomos convidados a saborear um jantar à base de peixe frito e caldeirada de piranha acompanhada de feijão com abóbora produzidos na roça da família e, logicamente, a saborosa farinha regional. Após o jantar, fomos ultimar os preparativos para a partida.

Partida para o Flutuante Aranapu (24.12.2008)

Na manhã de 24 de dezembro, nossos amigos Chico e Dona Maria "*Capivara*" estavam a postos na margem, para as despedidas. É impressionante como a amizade pode surgir em tão breves momentos de contato, em locais tão ermos, com pessoas cujas histórias de vida são tão diversas. Partimos taciturnos, levando a lembrança do carinho e da atenção dos queridos amigos que deixamos em Tamaniquá.

Aru

Na Amazônia, o caboclo chama a neblina de Aru. Aru é o sapo que deposita seus ovos numa densa espuma presa às vegetações aquáticas. A neblina que encobre a floresta parecia amalgamada à copa das árvores.

---

[89] Din-dins: sacolés, chopinhos ou geladinhos.

Navegando na Aru ([90])

Recomendei, devido à neblina, que o Romeu diminuísse a distância para que não perdêssemos o contato visual, já que a visibilidade era muito ruim. Seguindo o conselho do Chico, naveguei junto à margem esquerda do Solimões, que era a menos alterada pela violência do Rio, já que nesta altura ele faz uma pronunciada curva à esquerda.

Após a primeira hora de navegação, a neblina se dissipou e o meu afoito parceiro resolveu mais uma vez se adiantar. Com isso, tive de dispensar um agradável banco de areia para a primeira parada e enveredar por uma rota mais lenta e tortuosa entre uma das Ilhas próximas à Maquapanim e a margem esquerda do Solimões, quando a melhor rota, mais retilínea e de maior correnteza, era a da direita.

Na Boca do Aranapu

Depois da 2ª parada, o Romeu ficou muito para trás e, embora eu tenha diminuído bastante o ritmo das remadas, ele continuava bastante afastado de mim. Fiz uma longa parada depois de avistar a boca do Paraná Aranapu, aguardando o parceiro. Como o GPS apontava uma distância de mais uns 5 km até o nosso destino e as informações que eu possuía a respeito da localização do flutuante eram conflitantes, pus-me a buscar ratifi-

---

[90] Aru: a planície Amazônica é a região do mundo que concentra a maior quantidade e a maior variedade de sapos. Onde quer que se esteja, a gente ouve sempre, partindo dos bosques e dos charcos, uma confusão de sons, uma Babel de ruídos formando um concerto extravagante. Os índios devotavam grande estima ao sapo, ligando-o às chuvas amenizadoras do clima, à abundância de peixes e à fertilidade da terra. Chamam-no genérica e carinhosamente de "*amana-manha*", a mãe da chuva. (Altino Berthier Brasil)

cação com alguns ribeirinhos. Confirmados os dados do GPS, tivemos de "*arribar*", remando vigorosamente contra a correnteza do Solimões para entrar no Aranapu e, depois de 40 min, aportamos no flutuante Aranapu do Instituto Mamirauá.

O Sr. Cláudio, zelador do flutuante, já nos esperava. Fui descarregando o material do caiaque, para o flutuante, enquanto aguardava o Romeu chegar e, logo que ele aportou no flutuante, fomos nos acomodar nas confortáveis instalações.

Tributário de si Mesmo

[...] ou vai, noutros pontos, em furos inopinados, afluir nos seus grandes afluentes, tornando-se ilogicamente tributário dos próprios tributários... (CUNHA, 2000)

O Aranapu é um Paraná que conduz as águas barrentas do Solimões às águas claras do Japurá. Segundo o senhor Cláudio, vigia do flutuante, nos últimos 18 anos, apenas em duas oportunidades o Solimões recebeu águas do Japurá por intermédio do Aranapu. A sabedoria de Euclides da Cunha se torna patente mais uma vez. O Rio-menino é afluente dele mesmo ao lançar suas águas no Japurá através do Aranapu e recebê-las, mais adiante, de volta.

Contato com a Comunidade

Enquanto o Romeu promovia uma aulinha de canoagem para os mais jovens eu assistia a um torneio de futebol promovido pelo Cláudio, no enlameado estádio "*Moça Bonita*", cujo troféu era um porquinho. À margem do campo, uma placa, ostentando o símbolo do Clube de Regatas Flamengo, trazia o nome do campo – "*Estádio Moça Bonita".*

A placa tinha sido fixada em um belo "*apuí*" ([91]). Tirei algumas fotos e conversei com alguns populares.

Apuí – Tentáculos de Imenso Polvo

> Num bosque, figueiras estrangulavam as palmáceas, tal como observei na África com relação aos sândalos. Na sombra desse bosque não se via uma única flor ou um arbusto sequer; o ar pesado e o solo negro de húmus. Quase que cada palmeira servia de arrimo a uma figueira. Estas se apresentavam de todos os tamanhos e idades. As mais novas apenas envolviam as palmeiras como se fossem lianas ou cipós. As mais desenvolvidas, já lenhosas, estendiam rebentos que abarcavam os estípites num amplexo mortal. Alguns dos galhos eram lançados em volta do tronco como se fossem verdadeiros tentáculos de imenso polvo. Outros davam a impressão de garras, fisgando cada fenda ou envolvendo cada saliência. Mais tarde a palmeira morria, mostrando o esqueleto asfixiado pelos grossos galhos envolventes, até que desaparecia totalmente, restando então apenas os grandes braços retorcidos e já unidos da figueira, formando enorme árvore. Notava-se sempre, ao pé de cada palmeira morta e de cada figueira assassina, uma poça de água estagnada. Havia qualquer coisa de lúgubre e sinistro no silêncio soturno desse bosque; era como se seres conscientes se pusessem a contorcer na ânsia de estrangular outros seres conscientes... (ROOSEVELT)

[91] Apuí: é uma das árvores, segundo os Kokamas, onde moram os Xamãs. Para se tornar pajé, é necessário que a mãe do Apuí, que é xamã, entre no sonho do candidato e o encaminhe até o Apuí, levando, como oferenda, caldo de cana forte, xixa de milho e tabaco que deve ser depositado no chão junto às raízes da árvore. A mãe do Apuí, então, desce, se embriaga e, quando o Aspirante estiver dormindo, a mãe do Apuí o ensina a manipular remédios e os cânticos para incorporar os xamãs.

Imagem 50 – Estádio Moça Bonita

Preocupações Extra-amazônicas

Os dias têm se sucedido melhor do que eu planejara. O rendimento dos caiaques, o apoio de autoridades e populares, o clima, normalmente agradável na parte da manhã, tudo tem contribuído favoravelmente para meu otimismo. Apenas duas coisas me inquietam o sono e me preocupam: minha família e a renovação de meu contrato como professor do Colégio Militar de Porto Alegre. A saúde de minha esposa tem sido uma constante preocupação nestes cinco últimos anos e os altos custos com medicação e enfermagem reforçam a necessidade de continuar exercendo as atividades de professor para complementar o salário. O General Farias (da DEPA) hipotecou sua palavra de oficial e cavalheiro, garantindo-me que meu retorno estaria garantido mas, infelizmente, ainda não tivemos, até o momento, a efetivação confirmada.

Natal da Minha Terra (Euclides Cavaco)

O Romeu improvisou um "*quibe sem carne*", que foi nossa ceia de Natal. Fomos acompanhados pelo amigo Cláudio o que tornou a noite bastante agradável.

A noite foi fresca; havia chovido a tarde toda e dormimos muito bem, nos preparando para o "*Flutuante Horizonte*". O Natal tem essa capacidade de evocar, na nossa memória, os entes e as plagas queridas. A poesia de Cavaco me envolvia no seu saudoso e melancólico manto.

Euclides Cavaco nasceu em Mira, Coimbra, e reside no Canadá. Cavaco é um português de corpo e alma como ele mesmo propala: "*tenho uma alma Lusíada e dela deixo transparecer a minha inequívoca portugalidade com um desmedido orgulho de ser português e das minhas raízes numa constante da vida, tentando levar aos quatro cantos do globo a nossa cultura através da nossa poesia, glorificando o nome de Portugal e deste Povo que nós somos*". A poesia de Cavaco, impregnada de amor à terra e à cultura nativa, embala meu pensamento, nesta noite de natal, carregado de nostalgia, determinado pela saudade dos pais que já partiram para a querência eterna, da família, dos amigos e da minha terra natal.

Natal da Diáspora
(Euclides Cavaco)

O Natal
Desperta nas longas e taciturnas noites
De quem está ausente
Sentimentos de doce convívio
Inebriados pela lonjura que os separa
Com recordações de amizades inapagáveis
Que por vezes acordam tendências recalcadas
Que lhe ficaram dos seus tempos de infância
E que lhe trazem à lembrança
Memórias da Pátria Mãe
Que se dissimulam como epílogo
Em nostalgia e saudade. [...]

Imagem 51 – Furo Aramanduba – Jutaí

Imagem 52 – Plantação de Bacabas – Fonte Boa

Imagem 53 – Tamaniquá – Fonte Boa

Imagem 54 – Aranapu – RDS Mamirauá

Imagem 55 – Furo Envira – RDS Mamirauá – Tefé

Imagem 56 – Pousada Uacari – RDS Mamirauá – Tefé

Imagem 57 – Flutuante Mamirauá – RDS Mamirauá

Imagem 58 – Leo – Flutuante Mamirauá – RDS Mamirauá

Flutuante Aranapu – F. Horizonte

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Partida para o Flutuante Horizonte (25.12.2008)

O Cláudio chegou às 06h45, quinze minutos antes do combinado; atrelamos nossos caiaques à sua "*rabeta*" e rumamos para a boca do Aranapu, no Solimões. O motor de 5,5 Hp gemia contra a correnteza forte, determinando uma velocidade média de 6,5 km/h.

Partimos às 07h50, com um ritmo calmo, tendo em vista que o objetivo se encontrava a mais de 60 km de distância.

"*Paraná*" Envira

Às 09h30, depois de aportarmos numa pequena praia próxima ao furo que eu procurava para encurtar o percurso, saí para fazer um reconhecimento e confirmei se tratar do "*Envira*". A foto do satélite mostrava uma Foz de aproximadamente um quilômetro, que o terreno totalmente assoreado reduzira a menos de uma centena de metros. O areal e a vegetação de imbaúbas ([92]) e capins indicavam que essas alterações na geografia eram recentes.

---

[92] Imbaúba (Cecropia hololeuca): os brotos e frutos da imbaúba são alimentos habituais da preguiça (árvore da preguiça). As espécies amazônicas, em um ano, atingem 10 m e, em pouco mais de cinco anos, seu porte máximo. São conhecidas pelo nome de imbaúba, embaúba ou umbaúba, cerca de cinquenta espécies. São árvores de 8 a 25 m de altura. Em geral, só na parte mais alta existem galhos, que têm a mesma conformação do caule e sustentam as folhas grandes e ásperas, verde-escuras na face superior e esbranquiçadas por baixo.

Depois de um breve repouso, entramos no furo; confirmei minha tese com um ribeirinho que navegava em nossa direção. As praias da margem esquerda estavam tomadas por enormes bandos de gaivotas que, incomodadas com nossa presença, iniciaram uma estridente revoada, quebrando a monotonia dos sons da floresta.

Outro Furo

Depois da segunda parada, aproximamo-nos de um furo com uns 500 metros de largura, aproximadamente. Na fotografia aérea que eu possuía, não se tinha ideia da sua real dimensão, mas como a correnteza que penetrava por ele era bastante forte, decidi alterar a rota programada e percorrê-lo.

Foi uma bela escolha; a velocidade da correnteza se manteve por volta dos 12 km/h e, mais uma vez, consegui reduzir significativamente o percurso.

Na saída do furo, novamente no Solimões, parei numa praia para descansar e reconhecer o terreno. Havia feijão em abundância e de boa qualidade nas belas areias brancas. Calibrei o GPS e chequei a posição do Flutuante Horizonte com as coordenadas enviadas pelo Instituto Mamirauá. De acordo com estes dados, o flutuante se encontrava a apenas 11 quilômetros de distância, na margem direita.

Flutuante Horizonte

Rumamos para o Horizonte e, como o Romeu apressasse o ritmo, acompanhei-o. Na Comunidade Novo Horizonte, fui informado que o flutuante tinha sido transferido para a margem esquerda, em frente, a 4 quilômetros de distância.

Enquanto eu verificava onde o vigia se encontrava, o Romeu, extenuado e sem raciocinar corretamente, já tinha iniciado a travessia para a margem esquerda. O bom senso mostrava, que a correnteza, no local, era muito forte e seria extremamente cansativo nos deslocarmos até o flutuante depois de remar aproximadamente 70 km já que uma travessia frontal faria com que atingíssemos um ponto muito à jusante de nosso alvo. Achei, na Comunidade Horizonte, o zelador Isvon. Chamei o Romeu que, teimosamente, lutava contra a correnteza e solicitei ao Isvon que nos rebocasse até o flutuante.

O treinamento intensivo no Guaíba em rotas que chegaram a 13h30 de remo, em apenas um dia, fez com que eu chegasse a um nível de "*endurance*" tal que seria capaz de alcançar os objetivos propostos sem fadiga e com a capacidade de tomar as decisões corretas, na hora adequada, evitando maiores transtornos. Chegando ao flutuante, descarregamos os pertences e coloquei a "*malhadeira*" (rede de pesca) na esperança de uma alteração no cardápio.

Família do Isvon

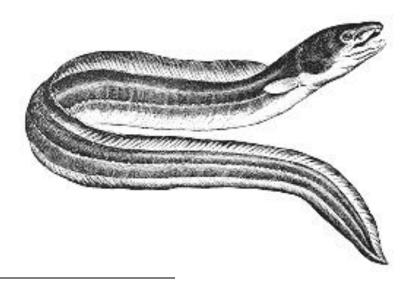
O Isvon foi buscar a esposa Helen Mara e seu hiperativo filho, quebrando nossa nostálgica rotina. A retirada da rede foi uma festa; um pequeno poraquê ([93]) e uma arraia foram imediatamente devolvidos ao Rio, e as três branquinhas, a pescada e a cachorra foram preparadas pela Helen para nosso jantar.

---

[93] Poraquê (Electrophorus electricus): "*aquele que faz dormir*" – em tupi. Possui dois sistemas de produção elétrica: um involuntário, com descargas regulares utilizadas na eletrorrecepção, vital em condições de pouca visibilidade e outro, voluntário, que pode emitir descargas de até 550 V, suficiente para atordoar suas presas ou predadores.

O Isvon me presenteou com sua camisa de manga comprida, para me proteger das queimaduras solares e dos mosquitos e eu retribui com uma lanterna que dispensa pilhas, sendo recarregada por um dínamo.

Lenda do Poraquê

Poraquê era um guerreiro valente, imbatível nos combates, excelente caçador, inigualável na destreza do arco. Mas Poraquê tinha um defeito, era muito ambicioso. Tentou dominar o fogo, não conseguiu; quis comandar os Rios, foi derrotado. Vencido pela segunda vez, subiu em um pé-de-vento e tomou um relâmpago do Trovão, e com ele fez uma borduna ([94]) capaz de lançar raios. Certa feita, uma tribo atacou a aldeia de Poraquê e ele, com sua borduna de raios, exterminou os invasores. Sua arma ficou tinta de sangue e ele foi lavá-la no Rio. Um dos raios caiu na água e o fulminou, transformando-o em um peixe feio.

[94] Borduna: designação genérica das armas indígenas feitas de madeira dura usadas para dar bordoadas (pauladas).

Flutuante Horizonte – F. Mamirauá

Há mais pessoas que desistem do que
pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Partida para o Flutuante Cauaçu (26.12.2008)

Partimos às 05h40 do dia 26, "*arribamos*", navegando quase um quilômetro Rio acima, colados na margem esquerda, pois a entrada do furo "*Mari-Mari*" ficava, praticamente, em frente ao flutuante, na margem oposta, e a força da correnteza nos impediria, certamente, de acessá-lo.

Paraná Mari-Mari

O caboclo da Amazônia não faz distinção entre furos e paranás. Por definição, os furos são canais que ligam o mesmo Rio, permitindo, na maioria das vezes, diminuir os percursos.

O "*Mari-Mari*" é um exemplo disso, unindo o Solimões a ele mesmo e encurtando o caminho natural do Rio que, no local, faz uma grande curva à direita. O Paraná, por sua vez, é um canal que liga dois Rios distintos, como o caso do Aranapu, que liga o Solimões ao Japurá.

Acessamos a entrada do "*Mari-Mari*" quando o Sol iniciava sua caminhada no amazônico horizonte. O furo, relativamente estreito, permitiu-me admirar a paisagem exuberante de ambas as margens. Mergulhei de corpo e alma no ambiente que me cercava, absorvendo seus aromas e sons impressionantes. O nascer do dia estimulava os pássaros, numa esplendorosa melodia em louvor ao Sol; ao fundo, um soturno coral

de guaribas ([95]) complementava a peculiar sinfonia da aurora. Eu fotografava, extasiado, as imagens ao meu redor.

Meu parceiro, infelizmente, alheio a tudo isso, se afastara novamente remando freneticamente. Passei por um grande coqueiral e por uma casa de alvenaria que, pela grandeza e qualidade da construção, contrastava com o ambiente a seu redor. Estacionei e conversei com os caseiros que me informaram que seus donos residiam em Tefé e que criavam tambaquis e pirarucus em Lagos situados atrás da sede da fazenda.

Flutuante Cauçu

Depois de três paradas, chegamos, por volta das 11h30, ao flutuante Cauaçu, onde fomos recebidos pelo Sr. Manoel. Descarregamos os caiaques e, enquanto o Romeu se banhava, aproveitei para colocar a "*malhadeira*". Manoel sinalizou com um lugar melhor na margem oposta e, ao retirar a rede para recolocá-la, verifiquei que tinha capturado três piranhas que, depois, limpei para o jantar. Mudei a rede e fui tomar banho. Escrevi um pouco, analisei a rota para o flutuante Mamirauá trocando ideia com o Manoel e fui retirar a rede, constatando que ela havia sido levada pelo boto vermelho que antes passara rondando pelo "*furo*".

---

[95] Guariba (Alouatta guariba): a pelagem varia do ruivo ao castanho, possui pelos mais compridos nas laterais da face se assemelhando a uma espécie de barba. Os machos são vermelho-alaranjados e as fêmeas e jovens castanho-escuros. Mede de 30 a 75 centímetros e é um dos maiores primatas das Américas. Famoso por seu grito, um ronco forte e soturno, semelhante a um esturro de onça, que pode ser ouvido ao longe. A potência desses sons é obtida graças a um pequeno osso, situado entre a laringe e a base da língua, o hióide, que funciona como uma caixa de ressonância. É também conhecido por bugio, barbado ou macaco-uivador.

Mais tarde, usando um pequeno arpão, consegui pegar duas sardinhas que foram igualmente limpas e "*ticadas*". O Manoel foi pescar e conseguiu dois sardinhões que, depois de fritos, foram consumidos com os demais no jantar.

Partida para o Mamirauá (27.12.2008)

Choveu a noite toda. De manhã, aguardei um pouco o tempo melhorar e, como isso não acontecesse, partimos às 07h15. Houve um contratempo lamentável; o Romeu, para variar, se distanciou demais, à frente, e perdemos o contato visual. Tentei chamá-lo, pois ultrapassamos um furo que encurtaria, significativamente, o percurso. A chuva aumentou e o perdi de vista. Preocupado, alterei a rota planejada, seguindo-o e, para isso, contornei a Ilha e acessei a Boca pelo Japurá pelo pior caminho.

Encontrei dificuldade em entrar na boca do Mamirauá pois, embora avistasse as construções da Comunidade, o capim "*memeca*" obstaculizava praticamente toda a Foz. Estava realizando mais uma tentativa ao Norte da Foz quando avistei um "*recreio*" entrando. Acelerei a remada e consegui confirmar com uma passageira que eles estavam se dirigindo para a Boca. Mantive as remadas fortes, para não perder o recreio de vista, e chegamos juntos ao nosso destino.

Senhor Joaquim Martins

Conheci o decano da Comunidade e um dos alicerces do Projeto Mamirauá. O senhor Joaquim, muito lúcido e falante nos seus mais de setenta anos bem vividos, contou-nos uma série de "*causos*" e piadas regionais. Na ocasião, aportaram no seu flutuante três pesquisadores do Instituto Mamirauá.

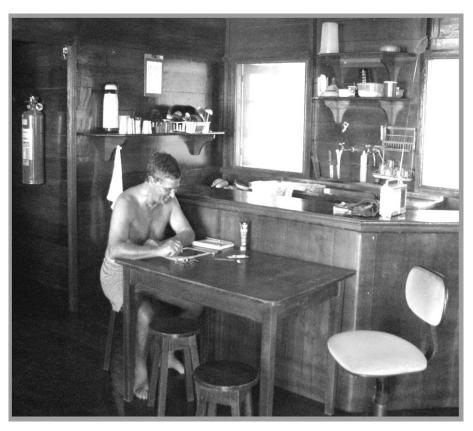



Imagem 59 – Flutuante Cauaçu, Mamirauá

Resgate do Romeu

Contatamos o Gerente Operacional do Instituto Mamirauá, senhor Josivaldo Ferreira Modesto, mais conhecido como "*César*", solicitando seu apoio para encontrar o Romeu, caso ele tivesse se perdido, e ele iniciou pessoalmente uma operação de resgate. O Romeu apareceu mais tarde, cansado e de mau humor, procurando justificar o injustificável, atrelamos nossos caiaques à "*rabeta*" do Tito, um dos filhos do senhor Joaquim, que nos conduziu até o Flutuante Mamirauá, onde fomos cordialmente recebidos pelo zelador, o senhor Ivo.

Mamirauá

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Sonho Transformado em Realidade

Não há nenhuma outra floresta tropical no planeta onde o desnível entre as cheias e a seca seja de 11 metros, onde a água se espalha a cada ano por milhões de hectares. Os animais e plantas que aí vivem foram selecionados desde o final do Terciário para suportar estas variações.
(José Márcio Ayres)

Depois de mais de 300 palestras realizadas na Região Sul, nos últimos nove anos, em Universidades, Estabelecimentos de Ensino Médio, Cursinhos Pré-vestibulares, Lojas Maçônicas, Associações Comerciais e Organizações Militares, nas quais apresentei a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) de Mamirauá como modelo de preservação ambiental, chegou, finalmente, a oportunidade de conhecê-la "*in loco*".

Graças ao Tenente Roberto Stieger, conheci, no INPA, a pesquisadora Vera Maria Ferreira da Silva, a maior especialista em mamíferos aquáticos amazônicos do mundo.

A amiga Vera, na oportunidade, acenou com a possibilidade de conseguir autorização para visitar a reserva através do Instituto Mamirauá.

Já tinha descartado totalmente a hipótese de conhecer a RDS, pois havia feito contato através da Pousada Uacari e a diária era impraticável. Os administradores não se sensibilizaram com o projeto científico-cultural envolvendo alunos do Ensino Médio e Fundamental do CMPA.

Já estava descendo o Solimões quando a Vera solicitou maiores informações sobre o projeto para encaminhá-las ao Instituto. Seguindo sua orientação, minha querida amiga Rosângela, de Bagé, RS, atendendo meu pedido, enviou toda a documentação solicitada ao Gerente Operacional do Instituto, senhor Josivaldo Ferreira Modesto, conhecido como César, que se empenhou pessoalmente para que a autorização fosse concedida. O resultado final de todo este processo permitiu que, na área da reserva, eu fosse abrigado em seus flutuantes, sem qualquer ônus e tratado como pesquisador que sou.

O César, em particular, e cada um dos pesquisadores, funcionários e ribeirinhos que contatei dentro da Reserva foram incansáveis em me apoiar prestando todas as informações solicitadas.

RDS – Pequeno Histórico

Até a década de 80, o macaco branco de cara vermelha, conhecido como uacari, só havia sido descrito no século XIX pelo naturalista inglês Henry Walter Bates. Em março de 1983, um biólogo paraense chamado José Márcio Ayres parte de Tefé no navio Gaivota, financiado por seu pai, para pesquisar os uacaris. Depois de diversas tentativas frustradas, Ayres aportou o Gaivota na Boca do Mamirauá.

Após anos estudando os curiosos primatas, seu estudo foi publicado em 1986 e, em 1990, mais de um milhão de hectares da várzea, incluindo a área onde havia desenvolvido seu estudo, foram declarados pelo governo estadual como Estação Ecológica Mamirauá. Em 1992, foi criada a sociedade civil Mamirauá, com o intuito de coordenar pesquisas e trabalhos de extensão

na reserva e, em 1996, a ONG publicou seu plano de manejo, visando ao uso sustentável dos recursos naturais e o policiamento dos recantos mais longínquos da reserva. Ato contínuo, o governo estadual consagra estes princípios, criando a Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá.

A Várzea

Em decorrência das inundações periódicas, o Rio Solimões, rico em nutrientes, proporciona o habitat ideal para a reprodução e berçário para mais das 300 espécies de peixes da reserva. Por outro lado, o crescimento desordenado dos grandes centros urbanos na Amazônia e a consequente procura por proteína barata, tornam a opção pela pesca nos Lagos e Rios uma ameaça, tanto ao ecossistema de Mamirauá como de todos os outros.

Pesquisa Científica

O governo brasileiro, através do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, e de doadores internacionais, financia projetos como o de estudo ecológico do pirarucu, a rádio-telemetria dos botos e do jacaré-açu, dentre outros, tornando o Mamirauá um centro de excelência para estudos relativos à floresta alagada.

Extensão

Com a população ribeirinha são desenvolvidos projetos de saúde, educação ambiental e técnicas agrícolas aplicando novas técnicas produtivas de árvores frutíferas, planos de manejo madeireiro sustentável e artesanato tradicional, envolvendo cerâmica e cestaria, além da operação de uma rádio comunitária.

Conclusão

Reputo a RDS Mamirauá como modelo, tendo em vista o envolvimento democrático da população ribeirinha na absorção e aplicação de novas técnicas ambientais, no controle e fiscalização dos recursos naturais da reserva e a modelar ação norteadora do Instituto como organização científica de excelência, apresentando novas alternativas sustentáveis.

A corrupção verificada em toda a nação, nos órgãos encarregados de fiscalizar os atos lesivos ao patrimônio genético e ambiental do país, mostra ser Mamirauá um modelo que deu certo e que está em constante reformulação e aperfeiçoamento. Meus reiterados agradecimentos ao amigo César e a todos do Instituto pela cordialidade e carinho com que nos receberam.

Águas Azuis, Pretas e Brancas

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

As pesquisas de Harald Sioli, fundador da ecologia tropical alemã, antigo diretor do departamento de Ecologia Tropical do Instituto Max-Planck de Limnologia, e Wolfgang Junk, mais recentemente, do mesmo instituto, são dois limnologistas que trataram da classificação das águas amazônicas, levando em conta suas características físico-químicas e ecológicas.

Sioli navegou pelas nascentes dos Rios da Amazônia, na década de 50, e coletou informações inestimáveis. Como Wallace e, outros antes dele, classificou-os em Rios de ***águas brancas***, Rios de ***águas pretas*** e Rios de ***águas claras***. Junk, trabalhando com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, INPA, na década de 70, deu continuidade às pesquisas limnológicas na região.

Rios de Águas Brancas

Essas águas transportam grandes quantidades de sólidos suspensos, como magnésio e cálcio, conferindo-lhe uma aparência lamacenta, amarelada ou ocre, muito turva, e uma baixa visibilidade. Possuem pouco material orgânico e grande quantidade de sólidos, tornando-as levemente alcalinas ou neutras. As águas brancas têm origem nas nascentes andinas e, como as rochas andinas, são, geologicamente, relativamente novas, desagregam-se facilmente; em consequência das condições climáticas e do relevo, essas partículas são carregadas pelas chuvas para os Rios, que as transportam até a planície amazônica.

Nas margens dos Rios de água branca, observam-se áreas de várzea férteis propícias para a agricultura. A várzea é o resultado de periódicas inundações e da deposição de nutrientes carregados pelas águas.

Rios de Águas Pretas

Os Rios que nascem em áreas de sedimentos terciários são da cor do chá preto. Essas águas são, na sua grande maioria, ácidas, em decorrência da presença de grandes quantidades de substâncias orgânicas dissolvidas, oriundas de solos arenosos cobertos por vegetação. Em regiões de relevo plano, em baixas altitudes, as chuvas removem do solo as partículas minerais mais finas junto com o material orgânico e formam solos arenosos, denominados podzóis. O processo, chamado podzolização, produz uma camada superficial de solo, areia branca, formado, especialmente, de grãos de quartzo.

Rios de Águas Claras (ou Azuis)

Os escudos do Brasil Central, ao Sul, e das Guianas, ao Norte, são compostos por rochas de formações geológicas muito antigas, e os Rios que têm suas nascentes nessas áreas, de relevo geralmente plano e regular, apresentam pequenas taxas de erosão. As águas têm pequenas quantidades de material suspenso e, em consequência, pobres em nutrientes, e aspecto cristalino. Suas colorações variam do verde-claro ao verde-oliva e podem variar de ácidas a levemente alcalinas.

Variantes

Os três tipos básicos de água se fazem acompanhar por variantes, decorrentes da mistura entre Rios

que drenam regiões diferentes ou de variações sazonais, determinadas por quantidades maiores ou menores de chuva. Diversos Rios na Amazônia apresentam dificuldades na sua classificação, sendo necessário conhecê-los em toda a sua extensão e nas diferentes épocas do ano para não incorrer em erro.

Controverso Japurá (mistura entre Rios)

Na confluência Japurá observa-se um fenômeno ainda mais extraordinário. Antes que esse Rio se junte ao Amazonas, este, que é o reservatório geral, envia três ramos, o Uaranapu [Aranapu], o Mnhama [Manaã] e o Avateparaná [Auti-Paraná] ao Japurá, que entretanto é apenas seu tributário. O astrônomo português Ribeiro comprovou esse fato. O Amazonas fornece assim águas ao Japurá antes de receber esse afluente em seu seio. (Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander Freiherr von Humboldt)

O Rio Japurá é um Rio de águas claras que começa a ser corrompido pelas águas do Rio Auti-Paraná, na altura da Cidade de Maraã, que carrega até ele as águas do Solimões. Mais adiante, ele recebe uma nova carga de água do Solimões no seu leito, através do paraná Aranapu. A tonalidade da água do Japurá tem provocado uma confusão, na sua classificação, se observado apenas na sua confluência com o Solimões.

É necessário que se observe, portanto, o Rio à montante de Maraã para classificá-lo corretamente.

Controverso Rio Branco (variação sazonal)

O Rio Branco, como o próprio nome sugere, assim se chama em decorrência do material suspenso, transportado das montanhas, que confere cor branca às suas águas, no período das chuvas. Na seca, porém, as águas ficam transparentes.

Planícies Alagadas

A cordilheira dos Andes é responsável pela maior descontinuidade climática da América do Sul. Desertos de um lado e vegetação luxuriante de outro. A grande responsável pela manutenção dessa vegetação são as chuvas. Grande parte delas é formada no Oceano Atlântico e empurrada pelos ventos alísios.

Mamirauá

As chuvas não são distribuídas uniformemente durante o ano. No Mamirauá, a época das chuvas mais intensas é a de dezembro a março, e o período da seca é de julho a outubro. Esta variação no regime de chuvas provoca uma variação de até 12 metros no nível das águas, fazendo com que toda a área da reserva fique submersa, exigindo uma enorme capacidade de adaptação por parte da flora e da fauna local.

Lagos

São mais de 600 Lagos já identificados, que servem de importante fonte de subsistência para as Comunidades da reserva. O mais importante deles é o Mamirauá, que foi, certamente, um meandro abandonado pelo Rio-menino que encontrou um novo caminho mais retilíneo. Como os sedimentos trazidos pelo Rio se depositam continuamente nas restingas altas, elas podem, no futuro, transformar-se em florestas de terra firme. Cada hectare da reserva abriga "*apenas*" cem espécies diferentes de árvores, em contaste com as trezentas das de terra firme. Isso demonstra que as áreas de várzea não são capazes de sustentar os altos níveis de biodiversidade das terras firmes, tendo em vista as adaptações que as espécies tiveram de desenvolver ao longo dos tempos para sobreviver.

Garça Feliz

(Quintino Cunha)

Um Lago, a cuja flor, nas canaranas,
Impossível, traiçoeiro, repelente,
Um jacaré assustadoramente
Estruge e tange as gárrulas ciganas.

Depois margina à sombra das oeiranas,
Vendo uma garça, sorrateiramente,
Solta-lhe a cauda e um jato de repente
D'água, desfaz-se no ar em filigranas.

E, quando morta a triste garça eu via,
Como um toque ilusório de alegria,
No coração sensível da tristeza,

Rosna perto uma onça e o monstro solta
A embiara feliz, que as asas volta
Para o bonito céu de azul-turquesa!

Saudades

(Torquato Xavier Monteiro Tapajós)

Saudades tenho da terra
Dessa terra em que nasci;
Saudades – tenho da vida
Da vida que lá vivi.

Saudades – tenho dos bosques
Desses bosques e florestas,
Onde o gentio dorme às tardes
As horas mornas das sestas.

Saudades – tenho das tardes
– Saudades que trazem prantos
Em que ao longe o Amazonas
Gemia os seus tristes cantos.

Saudades – tenho das brisas
Que ao luar – pelo arvoredo –
Passam tristes soluçando...
E soluçando em segredo...

Saudades tenho das alvas
Das alvas praias d'areia,
Aonde em noite estrelada
Sorrindo brinca a sereia.

Saudades de meus amigos
Meus amigos verdadeiros;
Saudades de meus prazeres
Meus prazeres derradeiros.

Saudades de minhas manas
De minhas manas queridas;
De meus manos com quem tinha
Minhas dores repartidas.

Saudades tenho de tudo
De tudo – como ninguém –
Mas me ferem mais doridas
– De meu pai e minha mãe...

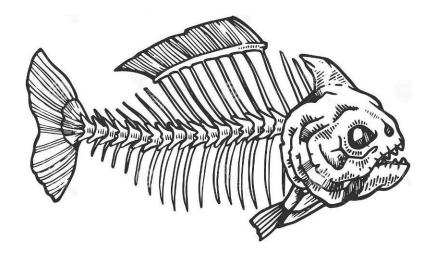
Reflexões em Mamirauá

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

A chuva torrencial me embala e me leva à reflexão. Contemplar as imensas "*Ilhas*" de aguapés e capim-memeca descendo o "*cano*" do Mamiruá provoca uma profunda nostalgia. A saudade dos entes queridos que me apoiam incondicionalmente nessa expedição de brasilidade, de autoconhecimento, de cultura e de hospitalidade amazônica toma conta de minha mente e me leva a rememorar a participação de cada um deles nesse projeto de tantos nomes e que, mais que qualquer outro, deve ser conhecido como "*Projeto de Amizade*". O precário suporte de que eu dispunha no começo desta empreitada pelo Solimões foi compensado, inicialmente, pelo incentivo de parentes e de amigos e, mais tarde, pelo de colaboradores voluntários que, como eu, comungam dos mesmos e patrióticos ideais. Alguns contribuíram financeiramente, outros com equipamentos ou utensílios para viagem, e outros ainda, como a equipe de apoio, publicando as imagens, textos e entrevistas, permitindo aos interessados acompanhar o deslocamento na forma de um diário de bordo (diarioriomar.blogspot.com).

Fui cativando e sendo cativado por amigos ao longo da jornada. Amigos que me acolheram no aconchego de seus lares ou de suas Comunidades e me incentivaram. A cada um deles, sejam Militares do Exército Brasileiro, Policiais Militares, Prefeitos e Secretários Municipais, Caciques, Líderes Comunitários, Presidentes ou Administradores rurais, Empresários, Professores, Jornalistas ou simplesmente Povos da Floresta, o nosso agradecimento.

Os dias correm céleres e a saudade da amazônica hospitalidade já começa a me afetar. Guardarei eternamente na lembrança a imagem e o carinho de cada um que, de alguma maneira, marcou minha vida nessa expedição pelo Rio-Máximo.

Lago Maldito
(Jonas Fontenelle da Silva)

Se hoje, em surdina, o teu pesar disfarças,
Ouvindo o canto das jaçanãs morenas,
Sentes, minh'alma, as aflições e as penas
De um Lago azul sem jaçanãs nem garças.

Lago em que havia à superfície esparsas
Grandes vitórias-régias e falenas
E em que hoje existe a canarana apenas
E são as praias matagais e sarças...

Senhora, olhai, vede esta cena, em mágoa...
Um peixe enorme agita as barbatanas
Fazendo um grande redemoinho n'água...

Morre aos venenos do timbó medonho...
– Assim tombei nas lutas desumanas,
Tal a Descrença envenenou-me o Sonho! ...

Imagem 60 – Sr. Joaquim Martins – RDS Mamirauá

Imagem 61 – Aruanã – RDS Mamirauá – Tefé

Imagem 62 – Apuí – RDS Mamirauá – Tefé

Imagem 63 – Pôr-do-Sol – Lago Tefé – Tefé

Imagem 64 – Comunidade Caiambé – Tefé

Imagem 65 – Comunidade Santa Sofia – Tefé

Imagem 66 – D. Conceição – Comunidade Santa Sofia – Tefé

Imagem 67 – Comunidade Laranjal – Coari

Flutuante Mamirauá – Tefé

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Mergulhando nas Entranhas do Mamirauá

O Mamirauá é um poço de tranquilidade, margens intocadas, a vegetação não é violentada pelas águas como a do Solimões. Passei pela Pousada Uacari e cheguei ao flutuante onde fui recebido pelo senhor Ivo, que ofereceu um saboroso almoço/jantar, preparado pelas pesquisadoras Juliane e Joana que tinham partido para Tefé. O flutuante não possui geladeira e os alimentos têm de ser descartados para não estragar.

Entusiastas Pesquisadoras

Fui surpreendido, agradavelmente, ao entardecer, com o retorno da Juliane e da Joana e mantive um prazeroso contato com ambas. Juliane, veterinária gaúcha de Porto Alegre e pesquisadora de mamíferos aquáticos amazônicos (botos); Joana, carioca, da gema, trabalha com a ecologia de vertebrados terrestres, tendo como foco as onças. Gravei uma pequena entrevista com ambas, em que relataram suas histórias de vida e o objeto de sua pesquisa. Ambas demonstraram uma paixão pelo que fazem e a determinação com que enfrentam as vicissitudes do ambiente por vezes hostil.

Entrevista com as Pesquisadoras

Juliane

Sou médica veterinária, me formei na UFRGS em Porto Alegre, RS. Eu já trabalhava há 8 anos com o programa macacos urbanos. Aqui fui selecionada para trabalhar como veterinária de mamíferos aquáticos trabalhando com o peixe-boi. Além disso, eu apoio outros pesquisadores, há pouco eu estava trabalhando com o pessoal da onça e antes, com o pessoal dos jacarés e todos os que precisarem de apoio veterinário no Instituto, dentro de minhas possibilidades, auxilio.

Joana

Sou bióloga, formada na UFRJ no Rio de Janeiro, RJ; fiz graduação e mestrado sempre trabalhando com ecologia de mamíferos. Quando concluí o mestrado, surgiu a oportunidade de vir para a Amazônia; hoje, trabalho com a onça pintada, em Tefé, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.

Primeira Manhã em Mamirauá (28.12.2008)

Acordei cedo para tirar umas fotos do nascer do Sol em Mamirauá. O alvorecer é fantástico, quase tão lindo como o do Rio Guaíba, em Porto Alegre. Despedi-me das amigas pesquisadoras e saí de caiaque para reconhecer e fotografar a área.

A vegetação da várzea é formidável, as espécies evoluíram e se adaptaram às condições especiais das inundações sazonais, sobrevivendo apenas as mais fortes, o que explica ser sua biodiversidade menor do que a da vegetação de terra firme. As raízes, em especial, chamam a atenção dos mais sensíveis, parecem ter sido formadas por hábeis artesãos celestiais.

Conheci, no Flutuante "*Boto Vermelho*" do INPA, a pesquisadora carioca Sani, que trabalha sob a supervisão da nossa querida amiga Vera Maria Ferreira da Silva, considerada referência mundial como pesquisadora de mamíferos aquáticos. Alegre, de bem com a vida, a Sani está perfeitamente integrada à região e ao seu trabalho. À tarde, ela veio nos visitar no Flutuante e saiu para passear com o caiaque duplo só voltando ao entardecer.

Entrevista com a Pesquisadora Sani

> Eu sou a Sani, sou bióloga, me formei em 2006 na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), no Rio de Janeiro. Depois que terminei a Faculdade, surgiu a oportunidade de eu vir para cá trabalhar com o boto, com a Vera F. Silva, através de um convênio do Instituto Mamirauá com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Já faz um ano, cheguei em 2007. Trabalho com as duas espécies de botos que há na região que é o boto vermelho e o tucuxi, e o nosso trabalho é avistar os animais e saber como está a população, se estão tendo filhotes, o que eles estão fazendo por aqui.
>
> Basicamente, é isso o que eu faço, eu fico de sete a oito horas no barco todo o dia correndo atrás dos botos para contar para a minha chefe o que está acontecendo.

Senhor Joaquim Martins (29.12.2008)

O líder e patriarca da Comunidade Boca do Mamirauá, Sr. Joaquim, como havia prometido, veio nos visitar na manhã de segunda-feira, acompanhado do "*Lulinha*", um de seus 38 netos. A chuva que começara à noite só parou por volta das dez horas. O Senhor Joaquim ficou proseando e contando suas histórias.

É impressionante o vigor físico, a lucidez deste verdadeiro esteio da RDS Mamirauá. Quando a chuva amainou, acompanhei-o na pescaria. Seu Joaquim, leve e silenciosamente, afundava o remo na água e manobrava a canoa contornando a vegetação aquática do cano do Mamirauá. Viu, ou sentiu, um leve movimento nas águas e, sem pressa, pressentiu a direção seguida pelo cardume de aruanãs, ergueu o braço empunhando a haste e, num impulso rápido e preciso, lançou o arpão a alguns palmos à frente da leve ondulação na superfície (siriringa). Seu Joaquim sabia que a "*siriringa*" era provocada pelo cardume que nadava próximo a superfície. A haste do arpão (sararaca) fincou o bico de ferro em forma de flecha no corpo da aruanã, mantendo preso o formoso peixe às farpas do bico de ferro do arpão que se soltou da haste.

O animal foi recolhido com a mesma destreza com que fora arpoado. Novamente atento aos mais leves movimentos na água, ele se aproximou de um grande aglomerado de capim-memeca com a intenção de pescar um tambaqui. Usando um "*enganador*", um tosco caniço com um peso amarrado na ponta da linha, batia na água simulando a queda da "*arati*", frutinha que é o objeto de desejo do saboroso peixe. Na outra mão usava, num igualmente tosco caniço, a frágil "*arati*" como isca. Se usasse a delicada "*arati*" para atrair o peixe, ela se desprenderia do anzol. Não demorou muito para que um grande tambaqui fosse puxado para a canoa pelo seu Joaquim. A destreza no arpoar e o domínio das técnicas de pescaria justificam a fama de grande pescador que ele tem.

Retornamos ao Flutuante e ele nos presenteou com a aruanã e metade do tambaqui que foi assado pelo zelador Ivo e saboreado no almoço.

Peixes Ornamentais

À tarde, chegou com sua equipe, o Jonas, especialista no manejo de peixes ornamentais. Participei da captura de acarás ([96]) à noite, numa preparação para a palestra que o Jonas iria ministrar na pousada e que seria concluída no laboratório do nosso Flutuante. A noite estava perfeita, embora sem lua, limpa e estrelada, prenunciando um bom tempo que não veio. No deslocamento da "*voadeira*", diversas sardinhas, atraídas pela lanterna que o Jonas portava na testa, caíram dentro da nossa embarcação. No retorno, algumas delas serviram de repasto para o grande poraquê que habita um enorme aquário do laboratório.

Entrevista com o Mestre Jonas

> Eu sou o Jonas de Oliveira, nasci na Cidade de Maraã, às margens do Japurá, atualmente trabalho no Instituto de Mamirauá e tenho uma filha que também trabalha aqui na área de biologia. Trabalhei 6 anos com peixes elétricos e há 16 anos nessa área de reserva, onde desenvolvemos vários projetos de pesquisas. Moro em Tefé e atualmente estou trabalhando no projeto de peixes ornamentais. O projeto visa propiciar uma renda extra para as comunidades.

---

[96] Acará Bandeira (Pterophyllum scalare): peixe endêmico da Bacia Amazônica que habita os Rios e Lagos que possuem águas pretas ácidas com leve correnteza. Vivem em cardumes de até trinta indivíduos, que compartilham determinado trecho do Rio onde existe, geralmente, um refúgio, como uma grande raiz, árvore caída, galhos, vegetação aquática, etc. Os ribeirinhos chamam os Acarás Bandeiras de "*pacu doido*" ou "*peixe louco*", porque eles costumam saltar d'água quando escutam ruídos repentinos.

Efeitos da Chuva (30.12.2008)

Na madrugada de 30 de dezembro, choveu torrencialmente, o que impediu novas capturas, e o dia raiou, ainda, com uma precipitação bastante forte. Ajudei o Ivo a desprender o capim memeca, do flutuante, que descia o Rio como se fossem grandes Ilhas móveis, e aproveitei para ler um pouco e atualizar minhas anotações. O Romeu envolveu-se nas atividades culinárias. O Jonas realizou a palestra na Pousada Uacari para os turistas e algum tempo depois, eles vieram até o laboratório do Flutuante. No laboratório, ele relatou que das mais de 300 espécies de peixes levantadas na reserva, menos de 20 são consideradas ornamentais e que destas apenas 3 fazem parte do projeto de manejo, que são o Acará-Bandeira (Pterophyllum scalare), o Acaraçu (Astronotus ocellatus) e o Acará-Boari (Mesonauta festivus). Na oportunidade, um fotógrafo profissional italiano chamado Walter Buonfino insistiu que remássemos para nos fotografar.

À tarde, percorri algumas trilhas ao longo dos canos do Mamirauá. As aves estavam exaltadas com a pesca fácil. A chuva aumenta a correnteza do Mamirauá e demais canos do Lago, movimentando o lodo do fundo e liberando grande quantidade de gases. Toda a reserva recendia a enxofre e os peixes são obrigados a subir à superfície em busca de oxigênio, tornando-se presa fácil dos predadores. O espetáculo proporcionado pelas garças, principalmente, é inenarrável.

Imagem 68 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)

Imagem 69 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)

Imagem 70 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)

Imagem 71 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)

Imagem 72 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)

Imagem 73 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)

Imagem 74 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)

Imagem 75 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)

Imagem 76 – Walter Buonfino, Romeu e eu

Durante o voo, o maguari ([97]) e alguns outros pernaltas esticam o pescoço em linha reta. As grandes garças, ao contrário, inclinam o longo pescoço para trás numa belíssima curva, de maneira que a cabeça fica bem próxima das espáduas. (Theodore Roosevelt)

Achei a trilha, indicada pelo mestre Jonas, e fotografei as vitórias amazônicas (antigamente conhecidas como vitórias régias), guaribas, outras raízes exóticas e retornei à base. À noite, preparamos nossos apetrechos para seguir destino a Tefé na manhã de 31.

Partida para Tefé (31.12.2008)

Um dos muitos genros de seu Joaquim foi designado para nos deslocar até a Comunidade Boca do Mamirauá. Seu Joaquim e filhas nos aguardavam com a alegria típica dos ribeirinhos.

[97] Maguari (João Grande – Ciconia maguari.

Aproveitamos para comprar alguns artesanatos fabricados pela Comunidade e tiramos uma foto diante da Castanha Sapucaia ([98]) mais famosa do mundo. Sua foto, na época da cheia, com uma pequena embarcação ao lado, ilustra diversas revistas e livros no mundo todo.

Já no Lago Tefé, segui as orientações da pesquisadora Juliane e não tive problemas em localizar o flutuante do Instituto Mamirauá. O César, mais uma vez, com a atenção e cordialidade que lhe são peculiares, nos acolheu no porto, levou-nos até o Hotel de Trânsito (HT) de Tefé, onde nos hospedamos, e nos levou, após o banho, para almoçar.

Gerente Operacional César Modesto

> Meu nome é Josivaldo Ferreira Modesto, eu trabalho no Instituto Mamirauá, sou coordenador de operações do Instituto. Aqui todos me conhecem como César, é uma história bem interessante, bem engraçada. Quando eu nasci, minha mãe queria que eu me chamasse César e o meu pai, à revelia de minha mãe, registrou-me como Josivaldo Ferreira Modesto. E, desde então, minha mãe continuou a me chamar de César, e eu virei César até para o meu pai. Eu sou pernambucano de Recife, nasci em março de 1972, tenho 36 anos. Penso que assim como toda criança, todo estudante aqui no Brasil, quando começa a estudar Geografia, História, quando falam da Amazônia, do Estado do Amazonas, a gente fica fascinado.

---

[98] Castanha sapucaia (Lecythis pisonis): típica das várzeas, e mais raramente na terra firme, em toda a região amazônica, principalmente nos Estado do Amazonas e Pará. Árvore de médio a grande porte, atingindo até 40 m e mais de 1,5 m de diâmetro; tronco reto, casca marrom, fissurada. Seu fruto é uma castanha grande, que se abre na parte inferior para deixar cair as saborosas sementes.

Todo estudante fica muito curioso, querendo saber como é isso aqui, como é essa terra, e eu tive essa mesma sensação quando eu era estudante: um sonho de conhecer a Amazônia, toda essa beleza que tem aqui. Eu tive a oportunidade de conhecer o professor Márcio Ayres, que foi o idealizador do Instituto Mamirauá e, depois de um certo tempo, ele entrou em contato comigo e convidou-me para trabalhar aqui no Instituto, coordenando a parte logística, operacional e eu aceitei prontamente.

Foi tudo tão rápido, ele falou num dia e, depois de 2 ou 3 dias, eu já estava aqui trabalhando. Ao chegar aqui, deparei-me com toda essa imensidão, toda essa beleza, toda riqueza cultural, esse povo que tem aqui na região e apaixonei-me de imediato.

O Instituto Mamirauá é uma organização social do Ministério da Ciência e Tecnologia, que desenvolve atividades de manejo sustentável, conservação da biodiversidade em duas grandes unidades de conservação estaduais que são a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, criadas pelo governo do Estado e gerenciadas por convênios com parceria do próprio governo do Estado.

Como são duas reservas de desenvolvimento sustentável, o nosso principal trabalho é focado nas populações locais. Digamos que nós andamos de mãos dadas com todas as comunidades, com toda a população que reside nessas duas grandes áreas, principalmente valorizando o conhecimento dessas populações.

Nós costumamos dizer também que todo conhecimento científico, que é produzido aqui no Instituto Mamirauá anda de braços dados com o conhecimento tradicional, de forma participativa, de forma democrática, de forma bem harmônica.

Por exemplo, dentro de Mamirauá, que tem uma área de 1.124.000 hectares, uma área muito grande onde caberiam alguns países da Europa dentro dessa reserva, nós temos aproximadamente 11.000 pessoas. Durante grande parte dos anos de existência do Instituto Mamirauá, mais de uma década e meia, nós desenvolvemos atividades de manejo dos recursos naturais e conservação da biodiversidade numa área de 260.000 hectares, apenas, o que nós chamamos de área focal.

Uma área que está mais próxima a Tefé, uma área que tem uma densidade demográfica um pouco maior e, por questões administrativas e de logística, nós tivemos condições de atuar somente nesta área.

Há mais ou menos 3 ou 4 anos, nós iniciamos as atividades no restante da área, a qual nós chamamos de área subsidiária e levamos o mesmo trabalho que desenvolvemos por mais de uma década na área focal. A Reserva Mamirauá foi a primeira reserva de desenvolvimento sustentável criada no país; até ela ser criada, não existia no Sistema Nacional de Unidades de Conservação, SNUC, modelos de unidades de conservação.

No início da década de 80, mais ou menos, o Dr. Márcio Ayres veio para a região para estudar a socioecologia de uma espécie de macaco endêmica de Mamirauá; endêmica porque só tem aqui essa espécie de macaco, que é o Cacajao calvus calvus, conhecido como o uacari branco aqui na região e em outros lugares, também.

Como ele é endêmico de Mamirauá, o Márcio Ayres teve de vir até aqui estudar esse macaco. Quando ele chegou, na década de 80, já existia uma grande pressão dentro dessa grande área. Uma pressão em cima dos recursos naturais, principalmente, dos recursos pesqueiros e madeireiros.

Já existia também por parte das populações locais uma vontade, um ensejo muito grande de que o poder público ou de que alguma entidade fizesse alguma coisa para diminuir essa pressão em cima dos recursos naturais. Já existia uma forte parceria dessas comunidades com a diocese de Tefé, pois a igreja aqui em Tefé já trabalhava nesse sentido junto com as populações.

Muita gente pensa que o Mamirauá foi quem iniciou esse movimento, mas não foi, foram as próprias populações, incentivadas, apoiadas pela igreja antes da década de 80.

Márcio Ayres, como era um cientista muito conhecido, com uma influência muito grande no meio científico e até no meio político, conseguiu juntar uma equipe de cientistas e reunir uma grande parte dos representantes das comunidades da reserva; naquela época não era reserva ainda, e fizeram uma proposta para o governo do Estado do Amazonas de criação de uma unidade de conservação, uma estação ecológica.

A ideia foi aceita pelo governo do Amazonas e pela Assembleia Legislativa do Amazonas, que criou a então estação ecológica de Mamirauá. Não a área atual, um pouco mais restrita do que o Márcio e o grupo tinham proposto.

Uma vez decretada, criada a Estação Ecológica de Mamirauá, a equipe toda se deparou com um fato interessante – como fazer, o que fazer, o como trabalhar numa unidade de conservação que tem o perfil totalmente protecionista, preservacionista como é o caso da Estação Ecológica, se dentro da área tinha aproximadamente 11.000 pessoas? Como trabalhar, retirar o povo dessa área? Com toda a sua história, toda a sua cultura enraizada já naquele local, era um desafio praticamente impossível.

Então, toda a equipe se reuniu, foram abertos vários fóruns de discussão e dentro dos preceitos de desenvolvimento sustentável, que já havia sido discutido em 1970, em Estocolmo, e aí foi elaborado um novo modelo de unidade de conservação, que é a Reserva de Desenvolvimento Sustentável.

Foi solicitado ao governo do Estado que criasse essa nova categoria e foi aceito, foi criado. Mamirauá então deixa de ser Estação Ecológica, que é um modelo totalmente preservacionista, que não permite a presença humana dentro de suas áreas e criou a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.

Com isso, a legislação federal, o Ministério do Meio Ambiente também teve que se adaptar a essa nova realidade.

E esse novo modelo de unidade de conservação foi implantado no SNUC. Depois de Mamirauá, várias outras reservas com esse mesmo perfil foram criadas no Brasil e no mundo. Um exemplo muito interessante é a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, que é vizinha de Mamirauá e que se junta ao Parque Nacional do Jaú.

Então, Mamirauá, Amanã e Jaú formam o maior corredor de floresta tropical protegido do planeta. E depois de Amanã, no Brasil mesmo, foram criadas várias outras unidades de conservação com esse mesmo perfil.

Então, o trabalho do Instituto é este: trabalhar junto com as comunidades para a melhoria de sua qualidade de vida, reconhecendo o conhecimento tradicional, deixando que todas as comunidades, os líderes comunitários, planejem e tomem decisão. Decidam seu destino, o destino da unidade de conservação e nós somos um dos principais apoiadores das decisões deles.

É um trabalho que tem dado muito certo, nada do que nós fazemos aqui no Instituto dizemos que é um modelo, que é uma coisa que pode ser aplicado em qualquer lugar que vai dar certo.

Enfim, o que podemos dizer é que até agora, dentro dessa década e meia, todas as atividades que nós estamos desenvolvendo, junto com as comunidades estão dando resultados bem positivos e isso nos alegra, nos deixa muito contentes, nos deixa com sentimento de dever cumprido; estou falando em nome de todos nós que compomos, que fazemos a instituição e as lideranças comunitárias das duas reservas.

O Instituto em si desenvolve várias atividades junto às comunidades, poderia resumir e dizer que o Instituto tem duas grandes linhas de ação. Uma linha de ação voltada para o manejo dos recursos naturais de forma sustentável, aí englobamos uma série de atividades como, por exemplo, a agricultura familiar, qualidade de vida, manejo de pesca, manejo de espécies madeireiras.

E a outra parte, que seria de pesquisa, as pesquisas aplicadas sobre fauna e flora aqui na várzea amazônica e essas duas grandes linhas de ação complementam-se e o objetivo é oferecer alternativas e subsídios para tomadas de decisão dos líderes comunitários das reservas.

Dentro da qualidade de vida, temos várias atividades, temos um programa dentro desse núcleo que se chama desenvolvimento de tecnologias apropriadas, que trabalham com a incrementação de sistemas de obtenção de energias renováveis como, por exemplo, energia solar, semicaptação e tratamento de água do Rio. Temos o sistema de ação e desenvolvimento de tecnologia de uso da biomassa para queima em fogões ecológicos.

Tem também toda a parte de atenção à saúde, capacitação de parteiras, convênios com o Ministério da Saúde, outros convênios com o Ministério da Justiça, atividades de educação ambiental em Tefé e em todas as áreas da reserva. Tem a parte de fiscalização, que é a formação de agentes ambientais voluntários e aí nós temos uma parceria muito forte com o IBAMA, aqui em Tefé, na formação desses agentes.

A Polícia Militar também nos apoia na questão de fiscalização. Enfim, é uma gama de atividades que nós temos, em que uma complementa a outra e faz com que o sentido e o resultado dessas ações sejam um subsídio muito forte para auxiliar na tomada de decisão por parte das comunidades da reserva.

O trabalho da minha coordenadoria em si, eu sou um membro da diretoria do Instituto e minha função é assessorar as diretorias do Instituto na implementação da parte logística que apoia todas as pesquisas dentro dessas duas grandes áreas.

Também apoia todas as atividades planejadas e desenvolvidas pelas comunidades dessas duas áreas, temos que planejar, executar e participar de toda a parte logística. Até o transporte do pesquisador aqui de Tefé para o campo de pesquisa; aqui na Amazônia não existem estradas asfaltadas ao longo do grande Rio Amazonas, então nossas estradas são os Rios mesmos, nosso transporte é feito em lanchas, em barcos, botes, em voadeiras, em canoas.

O pesquisador, quando vai a campo, ele vai por via fluvial, então nossa missão é fazer com que esse pesquisador, esse grupo de pesquisa se desloque de Tefé ao campo de pesquisa com segurança de forma rápida e eficiente e retorne também com segurança e satisfeito com as facilidades que o Instituto provê para que a pesquisa dele seja bem feita, e o resultado seja o melhor possível.

Nós estamos falando de uma área (Mamirauá) que é 100% várzea, é 100% alagada o ano inteiro, existe uma variação sazonal do nível da água de 12 metros. Hoje, dia 02.01.2009, nós estamos caminhando onde daqui a 3 meses nós estaremos navegando 12 metros acima. Essa característica ímpar da região nos faz pensar em um tipo especial de alojamento, de habitação em campo. Aqui no nosso caso, as habitações, os alojamentos, são todos flutuantes, são casas que flutuam mesmo.

Casas normais como temos em qualquer Cidade, só que fica flutuando em cima de toras de madeira e servem de alojamento e apoio estratégico para os pesquisadores, para os comunitários e apoia também o sistema de fiscalização das reservas. Todas as bases são equipadas com sistema de energia solar, sistema de rádio para fortalecer o esquema da segurança. Não só da segurança pessoal, como também da segurança da reserva.

Funciona vinte e quatro horas por dia e nós ficamos aqui em Tefé com uma base logística flutuante vinte e quatro horas aguardando toda e qualquer comunicação que venha de qualquer ponto das reservas. Como falei, Mamirauá tem 1.124.000 hectares e Amanã tem quase 2.400.000 hectares, uma área muito grande com essa característica, no caso de Mamirauá, de ficar inundado o ano inteiro, com variação de 12 metros de nível de água.

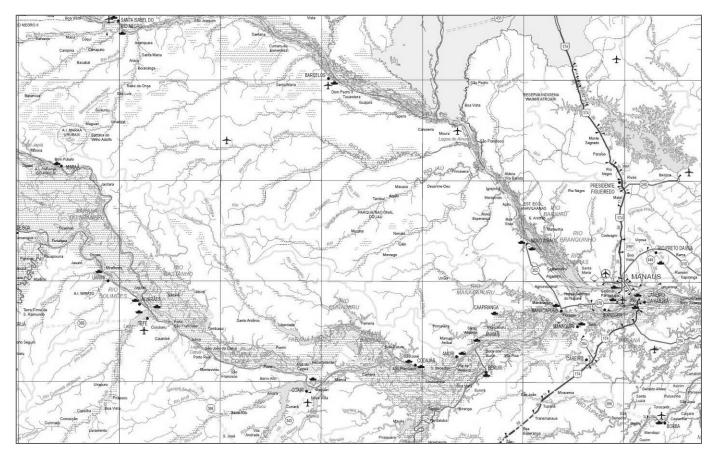
E Amanã pega um pouco dessa questão da várzea. A ideia do Márcio Ayres era que o Instituto Mamirauá, e as reservas Mamirauá e Amanã fossem realmente grandes laboratórios abertos para a Comunidade científica, para todos os estudiosos interessados na Amazônia e no desenvolvimento sustentável e isso realmente está acontecendo, ocorre de forma muito visível. Mamirauá hoje recebe estudantes e pesquisadores de várias partes do país.

Hoje temos gente da UNICAMP pesquisando aqui, há pesquisadores do INPE, da Universidade Federal do Pará, da UFMG, da Universidade Federal Fluminense e uma quantidade muito grande de relacionamentos institucionais científicos que Mamirauá tem. E também com outras universidades em outras partes do mundo. A ideia é essa, é fazer com que todos nós possamos unir esforços, do ponto de vista humano também para produzir e difundir esse conhecimento, melhorar ainda mais a qualidade de vida desse povo brasileiro. (Josivaldo Ferreira Modesto)

Cântico das Criaturas
(São Francisco de Assis)

[...] Louvado sejas, meu Senhor,
Com todas as tuas criaturas,
Especialmente o Senhor Irmão Sol,
Que clareia o dia
E com sua luz nos alumia.
E ele é belo e radiante
Com grande esplendor:
De ti, Altíssimo é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras
E preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo irmão Vento,
Pelo ar, ou nublado
Ou sereno, e todo o tempo
Pela qual às tuas criaturas dás sustento

Mapa 01 – Tefé – Manaus (DNIT)

Solidão
(Miguel Torga)

Pouco a pouco, vamos ficando sós,
Esquecidos ou lembrados
Como nomes de ruas secundárias
Que a custo recordamos
Para subscritar
A urgência de um beijo epistolar
Ainda inutilmente apetecido.
Mortos sem ter morrido,
Lúcidos defuntos,
Vemos a vida pertencer aos outros.
E descobrimos, na maneira deles,
Que nada somos
Para além do seu dissimulado
Enfado
Paciente.
E que lá fora, diariamente,
Conforme arde no céu,
O Sol aquece
Ou arrefece
Os versáteis e alheios sentimentos.
E que fomos riscados
No rol da humanidade
A que já não pertencemos
De maneira nenhuma.
E que tudo o que em nós era claridade
Se transformou em bruma.

Tefé – Lago Ipixúna

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Tefé

Em 1718, as lutas entre as forças portuguesas e espanholas trouxeram a devastação das aldeias, cujos remanescentes o piedoso Frei André da Costa reuniu na Ilha dos Veados e trouxe para Tefé. Habitavam primitivamente a região, os índios: Nuaruaque, Cauixana, Jumana, Passé, Uainuma, Catuquina, Jamamadi, Pamana, Júri e Jurimagua, Tupeba ou Tapibá. Em 1759, Tefé foi elevada a Vila, com o nome de Ega. No mesmo ano, cria-se o Município de Tefé e, em 1817, foi criado o Município de Olivença, desmembrado de Tefé.

Em 1833, foi suprimido o Município de Olivença, cujo território retornou ao de Tefé e, no mesmo ano, a Vila voltou a denominar-se Tefé. Nessa divisão, a Comarca do Alto Amazonas, que compreendia o território do atual Estado, compunha-se apenas de quatro Municípios. Tefé era um deles e a sua área, abrangendo vastíssima região, era superior a 500.000 km².

Em 1843, é restabelecida a denominação de Ega e, em 1848, é desmembrado o território do atual Município de Coari. Em 1853, foi criada a Comarca do Solimões e, em 1855, a Vila de Ega torna-se sede da Comarca do Solimões. Em 1855, dá-se elevação à Cidade de Tefé. A denominação dada ao Município e à sua sede provém da tribo indígena das "*Tapibá*" de cujo vocábulo o de "*Tefé*" é corruptela. Depois de Manaus, foi Tefé a primeira localidade amazonense a receber Foros de Cidade.

Instituto Mamirauá (31.12.2008)

César

O almoço do dia 31 de dezembro de 2008, chegada em Tefé, foi por conta do César – um escabeche de pirarucu, fruto do manejo sustentável. Após a refeição, fomos conhecer as instalações do Instituto Mamirauá. Fiquei impressionado em relação ao tratamento paisagístico, a parte arquitetônica e aos equipamentos que certamente justificam seu reconhecimento, junto com o corpo de pesquisadores de projeção internacional, como centro de excelência em pesquisas relacionadas ao meio ambiente e à ecologia animal de regiões de várzea. A passagem do ano foi às margens do Lago Tefé, em um lugar conhecido como "*Muralha*", com a apresentação de bandas e queima de fogos de artifício. Encontramos apenas um conhecido na multidão, o mestre Jonas, aquele dos peixes ornamentais, que nos convidou para almoçar na sua casa.

Passeio em Tefé (01.01.2009)

De manhã digitei os textos que havia redigido desde o Flutuante Aranapu, na secretaria do HTO, e, depois, chamamos o Manoel, zelador do Flutuante Cauaçu que, nas horas de folga, é piloto de moto-táxi, para nos levar até o Jonas. Após o almoço, retornamos ao HTO e imediatamente após nossa chegada, o César e sua simpática esposa apareceram e nos convidaram para um passeio pela Cidade e arredores. É impressionante observar o dinamismo e a competência deste jovem empreendedor. Parabéns Mamirauá por contar nos seus quadros com um profissional deste quilate.

Entrevista nas Rádios (02.01.2009)

Concedemos, pela manhã, uma entrevista muito bem conduzida na rádio 101 FM. Logo após a entrevista, atendendo determinação do Major Cardoso, o Sargento Plínio me aguardava nas instalações da rádio, hipotecando total apoio por parte da 16ª Brigada de Infantaria de Selva, comandada pelo General de Brigada Racine Bezerra Lima Filho. Consegui então acesso ao computador do ensino à distância do Colégio Militar de Manaus e a isenção total das despesas com o Hotel de Trânsito. À tarde, concedemos uma entrevista na Rádio Alternativa. O César já aguardava na porta para nos levar para um passeio no Lago. O amigo italiano Walter Buonfino, que conhecêramos em Mamirauá, foi junto. O passeio foi fantástico; visitamos as praias de areias imaculadas de Nogueira e fotografamos o Pôr do Sol sobre o Lago Tefé, cuja beleza jamais iremos esquecer. O Walter, exímio profissional da fotografia, dava dicas de como obter melhores fotos. Fomos convidados pelo Walter para conhecer os amigos que o estavam hospedando, a Betina, conhecida como holandesa, e seu esposo. Não me senti muito à vontade ao saber que ambos haviam militado nas malfadadas hostes do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), que tantos malefícios têm promovido em relação à soberania brasileira na região amazônica. Voltei cedo ao Hotel de Trânsito para continuar com o upload dos arquivos, que se arrastou madrugada adentro.

Partida para Caiambé (03.01.2009)

O César, mais uma vez, com sua pontualidade britânica e cordialidade, chegou às 06h00 para nos levar até o porto. Despedimo-nos do querido amigo de Tefé e partimos para nossa jornada às 06h45.

Imagem 77 – Escola Estadual Amélia Lima

Hospedagem VIP

Depois de duas breves paradas, estacionamos em um flutuante de Caiambé e saí em busca de abrigo. A Sr.ª Valdécia dos Santos Silva, secretária da Escola Estadual Amélia Lima, alojou-nos na sala de aula n° 01, com ar condicionado, e nos franqueou o acesso às instalações sanitárias e cozinha da escola. Foi um tratamento VIP, que eu não imaginava encontrar em um local tão ermo. O governo do Estado do Amazonas entregou a escola em agosto de 2008, totalmente reformada e ampliada. O ar-condicionado das salas, longe de ser um luxo numa região destas, é uma necessidade. À tarde, saí para registrar algumas imagens, subindo, inclusive, na caixa d'água da Comunidade, enquanto o Romeu se envolvia com o remo e com a gurizada.

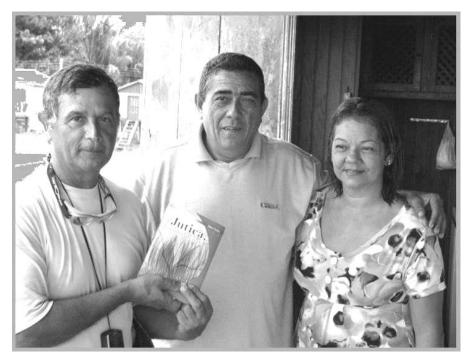



Imagem 78 – O autor, Jones Cunha e esposa

Partida para Catuá (Lago Ipixúna – 04.01.2009)

Partimos às 06h30, já havia programado estender nossa jornada de maneira que pudéssemos abreviar em um dia o deslocamento até Coari. Eu estava determinado a passar meu aniversário em Coari.

A Jutica de Jones Cunha

A primeira parada foi determinada, novamente, pelos botos tucuxis, que cortaram a frente do caiaque apontando para a Comunidade de Jutica. Sem pestanejar, chamei o Romeu, que estava um pouco à frente, e embiquei para Jutica. Conheci o escritor e latifundiário, dono daquelas terras, Jones Cunha, que nos ofereceu um café com sucos, tapioca e pupunha, além de me presentear com seu livro "*Jutica, o brilho da terra*".

Homem de visão empresarial, patriota e amante da natureza, mantém suas terras intocadas, onde os ribeirinhos se dedicam ao extrativismo. Montou uma agradável casa de hóspedes, que pretende destinar ao ecoturismo. O Jones é mais um destes amazonenses que não interessam à mídia sensacionalista, a qual procura apenas mostrar aqueles que agridem a floresta.

Jutica, o Brilho da Terra (Jones Cunha)

O amigo Jones Cunha explica, no seu livro, a origem do curioso nome de sua comunidade.

> O peruano batiza o local de Yoteka, "*palavra de origem tupi moderno ou nheengatu, que identifica uma variedade de tubérculo*"; na língua de origem antilhana, yuca, significa mandioca. Fazendo a tradução ao pé da letra, tendo como base o vocabulário nheengatu de Afonso A. de Freitas, Yoteka se traduziria assim: y=água, o=ele ou ela, deles ou delas, te=variante de ete, verdadeiro, em verdade, ca=ka, bater em. Dando um sentido mais lógico ao significado, podemos traduzir como "*bater em água verdadeira*". O batismo parecia-lhe apropriado, afinal água verdadeira era o que mais havia em redor.
>
> Inicia ali um pequeno plantio de mandioca, com as poucas sementes que trouxera consigo, a lavoura iniciada, que, plantada na várzea, frutificou com abundância, está destinada ao alimento da família.
>
> Já havia aberto uma clareira, onde construiu a primeira casa, quando, num ensolarado dia de agosto do ano seguinte, aporta um senhor com mulher e três filhos, que passa a ser conhecido apenas como português. Esse, na verdade, representava os primórdios do regatão nos séculos XVI e XVII, quando o transporte era feito a remo em pequenas canoas.

> Aquele também se instala com um pequeno comércio de secos e molhados, forma parceria com Phellipe e juntos começam a comerciar pele de animais silvestres, gordura de peixe-boi, pirarucu salgado, tudo a ser comercializado com regatões que circulavam em direção ao Juruá, Rio da borracha. A casa construída por Phellipe era composta de três cômodos, de madeira roliça, tendo o piso e as paredes forrados com paxiúba, e coberta com palha de ubim-caranam e logo constroem outra igual para o português. O gajo, com seu sotaque característico, não conseguia pronunciar a palavra Yoteka, nome que Phellipe já havia adotado, na forma de falar dele, os regatões na sua maioria, sírios, libaneses e turcos, passaram a entender a pronúncia como "*Jutica*", assim registravam em seus talonários o ponto de referência como Boca do Jutica. (CUNHA, 2008)

Santa Sofia

Alongando nosso trajeto, paramos no flutuante do "*seu*" Plínio, conhecido como Bom Fim. Filho de paraibano migrou com sua família do Juruá por pressão de seringalistas. Aposentado, com os filhos criados e morando em Manaus, resolveu procurar sossego no pequeno vilarejo às margens do Lago Catuá, junto com sua amável esposa Conceição que é hoje a Presidente da Comunidade de Santa Sofia.

Um contador de "*causos*" nato brindou-nos com uma série interminável de experiências vividas por ele, e outras tantas por conhecidos seus, sempre colocando uma pitada de humor nos seus relatos. Já nos preparávamos para partir quando nos convidou para almoçar e, como pretendíamos alongar nosso percurso, achamos que seria bom reforçar as energias antes de continuar. Lá pelas 14h00, nos despedimos e seguimos destino rumo à Comunidade Esperança.

Esperança e os 162 degraus (?)

Apesar de o seu Plínio afirmar que só encontraríamos Esperança depois de uma hora de remo, lá aportamos em 30 minutos. Encontramos o senhor Édson, como havia sugerido Bom Fim, que nos assegurou que o Flutuante cor de laranja do Jorge, à Boca do Lago Ipixúna, ficava a igual distância de Esperança a Santa Sofia. O mapa mostrava uma distância três vezes superior, mas subir aqueles **162** degraus (na verdade 102 como verificamos por ocasião de nossa descida pelo Juruá em 2012/2013) até a escolinha, pelo menos duas vezes, carregando o material do caiaque, motivou-me a prosseguir viagem. É impressionante como os parâmetros de tempo e espaço nessa região são erroneamente dimensionados pelos ribeirinhos, inclusive os mais experientes.

Lago Ipixúna

Chegamos ao flutuante do Jorge por volta das 16h30 e solicitei que ele nos rebocasse até a Comunidade Divino Espírito Santo no interior do Lago. O administrador rural, inicialmente, apresentou-nos um local para acampar, sem quaisquer condições de higiene. Depois da intervenção de seu irmão, um "*leigo*" coordenador da pastoral, a chave do quarto dos professores da escolinha "*milagrosamente*" apareceu.

A única vantagem do ambiente em relação ao anterior era a privacidade. O senhor João, de quem compramos um refrigerante, convidou-nos para jantar na sua residência. Ofereceu-nos um jantar à base de peixes e nos informou que em Laranjal teríamos abrigo no Centro Cívico e que lá deveríamos procurar o senhor Everaldo.

Ipixúna – Coari

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Partida para Laranjal (05.01.2009)

Saímos às 06h05min do Lago Ipixúna sem guardar boas lembranças da Comunidade que, apesar de se chamar "*Divino Espírito Santo*", não prima muito pelo espírito cristão em termos de amparo aos que a ela acorrem procurando abrigo. Forçamos um pouco o ritmo e chegamos a Laranjal, por volta do meio-dia, após avistar uma enorme samaúma às margens do Solimões. Laranjal tem seu nome ligado a uma grande plantação de laranjeiras que já não existe no local.

Cheguei procurando, como de praxe, pelo administrador rural, o senhor Everaldo, conforme nos informara seu João, do Lago Ipixúna. O senhor Idelfonso nos recebeu e informou que o líder da Comunidade não se encontrava no local, mas que o vice faria contato conosco. Senti uma certa desconfiança nos olhos do velho homem que nos incentivava a prosseguir sem parar até Coari.

A resistência de seu Idelfonso tinha uma razão de ser. Anos antes, os ribeirinhos haviam se envolvido com traficantes que se abrigavam na Comunidade, fazendo com que a polícia de Coari fichasse diversos de seus membros por envolvimento deliberado com os meliantes. Informei de que nossa intenção era pernoitar na Comunidade e, depois de muita conversa, fomos acomodados no Centro Comunitário. Armei a barraca e arrumei as coisas, tomei um banho de Rio e depois fomos almoçar na casa do Idelfonso, a seu convite.

O velho líder, já nos conhecendo melhor, tornou-se bastante amistoso e o contato com o decano e sua família foi bastante agradável.

A Vingança da Samaúma

A primeira visão que se tem da Comunidade, como já havia dito, quando se desce o Rio, é a da exuberante samaúma com suas enormes sapopemas que lembram os véus de uma deusa da floresta. Existiam três na região; a maior delas foi criminosamente abatida para ser vendida e transformada em compensado. Uma árvore magnífica como esta deveria ser tombada como patrimônio da humanidade e, nunca, utilizada para comercialização.

A sumaumeira morta, que tombou.
Ela era antiga e gloriosa
Como um deus que passou,
Que vai bem longe, um deus heroico, um deus pagão.
(Francisco Pereira da Silva – Sumaumeira morta)

O senhor Idelfonso construiu um barco à sombra de uma das imponentes samaúmas sobreviventes próxima à sua casa. O barco ficou pronto e permaneceu no local da construção. Em uma determinada noite, a vingança ocorreu. A samaúma despencou um de seus mais frondosos galhos, esmigalhando o barco e vingando a irmã abatida pela Comunidade.

O Jacaré Crocodiliano

Idelfonso contou que todas as noites um enorme jacaré-açu de seus sete metros de comprimento cruza o Solimões, na frente da Comunidade, rumo a Coari.

A história foi confirmada pelos demais membros da Comunidade e em Coari ouvi diversos relatos a respeito de animais do mesmo porte. O Major Denildo, da Polícia Militar de Coari, meu amigo e guardião, relatou ter visto com os próprios olhos, na casa de um ribeirinho às margens do Nhamundá, um couro de jacaré destas proporções.

Partida para Coari (06.01.2009)

A noite foi de temperatura bastante agradável e teria sido perfeita não fosse o fato de um bezerro apartado da mãe ficar mugindo a noite inteira. Acordamos ao alvorecer, nos despedimos da família amiga que tão gentilmente nos acolhera e partimos.

Parei no Terminal Solimões, da PETROBRAS, próximo a Coari, e fui tratado com total indiferença pelo técnico responsável, depois aguardá-lo por quase 30 minutos. Fui orientado a procurar, logo ao lado do terminal, o representante da CONSAG, prestadora de serviços encarregada da construção do gasoduto. O técnico responsável mandou um recado, por terceiros, para que eu procurasse o pessoal da CONSAG em Coari que, igualmente e após inúmeras tentativas, não se dignou em me receber.

Minha intenção era a de mostrar o trabalho ambiental e social que vem sendo desenvolvido ao longo das obras de implantação do gasoduto. Infelizmente, a PETROBRAS e suas terceirizadas parecem querer transformar o projeto numa grande caixa preta, tamanha a gama de dificuldades que apresentam aos que tentam mostrar as alternativas adotadas pela empresa, procurando proporcionar melhoria nas condições de vida da população atingida pelas obras.

Major PM Denildo

A navegação até Coari foi rápida em virtude da forte correnteza. Deixamos os caiaques no Flutuante da CONSAG, por volta das 12h30, seguindo a orientação de um de seus funcionários. Telefonei, imediatamente, para o 190, solicitando o apoio de nossos fiéis amigos da Polícia Militar do Estado do Amazonas. Não demorou cinco minutos e o Major Denildo estava no cais. Tomamos banho na residência do Major que, depois, nos levou até o restaurante Piracuí para almoçarmos.

Após o almoço, percorremos a Cidade na viatura da PM e conhecemos seus principais pontos turísticos e o complexo de obras executados pela prefeitura de Coari na gestão do Prefeito Adail Pinheiro. O Major conseguiu junto à senhora Eliana, coordenadora da UAB (Universidade Aberta do Brasil), que ficássemos hospedados na Universidade. A coordenadora e cada um dos membros da UAB nos receberam de braços abertos e nos franquearam o acesso aos computadores e internet.

Entrevista com o Major PM Denildo

> Eu sou o Maj Denildo de Lima Brilhante, 40 anos de idade, tenho 1 filha de 7 anos, casado há 15 anos com a Cabo da PM Rosa Maria Marques Brilhante, sou evangélico da Igreja Adventista do Sétimo Dia, ex-aluno do Colégio Militar de Manaus, da turma de 1988. Aspirante da Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar do RJ, da turma de 1992.
>
> Atualmente, sou Comandante da 9ª. Companhia Independente de PM e responsável pelo policiamento dos Municípios de Anori, Anamã, Codajás e Coari.

Dentre os cursos realizados, fizemos o curso de Direito Internacional Humano e Humanitário, coordenado pelas Nações Unidas; pela PM do Estado de SP temos o curso de gestão pela qualidade total, o curso de técnica de ensino e o curso de planejamento estratégico.

Trabalhei em todas as unidades da capital como Comandante, subcomandante e relações públicas. Também tivemos experiências no grupo de trabalho do governo do Estado do Amazonas, onde nós planejamos e criamos o plano de revitalização da segurança pública do Estado do Amazonas para o ano de 1999, 2000 e 2001. Fomos assessor do secretário de segurança do Estado do Amazonas por 2 anos, também comandamos a 1ª Companhia Independente de PM com sede no Município de Parintins, Cidade turística que também é responsável pelo policiamento em 4 outros Municípios, onde permanecemos por 29 meses.

Sou idealizador do programa da PM, denominado: Programa Pelotão Mirim. Atualmente, ele é reconhecido em toda a região Norte como uma estratégia da PM de resgatar as crianças de rua e crianças na rua. Como resultado desse programa, temos uma nova visão de policiamento, uma estratégia de comando, uma estratégia de trabalho onde a Comunidade local passa a ser parceira da PM. Participando do planejamento operacional, indicando e sugerindo os locais onde podemos direcionar o policiamento e também a participação junto à Comunidade através de palestras e atividades comunitárias, pois somente o morador local é quem sabe quem realmente é o infrator daquela Comunidade.

A PM passa por lá somente uma vez por dia e o resultado é plausível, adquirindo o resgate da credibilidade da PM junto à Comunidade. (Denildo de Lima Brilhante)

Entrevista com o Ex-Secretário Rewi

Rewi

Rewi:

Meu nome é Rewi, sou natural do Rio Grande do Norte, vim para a Amazônia trabalhar como Técnico em Mineração na área de Engenharia Ambiental, trabalhei durante algum tempo na mineração e depois vim para Coari trabalhar na implantação desse projeto ligado ao meio ambiente.

Hiram:

Como foi a sua experiência na área de mineração? O senhor viu alguma coisa que o motivou enveredar para a área ambiental?

Rewi:

Com certeza, na época eu comecei a perceber que se começou a valorizar mais as ações voltadas à questão ambiental. Então percebi a necessidade do profissional nessa área. Chegando a Manaus, eu fiz curso de Engenharia Ambiental e, como já tinha uma certa afinidade, uma certa vivência na área, acabei me apaixonando. Em qualquer órgão público, na gestão pública, hoje, um dos principais problemas é o que se fazer com o destino dos resíduos. Coari é hoje um dos precursores na maneira de se tratar adequadamente da destinação dos resíduos, a qual hoje é reconhecida no mundo, que seria pelo aterro sanitário. O aterro sanitário diferencia de um lixão, de um aterro controlado. O aterro sanitário tem toda essa preocupação em termos de você reduzir ao máximo os impactos que venham trazer problemas ao meio ambiente e de saúde pública. Coari optou por implantar esse aterro, que é referência em gestão de resíduos e está se tornando referência na Amazônia,

e é o primeiro Município a implantar um centro de operação já liberado pelos órgãos ambientais. O Município também optou por implantar, dentro da estrutura do aterro, uma usina de triagem onde o material é reciclado, segregado, empacotado e retorna como matéria-prima para a manufatura de outros produtos. Os restos de material orgânico são transformados em adubo, o qual será utilizado em praças, hortas, etc. Todo material que tem valor econômico como o plástico, o papelão, o metal é enviado a Manaus, no momento, para ser utilizado por outras empresas que trabalham com a reciclagem. O papelão vai ser encaminhado para fazer o papel-higiênico; já o plástico, dependendo do tipo, será usado para fazer conexões, tubos, etc. Para termos uma ideia, quando você recicla uma tonelada de papel, você deixa de gastar em média 100 litros de petróleo, você deixa de retornar para os cursos d'água em torno de 25.000 litros de água poluída e assim você vê as vantagens ambientais. Isso se não levarmos em conta de que esse material, quando é enterrado, mesmo tomando as medidas adequadas, leva centenas de anos para se degradar. A preocupação de hoje é o que fazer com esse volume de resíduos gerados, a população vem crescendo, se aglomerando em centros urbanos e o que fazer com o que se gera? Então, uma das alternativas, hoje, no mundo, vai ser essa. Em grandes centros urbanos, a dificuldade é encontrar áreas para destinar os resíduos. O Município aqui hoje tem essa visão que é o que fazer com esses resíduos, não é simplesmente aterrar. Para você ter uma ideia deste projeto, se não trabalharmos a questão da reciclagem, em 10 anos teríamos que arrumar outra área para trabalhar novamente. Se implantarmos essa coleta seletiva e trabalharmos como já estamos trabalhando, separando esse resíduo, juntando, retornando para o ciclo produtivo, nós vamos duplicar a vida útil do aterro.

Ele passa de 10 anos para em média de 20 a 25 anos, você vê as vantagens que se tem fora as vantagens ambientais. Como falei, os resíduos levam até centenas de anos trazendo problemas ao meio ambiente, problemas de saúde pública, contaminação do solo... Paralelo a esse projeto, nós temos um trabalho de sensibilização, conscientização, um trabalho de educação ambiental porque, quando se fala em gestão de resíduo, ele inicia na fonte.

Nós temos um Batalhão, que é do Projeto Agente Jovem, com uma média de 300 pessoas trabalhando de casa em casa, de porta em porta, nas feiras, nas escolas, tentando sensibilizar o povo de um modo geral, que devemos dar a nossa contribuição. Eu acredito muito quando se fala em ações ambientais, é a questão de a sociedade estar inserida no processo. O somatório dessas ações, no final, vai dar um resultado promissor e mais rápido com certeza. Baseado nessa filosofia é que o Município vem desenvolvendo esse projeto.

E tem a questão não só da conscientização da sociedade de um modo geral como a capacitação das pessoas. Nós temos que capacitar aqui em média mais de 100 pessoas que é para trabalhar nesses projetos. Uma das importâncias desse projeto é a questão social. Para se tocar um projeto como este, nós necessitamos em média de 100 pessoas, quer dizer que são 100 empregos diretos que são gerados.

Se levarmos a proporção de 1 para 3 ou 4 como é feito, então nós temos hoje direta e indiretamente em média em torno de umas 400 pessoas. A cada emprego que você gera direto você gera 3 ou 4 indiretos. É uma questão social, nós temos que trabalhar com as pessoas. Além da capacitação, da sensibilização, são pessoas que vão se tornando mais conscientes em termos ambientais.

Imagem 79 – Aterro Sanitário Municipal (Coari, AM)

Não vejo outra alternativa em meio ambiente se você não tiver inserido essa mobilização social. E uma das questões é a questão social mesmo, a sociedade deve participar. Nós também realizamos a coleta seletiva na Cidade e já a estamos ampliando.

Começamos em algumas ruas da Cidade, nas principais avenidas, nas principais ruas que geram maior quantidade, onde já foi feito esse trabalho de conscientização. A sociedade já está se tornando mais consciente, nós já estamos fazendo o trabalho de coleta seletiva. O trabalho mesmo seria mais na fonte geradora. Nós pedimos, pelo menos, que a população separe o úmido, que seria o orgânico, do seco porque, estando separado, fica mais fácil quando chega aqui na usina para nós fazermos a preparação. Se essa separação não for feita, torna-se difícil reaproveitar esse material, pois o plástico sujo não é viável para se trabalhar, o papelão sujo também inviabiliza. Por isso, a maior preocupação em pelo menos separar o seco do úmido viabiliza a ação de separar o material, não tendo comprometido a qualidade dele de maneira que não possa se tornar uma matéria-prima. (Rewi)

Imagem 80 – Lanchonete da Greici

Coari (07 a 10.01.2009)

O Major Denildo tem sido incansável. O café da manhã regional, de 07 de janeiro, foi degustado na Greici e o Major colocou o Cabo Pereira à minha disposição para reconhecer a Cidade, realizar entrevistas e assistir à posse do secretariado do novo Prefeito.

No dia 08, tomamos café na Greici, passeamos pela Cidade em companhia do Major Denildo e concedemos uma entrevista na Rádio Nova Coari FM. A Maria Helena chegou por volta das 10h30 e o Denildo ampliou nosso passeio turístico até o Lago Mamiá. Os dias 9 e 10 foram dedicados a contatos com secretários de governo, passeio no Lago Coari e pontos turísticos da Cidade.

Tocando em Frente
(Almir Sater)

Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais.

Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei
Ou nada sei.

Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs.

É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir.

Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente.

Como um velho boiadeiro
Levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou. [...]

Todo mundo ama um dia
Todo mundo chora
Um dia a gente chega
E no outro vai embora.

Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
De ser feliz. [...]

Samaumeira
(Almino Álvares Affonso)

Samaumeira! Liana e flores, em festa,
Descem da copa imensa que a amplidão fareja...
E o Sol, em sangue e ouro, portentoso beija
A soberana – graça e força – da floresta.

Mas quando, em transe, o vento sopra as tempestades,
E lhe fere, zimbrando, a colossal umbela,
Luta, esbraveja, cai... grandiosamente bela,
Porém jamais se curva como os vis covardes!

E golpeada, ainda assim, vai soltando as sementes,
Louros, plúmeos casulos, livres e frementes,
Que se libram e vão nascer léguas além...

Atenta: se algum dia na vida fraquejares,
Não importa... Do amanhã na vastidão dos ares,
Na força de tua fé reviverás também!

Bibliografia

A NOITE N° 11.119. ***O "Front da Borracha"*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite n° 11.119, 24.01.1943.*

A NOITE N° 11.260. ***A Borracha Movimenta a Economia Amazônica*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite n° 11.260, 18.06.1943.*

A NOITE N° 12.366 – ***Assistência Imediata aos Soldados da Borracha*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite n° 12.366, 16.09.1946.*

A NOITE N° 12.635 – ***A Verdadeira História da "Batalha da Borracha"*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite n° 12.635, 05.08.1947.*

ACUÑA, Christóbal de. ***Nuevo Descubrimiento del gran Rio de las Amazonas*** *– Espanha – Madrid – Ed. García, 1891.*

AUGEL, Moema Parente. ***Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Cultrix. 1980.*

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. ***Ensaio Chorographico do Pará (1839)*** *– Brasil – Brasília, DF – Ed. Senado Federal, 2004.*

BATES, Henry Walter. ***Um Naturalista no Rio Amazonas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Ed. Itatiaia, 1979.*

CARVAJAL, Gaspar de. ***Relatório do Novo Descobrimento do Famoso Rio Grande Descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana*** *– Brasil – São Paulo, SP – Consejería de Educación – Embajada de Espana – Editorial Scritta, 1992.*

CONCEIÇÃO, Ciro Mendonça da. ***Gestão de Negócios e Sustentabilidade*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Brasport, 2015.*

CONDAMINE, Charles Marie de La. ***Viagem na América Meridional Descendo o Rio das Amazonas*** *– Brasil – Brasília, DF – Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros – Ed. Senado Federal, 2000.*

CORREIO BRAZILIENSE N° 16.375. ***EUA Alertam o Brasil*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense n° 16.375****, 18.03.2008.***

CORREIO BRAZILIENSE N° 16.704. Índios Suspeitos de Canibalismo *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense n° 16.704, 11.02.2009.*

CORREIO BRAZILIENSE N° 16.774. ***Índios Criam Delegacia Própria*** *– Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense n° 16.774. 22.04.2009.*

CORREIO DA MANHÃ N° 14.904. ***Triunfou o Movimento Revolucionário na Argentina*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio da Manhã n° 14.904 – 05.06.1943.*

CORREIO DA MANHÃ N° 14.905. ***Constituído, sob a Presidência do General Arturo Rawson, o Novo Governo Argentino*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio da Manhã n° 14.905 – 06.06.1943.*

CUNHA, Euclides da. ***Um Paraíso Perdido*** *– Brasil – Brasília, DF – Coleção Brasil 500 Anos – Ed. Senado Federal, 2000.*

CUNHA, Jones. ***Jutica, o Brilho da Terra*** *– Brasil – Manaus, AM – Gráfica e Editora Silva Ltda, 2008.*

DIÁRIO DE NOTÍCIAS N° 6.322. ***Praticamente Vitorioso o Movimento Revolucionário*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário de Notícias n° 6.322, 05.06.1943.*

DIÁRIO DE NOTÍCIAS N° 6.323. ***Renunciou o Presidente da República Argentina*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário de Notícias n° 6.323, 06.06.1943.*

DIÁRIO DO PARÁ N° 1.726. ***Ticuna vão à Forra do Massacre e Matam Jovem de Capacete*** *– Brasil – Belém, PA – Diário do Pará n° 1.726, 12.04.1988.*

FLORES, Moacyr. ***O Quilombo da Ilha Barba Negra*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Correio do Povo – Suplemento Letras & Livros, 1983.*

GONÇALVES, Marco Antonio. ***Acre: História e Etnologia*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Núcleo de Etnologia Indígena, UFRJ, 1991.*

HESSE, Hermann. ***Sidarta*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ed. Record, 2000.*

HÜTTNER, Édison. ***A Igreja Católica e os Povos Indígenas do Brasil: os Ticuna da Amazônia*** *– – Brasil – Porto Alegre, RS – EDIPUCRS, 2007.*

JDB, n° 052. ***Suicídios Entre Indígenas do Amazonas Preocupam FUNASA*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, n° 52, 30.05.2009.*

NASCIMENTO, Alberto Francisco. ***Tonantins – sua História e sua Gente*** *– Brasil – Manaus, AM – Ed. Gráfica e Editora Silva Ltda, 2006.*

NOGUEIRA, Wilson. ***O Andaluz*** *– Brasil – Manaus, AM – Editora, Valer, 2005.*

O ACRE N° 684. ***Legião Brasileira de Assistência*** *– Brasil – Rio Branco, AC – O Acre n° 684, 07.03.1943.*

O ACRE N° 699. ***Aos "Soldados da Borracha"*** *– Brasil – Rio Branco, AC – O Acre n° 699, 20.06.1943.*

O ACRE N° 700. ***Nos Seringais Lutaremos Contra Hitler... (Wilson Aguiar)*** *– Brasil – Rio Branco, AC – O Acre n° 700, 26.06.1943.*

O FLUMINENSE N° 38.251. ***Aumenta Suicídio Entre Índios*** *– Brasil – Niterói, RJ – O Fluminense n° 38.251, 21.03.2008.*

PALHA, Frei Luiz O.P. ***Índios Curiosos - Lendas, Costumes, Língua*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Gráfica Olímpica, 1942.*

PEREIRA, Franz Kreuther. ***Painel de Lendas & Mitos da Amazônia*** *– Brasil – Belém, PA – Ed. Academia Paraense de Letras, 2001.*

REVISTA ISTOÉ N° 2.007. ***As Fotos Secretas da Guerrilha*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista IstoÉ n° 2.007, 22.04.2008.*

ROOSEVELT, Theodore. ***Nas Selvas do Brasil*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltdª – Editora da Universidade de São Paulo, 1976.*

SPIX & MARTIUS, Johann Baptist Von Spix & Carl Friedrich Philipp Von Martius. ***Viagem pelo Brasil 1817 – 1820*** *– Brasil – São Paulo, SP – Edições Melhoramentos, 1968.*

TASTEVIN, Constant. ***Le Fleuve Muru. In: La Géographie, Tomo XLIII*** *– França – Paris – Missions Catholiques, 1920.*

Ter de ficar
(Elpídio Reis)

Ter no corpo a alma de andarilho,
Nas veias o sangue de viajante,
Ver, no porto, à noitinha,
Majestoso, todo iluminado,
Um navio partindo,
Ver na distância um avião sumindo,
Como um ponto quase invisível
Até desaparecer,
Levando para longe quem a gente adora,
E ter de ficar.

Ver automóveis passando,
Levando os que se amam,
Ver as aves voando,
Duas a duas, donas do mundo!
Ver um trem correndo
E, involuntário manobreiro,
Ter de ficar.

Ver nas estradas, nas águas, nos trilhos
E até nos ares,
Os rastros dos que se foram,
Ver a vida se consumindo,
Ver que os dias que passam
Não voltam mais,
Nunca mais,
E ter de ficar.

É de ter-se pena da gente,
Uma grande, uma terrível pena
Do destino da gente!

Mas a obra não trata apenas da descrição do memorável percurso aquático, eis que relevantes questões históricas são muito bem abordadas no Memorial, como um brado de alerta à cobiça de Nações hegemônicas sobre a nossa Amazônia.

Aduza-se, por derradeiro, que as belezas e lições entesouradas neste livro têm, outrossim, o condão de robustecer, de forma superlativa, o sentimento de brasilidade, o apreço à nossa Soberania e a relembrança de nossos avoengos portugueses – "*De nada a forte gente se temia*" –, mote que se adapta, perfeitamente, à saga tão bem narrada, prenhe de audácia e coragem...

Que o excepcional lavor deste belo historial, de forte conteúdo cívico-patriótico, da fecunda produção literária do bravo e renomado escritor Coronel Hiram, sirva de luzeiro àqueles que amam, de fato, a Terra em que nasceram, na inspiração do poeta-soldado Luiz Vaz de Camões: "*Não me mandes contar estranha História, mas mandas-me louvar dos meus a glória*".

Coronel Manoel Soriano Neto – Historiador Militar